

A HISTÓRIA DO TROTSKISMO NORTE-AMERICANO

James Patrick Cannon

MONKEY BOOKS

**A HISTÓRIA DO TROTSKISMO
NORTE-AMERICANO**

James Patrick Cannon

MONKEY BOOKS

Apresentação

A Origem do Trotskismo no Coração do Imperialismo Norte-Americano*

Carlos "Titín" Moreira

A origem do trotskismo no coração do imperialismo. É disso que se trata esse livro, que inclui uma série de doze conferências que James Cannon deu em 1942, relatando os primeiros dez anos da organização revolucionária que surgiu quando Cannon, fundador do PC (Partido Comunista) nos Estados Unidos, foi expulso desse mesmo partido pelo stalinismo.

Cannon foi dirigente da IWW, uma organização sindical que surgiu em meados do séc. XX, cujo nome em português, Trabalhadores Industriais do Mundo, já proporcionava uma aura diferente da velha burocracia da AFL (American Federation of Labor). Dela emergiram os melhores elementos da vanguarda operária norte-americana, muitos influenciados por ideias classistas, revolucionárias e também anarquistas. Cannon iniciou sua militância de esquerda no Partido Socialista. Logo começou a militar na IWW e, algum tempo depois, entrou de cabeça na política. Cannon foi um dos fundadores do PC no calor do entusiasmo que o triunfo da Revolução Russa de 1917 causou em todo o mundo. Ele foi dirigente desse partido e participou como delegado no Congresso da Internacional Comunista (IC), ou III Internacional, em 1922 em Moscou e em 1928, quando recebe as críticas de Trotski ao programa da IC.

O livro relata a história do trotskismo norte-americano desde 1928 até a fundação da SWP (Partido Socialista dos Trabalhadores) em 1938. Foram dez anos muito convulsivos do século XX, onde aconteceram interessantes processos políticos, ideológicos, teóricos e uma intensa luta de classes.

Esta obra mostra detalhadamente as diferentes políticas e táticas (com fusões e rupturas) que foram empreendidas para avançar na construção de um partido operário revolucionário, além das dificuldades que enfrentaram para criar um espaço entre os trabalhadores e jovens norte-americanos no período do entre-guerras, quando os EUA se consolidava como o imperialismo dominante do mundo.

* * *

Durante os três primeiros anos, na luta para fundar o Partido Comunista, eles tiveram que combater os socialistas que atacavam as ideias revolucionárias vindas da longínqua Rússia. O bolchevismo, então, teve de ser construído de maneira tortuosa. E antes mesmo de se consolidar como um partido revolucionário, começou a degenerar. É que a influência do stalinismo corroía não apenas o PCUS (Partido Comunista da União Soviética), mas toda a IC. James Cannon não estava consciente disso e se sentia alienado dos debates que surgiam no comunismo mundial (como ele próprio admite). Mas quando toma conhecimento das teses da Oposição de Esquerda liderada por Trotski, no VI Congresso da IC, e adere a elas, começa a ser perseguido pelo nascente stalinismo em seu país. Por fim foi expulso do PC junto a outros dois dirigentes. Em forma de deboche, os stalinistas os chamavam de "os três generais sem exército". Havia um pouco de razão nisso, pois estavam praticamente sozinhos. Tiveram que começar novamente a construção de um partido revolucionário. Eles passaram quatro anos isolados, quase sem contato com os trabalhadores, reduzidos a um pequeno grupo que não tinha telefone, nem mesmo um mísero mimeógrafo em sua sede. Tiveram dificuldades até em conseguir uma máquina de escrever! A depressão causada pela crise econômica mundial de 1929 golpeava em cheio, e o stalinismo se fortalecia.

Cannon nos conta que:

Naqueles dias de cão para a organização, havíamos perdido todos os nossos contatos. Não tínhamos amigos, nem simpatizantes, nem uma periferia ao redor do movimento. Não tínhamos nenhuma oportunidade de participar no movimento de massas. Todas as vezes que tentávamos entrar em uma organização operária éramos expulsos, acusados de sermos trotskistas contrarrevolucionários. Tentamos enviar delegações nos encontros de desempregados, mas nossas credenciais eram rechaçadas com o argumento de que a gente era inimigo da classe operária. Estávamos isolados... [p. 88]. Nossa tarefa nessa época difícil era resistir, esclarecer as grandes questões, educar nossos quadros nos preparando para o futuro, quando as condições objetivas abriam as possibilidades para o crescimento do movimento [p. 95].

Uma das primeiras batalhas que haviam dado dentro do comunismo norte-americano foi a de combater as tendências ultra-esquerdistas, tanto na política como na vida sindical, pois nesse momento o PC lutava pela formação de “sindicatos vermelhos”, minoritários, que eram sectários com as grandes organizações sindicais de massas. Sobre essa etapa Cannon nos lembra que:

... o ultra-esquerdismo também se manteve dominante. O ultra-esquerdismo é um vírus terrível. Prospera melhor em um movimento isolado; vocês irão encontrá-lo melhor desenvolvido em um movimento que está isolado das massas, onde não tenha nenhuma correção por parte destas. Vocês o veem nessas divisões dentro do movimento trotskista – nossa própria “ala de lunáticos”. Quanto menos as pessoas os escutam, menos efeito suas palavras têm sobre o curso dos acontecimentos humanos e, assim, mais extremas, irracionais e históricas se tornam suas formulações [p. 25].

Mas as coisas foram melhorando. Primeiro conformaram um grupo de intelectuais atraídos pelas ideias do trotskismo. Depois a luta de classes os ajudou.

Em 1933, passado o crack de 1929, começou um ascenso do movimento operário norte-americano com importantes lutas e isso se refletiu em um salto na organização sindical.

Um desses conflitos se deu na grande automobilística Auto Lite de Toledo. Ali existia um grupo de trabalhadores que se chamavam Partido dos Trabalhadores Norte-americanos que era dirigido por um tal de Muste, que havia sido pastor em uma igreja. Faziam trabalho entre os desempregados e com esse grupo participaram ativamente da greve, radicalizando os piquetes e influenciando em sua direção. Esse foi um importante triunfo dos trabalhadores metalúrgicos.

* * *

Recentemente a Netflix lançou um filme excepcional chamado O Irlandês, que retrata a vida e morte de Jimmy Hoffa, um poderoso sindicalista que dirigia a Federação do sindicato de caminhoneiros dos EUA. É a história de um burocrata sindical que desapareceu misteriosamente em 1975, depois de passar uns anos na prisão.

Entretanto, nem todo o sindicalismo norte-americano é mafioso ou traidor. As páginas de glória que os trotskistas escreveram são um grande exemplo a seguir. Forjaram uma fração revolucionária nos anos em que o sindicalismo se desenvolvia na indústria e nos serviços, em meados de 1930.

Cannon relata muito bem como em Minneapolis os trotskistas liderados por Farrell Dobbs e os irmãos Dunne foram a ala esquerda do poderoso sindicato de caminhoneiros, os Teamsters, que lutavam contra as patronais e os burocratas como Hoffa. Este último ficou famoso por armar um piquete em um carregamento de morangos (ele e seus associados ficaram conhecidos no final da década de 1930 como "Strawberry Boys"). Depois disso ele consolidou seu poder burocrático ao longo dos estados do leste, centro e sul do país. Hoffa reconheceu o importante trabalho de Dobbs nos Teamsters, embora ele não perdia a oportunidade de deixar claro que não tinha nada a ver com as convicções marxistas de Dobbs.

Houve uma grande greve de caminhoneiros em Minneapolis, em julho de 1934, que durou cinco semanas. Foi uma greve triunfante, duríssima, violenta, conduzida pelos trotskistas. Cannon fala dela neste livro (Farrell Dobbs a desenvolve em quatro volumes). Como a definiria anos depois:

Acho que posso dizer sem exageros, sem temer alguma contradição, que a greve de julho e agosto dos motoristas de caminhões e ajudantes de Minneapolis, entrou nos anais da história do movimento operário norte-americano, como uma de suas maiores lutas, mais heroicas e melhor organizadas [p. 136 – 137].

* * *

Dois grupos de esquerda não stalinistas dirigiram as grandes greves triunfantes em Toledo e Minneapolis. A política dos trotskistas de buscar unidade com o grupo de Muste era lógica. Eles começaram a trabalhar, e não sem alguns receios de ambos os lados, concretizaram a unidade. Foi uma experiência enriquecedora, mas eles rapidamente tiveram que encarar outro desafio para dar um novo salto na construção do partido revolucionário.

Naqueles anos na Europa, com o triunfo do fascismo na Itália, do nazismo na Alemanha e com os partidos comunistas em retrocesso, surgem dentro dos velhos partidos socialistas na França, Espanha e em outros países, alas de esquerda potencialmente revolucionárias, constituídas por

operários e jovens que expressavam uma nova geração. A Revolução Espanhola, a radicalização da luta de classes na França, bem como a consolidação do stalinismo na URSS, foram fatores decisivos nessa nova formação. Leon Trotsky recomendou a seus seguidores, que eram pequenos grupos militantes e não verdadeiros partidos revolucionários, que entrassem nos partidos de dezenas de milhares de socialistas para lutar a partir de dentro por uma fração revolucionária antes que essa nova geração se desmoralizasse ou fosse conquistada pelo stalinismo. Essa tática ficou conhecida como "entrismo" ou "giro francês", por ser na França o primeiro país que se implementou essa política.

Infelizmente na Espanha, os revolucionários se recusaram a levar adiante essa tática e permitiram que as Juventudes Socialistas, que marcharam com bandeiras de Lênin e Trotsky exigindo uma nova Internacional, fossem cooptadas pelo stalinismo e se juntassem ao mesmo pouco antes da Guerra Civil.

Entraram no Partido Socialista norte-americano (isso provocou a ruptura com os adeptos de Muste) e fizeram uma curta, porém rica experiência editando um periódico, o Socialist Appeal. Pouco depois saíram desse partido e fundaram o SWP.

O período abarcado pelas conferências contou com a estreita colaboração e contribuições teóricas e políticas de Trotsky - que o próprio Cannon resgata várias vezes nessas páginas - e que inclusive vai acompanhar de perto, desde seu exílio no México até seu assassinato em agosto de 1940.

Quando Cannon dá essas conferências de formação, em 1942, os EUA se preparavam para entrar na Segunda Guerra Mundial.

A história do trotskismo norte-americano (1928-1938) é um livro de fácil leitura que recomendamos a todos e todas trabalhadoras conscientes e jovens rebeldes, em especial às novas gerações que despertam à luta por uma sociedade justa, como estamos vendo no Chile e em outros países da América Latina.

Aqueles revolucionários norte-americanos nos deixaram uma rica história, um otimismo e uma vontade que fica expressa nesse parágrafo, de forma bem clara:

Ninguém nasce bolchevique, é algo que se aprende. E isso leva algum tempo, através de uma combinação de militância, luta,

sacrifícios pessoais, provas, estudo e debates. Converter-se em bolchevique é um grande e extenso processo. Mas, em compensação, quando se obtém um bolchevique se consegue algo. Quando se obtém a quantidade suficiente deles se pode fazer o que quiser, inclusive a revolução [p. 176].

Quando, no início da terceira década do século XXI, surge nos Estados Unidos um jovem que sonha com o socialismo como um sistema que supere a barbárie e a decadência capitalista, quando vemos que na França se desdobra a luta dos "coletes amarelos", que continuou na recente greve dos transportes contra Macron, ou se dão processos profundos, como a rebelião no Chile e antes no Equador, quando os independentistas catalães enfrentaram a monarquia espanhola, quando assistimos a mobilizações de massas no Líbano, Iraque e Irã, para mencionar as mais importantes, estamos diante de uma situação internacional na qual as ideias revolucionárias têm mais possibilidades de serem ouvidas. Se essas ideias forem adotadas pelas novas gerações, elas serão a base de novos partidos revolucionários.¹

Por isso a experiência dos trotskistas norte-americanos de mais de oitenta anos, hoje voltam a ter atualidade. Assim reconhece Raúl Goldoy, dirigente histórico dos ceramistas de Neuquén (Argentina),

... havia lido sobre a luta dos caminhoneiros de Minneapolis (EUA) nos anos 30, no livro *La historia del trotskismo norteamericano* de James Cannon, dirigente do SWP, livro do qual aprendi muito e me deu aporte, além de força moral em um momento difícil do movimento operário e de nossos primeiros passos partidários, também experiência e tradição da classe operária internacional.²

Conferência I

Os Primeiros Dias do Comunismo Norte-Americano

Me parece bastante apropriado camaradas, dar uma série de Conferências sobre a história do trotskismo neste Labor Temple (Templo do Trabalho). Foi aqui mesmo, neste auditório, no começo de nossa luta histórica em 1928 que fiz o primeiro discurso público em defesa de Trotsky e da oposição Russa. O discurso foi feito não sem algumas dificuldades, já que os stalinistas trataram de romper nosso ato pela força física. Porém, nós não permitimos que o fizessem. Nossa atividade oral pública como trotskistas reconhecidos começou realmente aqui neste Labor Temple, treze, quase quatorze anos atrás.

Sem dúvida, ao ler a literatura do movimento trotskista neste país vocês frequentemente hão notado repetidas afirmações de que não temos nenhuma nova revelação: o trotskismo não é um movimento novo, uma nova doutrina, senão a restauração, o renascimento do verdadeiro marxismo como foi exposto e praticado na revolução Russa e nos primeiros dias da Internacional Comunista.

O bolchevismo mesmo foi também um renascimento, uma restauração do verdadeiro marxismo depois que sua doutrina havia sido corrompida pelos oportunistas da Segunda Internacional, que culminaram sua traição ao proletariado apoiando os governos imperialistas na I guerra mundial de 1914-1918. Quando se estuda o período particular de que vou falar neste curso — os últimos treze anos — ou qualquer outro período desde os tempos de Marx e Engels, pode-se observar uma coisa: a continuidade ininterrupta do movimento marxista revolucionário.

O marxismo nunca deixou de ter autênticos representantes. Apesar de todas as perversões e traições que desorientaram o movimento de tempos em tempos, sempre surgiu um nova força, um novo elemento há se posto à frente para pô-lo outra vez na trilha correta, ou melhor, nos caminhos do marxismo ortodoxo. Também foi assim em nosso caso.

Estamos enraizados no passado. Nosso movimento, ao que chamamos trotskismo, agora cristalizado no Socialist Workers Party (SWP), não surgiu totalmente maduro de nada. Surgiu diretamente do Partido

Comunista dos Estados Unidos. O Partido Comunista surgiu do movimento precedente, o Partido Socialista e em parte dos IWW (Industrial Workers of the World). Surgiu do movimento dos operários revolucionários da América do Norte no período pré-guerra e da guerra³.

O Partido Comunista, que tomou forma organizada em 1919, era originalmente a ala esquerda do Partido Socialista. Foi do Partido Socialista de onde vieram os maiores contingentes comunistas. Na realidade, o lançamento formal do partido em setembro de 1919 foi simplesmente a culminação organizativa de uma luta prolongada dentro do Partido Socialista. Esta disputa interna num determinado momento levou a divisão e a formação de uma organização separada, o Partido Comunista.

Nos primeiros anos de consolidação do movimento Comunista — quer dizer, como vocês diriam desde a Revolução Bolchevique em 1917 até a organização do Partido Comunista neste país dois anos mais tarde, e por mais um ano — a principal tarefa foi a luta fracional contra o socialismo oportunista, então representado pelo Partido Socialista. Este é quase sempre o caso quando uma organização política operária se deteriora e ao mesmo tempo dá origem a uma ala revolucionária. A luta pela maioria, pela consolidação de força dentro do partido, quase invariavelmente limita a atividade inicial do novo movimento a uma batalha quase estreita, intrapartidária, que não finaliza com a separação formal.

O novo partido continua buscando aderentes no velho. Leva tempo para o novo partido aprender como sustentar-se firme sobre os próprios pés. Assim, mesmo depois que a separação formal havia ocorrido em 1919 pela força da inércia e do hábito, e também porque a disputa não havia terminado realmente, a luta fracional continuou. Ficou gente no Partido Socialista que não estava decidida e que eram candidatos mais que prováveis à nossa organização partidária. O Partido Comunista concentrou sua atividade no primeiro ano na luta por clarificar a doutrina e ganhar forças adicionais do Partido Socialista. Por suposto, como é quase invariavelmente o caso em tais desenvolvimentos históricos esta fase fracional deu em seu momento lugar a atividade direta na luta de classes para recrutar novas forças e para o desenvolvimento da nova organização sobre bases inteiramente independentes.

A Ala esquerda do Partido Socialista, que mais tarde se converteu no Partido Comunista, foi inspirada diretamente pela Revolução Bolchevique

de 1917. Antes deste momento os militantes Norte-Americanos haviam tido muito pouca oportunidade de adquirir uma genuína educação marxista. Os dirigentes do Partido Socialista não eram marxistas. A literatura do marxismo publicada no país era muito magra e confinada quase que exclusivamente ao aspecto econômico da doutrina. O Partido Socialista era um corpo heterogêneo; sua atividade política, sua agitação e ensinamentos programáticos eram uma terrível mesclagem de todo tipo de ideias radicais, revolucionárias e reformistas. Nestes dias antes da última guerra⁴, e também durante ela, os jovens militantes que chegavam ao partido buscando um claro guia programático, custou-lhes encontrá-lo. Não podiam tê-lo da direção oficial do partido que carecia seriamente de tais coisas. As cabeças proeminentes do Partido Socialistas eram a contrapartida Norte-Americana dos dirigentes oportunistas socialistas da Europa, só que mais ignorantes e mais depreciativos da teoria. Consequentemente, apesar do impulso e o espírito revolucionário, a grande massa de jovens militantes do movimento norte-americano puderam aprender muito pouco de marxismo; e sem marxismo é impossível ter um movimento revolucionário consistente.

A revolução Bolchevique na Rússia modificou quase tudo que estava enraizado. Nela foi demonstrada na ação concreta a conquista do poder pelo proletariado. Como em quase todos os outros países o tremendo impacto desta vitória revolucionária do proletariado sacudiu até seus cimentos ao nosso movimento na América do Norte. A inspiração da façanha fortaleceu enormemente a ala revolucionária do partido, deu aos trabalhadores novas esperanças e fez emergir um novo interesse nesses problemas teóricos da revolução que não haviam recebido um reconhecimento apropriado até então.

De imediato descobrimos que os organizadores e dirigentes da Revolução Russa não eram só revolucionários de ação. Eram autênticos marxistas no campo da doutrina. Da Rússia recebemos de Lênin, Trotsky e de outros dirigentes, pela primeira vez sérias exposições da política revolucionária do marxismo. Aprendemos que haviam estado envolvidos num longo período de luta pela restauração do marxismo não falsificado no movimento operário internacional. Graças a grande autoridade e ao prestígio da sua vitória na Rússia, eram finalmente capazes de serem escutados em todos os países. Todos os autênticos militantes se agruparam ao seu redor e começaram a estudar seus escritos com interesse e paixão

desconhecidos antes. A doutrina que eles expunham tinha uma autoridade dez vezes maior porque havia sido verificada na prática. Além do mais, mês a mês, ano a ano, apesar de todo o poder que o capitalismo mundial mobilizava contra eles, mostravam a capacidade de desenvolver a grande revolução, criar o Exército Vermelho, manter-se e avançar. Naturalmente o Bolchevismo se converteu na doutrina autorizada entre os círculos revolucionários de todos os movimentos políticos operários do mundo, inclusive em nosso país.

Sobre esta base foi formada a Ala Esquerda do Partido Socialista. Tinha publicações próprias; tinha organizadores, oradores e escritores próprios. Na primavera de 1919 — quatro ou cinco meses antes de que o Partido Comunista se organizasse formalmente — tivemos em Nova Iorque a 1ª Conferência Nacional da Ala Esquerda. Eu fui delegado a esta Conferência vindo neste momento da cidade de Arkansas. Foi nessa Conferência que a fração tomou corpo virtualmente como partido dentro de um partido, em preparação para a posterior ruptura. O órgão oficial da Ala Esquerda foi chamado de "Revolutionary Age" (A Era Revolucionária). Este periódico levou aos trabalhadores da América do Norte a primeira explicação autêntica das doutrinas de Lênin e Trotsky. Seu editor foi o primeiro neste país a expôr e popularizar as doutrinas dos dirigentes bolcheviques. Portanto, deve ser reconhecido historicamente como o fundador do comunismo norte-americano. Este editor era um homem chamado Louis C. Fraina. Seu coração não era tão forte como sua cabeça. Sucumbiu na peleja e se transformou em um convertido vigilante da democracia burguesa no meio de sua agonia. Porém, esse é só um infortúnio pessoal. O que ele fez nestes primeiros dias mantém toda a sua validade, e nem ele nem nenhum outro pode desfazer.

Outra figura proeminente do movimento nestes dias foi John Reed. Ele não era um dirigente nem um político, porém, sua influência moral era muito grande. John Reed foi o jornalista socialista norte-americano que foi à Rússia, tomou parte na revolução, a relatou veridicamente e escreveu um grande livro sobre ela, "Os dez dias que abalaram o mundo".

No começo o grosso dos membros da Ala Esquerda do Partido Socialista eram estrangeiros. Neste momento, mais de vinte anos atrás, uma grande parte do proletariado nos Estados Unidos era estrangeiro. Antes da guerra (primeira guerra — nota do editor) as portas da imigração haviam sido

abertas amplamente, já que acumular um grande exército de reserva servia à necessidade do capital norte-americano. Muitos destes imigrantes chegaram aos Estados Unidos com as ideias socialistas desde seus países nativos. Sob o impacto da Revolução Russa o movimento socialista de língua estrangeira cresceu a passos de gigante. Os estrangeiros se organizaram em Federações segundo seu idioma, praticamente corpos autônomos filiados ao Partido Socialista. Havia algo como oito ou nove mil membros na Federação Russa; cinco ou seis mil poloneses; três ou quatro mil ucranianos; quase dez mil filandeses, etc. Uma enorme massa de membros estrangeiros no partido. A grande maioria se concentrou sob a consigna da revolução Russa e depois da divisão do Partido Socialista constituiu o grosso dos membros do Partido Comunista.

Os dirigentes destas federações aspiravam controlar o novo partido e de fato controlavam. Em virtude destes blocos, os operários estrangeiros, a quem representavam, exerciam uma influência inesperada nos primeiros tempos do movimento comunista. Isto era bom em alguns aspectos porque em sua maior parte eram comunistas apaixonados e ajudaram a inculcar a doutrina do bolchevismo.

Porém, sua dominação era ruim em outros aspectos. Suas mentes não estavam realmente nos Estados Unidos e sim na Rússia. Deram ao movimento um tipo de formação não natural e o contagiaram desde o começo com um sectarismo exótico. Os dirigentes dominantes do partido — dominantes no sentido de que eles tinham o poder real graças aos blocos que estavam por detrás deles — era gente absolutamente não familiarizada com a cena política e econômica norte-americana. Não entendiam a psicologia dos operários norte-americanos e não lhes prestavam muita atenção. Como resultado, o movimento em seu começo sofreu um excesso de irrealismo e teve um tom de romantismo que pôs o partido em muitas de suas atividades e pensamento fora da real luta de classes nos Estados Unidos. O mais estranho é que muitos dirigentes das Federações Estrangeiras estavam convencidos de sua missão messiânica. Estavam determinados a controlar o movimento para mantê-lo na fé pura.

Desde seu início na Ala Esquerda do Partido socialista, e mais tarde no Partido Comunista, o movimento norte-americano foi posto em perigo por tremendas lutas fracionais, "lutas pelo controle" se chamavam. A dominação dos dirigentes estrangeiros criou uma situação paradóxica.

Vocês sabem que normalmente na vida de um grande país imperialista como este os operários imigrantes estrangeiros ocupam a posição de uma minoria nacional e têm que fazer uma luta permanente pela igualdade, por seus direitos, sem conseguir isso por completo. Porém, na Ala Esquerda do Partido Socialista e no começo do Partido Comunista, esta relação estava contornada. Cada um dos idiomas eslavos estava fortemente representado. Os russos, poloneses, lituanos, letões, finlandeses, etc., tinham maioria. Eram a maioria esmagadora e nós, os norte-americanos nativos, que pensávamos que tínhamos algumas ideias de como devia ser dirigido o movimento operário, estávamos em minoria. Desde o começo estivemos na posição de uma minoria perseguida. Nos primeiros tempos tivemos muito pouco êxito.

Eu pertencia a fração, primeiro na Ala Esquerda do partido Socialista e mais tarde no movimento comunista independente, que queria uma direção norte-americana para o movimento. Estávamos convencidos de que era impossível construir um movimento neste país sem uma direção mais intimamente ligada e conhecedora do movimento nativo dos operários norte-americanos. Muitos deles por sua parte estavam igualmente convencidos de que era impossível para um norte-americano ser um bolchevique realmente puro. Eles nos queriam e nos apreciavam — como sua "expressão inglesa"— porém, pensavam que teriam que manter-se no controle para evitar que o movimento se convertesse em oportunista e centrista. Durante anos perdeu-se uma grande quantidade de tempo nesta disputa, que para os estrangeiros só podia ser uma disputa perdida. Ao longo dos tempos o movimento teria que encontrar uma direção nativa, de outra maneira não poderia sobreviver.

A luta pelo controle assumiu a forma de luta sobre questões organizativas. Deveriam os grupos estrangeiros organizar-se em federações, ou deveriam organizar-se por ramos locais sem uma estrutura nacional ou direitos autônomos? Deveriam ter um partido centralizado, ou um partido federado? Naturalmente a concepção de um partido centralizado era uma concepção bolchevique. Contudo, em um partido centralizado os grupos estrangeiros não podiam ser mobilizados tão facilmente em blocos sólidos; ao passo que em um partido federado era possível para os dirigentes da Federação enfrentar ao partido com blocos sólidos de votantes que os apoiaram nas convenções, etc.

Esta luta aniquilou a Conferência da Ala Esquerda em Nova Iorque em 1919. Quando chegamos a Chicago em setembro de 1919, na Convenção Nacional do Partido Socialista onde se deu a divisão, as forças da Ala Esquerda estavam divididas entre si. Os comunistas no momento de sua ruptura com o Partido Socialista eram incapazes de organizar um partido único. Anunciaram ao mundo alguns dias depois que haviam organizado não um Partido Comunista e sim dois. O que tinha a maioria era o Partido Comunista dos Estados Unidos, dominado pelas Federações Estrangeiras; o outro, o Partido Operário Comunista, representando a fração minoritária que já mencionei, com sua maior proporção de nativos e estrangeiros norte-americanizados. Naturalmente, havia variações e flutuações individuais, porém, esta era a linha principal de demarcação.

Tal foi o pouco auspicioso começo do movimento comunista independente — dois partidos no mesmo terreno, com programas idênticos, batalhando ferozmente um contra o outro.

Para tornar as coisas piores, nossas fileiras divididas se defrontaram com uma perseguição de terror. Esse ano, 1919, era o ano da grande reação no país, a reação do pós-guerra. Depois que os patrões terminaram a guerra para "fazer o mundo seguro para a democracia" decidiram escrever um capítulo suplementar para fazer os Estados Unidos seguros para o livre mercado.

Começaram um giro patriótico furioso contra todas as organizações operárias. Milhares de operários foram presos em escala nacional. Os novos partidos comunistas sofreram os embates deste ataque. Quase todas as organizações locais de costa à costa foram perseguidas; praticamente cada dirigente do movimento nacional ou local foi preso, processado por uma ou outra coisa. Houve uma deportação massiva de militantes estrangeiros. O movimento foi perseguido a tal ponto que foi levado à clandestinidade. Os líderes de ambos os partidos pensaram que era impossível continuar o funcionamento aberto, legal. Assim, no mesmíssimo primeiro ano do comunismo norte-americano não só tivemos a desgraça, o escândalo e a catástrofe organizativa de dois partidos comunistas separados e rivais, mas também tivemos a ambos partidos, depois de poucos meses, funcionando em grupos e células ilegais.

O movimento permaneceu ilegal desde 1919 até o começo de 1922 depois que o primeiro choque das perseguições passou e os grupos e

células se acostumaram a sua existência ilegal, os elementos na direção que tendiam ao irrealismo ganharam força, tanto e quanto o movimento estava então completamente isolado da vida pública e das organizações operárias do país.

A disputa fracional entre os dois partidos continuava consumindo uma quantidade enorme de tempo; os refinamentos da doutrina, as ninharias converteram-se quase em um passatempo. Então, eu, por minha parte, me dei conta pela primeira vez do completo mau da enfermidade do ultra-esquerdismo. Parece ser uma lei peculiar que quanto maior é o isolamento de um partido da vida do movimento operário, quanto menor é o contato que tem com o movimento de massas, e quanto menor é a correção que este pode exercer sobre o partido, tanto mais radicais se tornam suas formulações, seus programas, etc. Quem deseje estudar cuidadosamente a história do movimento deverá examinar algo da literatura do partido impressa durante estes dias. Vocês vêm, não custava nada ser ultra-radical porque de qualquer maneira ninguém lhe prestava atenção. Não tínhamos reuniões públicas, não tínhamos que falar aos operários ou ver quais eram suas reações à nossas consignas. Assim, os que gritavam mais forte em nossas reuniões fechadas se converteram em mais e mais dominantes na direção do movimento. A fraseologia do "radicalismo" teve seu dia de festa. Os anos iniciais do movimento comunista neste país estiveram mais que consagrados ao ultra-esquerdismo.

Durante as eleições presidenciais de 1920 o movimento era ilegal e não pôde implementar alguma forma de ter seu próprio candidato. Eugene V. Debs era o candidato do Partido Socialista, porém, estávamos envolvidos numa terrível luta fracional com este partido e pensávamos erroneamente que não podíamos apoiá-lo. Portanto, o movimento se decidiu por um programa muito radical: emitiu uma proclamação altissonante chamando aos operários a boicotar as eleições. Vocês podiam pensar que podíamos haver dito simplesmente "não temos candidatos, não podemos fazer nada a respeito". Esse foi o caso com o Socialist Workers Party. Os trotskistas em 1940, devido a dificuldades técnicas, financeiras e organizativas, não puderam participar das eleições. Não achamos possível apoiar nenhum candidato, então só deixamos passar o assunto. Contudo, o Partido Comunista nesses dias, nunca deixou passar algo sem emitir uma proclamação. Se eu mostro indiferença as proclamações é porque vi muitas delas nos dias iniciais do Partido Comunista. Abandonei inteiramente a

ideia de que cada ocasião deve ter uma proclamação. É melhor passar com poucas; emiti-las nas ocasiões mais importantes. Então, tem maior peso. Bom, em 1920, se confeccionou um panfleto chamando a boicotar as eleições, porém, não nos trouxe benefício algum.

Uma forte tendência anti-parlamentarista cresceu no movimento. Uma falta de interesse nas eleições que levou anos e anos para ser superada. Contudo, líamos muito o folheto de Lênin "*O Ultra-esquerdismo, Doença Infantil do Comunismo*". Todos reconheciam — teoricamente — a necessidade de participar nas eleições, porém, não havia disposição para fazer algo a respeito, e vários anos tiveram que passar antes que o partido desenvolvesse alguma atividade eleitoral séria.

Outra ideia radical ganhou predominância no iniciante movimento comunista ilegal: a concepção de que manter-se clandestino é um princípio revolucionário. Durante as duas décadas passadas havíamos desfrutado as vantagens da legalidade. Praticamente todos os camaradas do SWP não conheceram outra forma de existência que a do partido legal. É muito possível que uma predisposição legalista haja crescido entre eles. Esses camaradas podem sofrer fortes golpes em épocas de perseguição, já que o partido tem que ser capaz de realizar suas atividades sem se importar com a atitude da classe dirigente. É necessário para um partido revolucionário saber como operar também em formações ilegais. Porém, isto só deve realizar-se por necessidade, nunca por escolha.

Depois que uma pessoa experimenta tanto a organização política ilegal, como a aberta, pode convencer a si mesma facilmente que a mais econômica, a mais vantajosa, é a aberta. É a forma mais fácil de entrar em contato com os operários, a forma mais fácil de cooptar. Conseqüentemente, um bolchevique genuíno, em tempo de maior perseguição trata sempre de enganar e utilizar cada possibilidade de funcionar abertamente; se não pode dizer tudo o que quer livremente, dirá o que possa e completará a propaganda legal por outros métodos.

Nos primórdios do movimento comunista, antes de que houvéssimos assimilado apropriadamente os escritos e ensinamentos dos líderes da Revolução Russa, cresceu uma tendência a considerar o partido ilegal como um princípio. No entanto, o tempo passou e a onda de reação retrocedeu e as possibilidades legais se abriram. Porém, foram necessárias tremendas disputas fracionais antes que o partido tomasse o mais leve

passo em direção de legalizar-se. A absolutamente incrível ideia de que um partido não pode ser revolucionário a menos que seja ilegal foi em realidade aceita pela maioria no movimento comunista em 1921 e começo de 1922.

Na questão sindical o "radicalismo" também se manteve dominante. O ultra-esquerdismo é um vírus terrível. Prospera melhor em movimento isolado das massas, que não tem nenhum corretivo destas. Vocês veem em certas divisões no movimento trotskista nossos próprios "aspectos lunáticos". Quanto menos gente os escuta, quanto menos efeitos têm suas palavras sobre o curso dos eventos humanos, mais extremos, irracionais e histéricos são em suas formulações.

A questão sindical estava na agenda da primeira convenção ilegal do movimento comunista. Esta convenção proclamou uma separação e uma unificação ao mesmo tempo. Uma fração encabeçada por Ruthenberg havia se separado do Partido Comunista, dominado pelos grupos estrangeiros. A fração Ruthenberg se reuniu em uma convenção conjunta com o Partido Operário Comunista para formar uma nova organização chamada de Partido Comunista Unificado, em maio de 1920 em Bridgeman, Michigan. O Partido Comunista Unido ganhou a superioridade e se fusionou com outra metade do Partido Comunista original, um ano mais tarde.

A convenção de 1920, recorde com precisão, adotou uma resolução sobre a questão sindical. Sob a luz do que se há aprendido no movimento trotskista, poria-lhes arrepiado. Esta resolução chamou ao boicote da American Federation of Labor (AFL). Estabeleceu que um membro do partido que está "obrigado por necessidade de trabalho" a pertencer a AFL, deveria trabalhar aí da mesma maneira que um comunista trabalha em um Congresso burguês, não para construí-lo senão para fazê-lo explodir a partir de dentro. Esta estupidez foi mais tarde corrigida junto com outras. Muita gente que cometeu estas estupidezes mais tarde aprendeu e se desenvolveu melhor no movimento político.

Seguindo a Revolução Russa, a jovem geração, revelando-se contra as tradições oportunistas dos social-democratas tomou demasiada dose de radicalismo. Lênin e Trotsky dirigiram a "Ala Direita" — assim é como eles demonstrativamente chamaram a sua tendência — no III Congresso Mundial da Internacional Comunista. Lênin escreveu seu folheto "O

esquerdismo doença infantil do comunismo", dirigido contra os esquerdistas alemães, tomando as questões do parlamentarismo, sindicalismo, etc. Este folheto, junto com as decisões do Congresso, fizeram muito ao longo do tempo para liquidar a tendência esquerdista no início do Comintern (III Internacional).

Não quero de nenhuma forma pintar a fundação do comunismo norte-americano como um circo, como fazem os filisteus que se mantêm à margem. Não foi de nenhuma maneira. Houve lados positivos no movimento, e eles predominaram. Estava composto de milhares de revolucionários valentes e devotos. Apesar de todos os seus erros construíram um partido como nunca antes se havia visto neste país, quer dizer, um partido fundamentado num programa marxista, com uma direção profissional e militantes disciplinados. Aqueles que passaram o período do partido ilegal adquiriram hábitos de disciplina e aprenderam métodos de trabalho que iriam jogar um grande papel na história seguinte do movimento. Nós estamos construindo sobre estes alicerces.

Aprenderam a tomar o programa seriamente. Aprenderam para sempre a ideia de que um movimento revolucionário, que tenha como objetivo o poder não pode ser dirigido por gente que pratica o socialismo como um passatempo. O típico dirigente do Partido Socialista era um advogado que praticava leis, ou um pregador ou escritor, ou um profissional de um tipo ou outro que assentiam em vir fazer um discurso de tempos em tempos. Os funcionários de tempo integral eram meramente cavalos de tiro que faziam o trabalho sujo e não tinham influência real no partido. A brecha entre os operários de base, com suas aspirações e impulsos revolucionários, e os embusteiros pequenos-burgueses nas cúpulas era tremenda. O jovem Partido Comunista rompeu com tudo isto, e foi capaz de fazê-lo facilmente porque nenhum dos antigos dirigentes se pôs de todo o coração a apoiar a Rússia. O partido teve que extrair novos dirigentes das fileiras e desde o começo se assentou o princípio de que estes dirigentes deveriam ser operários profissionais para o partido, deveriam pôr todo o seu tempo e sua vida a disposição do partido. Se alguém pensa num partido que tem como objetivo dirigir os operários em uma luta pelo poder, então, não tem sentido considerar qualquer outro tipo de direção.

Na ilegalidade o trabalho de educação, de assimilação dos escritos dos dirigentes russos, continuou. Lênin, Trotsky, Zinoviev, Radek, Bukharin,

esses eram nossos mestres. Começamos a ser educados em um espírito totalmente distinto do sentimentalóide do Partido Socialista, no espírito de revolucionários que tomam a ideia e o programa muito a sério. O movimento teve uma vida interna muito intensa, até porque estava isolado e voltado para si mesmo. As disputas fracionais eram ferozes e largamente extenuantes.

O movimento começou a estancar-se no beco sem saída da ilegalidade. Uns poucos de nós na direção começamos a buscar uma saída, uma forma de nos aproximarmos dos operários norte-americanos por meios legais. Estes esforços obtiveram uma firme resistência. Formamos uma nova fração. Lovestone estava fortemente associado comigo na direção desta fração. Mais tarde Ruthenberg se juntou a nós ao sair da prisão, na primavera de 1922.

Por um ano e meio, dois anos, esta luta continuou sem descanso. A disputa pela legalização do movimento teve um resultado positivo de nosso lado; embora pelo outro tenha havido uma resistência igualmente determinada por gente convencida até a medula de que isto significava algum tipo de traição. Finalmente, em dezembro de 1921, tendo uma leve maioria no comitê central, começamos a nos mover, dando um passo cuidadoso por vez em direção a legalidade.

Não pudemos legalizar o partido como tal, a resistência na base era muito forte, porém, organizamos alguns grupos legais para conversas. Depois chamamos a uma convenção para federar estes grupos em um órgão central chamado American Labor Alliance, que convertemos em uma organização de propaganda. Então, em dezembro de 1921, recorremos ao plano de organizar o Partido Operário como uma organização aberta, junto com o Partido Comunista ilegal. Não podíamos prescindir deste. Não era possível conseguir uma maioria para um acordo com ele, porém, se efetuou um compromisso pelo qual, mesmo que mantivéssemos o partido ilegal, construiríamos o Partido Operário como uma extensão legal. Dois ou três mil cabeças-duras se rebelaram contra este movimento de mudança para a legalidade, romperam e formaram suas próprias organizações.

Continuamos com dois partidos — um legal e outro clandestino. O Partido Operário tinha um programa muito limitado, porém, se converteu no meio através do qual toda a nossa atividade pública legal se levava a cabo. O controle fazia o Partido Comunista clandestino. O Partido Operário

não encontrou perseguição. A onda reacionária havia passado e prevalecia um tom político liberal em Washington e no resto do país. Podíamos celebrar encontros públicos e conferências, publicar jornais, participar em campanhas eleitorais, etc. Então surgiu a questão: necessitávamos este estorvo de dois partidos? Queríamos liquidar a organização clandestina e concentrar toda a nossa atividade no partido legal e correr o risco de uma posterior perseguição. Encontramos a isso uma renovada oposição.

A luta continuou ininterruptamente até que finalmente levamos o assunto a Internacional Comunista no IV Congresso, em 1922. Neste Congresso eu era o representante da fração "liquidacionista", como nos chamavam. Este nome vem da história do bolchevismo. Em um determinado momento, depois da derrota de 1905, uma seção dos mencheviques tomou a dianteira com a posição de liquidar o partido clandestino na Rússia e confiar toda a atividade à "legalidade" czarista. Lênin brigou selvagememente contra esta proposta e seus defensores, porque significava renunciar ao trabalho e a organização revolucionária. Os denunciou como "liquidacionista". Então, naturalmente quando nós viemos com a proposta de liquidar o partido clandestino no país, os esquerdistas, com sua mente posta mecanicamente na Rússia, transferiram a expressão de Lênin e nos denunciaram como "liquidacionista".

Então fomos à Moscou ante a Internacional Comunista. Essa foi a primeira oportunidade em que me encontrei com o camarada Trotsky. No curso de nossa luta tratamos de obter o apoio individual de membros da direção russa. No verão e fins de 1922 passei muitos meses na Rússia. Por bastante tempo era como um pária devido a esta campanha acerca dos "liquidacionistas", que havia chego por cima de nós e os russos não queriam mais nada a ver com os liquidadores. Sem conhecimento da situação na América do Norte, tendiam a ter preconceitos contra nós. Assumiam que o partido havia sido realmente ilegalizado e quando a questão foi proposta diante deles estavam inclinados a dizer de antemão : "se vocês não podem fazer seu trabalho legalmente, façam-no ilegalmente, porém vocês devem fazer seu trabalho".

Porém, não eram assim como se passavam as coisas. A situação política dos Estados Unidos fazia possível um Partido Comunista legal. Essa era nossa avaliação e toda a experiência posterior a comprovou. Finalmente, alguns outros camaradas e eu, nos encontramos com o camarada Trotsky e

lhe expusemos nossas ideias por quase uma hora. Depois de fazer algumas perguntas, quando terminamos nos disse: "É suficiente, vou apoiar os "liquidacionistas" e falarei com Lênin. Estou certo que os apoiarão, então a autoridade predominante e a influência se transferiria a este partido. É só uma questão de entender a situação política. É absurdo abotoar a camisa-de-força da ilegalidade quando não é necessário. Não há questão alguma nisso".

Perguntamos se arranjaría para que nós nos encontrássemos com Lênin. Nos disse que Lênin estava enfermo, porém, se fosse necessário, e se Lênin não estivesse de acordo com ele, arranjaría para que o encontrássemos. Em poucos dias o nó começou a desatar. Uma comissão do Congresso foi encarregada da questão Norte-Americana e nos apresentamos ante uma comissão para debater. Já havia corrido o boato de que Trotsky e Lênin estavam a favor dos "liquidacionistas" e a corrente estava se modificando a nosso favor. Na discussão da audiência da comissão, Zinoviev fez uma brilhante exposição sobre o trabalho legal e ilegal, trazendo a vasta experiência dos bolchevique russos. Nunca esqueci este discurso. A lembrança dele põe nosso partido em um bom lugar até nossos dias e o fará no futuro, estou certo. Radek e Bukharin falaram no mesmo sentido. Eles três eram em nossos dias os representantes do Partido Comunista Russo na Comintern. Os delegados dos outros partidos, depois de um completo e profundo debate, deram total apoio à ideia de legalizar o Partido Comunista Norte-Americano. Com a autoridade do Congresso Mundial da Comintern por traz das decisões, a oposição nos Estados Unidos de imediato decresceu. O Partido Operário que havia sido criado em 1921 como uma extensão legal do Partido Comunista, teve outra Convenção, e adotou um programa mais claro e liquidou por completo a organização clandestina. Toda a experiência desde 1923 demonstrou a sabedoria desta decisão. A situação política justificava a organização legal. Teria sido uma terrível calamidade, perda e mutilação da atividade revolucionária manter-se clandestinamente quando não era necessário. É muito importante que os revolucionários tenham a coragem de correr estes riscos quando não se pode evitar. Porém, é igualmente importante ter a prudência suficiente para evitar sacrifícios desnecessário. O principal é lograr que se faça a tarefa de forma mais econômica e expeditiva possível.

Uma observação final sobre esta questão: um pequeno grupo se manteve irreconciliável com a legalização do partido. Iam manter-se clandestinos

apesar de nós. Não iam trair ao comunismo. Tinham seus quartéis em Boston e um em Cleveland. De tempos em tempos, através dos anos, escutaríamos deste grupo clandestino uma proclamação de algum tipo. Sete anos mais tarde, depois de termos sido expulsos do Partido Comunista e estávamos organizando o movimento trotskista, escutamos que este grupo em Boston era de alguma maneira simpatizante das ideias trotskistas. Isto nos interessou já que estávamos muito necessitados de toda a ajuda que pudéssemos obter.

Em uma das minhas visitas a Boston os camaradas locais conseguiram uma discussão com eles. Eram muito conspirativos e nos levaram à velha maneira clandestina ao lugar do encontro. Um comitê formal nos recebeu. Depois de trocar saudações, o dirigente disse: “agora camarada Cook, diga-nos qual é vossa proposta”. Camarada “Cook” era o pseudônimo para os que me conheciam no partido clandestino. Ele não ia revelar meu nome legal em um encontro clandestino. Expliquei-lhes porque havíamos sido expulsos, nosso programa, etc. Ele disse que estavam desejosos de discutido programa trotskista como base da unidade de um novo partido. Contudo, queriam acordar primeiro em um ponto: o partido que íamos organizar teria que ser uma organização clandestina. Então, troquei alguns gracejos com eles e voltei à Nova Iorque. Suponho que ainda sejam clandestinos.

Agora, camaradas, tudo isto é algo assim como o fundo, uma introdução a história de nosso movimento trotskista. A semana que vem tratarei do desenvolvimento posterior do Partido Comunista nos anos iniciais antes de nossa expulsão e a reconstrução do movimento sob a bandeira do trotskismo.

Conferência II

As Lutas Fracionais no Velho Partido Comunista

A semana passada, fiz um esboço sobre as primeiras épocas do comunismo norte-americano. Apesar de que omiti muitas coisas, tocando só alguns pontos importantes, não podemos passar por alto o ano de 1922, o IV Congresso da Internacional Comunista, a legalização do movimento comunista clandestino e o começo do trabalho aberto. Falei sobre os aspectos negativos nos primeiros tempos do movimento e das enfermidades infantis que padecia, como ocorre quase sempre com os movimentos jovens, particularmente a virulenta e infantil doença do ultra-esquerdismo. Porém, estes aspectos negativos, o irrealismo da maior parte do trabalho foi amplamente eclipsado pelo lado positivo — a criação, pela primeira vez nos Estados Unidos, de um partido político revolucionário baseado nas doutrinas bolcheviques. Essa foi a grande contribuição do comunismo pioneiro. Um grupo de pessoas organizou um novo partido político. Assimilaram alguns dos ensinamentos básicos do comunismo. Habitaram-se a proceder de forma disciplinada, o que é pré-requisito para a construção de um sério partido político de trabalhadores.

O incipiente movimento comunista demonstrou de uma maneira poderosa a predominante influência das ideias sobre qualquer outra coisa. Isto foi demonstrado notavelmente na luta pela supremacia entre os IWW (Industrial Workers of the World) e o jovem Partido Comunista. Nos dias de pré-guerra a IWW era um movimento operário militante bastante grande. Entrou na guerra inquestionavelmente como a organização que agrupava a maioria do proletariado militante. Não obstante, o núcleo do Partido Comunista provinha do Partido Socialista. Um grande número deles eram de origem pequeno-burguesa, uma alta percentagem eram jovens sem experiência na luta de classes. Milhares deles eram filhos de operários imigrantes que nunca haviam sido realmente assimilados na luta de classes da América do Norte.

No que concerne ao material humano as vantagens estavam todas do lado da IWW. Seus militantes haviam sido provados em muitas lutas. Tinham centenas de membros na prisão, e tratavam de olhar com certo menosprezo a este incipiente movimento que falava tão confiadamente em

termos revolucionários. A IWW imaginava que suas ações e seus sacrifícios pesavam muito mais que as meras pretensões doutrinárias deste novo movimento revolucionário e que nada tinham a temer deste em termos de rivalidade. Estavam muito enganados.

Em uns poucos anos, em 1922, se demonstrou muito claramente que o Partido Comunista havia deslocado a IWW como organização líder da vanguarda. A IWW, com sua magnífica composição de militantes proletários, com todas as suas lutas heroicas por traz, não pôde correr parelho. Não havia ajustado sua ideologia às lições da guerra e da Revolução Russa. Não haviam adquirido o suficiente respeito pela doutrina, pela teoria. Esta é a razão pela qual sua organização degenerou, ao passo que esta nova organização, com seu pobre material, sua inexperiente juventude, que valorizou manter as ideias vivas do bolchevismo, sobrepujou completamente a IWW e a deixou para traz em pouco tempo. A grande lição desta experiência é a insensatez de tomar superficialmente o poder das ideias ou imaginar que se pode encontrar algum substituto das ideias corretas na construção de um movimento revolucionário.

Depois de dar por terminada a disputa com os ultra-esquerdistas sobre a legalização, o partido saiu abertamente. Havia adquirido, como disse, completa hegemonia sobre a vanguarda proletária do país. Era considerado em todos os lugares, e apropriadamente, como o grupo mais avançado e revolucionário do país. O partido começou a atrair para suas fileiras alguns sindicalistas nativos. William Z. Foster, desgastando depois a glória de seu trabalho na greve do aço, e outros sindicalistas, um grupo consideravelmente grande, ingressaram no um pouco exótico, porém dinâmico Partido Comunista. Toda a orientação do partido começou a mudar. Da querela subterrânea, às disputas fora da realidade e os ajustes na doutrina, o partido se voltou ao trabalho sobre as massas. Os comunistas começaram a ocupar-se dos problemas práticos da luta de classes. O partido começou gradualmente a tornar-se “sindicalizado” e deu seus primeiros passos vacilantes na Federação Americana do Trabalho (AFL), a dominante, praticamente a única organização de trabalhadores nesse momento.

Enquanto levávamos adiante a batalha pela legalização do partido lutamos também por corrigir sua política sindical. esta batalha foi exitosa

também; a posição sectária original foi rechaçada. Os comunistas pioneiros revisaram seus primeiros pronunciamentos sectários que haviam favorecido ao sindicalismo independente. Agora, dirigiam toda a força dinâmica do Partido Comunista dentro dos sindicatos reacionários. O principal crédito para esta transformação provinha também de Moscou, de Lênin, da Comintern. O grande escrito de Lênin “A Doença Infantil do Comunismo” clareou esta questão de maneira decisiva. Por volta de 1922-23 o partido estava bem encaminhado para a penetração sobre o movimento sindical e, rapidamente começou a adquirir uma séria influência sobre alguns sindicatos em várias partes do país. Isto se deu particularmente no sindicato do carvão. Em outros lugares o partido também fez sentir sua influência.

Porém, simultaneamente com este trabalho prático e progressivo, o partido caiu em algumas aventuras oportunistas. Aparentemente nenhum partido pôde corrigir totalmente um desvio, porém, deve haver um verdadeiro esforço por corrigi-lo. A vara está torcida para traz. Deste modo, o jovem partido que pouco antes se havia dedicado ao refinamento da doutrina no isolamento subterrâneo, distanciado, sem ter nada que ver com o movimento sindical — sem causar prejuízos ao movimento político, a pequena-burguesia e aos farsantes —, este mesmo partido mergulhava agora em uma série de aventuras no campo da política operária e camponesa. A tentativa da direção do partido, através de uma série de manobras e combinações, para formar um grande partido operário-campones da noite para o dia, sem o suficiente apoio no movimento das massas trabalhadoras, sem a suficiente força dos próprios comunistas, colocou o partido em desordem. Uma nova luta interna se precipitava.

A série de novas lutas fracionais que começaram no ano 1923, seis meses aproximadamente depois da liquidação da velha discussão sobre a legalização, continuaram tempos depois quase que ininterruptamente até que os trotskystas foram expulsos do partido em 1928. A luta se encarniçou até a primavera de 1929 quando a direção Lovestone, que nos havia expulso, foi expulsa também. Logo, a stalinizada Comintern freiou as lutas fracionais expulsando a todo aquele que tivesse uma atitude independente e elegendo uma nova direção que saltava cada vez que soava a campanha. Conseguiram assim um pacífico monolitismo no partido através de medidas burocráticas. Lograram a paz da paralisia ideológica e a decadência.

As lutas fracionais que convulsionaram o partido em todo este tempo não impediram à organização fazer grandes trabalhos na luta de classes, desenvolvendo suas atividades em muitos campos. Fundaram pela primeira vez no país um jornal revolucionário. Este foi um grande feito para um partido de não mais de dez ou quinze mil membros. O trabalho propagandístico foi desenvolvido em grande escala. O trabalho de defesa operária foi organizado com uma extensão e fundamento nunca conhecidos anteriormente. Muitas inovações de natureza progressiva foram introduzidas dentro do movimento operário pelo Partido Comunista nesse período. Virtualmente, cada greve que começava caía sob a direção do partido. Notavelmente a grande greve de Passic em 1926, que atraiu a atenção de todo o país, esteve completamente sob a direção dos comunistas, que se tornaram cada vez mais os líderes sem rival de toda tendência progressiva e militante que surgira no movimento operário norte-americano.

Uma grande quantidade de comentaristas e observadores experts, complementados por uns poucos renegados desiludidos, tratam de mostrar este histórico período, das primeiras épocas do comunismo norte-americano, como nada mais que uma mescla de estupidezes, erros, fraudes e corrupção. Esta é uma falsa e absurda apreciação deste período. A explicação sobre as lutas fracionais na primeira época do Partido Comunista reside em causas mais sérias que a má vontade de alguns indivíduos. Creio que se alguém estuda o desenvolvimento cuidadosamente, com algum conhecimento sobre os fatos, pode deduzir certas leis da luta fracional que podem ajudá-lo a compreender o aparecimento do fracionarismo em outras organizações políticas operárias, especialmente nas novas. E por conseguinte, vale a pena mencionar — embora os sabichões presumidos nunca o fazem — que as lutas fracionais não eram monopólio do Partido Comunista. Desde o início da política, cada organização há sido presa das lutas fracionais. Os problemas fracionais dos primeiros comunistas chamaram a atenção; alguns aspectos negativos deles, as velhacarias praticadas, foram escritas e contadas como se semelhantes coisas não houvessem ocorrido nunca em nenhuma outra parte. Perversões da história são a especialidade de intrometidos como Eugene Lyons, Max Eastman e outros frívolos que nunca puseram um pé nas lutas reais da classe operária. Recentemente, uniram-se com renegados como Benjamin Gitlow, quem se desiluiu e se frustrou tanto que correu

aos braços da mesma democracia norte-americana contra a qual começou lutando como um jovem rebelde. Que lastimosa cena realiza um homem abraçando doutrinas dos mestres que quebraram seu espírito.

Eles representam estas lutas fracionais como algo monstruoso. Se entusiasma especialmente quando encontram algo não exatamente recomendável desde um ponto de vista moralista. Nem sequer se detém a considerar, ao menos mencionar, a ética e a moral de Tammany Hall ou do Partido Republicano ou das totalmente desonestas, corruptas e hipócritas lutas de camarilhas fracionais que vemos no Partido Socialista. Só quando encontram algo “fora de foco” nos primeiros tempos da história do partido Comunista, levantam suas mãos horrorizados.

Não se dão conta que, inconscientemente, estão fazendo homenagem ao Partido Comunista pelo seguinte: alguém tem o direito de esperar algo melhor do Partido Comunista, inclusive de seus precoces dias de juventude e raquitismo, que as organizações políticas estáveis da burguesia e pequena-burguesia. Nisto está muito mais que o núcleo da verdade. Os meios devem servir aos fins. Tudo o que viole a verdade ou a conduza honorável no movimento revolucionário proletário, está em contradição com os grandes fins do comunismo, está fora de lugar, sobressai como uma pústula. Estas características nas organizações políticas burguesas e pequeno-burguesas — todos eles sistematicamente mentirosos, ladrões e enganadores — são próprias destas organizações como parte de um todo.

As lutas fracionais que marcaram o curso inteiro do movimento comunista durante seus primeiros dez anos tiveram várias causas. Não eram um bando de facínoras que se juntaram e começaram a lutar pelos despojos; de maneira alguma. Não haviam despojos. A grande maioria chegou ao comunismo pioneiro com propósitos e motivos sinceros de organizar um movimento pela emancipação dos trabalhadores de todo o mundo. Estavam preparados para realizar sacrifícios e arriscar-se por seus ideais e o fizeram. Esta é a verdade daqueles que retomaram as bandeiras da Revolução Russa de 1917 e construíram o grande movimento, que no momento da Convenção de Chicago de 1919 tinha entre cinquenta e sessenta mil membros. Isto é especialmente verdade para aqueles que depois que começaram as tremendas perseguições, permaneceram no partido apesar das prisões, das deportações, da dureza e das privações da clandestinidade e das dificuldades econômicas. Todos esses chorões que

permaneceram à margem porque eram incapazes de realizar tais sacrifícios ou arriscar-se dessa maneira, tratam de demonstrar os comunistas pioneiros como elementos moralmente corruptos. Eles simplesmente andaram em círculos. Os melhores elementos foram cooptados pelo partido em seu início. Mais adiante passaram à prova das perseguições e da dureza dos tempos de clandestinidade. Não, as lutas fracionais tiveram por detrás algo mais do que a má intenção de alguns indivíduos. Havia, em minha opinião, alguns velhacos, porém isso não prova nada. Se pode encontrar uma ou duas maçãs podres em qualquer barril. As causas da longa luta fracional foram mais profundas.

Em minha primeira conferência expliquei as tremendas contradições implícitas na composição do partido. Por um lado se mantinham os membros predominantemente estrangeiros, com sua aproximação irreal sobre o problema de construir um movimento em um país onde todavia não estavam assimilados; com sua fanática concepção que tinham para controlar o movimento, não por ganância pessoal, e sim para preservar a doutrina que pensavam que só eles compreendiam. Por outro lado, havia um grupo numericamente menor de norte-americanos que, não entendiam as doutrinas do comunismo tanto quanto os estrangeiros — e isso também ocorria —, estavam convencidos de que o movimento devia ter uma orientação norte-americana e uma direção nativa desse país. Esta grande contradição aumentou a luta fracional.

Depois havia outro fator: a falta de uma direção experimentada e com autoridade. O movimento se desenvolveu da noite para o dia, em seguida da vitória de 1917 na Rússia. Todos os dirigentes do Partido Socialista rechaçavam o bolchevismo e permaneciam nos canais seguros do reformismo. Hillquit e Berger, todos os grandes nomes do partido, deram as costas a Revolução Russa e as aspirações dos jovens revolucionários no movimento. Inclusive Debs, quem expressou simpatia, permaneceu no partido de Hillquit e Berger na hora de decidir-se. O novo movimento tinha que encontrar novos dirigentes; aqueles que chegavam à primeira fila eram na maioria homens desconhecidos, sem grande experiência e sem grande autoridade pessoal. Se requereram muitas e prolongadas lutas fracionais para ver quem eram os líderes mais qualificados e quem as figuras acidentais. As direções trocavam rapidamente de uma convenção a outra. Temporariamente os passivos eram atirados a um canto, atropelados nessas ferozes lutas fracionais, onde o que não conseguia manter-se em pé era

adormecido de um golpe. Muitos que pareciam ter habilidade para dirigir um ano, e eram eleitos de acordo com isto, seriam colocados de lado, e no segundo ano superados por homens desconhecidos até o momento. Tudo isto foi um processo de seleção de líderes em meio às lutas internas. Havia outra forma de fazê-la? Não sei. Um corpo de líderes com autoridade, capazes de manter uma continuidade com o firme apoio do partido. Não sei como ou onde essa classe de dirigentes pode ser consolidada se não através de lutas internas. Engels escreveu uma vez que os conflitos internos eram uma lei própria do desenvolvimento de todo partido político. Certamente foi a lei do desenvolvimento comunista norte-americano dos primeiros tempos. E não só do jovem partido comunista, mas sim também dos primeiros dias de seu autêntico sucessor, o movimento trotskista.

Uma vez que um movimento se há desenvolvido através da experiência, da luta e dos conflitos internos, até o ponto de consolidar um núcleo de dirigentes que gozem de ampla autoridade, capazes de trabalhar juntos e mais ou menos homogêneos em suas concepções políticas, as lutas fracionais tendem a diminuir. Se tornam mais raras e menos destrutivas. Tomam diferentes formas, com mais conteúdo ideológico e são mais instrutivas para os militantes. A consolidação de uma direção como a anteriormente citada, converte-se em um poderoso fator para mitigar e as vezes prevenir as lutas fracionais futuras. Nós, no incipiente movimento comunista, consolidamos eventualmente uma direção estável, porém, de estrutura peculiar que de novo refletia a contradição na composição do partido. Logo após quatro ou cinco anos dando voltas, ficou bem claro quem eram os líderes do movimento comunista norte-americano; e não eram as pessoas que haviam dirigido em 1919/20. Muito poucos integrantes do velho staff dirigente sobreviveram nestas batalhas internas.

A direção que finalmente se ergueu no jovem movimento comunista — e este é um aspecto muito interessante de sua história — não se consolidou como um grupo homogêneo. Isto era assim porque o partido mesmo não era homogêneo. Apesar de sua direção unificada, com autoridade e influência sobre todo o partido, os principais líderes eram, por sua vez, líderes de fracções, que refletiam as contradições dentro do partido. A nova luta fracional que começou em 1923, principalmente sobre a questão do aventureirismo no movimento operário-camponês, e logo estendida a todos os problemas de nosso trabalho prático, nossa aproximação aos trabalhadores norte-americanos, métodos de trabalho sindical, eram um

reflexo claro das contradições na composição social do partido e as distintas origens e histórias de cada grupo.

A luta esteve organizada por Foxter e eu, contra o que era nesse momento a maioria: Ruthenberg, Lovestone, Pepper, etc. De imediato foi evidente que a composição de nosso grupo era a de uma fração sindical proletária. Apoiando-nos estava a grande maioria — praticamente toda — dos sindicalistas, trabalhadores norte-americanos experimentados, militantes e os estrangeiros mais norte-americanizados.

Pepper, Ruthenberg e Lovestone tinham mais intelectuais e trabalhadores estrangeiros menos assimilados. Os líderes típicos dessa fração, incluindo a sua típica segunda linha de líderes, eram jovens de colégio, jovens intelectuais sem experiência na luta de classes. Lovestone era o exemplo que mais se sobressaía. Eram tipos muito inteligentes. Sem dúvida alguma, tinham mais conhecimentos teóricos que os líderes da outra fração e sabiam como aproveitar ao máximo suas vantagens. Eram duros de tratar. Porém, nós sabíamos uma ou duas coisas. Incluindo coisas nunca aprendidas nos livros, e lhes criamos muitos problemas. Esta luta pelo controle do partido foi feroz, sem nada que calar-se por parte de ambos os setores, levando-a de um ano a outro sem considerações sobre quem teria a maioria nesse momento. As vezes a luta se focalizava no que se apresentava como questões sem importância. Por exemplo: onde devia estar o centro de operações nacional do Partido? Nossa fração dizia Chicago, a outra Nova Iorque e pelejávamos sobre isso. Porém, não porque fôssemos tipos tão estúpidos, como nos apresentam os intriguentos. Pensávamos que se pudéssemos transladar nosso quartel general a Chicago, isto tenderia a dar ao partido uma orientação mais norte-americana. Queríamos proletarizar e norte-americanizar o partido. Suas insistências sobre Nova Iorque tinham motivações políticas também. Nova Iorque tinha fortes elementos pequeno-burgueses no partido; os intelectuais jogavam um papel mais importante ali. Estavam mais cômodos nesse lugar — quero dizer, em um sentido político. E portanto, a disputa pela localização do quartel central do partido é realmente compreensível se vai-se ao fundo dela.

Esta longa e fastidiosa luta pode ser descrita aproximadamente — e creio que assim será — pelos historiadores objetivos e honestos do futuro, como uma luta entre as tendências pequeno-burguesas e proletárias no

partido, com a tendência proletária sem a suficiente clareza do programa para desenvolver a batalha, com todas as suas implicações. Agora, vocês não devem esquecer, éramos praticamente novatos, só nos havíamos familiarizado — e não muito bem familiarizado — com as doutrinas do bolchevismo. Não tínhamos nenhuma bagagem de experiência em política; não tínhamos a ninguém que nos ensinasse; tivemos que aprender tudo na luta através de golpes na cabeça. A cambaleante fração proletária cometeu um montão de erros e fez muitas coisas contraditórias no calor da luta. Porém, a essência de sua direção era, em minha opinião, historicamente correta e progressiva.

A medida que a luta se desenvolvia, as duas frações principais — Foster e Cannon de um lado e Ruthenberg, Lovestone e Pepper do outro — produziram divisões posteriores. De todo modo, a divisão estava implícita desde o começo porque havia também estratificações dentro da fração Foster-Cannon. O grupo vinculado a mim mais de perto era dos comunistas pioneiros, homens do partido desde o início, quem haviam adotado os princípios do comunismo antes que a ala de Foster. A ala de Foster era mais sindicalista em sua experiência, mais limitada em suas concepções, menos aplicada nas questões político-teóricas. No curso da luta fracional esta divisão implícita se formalizou. Assim, no partido se enfrentaram três frações: a fração de Foster, a de Lovestone (Ruthenberg morreu em 1927) e a de Cannon. Esta divisão continuou até que nos expulsaram do partido, em 1928.

Todas estas frações lutaram interminavelmente por ideias que não estavam completamente claras para elas. Como disse antes, as nossas eram insinuações; sabíamos perfeitamente o que queríamos, porém carecíamos de experiência política, de educação doutrinária e de conhecimento teórico para formular nosso programa com suficiente precisão, como para levar as coisas a uma solução apropriada. Recordem a grande batalha que tivemos contra a oposição pequeno-burguesa no Socialist Workers Party (Partido Socialista dos Trabalhadores-SWP) um par de anos atrás. Se vocês estudarem esta batalha para ver como se desenvolveu, verão de que maneira tiramos proveitos da experiência da mais antiga luta entre a fração pequeno-burguesa e a proletária no velho Partido Comunista. Desde esse momento, ganhamos mais experiência, estudamos vários livros e adquirimos um conhecimento político-teórico mais profundo. Isto nos permitiu ver as questões claramente e prevenirmo-nos na luta contra

Burnham, Schatman e companhia, de cair em um imbróglio sem princípios, sem solução a vista, como se passava nos velhos tempos.

Estes líderes que mencionei — Ruthenberg, Lovestone, Cannon, Foster —, essas quatro pessoas estavam sempre no Comitê Político do Partido. Foram sempre dirigentes do partido reconhecidos e com autoridade; quer dizer, eram dirigentes de frações, que se fizeram parte da direção do partido.

Cada fração era tão forte, o peso estava distribuído com tanta igualdade entre as frações, que nenhuma delas podia ser quebrada ou eliminada. Muita gente estava aferrada a cada um deles, muitos dos funcionários capazes do Partido. Isto se viu, por exemplo, quando o grupo de Lovestone obteve a maioria do partido com a ajuda e o garrote da Comintern: não podiam fazer o que queriam, ou seja, colocar-nos de lado, particularmente desde que o trabalho sindical e de massas estava virtualmente monopolizado pelas outras frações. Muitos dos organizadores do Partido, escritores e funcionários, estavam intimamente conectados comigo, e não podiam ser substitutivos. A fração de Foster era igualmente poderosa, especialmente no campo sindical. Não podiam desfazer-se de nós sem romper o Partido.

Desta forma, poderia dizer-se que o Partido esteve dividido virtualmente em três províncias, de um certo modo. Cada fração obteve a suficiente solidez para trabalhar em certos campos com uma autoridade praticamente ilimitada e sob um controle mínimo. A fração de Foster ocupou o território do trabalho sindical de forma total. Nós, organizamos a Internacional Labor Defense e a maneamos virtualmente como desejamos. Isto foi quando a gente de Lovestone tinha uma leve maioria. Estavam no controle do aparato do partido porém não tinham a força suficiente para prescindir de nós; portanto, este peculiar equilíbrio do poder continuou durante vários anos. Naturalmente não era um Partido realmente centralizado, no sentido bolchevique da palavra. Havia uma coalizão de três frações. No fundo isso era o Partido.

Não podíamos solucionar o problema por conta própria. Nenhuma fração podia vencer as outras decisivamente. Nenhuma abandonaria o Partido, nenhuma era suficientemente capaz de formular seu programa, como para obter uma real maioria no Partido. Estávamos ante um estancamento, um empate, uma luta fracional desmoralizante, sem fim, sem solução a vista.

Eram dias desalentadores. Para qualquer revolucionário normal era extremamente angustiante sustentar, não só por semanas e meses, senão durante anos e anos, uma luta fracional. Há gente que gosta das lutas fracionais; em todas as frações havia gente que só despertava quando a luta fracional começava. Assim se mantinham vivos. Quando chegava o momento de fazer algum trabalho construtivo — demonstrações, piquetes, circulação em maior medida de nossa imprensa, ajuda aos prisioneiros pela luta de classes — eles não tinham interesse nesta rotina. Porém, quando se anunciava a realização de um encontro da fração, eles estavam sempre nas primeiras poltronas.

Há certas pessoas anormais em todos os movimentos. Estávamos cheios deles. Podia escrever alguns capítulos biográficos sob o título “ Os Lutadores Profissionais de Fração que Conheci”. Este tipo de gente nunca pode liderar um movimento político. Quando o movimento finalmente toma fôlego e retoma o caminho mais claramente, os lutadores profissionais fracionais ficam de fora do lugar na direção. Em última instância os dirigentes se constroem. Estes líderes de nossas velhas fracções não eram anjos, devo admitir, não eram em absoluto. Eram lutadores muito duros, politicamente falando. Lutavam com tudo o que tinham a seu alcance. Porém, eram canalhas egoístas como os que representavam os diletantes como Eugene Lyons e M. Eastman, e toda essa gente rabugenta que se manteve ao lado do movimento, e o mediu por questões de moralidade abstrata? Claro que não. Nem sequer Gitlow, que agora tardiamente apoia esta tese, era um canalha desde o começo. Creio que alguns deles eram defeituosos de nascimento, porém, a grande maioria dos quadros dirigentes das frações eram homens que ingressaram no movimento por razões e propósitos honestos e idealistas. Isto inclui também os que mais tarde degeneraram, convertendo-se em stalinistas e chauvinistas. Sua degeneração foi um longo processo de evolução, pressão, desacordos, decepções, desilusão, etc. Aqueles que ingressaram no movimento nos duros dias de 1919, ou inclusive aqueles que se agruparam ao redor da Revolução Russa nos dias de guerra, fundaram o Partido em 1919 e suportaram as perseguições e as fugas nos dias de clandestinidade — eles eram muito superiores até mesmo de um ponto de vista moral aos políticos de Tammany Hall ou do Partido Republicano ou de qualquer outro movimento político burguês ou pequeno-burguês que se possa nomear.

Poderíamos ter solucionado nosso problema se houvésssemos tido a ajuda que necessitávamos. Quer dizer, a ajuda de gente com uma maior experiência e autoridade. O problema era muito grande para nós. Pode acontecer, e acontece nos mais avançados movimentos políticos, que os grupos locais removidos do centro caíam em querelas que se transformam em lutas fracionais e na formação de camarilhas, até que a situação se torne, por causa de sua inexperiência, insolúvel por suas próprias forças. Se têm uma direção nacional sensata, honesta e madura, capaz de intervir inteligentemente e de maneira justa, em 90% dos casos, estes atoleiros, podem ser resolvidos e os camaradas podem encontrar as bases de uma unificação no trabalho conjunto. Agora, se nós, em todos estes anos, houvésssemos tido a ajuda da Internacional Comunista, a ajuda dos líderes russos, que metiam-se pouco, mas a que buscávamos, inquestionavelmente, teríamos resolvido nossos problemas. Todas as frações tinham boas pessoas nelas. Todas tinham gente talentosa. Em condições normais, com uma direção correta e a ajuda da Comintern, a grande maioria dos líderes das frações teriam se desenvolvido juntos e consolidado uma única direção. As direções destas três frações, unidas e trabalhando juntas sob a supervisão e direção dos líderes internacionais com mais experiência, teria produzido uma força poderosa para o comunismo. O Partido Comunista teria dado um salto adiante. Fomos à Comintern buscando ajuda, porém a real origem dos problemas estava ali, apesar de que naquele momento não soubéssemos. A Comintern, sem conhecimento nosso, começava seu processo de degeneração. A honesta e capaz ajuda que tivemos de Lênin, Trotsky e de toda a Comintern em 1921 e 1922, na discussão da clandestinidade e legalidade, nos capacitaram para solucionar nossos problemas e liquidar a velha luta fracional. No lugar de obter esta ajuda, nos anos seguintes, nos encontramos com a degeneração da Comintern, no começo de sua stalinização. A direção da Comintern se dirigia a nosso partido, como a qualquer outro, não com a intenção de clarear os problemas, e sim para manter a questão no vermelho vivo. Intencionavam remover, por cima, todos os independentes, aos batalhadores, aos obstinados, de maneira que pudessem criar, a partir desse momento, um dócil partido stalinista. Estavam preparando a criação deste tipo de partido, aqui e em todos os cantos, sem pensar em utilizar nenhum dos líderes das frações. Íamos à Moscou a cada ano. A “Questão Norte-Americana” estava sempre na ordem do dia. Sempre havia uma “Comissão Norte-Americana” na

Comintern. Nos viam brigando ante as comissões e rapidamente se convenceram de que ia ser algo duro acoplar a esta gente dentro do esquema que tinham em mente. Estavam desenvolvendo planos para desfazer-se da maioria dos dirigentes que mais se sobressaíam em todas as frações, e cozinhar uma nova fração que seria um instrumento de Stálin.

Cada vez que viajávamos à Moscou íamos confiantes de que daquela vez conseguiríamos alguma ajuda, algum apoio, porque estávamos no caminho correto, porque eram corretos nossos propósitos. E a cada vez éramos desiludidos, cruelmente desiludidos. A Comintern invariavelmente apoiava a fração pequeno-burguesa contra nós. Cada vez que podiam golpeavam a fração proletária, que nos primeiros dias estava em maioria. Dirimimos o conflito pela primeira vez na Convenção de 1923 e conseguimos uma maioria de 2 por 1. Estava muito claro que a maioria dos membros do Partido queriam a liderança da fração proletária. Inclusive mais tarde, depois da divisão formal da fração Foster-Cannon seguimos trabalhando, na maioria das vezes, em bloco contra a gente de Lovestone. Cada vez que aos membros do Partido se lhes davam uma oportunidade para expressar-se, mostravam que queriam que este bloco tivesse a direção dominante no Partido. Porém, a Comintern dizia que não. Queriam romper este bloco. E estavam especialmente ansiosos, por uma razão ou outra, em quebrar nosso grupo, o grupo de Cannon. Devem haver suspeitado algo. Tiveram que desviar-se bastante de seu caminho para quebrar-me. Distante do 5º Congresso da Comintern, em 1924 (não estive presente neste momento), me condenaram mediante uma resolução, por alguns erros que havia cometido. Outros na direção do Partido haviam cometido erros similares ou piores, porém a Comintern foi mais além e se esmerou em citar minha negligência, com o objetivo de debilitar meu prestígio.

Logo, a medida que passavam os anos, a campanha contra o trotskismo cresceu. O requisito para ser parte da direção de qualquer dos partidos, o critério pelos quais os líderes eram qualificados em Moscou, era o de quem gritava mais contra Trotsky e o trotskismo. Não nos davam nenhuma informação real sobre os fundamentos da luta no partido russo. Éramos enganados com documentos oficiais cheios de acusações e agravos; nada, ou quase nada, sobre a outra face da questão. Abusavam da confiança da base do Partido. De toda a forma, os dirigentes do Partido confiaram na Comintern, foram abusados em sua confiança, uma e outra vez. Cada vez que íamos a Moscou, em vez de regressar com uma solução, retornávamos

com uma resolução destinada a fomentar a “paz” no Partido, porém ordenada de tal maneira que tornava a luta fracional mais quente do que nunca.

Não havia sinais de solução das lutas. Enquanto era firmada uma declaração de unidade, a guerra fracional a mandava pelos ares. O cinismo começou a perverter as filas do Partido. Que a declaração de um “acordo de paz” significava que “agora a luta fracional se porá realmente quente” se converteu em uma máxima.

As coisas chegaram a um ponto tal que tinha-se que ser reservado, que cuidar de cada passo, porque se trabalhava em uma atmosfera hostil. Se tornou necessário atuar com reserva cada vez que se acordava algo. Um ambiente de baixa moral começou a envolver o Partido, como uma névoa. O fato de que a degeneração da Comintern exercia uma influência determinante em nosso Partido é citado por muita gente superficial como uma prova do irrealismo do movimento norte-americano, de sua incapacidade para resolver seus problemas, etc. Esses intrigantes só mostram que não têm a menor ideia sobre o que é e deve ser uma organização revolucionária. A influência de Moscou era uma coisa perfeitamente compreensível e natural. A confiança e expectativas que o jovem Partido norte-americano pôs na direção russa era perfeitamente justificável porque os russos haviam feito uma revolução. Naturalmente, a influência e autoridade do partido russo no movimento internacional era a maior, como não acontecia com nenhum outro. Os mais sábios, os mais experimentados guiam aos recém ingressos. Assim será e assim deve ser em qualquer organização internacional.

Não há um desenvolvimento igual em todos os partidos em uma internacional. Havíamos visto na IV Internacional durante o tempo em que o camarada Trotsky estava com vida; Havíamos incorporado toda a experiência da revolução russa e da luta contra Stálin. A autoridade e o prestígio de Trotsky eram absolutamente imprescindíveis na IV Internacional. Sua palavra não tinha a força do comando burocrático, porém, tinha um tremendo poder moral. E não só isso. Como se demonstrou uma e outra vez, em cada dificuldade e disputa, sua paciência, sua sabedoria e seus conhecimentos eram aplicados construtiva e honestamente, e sempre ajudava a qualquer partido ou grupo que solicitava sua intervenção.

Nossa experiência no Partido Comunista era de um valor incalculável em nosso trabalho diário, e em todas as nossas comunicações e relações com grupos menos experimentados da IV Internacional. É natural que nosso Partido, precisamente porque assimilou uma grande experiência política, provavelmente exerça uma influência maior no movimento internacional que qualquer outro partido, agora que o camarada Trotsky não está mais conosco. Se uma seção da IV Internacional enfrentar uma situação revolucionária em um futuro próximo e demonstrar que tem uma direção de suficiente calibre como para levar adiante exitosamente uma revolução, então, a autoridade predominante e a influência, naturalmente se transferiria a esse partido. Por senso comum se converteria no partido líder da IV Internacional. Estas são simplesmente as consequências naturais e inevitáveis do desenvolvimento acidentado do movimento político internacional.

Nossa desgraça, nossa tragédia junto à Comintern, era que os grandes dirigentes da revolução russa, quem haviam realmente incorporado a doutrina do marxismo e haviam levado à frente uma revolução eram afastados para a margem do caminho pela reação contra a revolução de Outubro e a degeneração burocrática do PCUS. O PC nos Estados Unidos, como os partidos dos demais países, falhou em compreender as complicadas características da batalha. Brigávamos na obscuridade, pensando somente em nossas questões nacionais. Isso foi o que envenenou a luta fracional aqui. Foi o que causou a degeneração em lutas sem princípios e pelo controle. Só um programa internacional, compreendido a tempo, podia haver salvo ao velho PC norte-americano da degeneração. Não compreendemos isto até 1928. Então, já era demasiado tarde para salvar mais que um fragmento pequeno do Partido para seus originais fins revolucionários.

Cada uma das três frações que existiram no Partido desde 1923 até 1928 tiveram sua própria evolução. Os quadros fundadores do movimento trotskista norte-americano provinham completamente da fração de Cannon. A totalidade da direção e praticamente todos os membros originais da Oposição de Esquerda provinham de nossa fração.

A fração de Lovestone foi expulsa brutalmente por Stálin em 1929. A gente de Lovestone se desenvolveu de maneira independente desde 1929 a 1939, e logo se desintegraram indo à burguesia como suportes da guerra

“democrática”. A fração de Foster e os dirigentes secundários de algumas das outras frações se reuniram sobre a base de uma inquestionável lealdade a Stálin, em um abandono completo de sua independência. Eram homens de segunda e terceira linha. Tiveram que esperar nas sombras até que os reais lutadores fossem expulsos e lhes chegasse o tempo de ocupar seus lugares. Se converteram nos líderes oficiais, os líderes fabricados do PC norte-americano. Logo tiveram sua evolução natural, até lograr ser na atualidade a vanguarda do movimento social-chauvinista.

Uma coisa importante para recordar é que nosso moderno movimento trotskista se originou no Partido Comunista e não em outro lugar. Apesar dos aspectos negativos do Partido nesses anos, apesar de suas debilidades, sua crueza, suas doenças infantis, seus erros; qualquer coisa que se diga retrospectivamente sobre as lutas fracionais e sua eventual degeneração; qualquer coisa que se diga sobre a degeneração do PC neste país — se deve reconhecer que do Partido Comunista surgiram as forças para a regeneração do movimento revolucionário. Que do PC nos Estados Unidos surgiu o núcleo da IV Internacional neste país. Podíamos dizer também que os primeiros períodos do movimento comunista neste país provieram de nós que estávamos atados a ele por cadeias indissolúveis. Há uma continuidade ininterrupta desde os velhos dias do movimento comunista, com suas bravas lutas contra as perseguições, seus sacrifícios, erros, lutas fracionais e sua degeneração, em um eventual ressurgimento do movimento sob a bandeira do trotskismo.

Não devemos render-nos, não podemos render-nos honrando a justiça, a verdade, a tradição dos primeiros anos do comunismo norte-americano. Isso nos pertence e sobre isso é que construímos.

Conferência III

O Começo da Oposição de Esquerda

A última conferência nos trouxe a discussão o ano de 1927 no Partido Comunista dos Estados Unidos. A luta fundamental entre marxismo e stalinismo havia se posto em marcha dentro do Partido Comunista Russo fazia já quatro anos. Esta havia continuado também em outras seções da Comintern, incluída a nossa, porém não sabíamos.

Os embates da grande luta no Partido Russo eram confinados desde o princípio a questões russas extremamente complexas. Muitas delas eram novas e pouco familiares para nós, norte-americanos, que sabíamos muito pouco acerca dos problemas internos da Rússia. Era muito difícil para nós entender a causa de sua natureza teórica profunda — depois de tudo, até essa época não havíamos tido uma educação teórica e a dificuldade foi incrementada pelo fato de que não nos apresentavam a informação completa. Não nos apresentavam os documentos da Oposição de Esquerda russa, nos ocultavam os argumentos. Não nos diziam a verdade, pelo contrário, sistematicamente nos mantinham com tergiversações, distorções e documentação unilateral.

Eu fiz esta explicação em benefício daqueles que se inclinavam a perguntar: “por que não se levantou desde o início a bandeira do trotskismo?”. Se as coisas são muito claras agora para qualquer estudioso sério do movimento, “por que não se pôde entender nos primeiros dias?”. A explicação que dei nunca foi considerada pela gente que vê estas grandes disputas separadas e apartadas do mecanismo da vida do partido. Aquele que não arca com responsabilidades, que é um estudioso ou comentarista ou observador de fora, não necessita nenhuma precaução ou restrição. Se tem dúvidas e incertezas se sente perfeitamente livre para expressá-las. Este não é o caso de um revolucionário de um partido. Ele toma sobre si a responsabilidade de chamar aos trabalhadores, sobre as bases de um programa, a reunir-se em um partido a que dedicarão seu tempo, sua energia, seus recursos e até suas vidas, deve tomar uma atitude séria para com o partido. Não pode, em boa consciência, chamar a pôr abaixo um programa até que não tenha elaborado um novo. Descontentamentos e dúvidas não são um programa. Não se pode organizar

as pessoas sobre essas bases. Uma das mais forte condenações que Trotsky dirigiu a Schatman, nos primeiros dias de nossa disputa sobre a questão russa em 1939 foi esta, que Schatman, quem começou a fomentar dúvidas sobre a correção de nosso velho programa sem ter em sua mente nenhuma ideia clara de um novo, atravessou o partido irresponsavelmente expressando suas dúvidas. Trotsky disse, o partido não pode deter-se. Não pode fazer um programa fora de dúvidas. Um revolucionário sério e responsável não pode molestar a seu partido meramente porque se há tornado descontente com esta, aquela ou outra coisa. Deve esperar até estar preparado para propor concretamente um programa diferente, ou um outro partido.

Essa foi minha atitude no Partido Comunista naqueles primeiros anos. De minha parte, sentia grande insatisfação. Não estive nunca entusiasmado pela luta no partido russo. Não podia entende-la. E como a batalha se fazia mais intensa e se incrementavam as perseguições contra a Oposição de Esquerda Russa, representada por grandes líderes da revolução como Trotsky, Zinoviev, Radek e Rakovsky — a dúvida e o descontentamento se acumulavam em minha mente. Isto militava contra minha posição e contra a posição de nossa fração nos eternos conflitos dentro do PC. Tentávamos todavia resolver as coisas em escala norte-americana: um erro comum. Penso que uma das lições mais importante que nos deu a IV Internacional é que na época moderna não se pode construir um partido político revolucionário somente sobre as bases nacionais. Se deve começar com um programa internacional, e sobre estas bases construir seções nacionais de um movimento internacional.

Esta, pela via da desagregação, foi uma das grandes disputas entre os trotskistas e os brandleristas, a gente do Bureau de Londres, Pivert, etc, que afirmavam a ideia de que não se pode falar de uma nova internacional sem antes construir fortes partidos nacionais. Segundo eles, só depois de haver criado formidáveis partidos de massas em vários países, se pode federá-los em uma organização internacional. Trotsky procedeu justo de forma oposta. Quando foi deportado da Rússia em 1929 e foi capaz de tomar seu trabalho internacional com as mãos livres, propôs a ideia de começar com um programa internacional. Se deve organizar as pessoas, não importa o pouco que possam ser em cada país, sobre as bases de um programa internacional e gradualmente construir suas seções nacionais. A história deu seu veredito sobre esta disputa. Todos aqueles partidos que começaram

com uma aproximação nacional e quiseram expulsar este problema da organização internacional, sofreram o naufrágio. Os partidos nacionais não podem deixar raízes porque nesta época internacional não há mais espaço para estreitos programas nacionais. Só a IV Internacional, começando em cada país a partir do programa internacional, há sobrevivido.

Este princípio não era compreendido por nós na primeira época do Partido Comunista. Engordávamos na luta nacional na América do Norte. Víamos a Internacional Comunista como uma ajuda para nossos problemas nacionais. Não queríamos molestar-nos com os problemas de outras seções ou da Comintern de conjunto. Este erro fatal, esta estreita visão nacional, nos empurrou ao beco sem saída das lutas fracionais.

As coisas se faziam mais críticas para nós. Nenhuma das frações queria romper ou deixar o partido. Todos eram leais, fanáticos leais a Comintern e não pensavam em romper com ela. Porém, a desalentadora situação interna se fazia pior e aparecia sem perspectivas. Parecia óbvio que devíamos encontrar ou bem um modo de unir as frações ou permitir que uma se fizesse predominante. Alguns dos mais sábios, ou melhor, alguns dos mais ladinos, e aqueles que tinham as melhores fontes de informação de Moscou, começaram a fazer o necessário para ganhar o favor da Comintern e assim usar o grande peso de sua autoridade do lado de sua fração, que era a enérgica e agressiva luta contra o trotskismo. Desde Moscou foram ordenadas campanhas contra o trotskismo em todos os partidos do mundo. As expulsões de Trotsky e Zinoviev em 1927 foram seguidas por demandas de que todos os partidos tomassem imediatamente uma posição, com a ameaça implícita de represálias de Moscou contra qualquer indivíduo ou grupo que não tomasse a posição “correta”, quer dizer, em favor das expulsões. Se levaram a cabo campanhas de “esclarecimento”. Os lovestonistas eram a vanguarda na luta contra o trotskismo. Assim conseguiram o apoio da Comintern e gozaram deste apoio em todo aquele período. Organizaram campanhas de “esclarecimento”. Reuniões de membros, de ramos, de seções, aconteciam em todos os partidos, em que os representantes do Comitê Central eram enviados para ilustrar aos demais membros sobre a necessidade das expulsões do organizador do Exército Vermelho e do Presidente da Comintern.

Os fosteristas, que não eram tão rápidos e astutos como os lovestonistas, porém tinham com eles bons tratos, seguiram-nos imediatamente.

Realmente jogavam corrida com os lovestonistas para mostrar quem era o maior anti-trotskista. Se gastavam em fazer largos discursos sobre o tema.

Agora, olhando para trás, é uma circunstância interessante, que quase pré-figurava o que ia acontecer, que eu nunca tomei parte em nenhuma dessas campanhas. Votei resoluções esteriotipadas, devo dizer, lamentavelmente, porém nunca fiz um simples discurso ou escrevi um simples artigo contra o trotskismo. Isto não foi assim porque eu era trotskista. Não queria por-me fora da linha da maioria do partido russo e da Comintern. Me neguei a tomar parte nas campanhas só porque não entendia o que se passava. Bertram D. Wolfe, principal lugar-tenente de Lovestone, era um dos maiores anti-trotskistas. Diante da mais leve provocação fazia um discurso de duas horas explicando como Trotsky estava equivocado sobre a questão agrária na Rússia. Eu não podia fazer isso porque não entendia da questão. Ele tampouco entendia, porém em seu caso, este não era um grande obstáculo. O objetivo real dos lovestonistas e os fosteristas em fazer esses discursos e levar a cabo estas campanhas era congregar-se com o poder de Moscou.

Alguém podia perguntar “por que não fiz discursos em favor de Trotsky?”. Eu não podia tampouco fazer isso porque não entendia o programa, meu estado mental era então a dúvida e a insatisfação. Se não tivesse nenhuma responsabilidade no partido, se fosse um mero comentador e observador, podia meramente falar de dúvidas. Não se pode fazer isso em um partido político sério. Se alguém não sabe o que dizer, não deve dizer nada. O melhor é permanecer em silêncio.

O Comitê Central do Partido Comunista convocou um plenum em fevereiro, o famoso plenum de fevereiro de 1928, que foi a uns poucos meses depois da expulsão de Trotsky, Zinoviev e todos os líderes da Oposição Russa. Já começava uma grande campanha para mobilizar os partidos do mundo em apoio à burocracia de Stálin. Nesse plenum brigamos e discutimos sobre as frações e o partido, a estimativa da situação política, a questão sindical, a questão da organização — brigamos furiosamente sobre todas estas questões. Era esse nosso real interesse. Depois chegamos ao último ponto da pauta, a questão russa. B. D. Wolfe, como porta-voz da maioria lovestonista a “explicou” por um longo tempo, cerca de 2 horas. Depois ficou aberta a discussão. Um por um, cada membro das frações lovestonista e fosterista tomaram a palavra para

expressar seu acordo com o informe e agregar alguns toques para mostrar que entendiam a necessidade das expulsões e que estavam a favor delas.

Não falei. Naturalmente, por causa de meu silêncio, os outros membros da fração Cannon se sentiram algo constrangidos para falar. Não lhes agradava a situação e organizaram uma série de campanhas de pressão. Recordo esse dia, como me senti no fundo do hall, descontente, amargurado e confuso, seguro de que havia algo sobre a questão porém não sabia o que era isso. Bill Dunne, a ovelha negra da família Dunne, que era nesse momento um membro do Comitê Político e meu mais estreito associado, veio com um par de companheiros. “Jim, tu deves falar sobre esta questão. É a questão russa. Eles cortarão nossa fração em pedacinhos se não dizes nada sobre esse informe. Levanta-te e dizes umas poucas palavras para o registro”.

Neguei-me a fazê-lo. Eles insistiram porém eu estava muito firme. “Não vou fazer isso. Não vou falar sobre essa questão”. Isto não era “sabedoria política” de minha parte, ainda que retrospectivamente pode parecer assim. Isto não foi de modo algum uma antecipação do futuro. Foi simplesmente uma questão temperamental, um caprichoso sentimento pessoal que tinha sobre a questão. Não tínhamos nenhuma informação real. Não sabíamos qual era a verdade. E nesta feita, 1927, as disputas no partido russo haviam começado a implicar questões internacionais — a questão da revolução chinesa e do Comitê anglo-russo. Quase todos os membros do nosso partido pode contar agora quais foram os problemas da revolução chinesa porque desde essa época, foram publicados extensos materiais. Havíamos educado nossos jovens camaradas sobre as lições da revolução chinesa. Porém, em 1927, nós provincianos norte-americanos, não sabíamos nada sobre isto. A China estava muito distante. Nunca vimos nenhuma das teses da Oposição Russa. Tampouco entendíamos bem a questão colonial. Nem os profundos princípios teóricos envolvidos na questão chinesa e a disputa que se seguiu, pelo que honestamente não podíamos tomar posição. A questão do comitê anglo-russo parecia um pouco mais clara para mim. Era um ponto da grande luta entre a Oposição Russa e os estalinistas sobre a formação do Comitê anglo-russo, um comitê de sindicalistas russos e ingleses que se transformaram num substituto do trabalho independente comunista na Inglaterra. Esta política afogou a atividade independente do Partido Comunista inglês no momento crucial da greve geral de 1926 nesse país. Quase por acidente, na primavera do mesmo ano, cruzei com um dos

documentos da Oposição Russa sobre essa disputa que teve grande influência sobre mim. Sentia que, no mínimo, sobre a questão do Comitê anglo-russo, a Oposição tinha a linha correta. Por distintas razões, fui convencendo-me de que não eram contra-revolucionários, como haviam sido pintados.

Em 1928, depois do plenum de fevereiro, fiz uma de minhas mais ou menos regulares viagens nacionais. Tinha o hábito de fazer ao menos um tour pelo país de costa a costa, todos os anos ou a cada dois anos, para ter assim um retrato da América do Norte real, para sentir o que estava se passando na América do Norte. Olhando para trás, agora, pode-se perceber que muitas das ideias irreais, errôneas e muitas das inclinações estreitas de alguns líderes do partido em Nova York, se devem ao fato de que têm vivido todas as suas vidas na ilha de Manhattan e não tinham o sentimento real deste grande e diversificado país. Fiz meu tour em 1928 sob o auspício da ILD (International Labor Defense) que se prolongou por quatro meses. Queria uma oportunidade para pensar umas poucas coisas sobre a questão russa, que me preocupava muito mais que qualquer outra coisa. Vicent Dunne me tem recordado mais de uma vez, que em meu regresso desde a costa do Pacífico, quando me detive em Mineápolis, ele e o camarada Skoglund me perguntaram entre outras coisas o que pensava sobre a expulsão de Trotsky e Zinoviev, e eu lhes respondi “Quem sou eu para condenar aos líderes da revolução russa”, indicando-lhes assim que não era muito simpatizante da expulsão de Trotsky e Zinoviev. Recordaram isto quando a disputa se instalou em campo aberto, uns poucos meses mais tarde.

Ao fim da primavera e começo do verão de 1928, foi chamado em Moscou o VI Congresso Mundial da Comintern. Partimos para Moscou como o dissemos em outras ocasiões, em uma grande delegação representando todas as frações. Indo ali, lamento dizê-lo, não preocupados com os problemas do movimento internacional, aos quais nós como representantes de uma seção poderíamos ajudar a resolver, mas sim que todos nós estávamos preocupados mais ou menos primeiramente com nossas próprias pequenas brigas no partido norte-americano, vindo ao Congresso Mundial para ver que ajuda poderíamos obter para fritar nosso próprio peixe, aqui em casa. Desafortunadamente essa era a atitude praticamente de todos. Saindo para o congresso eu não tinha nenhuma expectativa de ter uma real clarificação sobre a questão russa, a disputa

com a Oposição. No momento, parecia que a Oposição havia sido completamente destruída. Os líderes foram expulsos de seus partidos. Trotsky estava e Livros em Alma-Ata. Ao redor do mundo, os simpatizantes que podia ter haviam sido expulsos de seus partidos. Parecia não haver perspectivas de reviver a questão. Sem dúvida isto continuava molestando-me e me incomodava tanto que não pude tomar parte efetiva em nossa luta fracional em Moscou.

Naturalmente, continuamos a disputa fracional quando aí chegamos. Imediatamente alinhamos nossas delegações nas comissões e começamos a ver o que podíamos fazer para derrubar a cada uma das outras frações, lançando acusações mútuas e debatendo eternamente as coisas antes da comissão. Eu fui mais ou menos um participante meio fosco no assunto. Nesse momento começaram a dividir as comissões, quer dizer os membros líderes de cada delegação foram nomeados para várias comissões do Congresso, uns na comissão sindical, outros na comissão política e alguns na de organização. Além destas tinha a Comissão de Programa. O VI Congresso se comprometeu a adotar pela primeira vez um programa, um programa final da Comintern. A Comintern foi organizada em 1919 e até 1928, nove anos mais tarde, ainda não tinha um programa definitivo. É simplesmente uma indicação de quanto seriamente os grandes marxistas tomavam a questão do programa e cuidadosamente o elaboravam. Começaram com uma série de resoluções básicas em 1919. Adotaram outras em 1920, 21, 22. No IV Congresso tinham o começo de uma discussão sobre o programa. O V Congresso não prosseguiu a questão. Assim, chegamos ao VI Congresso em 1928, tendo ante nós um rascunho de um programa que sustentava a autoridade de Bukharin e Stálin.

Eu fui posto na comissão de programa, em certa medida porque os outros líderes não estavam muito interessados no programa. “Deixem isso para Bukharin. Não queremos preocupar-nos com isso. Queremos estar na comissão política que vai decidir sobre a nossa luta fracional, na comissão sindical, ou em alguma outra comissão prática que vai decidir algo sobre alguma pequena questão sindical que nos preocupa”. Este era o sentimento geral da delegação norte-americana. Eu fui empurrado para dentro da comissão de programa como uma espécie de honra sem substância. E era a verdade, não estava tampouco interessado nele.

Porém, isto se tornou um grande erro, por-me na comissão de programa. Custou a Stálin mais que uma dor de cabeça, para não falar de Foster, Lovestone e os outros. Porque Trotsky, e Livros em Alma-Ata, expulso do partido russo e da Internacional Comunista, apelou ao Congresso. Vocês percebem, Trotsky simplesmente não se afastou do partido. Corretamente regressou depois de sua expulsão na primeira oportunidade, à convocatória ao VI Congresso da Comintern, não só com um documento apelando sobre seu caso, mas com uma contribuição teórica tremenda sob a forma de crítica ao esboço do programa de Bukharin e Stálin. O documento de Trotsky se intitulava: “O projeto de programa da Internacional Comunista: uma crítica de fundamentos”. Através de alguns deslizes no aparato de Moscou, que supunha ser burocraticamente hermético, este documento de Trotsky chegou dentro da sala de tradução da Comintern. Caiu na secretaria, onde havia uma dezena ou mais de tradutores e estenógrafos sem nada mais para fazer. Eles receberam o documento e distribuíram aos chefes das delegações e aos membros da comissão de programa. Então, foi posto em minha pasta e traduzido ao inglês. Maurício Spector, um delegado do partido canadense, e que em algumas coisas tinha o mesmo modo de pensar que eu, estava também na comissão de programa e conseguiu uma cópia. Deixamos os encontros de comissões e as sessões do Congresso se foram ao diabo enquanto líamos e estudávamos esse documento. Depois soube o que tinha que fazer e ele também. Nossas dúvidas foram resolvidas. Estava tão claro como a luz do dia que a verdade marxista estava do lado de Trotsky. Fizemos um bloco ali e depois — Spector e eu — que voltássemos para casa começariamos uma luta sob a bandeira do trotskismo.

Não começamos a luta em Moscou, no Congresso, se bem que já estávamos convencidos. Desde o dia em li aquele documento me considerei, sem uma simples vacilante dúvida, discípulo de Trotsky. Pelo motivo de que não levantamos a briga em Moscou, alguns puristas que se mantiveram à margem poderiam novamente questionar: por que não tomaram a palavra no VI Congresso e falaram por Trotsky?”. A resposta é que não podíamos servir melhor a nossos fins políticos fazendo isso. A Comintern já estava bem stalinizada. O Congresso foi manobrado. Para nós, haver descolado nossas posições completas no Congresso, provavelmente resultasse em nossa prisão em Moscou até haver sido cortados em pedacinhos e isolados em casa. Lovestone, quando chegou sua

vez, foi pego em sua trama de Moscou. Minha obrigação e minha tarefa política, como eu via, era organizar uma base de apoio em meu próprio partido para a Oposição Russa. Para fazer isto devia primeiro chegar em casa. Portanto, me mantive quieto no Congresso stalinizado. A franqueza entre amigos é uma virtude, com os inimigos inescrupulosos é um atributo de um néscio.

Apesar disso, não fomos muito cautelosos em guardar nossos sentimentos. Eu, especialmente fui considerado mais e mais como “casado” com o trotskismo. Gitlow realçou em seu livro — fantasma de arrependimento — que a GPU havia checado minhas atividades em Moscou e havia informado à Comintern que “Cannon em conversas com russos havia demonstrado ter fortes ensinamentos trotskistas”. Me tinham sob suspeita, porém vacilavam em proceder contra mim muito bruscamente. Pensavam que provavelmente podiam despachar-me e isto seria muito melhor que ter um escândalo aberto. Tinham boas razões para presumir que eu faria um escândalo se chagasse-se a uma luta aberta.

Então regressamos, creio que em setembro, sem nada resolvido, tanto que a disputa fracional no partido norte-americano estava comprometida. Os lovestonistas haviam avançado umas poucas polegadas na disputa em Moscou, porém ao mesmo tempo, Stálin havia incluído alguns requisitos nas resoluções que assentavam as bases para safar-se mais tarde dos lovestonistas. Eu trouxe comigo de contrabando da Rússia a crítica de Trotsky ao projeto do programa. Regressamos e imediatamente agi com minha tarefa determinada de recrutar uma fração para Trotsky.

Vocês poderiam pensar que era uma coisa fácil de fazer. Porém eis aqui o estado de coisas. Trotsky havia sido condenado em todos os partidos da Internacional Comunista, e mais uma vez, condenado pelo VI Congresso, como contra-revolucionário. Nem um só membro no partido era conhecido como franco seguidor do trotskismo. O partido inteiro estava arregimentado contra isso. Naquela época o partido já não era uma dessas organizações democráticas onde alguém pode levantar uma questão e ter uma discussão limpa. Declarar-se a favor de Trotsky e da Oposição Russa significava estar sujeito a acusação de traidor contra-revolucionário e ser expulso no ato, sem nenhuma discussão. Sob estas circunstâncias a tarefa era recrutar uma fração nova em segredo, antes que chegasse a explosão inevitável, com a perspectiva certa de que esta fração, não importa quão

grande ou pequena poderia ser, sofreria a expulsão e teria que lutar contra os stalinistas, contra o mundo inteiro, para criar um novo movimento.

E desde o começo eu não tinha a mínima dúvida sobre a magnitude da tarefa. Se nos permitíssemos alguma ilusão, seríamos tão desapontados pelos resultados que podíamos ter quebrado. Comecei tranquilamente a buscar indivíduos e a falar com eles conspirativamente. Rose Karsner foi minha primeira aderente firme. Ela nunca titubiou desde este dia até hoje. Shachtman e Abern, que trabalhavam comigo na Internacional Labor Defense e eram ambos membros do Comitê Nacional, embora não do Comitê Político, se uniram a mim no novo grande empenho. Logo o fizeram outros poucos. Estávamos fazendo bastante bem, progredindo um pouco aqui e ali, trabalhando cautelosamente todo o tempo. Corria o rumor que Cannon era trotskista porém eu nunca disse abertamente e ninguém sabia o que fazer com esse rumor. Ademais, havia uma pequena complicação na situação do partido que também trabalhava a nosso favor. Como já havia contado, o partido estava dividido em três frações, porém, a fração de Foster e a fração de Cannon estavam trabalhando em um bloco e tiveram neste momento um encontro de direções. Isso pôs aos fosteristas entre o diabo e o precipício. Se eles não expunham ao trotskismo escondido e o combatiam energicamente, perderiam a simpatia e o apoio de Stálin. Porém, por outro lado, se se punham rudes conosco perdiam nosso apoio, não podiam esperar ganhar a maioria na próxima convenção. Estavam rasgados pela indecisão e nós exploramos suas contradições cruelmente.

Nossa tarefa era difícil. Tínhamos uma cópia do documento de Trotsky, porém não tínhamos como duplicá-la. Não tínhamos nem estenógrafo, nem máquina de escrever, nem mimeógrafo, nem dinheiro. A única maneira em que podíamos operar era apropriar-se cuidadosamente de indivíduos selecionados, despertar suficiente interesse e depois persuadi-los de que viessem a minha casa e lessem o documento. Ganhamos umas poucas pessoas e eles nos ajudaram a divulgar o evangelho em círculos mais amplos.

Finalmente, depois de um mês ou algo mais, fomos expostos por uma pequena indiscrição de parte de um dos camaradas, e tivemos que enfrentar prematuramente o fato no bloco Foster-Cannon. Os fosteristas o levantaram na forma de interrogatório. Haviam escutado isto e aquilo e

queriam uma explicação. Era claro que estavam muito preocupados e também indecisos. Nós tomamos a ofensiva. Eu disse: “Considero como um insulto para qualquer pessoa querer examinar-me. Minha posição no partido há sido muito claramente estabelecida a 10 anos e nego a qualquer pessoa a questão”. Assim, conseguimos, através do descaramento outra semana mais, e nessa semana uns poucos novos convertidos aqui e ali. Depois chamaram outro encontro do bloco para considerar novamente a questão. Para esse momento Hathaway havia regressado de Moscou. Havia estado na tão nomeada Escola Lênin de Moscou, na realidade uma escola de stalinismo. Havia sido avivado na escola de Stálin e sabia melhor que os sapateiros locais como proceder contra o trotskismo. Disse que a forma de proceder é fazer uma moção: “Esta comissão condena o trotskismo como contra-revolucionário” e ver se todos aderem a moção. Objetamos a isto em seu fundamento — dissimuladamente formal porém uma tática necessária no trato com uma mente policialesca, graduada na escola de Stálin — que a questão do “trotskismo” havia sido decidida fazia muito e que não havia absolutamente nenhuma razão em levantar esse assunto de novo. Dissemos que nos recusávamos a ser parte de qualquer mistura amarga.

Debatemos isso por quatro ou cinco horas e a esta altura eles não sabiam o que fazer conosco. Enfrentavam este dilema: se se manchavam com o trotskismo perderiam a simpatia de Moscou, se ao contrário, rompiam conosco, sua causa, obter a maioria, carecia de expectativas, e por isso estava implicada. Eles queriam a maldita maioria e abrigavam a esperança — e como a esperavam! — que um astuto companheiro como Cannon eventualmente teria juízo e não sairia e começaria uma fútil batalha por Trotsky nos últimos dias sem dizer diretamente. Lhes demos um pequeno campo para pensar que podia ser assim, a decisão foi proposta novamente.

Ganhamos cerca de duas semanas com este assunto. Finalmente os fosteristas decidiram entre eles que o assunto se estava pondo muito quente. Escutavam mais e mais rumores de que Cannon, Shachtman e Abern faziam proselitismo para o trotskismo entre membros do partido. Os fosteristas tinham um pânico mortal de que os lovestonistas lhes ganhassem de mão e os acusassem de ser cúmplices. No desespero nos expulsaram do encontro conjunto do bloco e nos acusaram ante o Comitê Político. Fomos julgados em uma reunião conjunta do Comitê Político e a Comissão Central de Controle. Reportamos o julgamento nas primeiras

edições de *The Militant*. Naturalmente foi um julgamento arranjado, porém tivemos um campo completo para fazer um montão de discursos e para contradizer os argumentos dos fosteristas. Isto não foi pela democracia partidária, senão que nos deram nossos “direitos” porque os lovestonistas, que estavam em maioria no Comitê Político, estavam ansiosos por comprometer aos fosteristas. Para conseguir seus propósitos nos deram uma pequena via livre e nós a exploramos o mais possível. O julgamento se prolongava fastidiosamente dia após dia — mais e mais líderes partidários e funcionários eram convidados a assistir — até que finalmente tivemos uma audiência de cerca de 100. Até aí não havíamos admitido nada. Havíamos nos resumido a contradizer seus argumentos, comprometer aos fosteristas, e uma coisa e outra. Finalmente, quando nos cansamos disto, e dado que o informe sobre o que estava se passando foi difundido por todo o partido, decidimos romper. Li à uma audiência algo atemorizada de funcionários do partido uma declaração onde nos declarávamos 100% em apoio a Trotsky e a Oposição Russa em todas as questões principais e anunciamos nossa determinação de lutar por esta linha até o fim.

Fomos expulsos por uma reunião conjunta da Comissão de Controle e o Comitê Político.

No dia seguinte fizemos circular uma declaração mimeografada em todo o partido. Havíamos antecipado nossa expulsão. Estávamos preparados para isso e gritamos. Uma semana depois, para consternação deles, os golpeamos com a primeira edição de *The Militant*. A cópia havia sido preparada e havíamos feito um trato com o editor enquanto continuava o julgamento. Fomos expulsos em 27 de outubro de 1928. *The Militant* saiu na semana seguinte como uma edição de novembro, celebrando o aniversário da Revolução Russa, anunciando nosso programa, etc. Assim começou a luta aberta pelo trotskismo norte-americano.

Certamente não tínhamos uma perspectiva brilhante para começar. Porém ganhamos constantemente nas primeiras semanas e construímos firmemente desde o princípio porque começamos corretamente. Rompemos a grande trava dos fracionalismos sem princípio no partido com uma carga de dinamite. De um só sopro nos desembaraçamos de todos os velhos erros das frações do partido norte-americano quando nos pusemos no terreno de um programa principista de internacionalismo. Estávamos seguros do porque brigávamos. Todas as pequenas maquinações organizativas que se

havam tido na velha rinha foram abandonadas como um saco velho. Começávamos o movimento real do bolchevismo neste país, a regeneração do comunismo norte-americano.

A luta não era muito promissora desde o ponto de vista numérico. Os três de nós que havíamos firmado a declaração — Abern, Shachtman e eu — nos sentíamos muito sós caminhando para minha casa, traçando os planos para construir um novo partido que tomaria o poder nos Estados Unidos. Os três trabalhávamos na ILD. Fomos demitidos imediatamente, com os salários anteriores não pagos. Não tínhamos dinheiro e não sabíamos como consegui-lo. Planejamos a primeira edição do *The Militant* antes de saber como íamos pagá-lo. Porém, fizemos um trato com o editor para que nos desse um crédito por uma edição. Escrevemos a alguns amigos em Chicago que nos enviaram algum dinheiro e levantamos o pagamento. Anunciamos orgulhosamente que ia ser publicado duas vezes ao mês e assim o foi.

Pouco tempo depois de havermos sido demitidos do partido, descobrimos um grupo de camaradas húngaros que haviam sido expulsos do partido por várias razões nas lutas fracionais um ano ou dois antes. Independentemente de nós, desconhecido para nós, entraram em contato com alguns trabalhos da Oposição Russa em Amtorg — a agência comercial soviética em Nova Iorque — e se declararam trotskistas convencidos. Eles pareciam para nós um exército de um milhão de pessoas. Encontramos um pequeno grupo de opositoristas italianos em Nova Iorque, seguidores de Bordiga, não realmente trotskistas, e que trabalharam conosco por um tempo. Conduzimos uma batalha bastante enérgica. Respondemos às acusações de forma militante. Começamos a fazer circular materiais novos da Oposição Russa através de *The Militant* — a crítica de Trotsky ao projeto de programa, etc. De imediato se podia ver o começo da cristalização que tinha um futuro diante de si, porque tinha um claro programa principista.

Apesar de ter sido uma pequena fração por um longo tempo, foi uma fração muito convicta, fanática e definida. Começamos a ganhar aderentes através do país. Nossa mais importante aquisição veio de Minneapolis. Minneapolis jogou um papel importante não só nas lutas das greves caminhoneiras, mas também na construção norte-americana. Ganhamos seguidores em Chicago.

Estávamos terrivelmente obstaculizados em muitos aspectos. Não havíamos tido tempo antes de nossa expulsão para comunicarmo-nos um pouco mais com os companheiros do partido fora de Nova Iorque. A primeira coisa que muitos camaradas no Partido Comunista souberam de nossa posição foi a notícia de que havíamos sido expulsos. As cruéis táticas da direção do partido nos ajudaram muito. Seus métodos foram, ir de cima a baixo do país propondo uma moção em todo comitê e ramo para aprovar a expulsão de Cannon, Shachtman e Abern. Qualquer pessoa que queria perguntar e obter mais informações era acusado de ser trotskista e expulso imediatamente. Isto nos ajudou muitíssimo; punham estes camaradas numa posição onde podíamos ao menos falar com eles.

Em Minnesota, onde tínhamos bons amigos de longa data, o representante da quadrilha lovestonista os convocou a uma atividade e lhes solicitou um voto imediato sobre a moção para aprovar nossa expulsão. Eles se negaram. “Queremos saber o que é isso, queremos escutar o que estes camaradas têm para dizer”. Foram expulsos imediatamente. Eles nos comunicaram. Os aprovisionamos com material documental, *The Militant*, etc. Praticamente todos os que haviam sido tomados por vacilações em votar para confirmar nossa expulsão se tornaram simpatizantes nossos e a maioria se uniu conosco.

Nós enfatizamos bem desde o começo que isto não era simplesmente uma questão de democracia. A questão é o programa do marxismo. Se tivéssemos nos contentado com organizar gente na base do descontentamento com a burocracia poderíamos haver ganho mais membros. Estas não são bases suficientes. Porém, usamos os princípios da democracia para conseguir uma audiência simpatizante e depois começar imediatamente a martelar sobre o correto do trotskismo, sobre todas as questões políticas.

Vocês podem facilmente imaginar que tremendo choque foi para todos os membros do partido nossa posição e expulsão. Por anos haviam sido educados de que Trotsky foi um menchevique. Ele foi expulso como um “contra-revolucionário”. Tudo havia dado voltas. A mente dos membros mais frágeis haviam sido enchidas com preconceitos contra Trotsky e a Oposição Russa. Depois, a céu aberto, três dirigentes partidários se declaram trotskistas. Eles são expulsos imediatamente, vão a todas as partes onde podem encontrar membros do partido e dizem: “Trotsky tem

razão em todas as questões principais, e podemos provar”. Esta era uma situação com a qual se enfrentavam muitos bons camaradas. Muitos deles, expulsos por duvidar de votar contra nós, não quiseram deixar o partido. Eles não sabiam nada sobre o trotskismo nesse momento e estavam mais ou menos convencidos de que era contra-revolucionário. Porém, a estupidez da burocracia em expulsá-los nos deu uma oportunidade para falar com eles, provê-los de literatura, etc. Isto criou as bases para a primeira consolidação da fração.

Naqueles dias cada indivíduo se apresentava como enormemente importante. Se você só tem quatro pessoas para começar uma fração, quando podem encontrar a uma quinta isso significa 25% de crescimento. De acordo com a lenda, o Socialist Labor Party (Partido Operário Socialista), ao modo daqueles velhos tempos, fez um jubiloso anúncio de que nas eleições eles haviam dobrado seus votos no estado do Texas. Resultou que em vez de seu um voto usual haviam obtido dois.

Nunca esquecerei o dia em que ganhamos nosso primeiro adepto na Filadélfia. Pouco depois fomos expulsos, embora os ais e gritos estivessem soando no partido contra nós, houve uma batida na minha porta, e ali estava Morgenstern, de Filadélfia, um homem jovem porém velho “cannonista” nas lutas fracionais. Ele disse: “Ouvimos sobre sua expulsão por ser trotskista, porém não cremos. Qual é o informe confidencial real?”. Naqueles dias não tomávamos nada por moeda boa de qualquer pessoa, a não ser que viesse de nossa própria fração. Posso recordar o dia, indo a casa dos fundos, pegando o precioso documento de Trotsky de seu esconderijo e dando-lhe a Morgie. Ele se sentou na cama e leu por um longo tempo — este era um livro inteiro — do princípio ao fim, sem parar nem uma vez. Quando o terminou se havia decidido e começou a trabalhar nos planos para construir um núcleo em Filadélfia.

Alistamos outros indivíduos da mesma forma. As idéias de Trotsky eram nossas armas. Publicamos seriamente a “crítica” em *The Militant*. Tínhamos só uma cópia, e passou um bom tempo antes que pudéssemos publicá-la em forma de folheto. Por seu tamanho não podíamos mimeografar. Não tínhamos mimeógrafo próprio, nem tipografia, nem dinheiro. O dinheiro era um problema muito sério. Todos havíamos sido desprovidos de nossas posições no partido e não tínhamos acesso de nenhum tipo. Estávamos muito ocupados com nossa batalha para buscar

outros trabalhos para sobreviver. No topo disso tínhamos o problema de financiar um movimento político. Não podíamos suportar o custo de um escritório. Só quando cumprimos um ano, finalmente pudemos alugar uma sede própria na Terceira Avenida, com o velho “trem aéreo” bramindo nas janelas. Quando tínhamos dois anos obtivemos nosso primeiro mimeógrafo, e depois começamos a ir adiante.

Conferência IV

A Oposição de Esquerda sob Fogo

Semana passada finalmente nos encontramos expulsos do PC stalinizado, formamos a fração do trotskismo e começamos nossa grande luta histórica pela regeneração do comunismo norte-americano. Nossa ação trouxe consigo uma reviravolta fundamental no conjunto da situação no movimento norte-americano, a transformação, aparentemente de um só golpe, de uma desmoralizante, degenerante, luta fracional nacional em uma grande luta histórica principista com objetivos internacionais. Nesta abrupta transformação vocês podem ver ilustrada uma vez mais o tremendo poder das ideias, neste caso as ideias do marxismo não falsificado.

Estas ideias abriram caminho através de um duplo jogo de obstáculos. O grande movimento de lutas fracionais, que descrevi nas conferências precedentes, nos havia levado a um beco sem saída. A situação parecia insolúvel. Por outro lado, na longínqua Rússia, a oposição Bolchevique-Leninista foi completamente destruída no sentido organizativo. Os dirigentes foram expulsos de seus partidos, proscritos, ilegalizados e sujeitos a perseguições criminais. Trotsky estava em Alma-Ata. As uniões de aderentes em todo o mundo foram dispersadas, desorganizadas. Depois, através de uma conjunção de eventos, a situação foi corrigida, e cada coisa começou a cair em seu próprio lugar. Um só documento de marxismo foi enviado por Trotsky desde Alma-Ata ao VI Congresso da Comintern. Encontrou seu caminho através de uma fissura no aparato do secretariado, chegou as mãos de uns poucos delegados — em particular, um só delegado do partido norte-americano e um só delegado do partido canadense. Este documento, expressando todas as conquistas do marxismo, caiu em mãos corretas, no momento correto, suficiente para levar-nos a uma rápida e profunda transformação que revimos na semana passada.

O movimento que começou então na América do Norte trouxe repercussões no mundo inteiro, repentinamente, o quadro, o conjunto das perspectivas da luta mudaram. O trotskismo, oficialmente proclamado morto, era ressuscitado na arena internacional e inspirado com novas expectativas, novo entusiasmo, nova energia. As denúncias contra nós eram levadas adiante pela imprensa norte-americana do partido e

reimpressas no mundo inteiro, incluindo o Pravda de Moscou. Os opositoristas russos na prisão e exílio, onde cedo ou tarde receberam cópias do Pravda, foram notificados assim de nossa ação, nossa revolta na América do Norte. Nas coisas mais obscuras da luta da oposição eles aprenderam que haviam saído para a batalha reforços novos, através do oceano, nos Estados Unidos, o que em virtude do poder e do peso do país em si, tinha importância e significado as coisas feitas pelos comunistas norte-americanos.

Leon Trotsky, como já assinalei, estava isolado no pequeno povoado asiático de Alma-Ata. O movimento mundial estava em declínio, sem direção, proscrito, isolado, praticamente inexistente.

Com estas auspiciosas notícias de um novo destacamento na longínqua América do Norte, as pequenas publicações e boletins dos grupos de Oposição explodiram à vida novamente. O mais inspirante para todos nós foi estar seguros de que nossos camaradas russos mais pressionados haviam ouvido nossa voz. Sempre penso nisto como um dos mais gratificantes aspectos da histórica luta com a qual nos comprometemos em 1928 — que as notícias de nossa luta chegaram aos camaradas na Rússia, em todos os rincões das prisões e campos de exílio, inspirando-os com novas expectativas e nova energia para seguir na luta.

Como já disse, nós começamos nossa luta com uma visão bastante clara do que estávamos enfrentando. Nunca demos passos apressados ou sem um pensamento adequado e preparação. Antecipamos uma grande luta que ia ser muito mais pesada. Esta é a causa pela qual, desde o começo, não sustentamos expectativas otimistas de uma vitória rápida. Em toda a edição de nosso jornal, em todo pronunciamento, enfatizávamos a natureza fundamental de nossa luta. Acentuamos a necessidade de apontar para frente, ter dureza e paciência, esperar o posterior desenvolvimento dos acontecimentos para provar o correto de nosso programa.

Primeiro pela ordem, por suposto, estava o lançamento de nosso jornal. The Militant não era um boletim mimeografado distribuído clandestinamente, como houvera agradado a algumas pequenas camarilhas, senão um grande periódico impresso. Depois nos pusemos a trabalhar, três de nós — Abern, Shachtman e Cannon — a quem eles chamavam com desdém de os “Três Generais Sem Exército”. Essa se transformou numa designação popular e nós tivemos que admitir que havia nela algo de

verdade. Não podíamos deixar de admitir que não tínhamos exército, porém isso não removia nossa confiança. Tínhamos um programa, e estávamos seguros de que o programa nos capacitaria para recrutar um exército.

Começamos uma enérgica correspondência, a qualquer lugar onde conhecíamos alguma pessoa, ou escutávamos de alguma pessoa que estava interessada, lhe escrevíamos longas cartas. A natureza de nosso trabalho propagandístico e de agitação foi necessariamente transformada. No passado nós, e especialmente eu, havíamos sido acostumados a falar para grandes audiências — não muito antes de nossa expulsão, eu havia feito meu tour nacional, falando à centenas e as vezes à milhares de pessoas. Agora, tínhamos que falar a indivíduos. Nosso trabalho propagandístico consistia principalmente em encontrar nomes de indivíduos isolados no PC, ou acercados ao partido, que podiam estar interessados, marcar uma entrevista, passar horas e horas falando com um só indivíduo, escrever longas cartas explicando todas as nossas posições principistas no intento de ganhar uma pessoa. E deste modo recrutamos gente — não a dezenas ou centos, e sim um por um.

Tão logo a explosão teve lugar no movimento norte-americano, quer dizer Estados Unidos, Spector levou adiante sua parte do acordo; a mesma coisa passou-se ali; foi formado um substancial grupo canadense que começou a cooperar conosco. Camaradas com os quais havíamos entrado em contato vieram até nossa bandeira em Chicago, Minneapolis, Kansas, Filadélfia — não grandes grupos como regra. Chicago começou com um par de dezenas, penso. O mesmo número em Minneapolis. Três ou quatro em Kansas; dois em Filadélfia, o formidável Morgenstow e Goodman. Em alguns lugares indivíduos isolados tomaram sozinhos nossa luta. Em Nova Iorque encontramos uns poucos aqui e ali — indivíduos. Cleveland, St. Louis e os campos de minas de Illinois Sur. Esta foi a escala de contato organizativo no primeiro período.

Enquanto nós estávamos ocupados com a agitação individual, como costumávamos chamar-la na IWW — quer dizer, proselitismo de uma pessoa para outra — o Dayle Worker, com sua comparativamente grande circulação, disparava sobre nós em artigos de página inteira e as vezes de página dupla dia após dia. Esses artigos explicavam exaustivamente que nós havíamos nos vendido ao imperialismo norte-americano; que éramos

contra-revolucionários ligados aos inimigos dos trabalhadores e aos poderes imperialistas em um plano para destruir a União Soviética; que havíamos nos tornado a “guarda avançada da burguesia contra-revolucionária”. Isto era impresso dia após dia em uma campanha de terrorismo político e de injúrias contra nós, calculada para fazer-nos impossível reter algum contato com membros individuais do partido. Era um crime castigado com a expulsão falar conosco na rua, visitar-nos, ter alguma comunicação conosco. A pessoa era levada a julgamento no PC, acusada de haver ido a uma manifestação em que nós falamos, de haver comprado um jornal que vendíamos na rua em frente do quartel general da Union Square; ou de haver tido alguma conexão conosco no passado — sendo obrigada a provar que não haviam sido mantidos a posteriori esses contatos. Um muro de ostracismo nos separava dos membros do partido. Gente com quem havíamos trabalhado e conhecido por anos viravam estranhos para nós subitamente. Nossas vidas inteiras, devem recordar, haviam estado no movimento comunista e sua periferia. Nós éramos operários profissionais do partido. Não tínhamos interesse, nem relações de natureza social fora do partido e suas cercanias. Todos os nossos amigos, nossas relações, todos os nossos colaboradores no trabalho cotidiano por anos eram deste meio. Logo, de repente, este se fechou para nós. Estávamos completamente isolados deles. Esta espécie de coisas usualmente ocorrem quando se muda de fidelidade a uma organização por outra. Como regra, isto nos era demasiado sério porque quando alguém deixa um conjunto de relações — política, pessoal e social — imediatamente é propelido dentro de um novo meio. Encontra novos amigos, novas pessoas, novas relações. Porém nós, experimentamos sozinhos um lado desse processo. Fomos separados de nossas velhas relações sem ter alguma nova para onde se dirigir. Não havia nenhuma organização a que pudéssemos nos unir, onde podiam ser encontrados amigos e companheiros novos. Sem nada, salvo nosso programa e nossas mãos vazias tivemos que criar uma nova organização.

Vivíamos naqueles primeiros dias sob uma forma de pressão que é em muitos aspectos a mais temida que pode chegar a exercer-se contra um ser humano, o ostracismo social das pessoas de nossa simpatia. Em grande medida, eu pessoalmente havia sido preparado para esta prova por uma experiência passada. Durante a primeira Guerra Mundial, eu vivia como pária em minha própria cidade entre as pessoas que conhecia de toda a

vida. Consequentemente a segunda experiência não foi, provavelmente, tão dura para mim quanto para alguns dos outros. Muitos camaradas que simpatizavam conosco pessoalmente, que haviam sido nossos amigos, e alguns que simpatizavam por último em parte com nossas ideias foram aterrorizados por virem conosco, a reunir-se conosco, pela terrível penalidade do ostracismo. Essa não era uma experiência fácil para nosso pequeno grupo de trotskistas, porém ao mesmo tempo, era uma boa escola. As ideias que têm valor exigem um alto valor para se lutar por elas. As injúrias, o ostracismo e a perseguição que teve que enfrentar nosso jovem movimento através de todo o país nos primeiros dias da Oposição de Esquerda na América do Norte, foi um excelente treinamento de preparação para resistir a pressão social e ao isolamento que viria em conexão com a II Guerra Mundial, quando o peso real da sociedade capitalista começa a pressionar sobre os dissidentes e opositoristas.

A primeira arma do stalinismo foi a calúnia. A segunda arma empregada contra nós foi o ostracismo. A terceira foi o gansterismo.

Imaginem só, um partido com membros e uma periferia de dezenas de milhares, com não uma mas sim não menos que 10 publicações diárias em seu arsenal, com inumeráveis semanários e mensários, com dinheiro e enorme aparato de operários profissionais. Este relativamente formidável poder era empreendido contra um mero punhado de gente sem recursos, sem conexões — sem nada mais que seu programa e sua vontade de brigar por ele. Nos caluniaram, nos isolaram, e quando isso falhou para quebrar-nos, tentaram nos agredir fisicamente. Buscavam escapar de responder a qualquer argumento, fazendo-nos impossível falar, escrever, existir.

Nossa imprensa apontava diretamente para os membros do PC. Não tentávamos convencer o mundo inteiro. Dirigimos nossa mensagem primeiro para aqueles que consideramos a vanguarda, aqueles que se viam mais interessados em nossas ideias. Nós sabíamos que tínhamos de recrutar ao menos os primeiros destacamentos de suas fileiras.

Depois que nosso pequeno jornal foi impresso, os editores, tanto como os membros, tivemos que sair a vender. Nós escrevíamos o jornal. Íamos na gráfica, ansiosos sobre as provas, até que o último erro fosse corrigido, esperando com ansiedade ver a primeira cópia saindo da impressora. Isto era sempre uma emoção — uma nova impressão de *The Militant*, uma nova arma. Depois com os pacotes debaixo dos braços íamos vendê-los nas

esquinas das ruas, na Union Square. Por certo que esta não era a forma mais eficiente do mundo para três editores, transformar-se em três jornalheiros. Porém, tínhamos pouca ajuda e tínhamos que fazê-lo, não sempre e mas algumas vezes. E isto não era tudo. Para vender nosso jornal na Union Square tínhamos que nos defender contra os ataques físicos.

Folheando hoje o primeiro número de *The Militant*, refrescando minha mente sobre alguns acontecimentos daqueles dias, li a primeira história sobre os ataques físicos contra nós, que começaram umas poucas semanas depois de nossa expulsão. Os stalinistas se surpreenderam a princípio. Antes que eles soubessem como íamos golpear tivemos o jornal e nossos camaradas estavam em frente do quartel general do PC vendendo *The Militant* a cinco centavos o exemplar. Isto criou uma tremenda sensação. Por umas poucas semanas eles não sabiam o que fazer. Depois decidiram provar com métodos de Stálin, o da força física.

A primeira reportagem do *The Militant* conta sobre duas camaradas mulheres, do grupo húngaro, que foram ali com os pacotes de periódicos e tentaram vendê-los. Foram corridas pelos patifes stalinistas, empurradas, golpeadas e expulsas da via pública, e seus jornais foram tomados. Isto foi reportado em *The Militant* como o primeiro ataque de gangsters contra nós.

Depois isto se tornou mais ou menos frequente. Nós defendíamos nosso terreno. Fizemos um grande tumulto e escândalo contra eles por toda a cidade. Mobilizamos todas as nossas forças para ir ali aos sábados a tarde, formamos uma guarda ao redor dos editores e resistimos abertamente aos cafajestes stalinistas para que não nos enxotassem. Acontecia uma batalha atrás da outra.

Isto consumiu as primeiras semanas. Em 17 de dezembro foi instalado em Nova Iorque o Plenum do Comitê Central do PC. E aqui de novo quero demonstrar umas das importantes lições de nossas táticas nesta luta. Nós não dávamos as costas ao partido, mas corretamente nos voltávamos para ele. Havendo sido expulsos em 27 de outubro, fomos ao Plenum de 17 de dezembro, batemos na porta e dissemos: “Temos algo que apelar contra nossa expulsão”. Eles esperaram um tempo e depois nos permitiram fazer nossa apelação ante 100 a 150 dirigentes do partido. Os lovestonistas não faziam isso por considerações democráticas ou por uma leal adesão aos estatutos. O faziam por razões fracionais. Como veem, nossa expulsão não pôs fim a luta fracional entre fosteristas e os lovestonistas. Os

lovestonistas, que estavam em maioria, concebiam a astuta ideia de que se nos davam a palavra isto poderia ajudá-los a comprometer aos foresteristas como “conciliadores trotskistas”. Através desta rachadura entramos no Plenum. Nós não tínhamos ilusões, nem sequer pensávamos em convencê-los. Não nos cabia esta pequena estratégia barata contra os fosteristas. Nós pensávamos em fazer nossa apelação formal e imprimi-la em *The Militant* como propaganda para distribuição.

Os “Três Generais sem Exército” apareceram no Plenum de dezembro como os representantes de todos os expulsos. Eu fiz um discurso em torno de duas horas. Depois fomos retirados. No dia seguinte o discurso foi mimeografado para o próximo número de *The Militant* sob o título de “Nossa Apelação ao Partido”.

Eu mencionei as armas da calúnia, o ostracismo e o gangsterismo empregados pelos stanilistas contra nós. A quarta arma no arsenal dos dirigentes do stalinismo norte-americano foi o roubo. Eles tinham tanto medo deste pequeno grupo armado com as grandes ideias do programa de Trotsky, que queriam por todos os meios destruí-lo, antes que pudessem ganhar alguma audiência. Num sábado a tarde voltando de uma reunião de nossa primeira célula — 12 ou 13 pessoas reunidas somente para formar a organização e sentar as bases para atirar abaixo o capitalismo norte-americano — encontrei meu apartamento saqueado, de ponta a cabeça. Em nossa ausência haviam forçado a fechadura da porta de minha casa e a haviam rompido. Tudo estava em desordem; todos os meus papéis pessoais, documentos, registros, correspondência — tudo em que puderam pôr suas mãos — estava esparramado sobre o piso. Evidentemente os havíamos surpreendido antes que pudessem ir com a rapina até o fim. Quando eu estava de viagem, umas poucas semanas depois, eles regressaram e terminaram sua tarefa. Desta vez levaram tudo.

Continuamos lutando segundo nossa linha. Os escandalizamos cruelmente, gritando bem alto até os céus, publicamos seus atos de vagabundagem e de gangsterismo, e os fizemos retroceder com nossos escândalos. Eles não podiam derrotar-nos nem solenciar-nos. Tínhamos a tremenda vantagem de nossas experiências passadas. Nós já sabíamos por experiência. Havíamos tomado parte em diversas boas lutas e eles não podiam fazer-nos fracassar com umas poucas velhacaria-se calúnias. Sabíamos como explorar todas essas coisas contra eles para um bom efeito.

Lutamos com armas políticas que eram muito mais fortes que o gangsterismo. Apelamos para a boa vontade e a consciência comunista dos membros do partido e começamos recrutando as pessoas que vinham a nós, primeiro como um protesto contra esses procedimentos stalinistas.

Em poucas semanas, em 8 de janeiro de 1929, organizamos a primeira manifestação pública trotskista na América do Norte. Hoje, busquei o primeiro volume encadernado de *The Militant* e vi o anúncio da manifestação na primeira página da edição de 1º de janeiro de 1929. Admito que me senti um pouco emocionado quando recordei o momento em que atiramos a bomba dentro dos círculos radicais de Nova Iorque. Em frente deste Labor Temple, um grande cartaz anunciava que eu ia falar da “A verdade sobre Trotsky e a Oposição Russa”. Fomos a essa manifestação preparados para protegê-la, tivemos a ajuda do grupo italiano de bordigistas, nossos camaradas húngaros, uns poucos simpatizantes individuais do comunismo, que não criam em frear a liberdade de expressão, e nossas próprias valentes forças recentemente recrutadas. Elas foram colocados ao redor do palco no Labor Temple e perto da porta para cuidar que a manifestação não fosse interrompida. E a manifestação se desenrolou sem nenhuma interrupção.

O hall estava cheio, não só com simpatizantes e militantes, e sim com toda a classe de gente que tinha vindo por diferentes motivos, interesse, curiosidade, etc. A conferência foi exitosa, consolidamos nossos militantes e ganhamos alguns novos adeptos. Ela criou mais um grande alarme dentro do campo dos stalinistas, e os empurrou a ir mais longe em seu caminho de violência.

Em breve planejamos um tour nacional com o mesmo objetivo. Tentei falar em New Haven porém ali fomos completamente superados em número. Os stalinistas nos cercaram e o ato foi inteiramente rompido. Falei em Boston; aqui fizemos melhores preparativos. Eu cheguei uns poucos dias antes, fui visitar uns poucos velhos amigos meus da IWW para ver se eles não podiam conseguir alguns rapazes portuários para ajudar-nos a defender a liberdade de expressão. Tivemos em torno de 10 destes rapazes ao redor da plataforma. Um bando de pilantras stalinistas também estavam ali, dispostos a destruir a manifestação, porém evidentemente se convenceram que só obteriam suas próprias cabeças partidas se tentassem. O Encontro de Boston foi um sucesso. É necessário dizer que o

organizador desta ocasião histórica foi Antoinette Konikow. Um grupo de 8 a 10 camaradas foram consolidados em Boston em torno do programa de Trotsky.

Em Cleveland tivemos uma briga. O bem conhecido Amter era o organizador do distrito em Cleveland e trouxe uma quadrilha para destruir nosso ato. Nós também tínhamos uns poucos rapazes que haviam vindo conosco, e que se dividiam em um número de simpatizantes, radicais e outros que queriam um jogo limpo e a liberdade de expressão. Instruídos por nossa experiência em New Haven, nossas forças foram organizadas em um batalhão ao redor do orador. Comecei minha conferência e depois de umas poucas frases, lembro, usei a expressão: “Quero explicar-lhes a significação revolucionária desta luta”.

Amter se levantou e disse: “Você quer dizer, significação contra-revolucionária”. Este aparentemente foi o sinal. O bando stalinista começou a gritar e a assoviar. “Sentem-se contra-revolucionário”, “traidor”, “agente do imperialismo norte-americano”, etc. Isto continuou por cerca de 15 minutos. Sua intenção era tornar impossível que eu fosse escutado entre o tumulto. Essa era a maneira com a qual iam clarificar a questão. Simplesmente não nos deixando falar. Nós pensávamos diferente. Já estava claro que os amteristas iam gritar toda a noite se fosse necessário. Nosso esquadrão estava aposto, esperando que eu desse o sinal. Finalmente disse: “OK, adiante”. Em seguida foram sobre Amter e seu bando, pegaram um por um e os atiraram escada abaixo, limpando o hall e a atmosfera dos stanilistas. Depois tudo transcorreu bem; o encontro prosseguiu sem posteriores distúrbios. Tínhamos a mais maravilhosa paz e quietude.

Em Chicago, umas poucas noites mais tarde, os stalinistas vieram com um pequeno bando, porém não puderam decidir se queriam começar a pelejar ou não. Eu continuei com a conferência. Enquanto eu viajava vários funcionários stalinistas vinham ver-me a noite, como a figura bíblica de Nicodemus. Um deles foi B. K Gebert, que mais tarde se tornou uma grande figura no PC e o organizador do distrito de Detroit. Veio a ver-me no hotel de Chicago, um homem de coração partido. Ele repudiava todos esses métodos usados contra nós. Gerbert foi um comunista consciente, simpatizava com nossa luta porém não podia deixar o partido. Não podia se colocar a ideia de romper com a vida que havia conhecido e começar uma nova. Esse era o caso de muitos. Diferentes formas de compulsão afetam a

peças distintas. Alguns temiam golpes físicos; outros as calúnias, outros o isolamento. Os stalinistas empregam estes métodos. O efeito acumulativo de todos eles era atemorizar a centenas e quiçá a milhares de pessoas, quem em uma atmosfera livre, haveriam simpatizado conosco e nos apoiariam em um ou outro grau.

Em minha conferência em Minneapolis, como testemunhei anos mais tarde na Corte Federal de Minnesota do Norte, fomos pegos com a guarda baixa. Os reconhecidos dirigentes do movimento comunista de Minneapolis, V.R.Dunne, Carl Skoglund e outros, haviam vindo todos em nosso apoio. Eles eram também muito fortes fisicamente e se tornaram descuidados. Ao organizar o ato tendo a ideia que os cafajestes não tentariam nenhuma besteira não foi feito nenhum plano especial de defesa. Nossa gente chegou mais tarde. O bando stalinista chegou primeiro, surpreenderam Oscar Coover na porta, forçaram seu caminho para dentro, e ocuparam as cadeiras da frente em um hall bastante pequeno. Quando comecei a falar começaram a gritar a maneira de Amter e seu bando em Cleveland. Depois de alguns minutos nos arremessamos sobre eles e começou uma luta de vale tudo. Em seguida veio a polícia e acabou com a manifestação. Fomos ao local da IWW com o propósito de fazer uma frente única para proteger a liberdade de expressão. Junto com eles, uns poucos simpatizantes e indivíduos isolados formamos a Guarda de Defesa Operária. Planejamos um ato no local da IWW; o cartaz advertia que esse encontro se faria sob a proteção da Guarda de Defesa Operária. A Guarda foi equipada com seus cassetetes, porretes médios, comprados em uma ferraria, lindos e manejáveis. Os Guardas se alinharam ao longo das paredes e em frente ao orador. O organizador anunciou com calma que iam se permitir perguntas e discussões, porém que ninguém podia interromper quando o orador tivesse a palavra. A manifestação transcorreu pacificamente, sem nenhum sinal de distúrbio. A organização de nosso grupo em Minneapolis estava completamente no bom caminho.

Em Nova Iorque, como começamos a convocar atos mais regularmente, os stalinistas intensificaram seus intentos por interrompê-los. Um ato no Labor Temple foi desbaratado. Seu plano era entrar com tanta força que pudessem arrancar o orador da plataforma, envolver o ato e transformá-lo numa demonstração anti-trotskista. Não triunfaram em fazer isto porque nós tínhamos nossa guarda na plataforma equipada com os instrumentos necessários. Os stalinistas nunca alcançaram a plataforma porém lograram

começar enfrentamentos de vale-tudo e a polícia entrou à força e a manifestação terminou em desordem. Os stalinistas tentaram a mesma coisa uma segunda vez, porém foram derrotados e expulsos. As coisas realmente chegaram a um clímax quando os stalinistas tentaram pela última vez romper nossos atos, em um salão na costa oeste, onde nosso grupo húngaro ia reunir-se. Convidamos para uma celebração de 1º de maio de 1929 — a primavera depois de nossa expulsão. Olhando *The Militant* hoje, vi o anúncio do ato de 1º de maio no local dos companheiros húngaros e o lembrete de que estaria sob a proteção da Guarda de Defesa Operária. Esteve bem vigiado. Nossa estratégia era não deixar entrar os perturbadores. Nossos próprios camaradas, simpatizantes e todos aqueles que obviamente vinham celebrar o 1º de maio foram admitidos. Quando os stalinistas trataram de entrar à força encontraram a Guarda ao pé da escada e receberam golpes na cabeça até que decidiram que não podiam tomar de assalto essa escada. Tivemos um ato em paz.

Na sexta-feira seguinte, creio, os stalinistas decidiram ir à revanche sobre o grupo húngaro, por sua inabilidade para romper a manifestação de 1º de maio como estavam instruídos. Os camaradas húngaros haviam convocado uma reunião fechada — 8 ou 10 pessoas que quase ordinariamente planejavam a atividade da célula. Entre eles estava o veterano comunista, Louis Basky, um homem de uns 50 anos, e seu velho pai, um homem de cerca de 80 anos, que era um militante, partidário de seu filho e do movimento trotskista. Vários camaradas estavam ali. De repente o local foi invadido por um bando de canalhas stalinistas. Ingressaram e começaram a golpear homens e mulheres, incluindo o velho Basky. Nossos companheiros empunharam cadeiras e pés de cadeiras e se defenderam o melhor que puderam. Em um momento da sangrenta luta, um dos presentes, carpinteiro de profissão, que tinha uma das ferramentas no bolso, viu a dois desses canalhas batendo no velho. Tornou-se muito violento quando viu isso e se atirou sobre um deles. Levaram o assassino stalinista ao hospital. Esteve ali três semanas, os médicos não sabiam se ia poder escapar dessa ou não.

Isto pôs um limite aos ataques à nossas reuniões. Os stalinistas haviam levado as coisas quase que a uma terrível tragédia e ao escândalo do movimento comunista inteiro. Se convenceram de que nós não íamos renunciar a nosso direito de falar e reunir-nos, que levantaríamos e lutaríamos, que não podiam quebrar-nos. Depois houve só momentos de

violência isolada contra nós. Não ganhamos nossa livre expressão dos gangsters stalinistas por um gesto de coração de sua parte, senão pela defesa decidida e militante de nossos direitos.

Entretanto, ganhamos novos membros e simpatizantes por conta de que nossa luta pôs as coisas em seu lugar. Éramos só um punhado de gente, e todas as armas de calúnia e ostracismo e violência foram executadas contra nós. Porém, defendemos nosso território. Por um ou outro meio nosso jornal saía regularmente. Nos tornávamos mais fortes depois de cada batalha, isto nos trazia simpatia e apoio. Muita gente de esquerda de Nova Iorque, simpatizantes do PC e até alguns de seus membros, chegavam a vir nas nossas manifestações para ajudar a proteger-nos, no interesse da livre expressão. Eram atraídos por nossa luta, nossa coragem e nossa revolta contra os métodos dos stalinistas. Começavam a ler nossos materiais e a estudar nosso programa. Nós começamos a ganhá-los um por um, e fazer deles politicamente convertidos ao trotskismo. Portanto, podemos dizer, que os primeiros núcleos do trotskismo norte-americano foram recrutados sob o fogo de uma luta real. Semana a semana, mês a mês, construimos esses pequenos grupos em várias cidades, e imediatamente tivemos o esqueleto de uma organização nacional.

The Militant saía a cada duas semanas, como, não se podia contar agora. O fizemos com a ajuda de amigos leais. Por um ou outro meio o fizemos, ao custo de sacrifícios bastante duros. Porém, esses sacrifícios não eram nada comparado com a compensação intelectual e espiritual que decorria de termos impresso nosso jornal, expressar nossa mensagem e sentir que estávamos levando adiante, com dignidade, a grande missão que se havia posto sobre nós.

Em todo esse tempo não tivemos contato com o camarada Trotsky. Não sabíamos se estava vivo ou morto. Havia notícias de que estava doente. Nós nunca sustentamos a esperança de que chegaríamos a vê-lo ou ter contato direto com ele. Nossa única conexão com ele foi aquele documento que eu trouxe de Moscou, e outros documentos que recebemos mais tarde dos grupos europeus. Edição após edição de The Militant começamos a publicar, um atrás do outro, os vários documentos e teses da Oposição de Esquerda Russa, cobrindo todo o período desde 1924 até 1929. Rompemos o bloqueio contra as ideias de Trotsky e seus companheiros na Rússia.

Depois, no começo da primavera de 1929, uns poucos meses após nossa expulsão, a imprensa do mundo foi sacudida pelo anúncio de que Trotsky havia sido deportado da Rússia. Esse anúncio não dizia nada sobre para onde seria enviado. Dia após dia os jornais estiveram cheios de todo o tipo de histórias especulativas, porém não de informação sobre seu paradeiro. Isto continuou por uma semana ainda. Estávamos no ar, em suspenso, sem saber se Trotsky estava vivo ou morto, até que finalmente vieram as notícias de que havia sido deportado para a Turquia. Estabelecemos nosso primeiro contato com ele ali, na primavera de 1929, 4 ou 5 meses depois de havermos começado o movimento em seu nome e sobre a base de suas ideias. Escrevi-lhe uma carta; recebemos a resposta imediatamente. Depois, exceto pelo tempo que estive e livros na Noruega, até o dia da sua morte, nunca estivemos sem um contato muito íntimo com o fundador e inspirador de nosso movimento.

Em 15 de fevereiro de 1929, a menos de quatro meses de nossa expulsão, como o PC estava preparando sua convenção nacional, publicamos a “plataforma” de nossa fração — uma completa declaração de princípios e nossas posições sobre as questões atuais nacionais e internacionais. Comparando esta plataforma com as resoluções e teses que nós, como qualquer outra fração, costumávamos escrever na luta fracional nacional interna, se vê o abismo que separa quem adquiriu um ponto de vista teórico internacional daquelas mentes nacionais fracionistas, lutando numa área restrita. Nossa plataforma começava com nossa declaração de princípios em escala internacional, nossa visão das questões russas, nossa posição sobre as grandes questões teóricas que estavam no centro da luta no partido russo — a questão do socialismo num só país. A partir daí, nossa plataforma prosseguia com as questões nacionais, a questão sindical nos Estados Unidos, os detalhes dos problemas de organização do partido, etc. Pela primeira vez na prolongada batalha fracional no movimento comunista norte-americano entrava na arena um real documento marxista internacional. Este foi o resultado de haver aderido a Oposição de Esquerda Russa e a seu programa.

Imprimimos esta plataforma em *The Militant*, primeiro como nossa proposta à convenção do PC, porque mesmo expulsos, mantínhamos nossa posição de fração. Não disparamos do partido.

Não começamos um novo. Nos dirigíamos aos membros do partido e dizíamos: “Viemos deste partido, e este é nosso programa para a convenção do partido, nossa plataforma”. Naturalmente, não esperávamos que os burocratas nos permitissem defendê-lo na convenção. Tampouco esperávamos que o adotassem. Nos dirigíamos aos quadros e as fileiras do comunismo. Foi esta linha, esta técnica, que nos permitiu uma aproximação dos quadros e da base do PC. Quando Lovestone, Foster e companhia lhes diziam: “Estes companheiros, estes trotskistas são inimigos da Internacional Comunista; querem romper o partido”, nós podíamos mostrar-lhes que não era assim. Nossa resposta era: “Não, nós ainda somos membros do partido, e estamos submetendo uma plataforma ao partido que daria uma clara posição principista e uma melhor orientação”. Desta forma mantivemos nosso contato com os melhores elementos do partido. refutamos a calúnia de que éramos inimigos do comunismo e os convencemos de que nós mesmos éramos seus leais defensores. Por este meio primeiro ganhamos sua atenção e conseqüentemente recrutamos alguns deles, um por um, ao nosso grupo.

Em 19 de março, vejo em minhas anotações, convocamos um ato no Labor Temple para protestar contra a deportação de Trotsky da União Soviética. A altura da comoção mundial que havia criado esta notícia chamamos a um encontro de massas aqui no Labor Temple com Cannon, Abern e Shachtman anunciados como oradores. Protestamos contra esta infâmia e novamente declaramos em público nossa solidariedade com Trotsky.

Com data de 17 de maio de 1929, The Militant publicou o chamado para a primeira Conferência da Oposição de Esquerda dos Estados Unidos. A tarefa principal desta conferência, como a anunciamos no chamado e nos subseqüentes artigos pré-conferência, era adotar a plataforma. Esta plataforma, que Cannon, Abern e Shachtman haviam esboçado e submetido ao PC como um esquema, se transformou no esboço de plataforma para nossa organização, submetido a nossa primeira conferência.

Outra tarefa desta conferência foi clarificar às nossas fileiras nossa posição sobre a questão russa. Se vocês estudam a história do bolchevismo norte-americano desde 1917 até o presente, encontrarão que em cada conjuntura, em cada ocasião crítica, em cada giro dos fatos, a questão russa

é que dominava a disputa. Era a questão russa a que determinava a lealdade das pessoas, se era revolucionária ou reformista, desde 1917 até a ruptura no Partido Socialista em 1919. No momento da expulsão dos trotskistas em 1928; nas inumeráveis lutas que tivemos com várias frações e grupos no curso de nosso próprio desenvolvimento; até nossa briga com a oposição pequeno-burguesa no SWP em 1939 e 1940 — a questão que sobressaía era sempre a questão russa. Sempre era dominante porque a questão russa é a questão da revolução proletária. Não é um problema abstrato de uma futura revolução; é a questão da revolução em si, que tem lugar na atualidade e que vive. A atitude em relação aquela revolução hoje, como ontem, e como no começo, é o critério decisivo para determinar o caráter de um grupo político.

Tínhamos que clarificar esta questão em nossa primeira conferência, porque tão logo fomos expulsos e começamos a lutar contra a burocracia stalinista, todo o tipo de gente quis unir-se a nós com uma só pequena condição, que voltássemos as costas à União Soviética e ao PC construindo-nos como uma organização anti-comunista. Podíamos ter recrutado a centenas de membros nos primeiros dias, se houvéssemos aceito essa condição. Haviam outros que queriam abandonar a ideia de funcionar como uma fração do PC e proclamavam um movimento comunista completamente independente. A tarefa de nossa conferência era também clarificar este ponto. Devíamos começar um partido independente novo e renunciar a qualquer trabalho futuro no PC, ou devíamos continuar declarando-nos fração? Esta questão devia ser resolvida decisivamente.

Outro problema referido na primeira Conferência Nacional era a natureza e a forma de nossa organização nacional, e a eleição de nossa direção nacional. Até esse momento os “três generais” haviam funcionado como a direção simplesmente em virtude do fato de que eles haviam iniciado a luta. Isto era um bom e suficiente certificado para começar: aqueles que tomam a iniciativa se tornam líderes na ação por uma lei muito mais elevada que um referendun. Porém, isso não podia continuar indefinidamente. Reconhecíamos que era necessário ter uma conferência e eleger a direção do comitê. Fomos o suficientemente afortunados para receber a resposta do camarada Trotsky a nossa comunicação no momento da conferência. Sua resposta, assim como todas as suas cartas, todos os seus artigos, estavam impregnados de sabedoria política. Seus conselhos amistosos nos ajudaram a resolver nossos problemas.

The Militant anunciou que 31 delegados e 17 suplentes de 12 cidades foram à primeira conferência do trotskismo norte-americano, representando a um total em torno de 100 membros em todo o país. A conferência foi convocada para Chicago em maio de 1929. Como podem ver, pelos números que citei, quase todos os membros de nossa jovem organização vieram como delegados e suplentes para formar esta histórica conferência. Se encontrou um espírito de unidade, entusiasmo, e uma infinita confiança em nosso grande futuro. A primeira preparação que fizemos foi prática, proteger a conferência contra os cafajestes stalinistas. A delegação completa, umas 48 pessoas estava alistada no exército de auto-defesa. Se os stalinistas tivessem tentado interferir na conferência teriam recebido uma boa resposta por seus pecados. Porém, eles decidiram deixar-nos só e nós nos reunimos por dias em paz.

Permita-me repetir. Haviam 31 delegados e 17 suplentes de 12 cidades, representando aproximadamente 100 membros de nossa organização nacional. Nos chamamos de Liga Comunista da América, Oposição de Esquerda do PC.

Estávamos seguros que fazíamos o correto. Estávamos seguros que nosso programa era correto. Saímos daquela conferência convencidos de que todo o futuro desenvolvimento do movimento comunista regenerado na América do Norte, até o momento em que o proletariado tome o poder e comece a organizar a sociedade socialista, buscaria sua origem naquela primeira Conferência Nacional do Trotskismo Norte-Americano em Chicago, em maio de 1929.

Conferência V

Os Dias de Cão da Oposição de Esquerda

Nossa última conferência nos levou até a primeira Conferência Nacional da Oposição de Esquerda, em maio de 1929. Havíamos sobrevivido as dificuldades dos primeiros seis meses de nossa luta, conservado nossas forças em uma organização nacional, assentado uma direção eleita e definido mais precisamente nosso programa. Nossos quadros eram firmes, determinados. Eram pobres em recursos e muito poucos em número, porém, estávamos seguros que havíamos colocado as mãos sobre a verdade, e que finalmente triunfaríamos. Voltamos à Nova Iorque para começar o segundo passo da luta pela regeneração do comunismo norte-americano.

O destino de todo o grupo político — se vai servir ou degenerar e morrer — se decide em suas primeiras experiências pelo modo a que responde a duas questões decisivas.

A primeira é a adoção de um programa político correto. Contudo, isso só não garante a vitória. A segunda é que o grupo decida corretamente qual será a natureza de suas atividades, e que tarefas se deverá fixar, dado o tamanho e a capacidade do grupo, o período do desenvolvimento da luta de classes, a relação de forças no movimento político, etc.

Se o programa de um grupo político, especialmente de um pequeno, é falso, nada pode salvá-lo. É impossível blefar no movimento político como na guerra, a única diferença é que em tempos de guerra as coisas são levadas a um ponto em que cada debilidade é exposta quase imediatamente, como é demonstrado numa cena atrás da outra na guerra imperialista atual. Esta lei opera-se igualmente cruel na luta política. Os alardeios não fazem as coisas andarem. Aos píncaros! decidem alguns por um tempo, porém as principais vítimas da decepção, ao cabo, são os próprios alardeadores. Deve-se ter o que é correto. Quer dizer, se deve ter um programa correto para sobreviver e servir a causa dos trabalhadores.

Um exemplo do resultado fatal de uma atitude leviana para com o programa é o notório grupo de Lovestone. Alguns de vocês que são novos no movimento revolucionário podem não haver ouvido nunca de sua

fração, que um dia jogou um papel proeminente, mesmo que tenha desaparecido completamente de cena. Porém, naqueles dias as pessoas que constituíam o grupo de Lovestone eram os dirigentes do PC norte-americano. Eles levaram adiante nossa expulsão, e quando seis meses mais tarde eles foram expulsos, começaram com muito mais força e recursos que nós. Fizeram uma aparição mais imponente nos primeiros dias. Contudo, não tinham um programa correto e trataram de desenvolver outro. Pensavam que podiam enganar um pouco a história; que podiam colocar de lado os princípios e conservar unida uma grande força mediante compromissos na questão do programa. E eles o fizeram no primeiro tempo. Porém ao final, este grupo, rico em energias e habilidades, e com algumas pessoas muito talentosas, foi totalmente destruído na luta política, ignominiosamente dissolvido. Hoje, a maioria de seus líderes, todos eles, até onde eu sei, se somaram ao lado da guerra imperialista, servindo a fins absolutamente opostos àqueles que haviam proposto servir no começo de seu trabalho político. O programa é decisivo.

Por outro lado, se o grupo interpreta mal as tarefas fixadas para ele pelas condições da época, se não sabe como responder a mais importante das questões políticas, quer dizer, a questão do que fazer, então o grupo, não importa qual tenham sido seus méritos, podem cair em esforços mal dirigidos e atividades fúteis, e passar muito mal.

Então, como disse em minhas palavras de abertura, nosso destino estava determinado naqueles primeiros dias pela resposta que demos a questão do programa e ao modo como analisamos as tarefas da época. Nosso mérito, como nova força surgida no movimento operário norte-americano — o mérito que assegura o progresso, a estabilidade e o futuro desenvolvimento do grupo — consistiu nisso de termos dado respostas corretas a ambas as questões.

A conferência não levou em consideração todas as questões propostas pelas condições políticas do momento. Adotou somente as mais importantes, ou seja, aquelas que deviam ser respondidas primeiro. E a primeira delas era a questão russa, a questão da revolução existente. Como frisei na conferência anterior, já desde 1917 se há demonstrado mais e mais que a questão russa é a pedra de toque para toda a corrente política do movimento operário. Aqueles que tomam uma posição incorreta sobre a questão russa deixam o campo revolucionário cedo ou tarde.

A questão russa há sido elucidada inúmeras vezes em artigos, folhetos e livros. Contudo, a cada giro importante dos fatos reaparece novamente. Como em 1939 e 1940, que tivemos que nos confrontar novamente sobre a questão russa com uma corrente pequeno-burguesa em nosso próprio movimento. Aqueles que queiram estudar a questão russa em toda a sua profundidade, toda a sua agudeza, e toda a sua urgência podem encontrar abundante material na literatura da IV Internacional. Por isso não tenho a necessidade de elucidá-la em detalhes esta noite. Simplesmente a reduzo a seus aspectos essenciais e digo que a questão que nos confrontava em nossa primeira convenção era se devíamos seguir apoiando ao estado soviético, a União Soviética, independente do fato de que sua direção havia caído nas mãos de uma casta conservadora e burocrática. Havia gente naqueles dias que chamava e se considerava revolucionária, que havia rompido com o PC, ou sido expulsa dele, e queria dar as costas completamente à União Soviética e aquilo que restava da revolução russa e começar fazendo rascunhos e conta nova, com um partido anti-soviético. Nós rechaçamos este programa e a todos aqueles que o queriam impor. Podíamos ter tido muitos membros naqueles dias se tivéssemos nos comprometido com esses fundamentos. Tomamos uma firme posição de apoiar a União Soviética; de não dar-lhe as costas, e sim de tentar reformá-la por meio dos instrumentos do partido e da Comintern.

No curso dos acontecimentos se provou que todos aqueles que, seja por impaciência, ignorância ou subjetivismo — não importa qual a causa — prematuramente anunciaram a morte da revolução russa, estavam anunciando na realidade sua própria morte como revolucionários. Todos e cada um destes grupos e tendências degeneraram, tornaram-se distantes das bases reais, de lado, e em muitos casos se foram para dentro do campo da burguesia. Nossa saúde política, nossa vitalidade revolucionária, estava resguardada, antes de tudo pela atitude correta que tomamos em relação a União Soviética, apesar dos crimes que haviam sido cometidos, incluídos aqueles contra nós, pelos indivíduos que estavam no controle da administração da União Soviética.

A questão sindical tinha depois desta uma extraordinária importância, como sempre. Nesse momento estava particularmente agudizada. A Internacional Comunista, e os partidos comunistas sob sua direção e controle, depois de um longo experimento com as alas direitas com políticas oportunistas, haviam dado um giro à esquerda, ao ultra-

esquerdismo — uma característica do centrismo burocrático da fração de Stálin. Tendo perdido o compasso marxista, se distinguiam por uma tendência em saltar da extrema direita à extrema esquerda e vice-versa. Haviam seguido uma larga experiência com as políticas da ala direita na União Soviética, conciliando com os Kulaks e os homens da NEP, até que a União Soviética e com ela a burocracia chegou a beira do desastre. Na arena internacional políticas similares levavam a resultados similares. Em decorrência disso, e sob a implacável crítica da Oposição de Esquerda, introduziram uma correção ultra-esquerdista em toda a linha. Sobre a questão sindical oscilavam ao redor da posição de deixar os sindicatos estabelecidos, incluindo a American Federation of Labor (Federação Americana dos Trabalhadores), e começar um novo movimento sindical sob o controle do PC. A política insana de “Sindicatos Vermelhos” colocou-se na ordem do dia.

Nossa primeira Conferência Nacional tomou uma firme posição contra aquela política, e se declarou a favor de operar dentro do movimento de trabalhadores existentes, confinando o sindicalismo independente ao campo não organizado. Atacamos cruelmente o reviver do sectarismo contido na teoria de um novo movimento sindical “comunista” criado por meios artificiais. Por esta posição, pela correção de nossa política sindical, nos asseguramos que quando chegasse o tempo para nós de ter algum acesso ao movimento de massas saberíamos o caminho mais curto em direção a ele. Fatos posteriores confirmaram a correção de nossa política sindical adotada em nossa primeira conferência e consistentemente mantida depois.

A terceira questão que devíamos responder era se criaríamos um novo partido independente, ou continuaríamos nos considerando uma fração do existente PC e da Comintern. De novo estávamos acossados por pessoas que pensavam que eram de esquerda, ex-membros do PC que se haviam tornado completamente ácidos e queriam “atirar fora a água suja com a criança dentro”, sindicalistas e elementos ultra-esquerdistas que, em seu antagonismo com o PC, estavam dispostos a realizar acordos com qualquer pessoa que estivesse disposta a criar um partido em oposição a ele. Também em nossas próprias fileiras havia umas poucas pessoas que reagiram subjetivamente ante as expulsões burocráticas, as calúnias, a violência e o ostracismo empregado contra nós. Eles também queriam renunciar ao PC e começar um novo partido. Isto tinha uma atração

superficial. Porém nós resistimos, rechaçamos aquela ideia. Aqueles que super-simplificavam a questão ousavam dizer-nos: “Como podem ser uma fração de um partido quando estão expulsos do mesmo?”

Nós explicamos: isto é uma questão de valorar corretamente os membros do PC e de encontrar a melhor tática para aproximarmos deles. Se o PC e seus membros haviam degenerado apesar de toda a lamentação, e se um grupo mais progressivo de trabalhadores existe (seja atualmente ou potencialmente por razão da direção na qual se move o grupo) fora do qual podemos criar um novo e melhor partido — então o argumento por um partido novo é correto. Porém, dizíamos, não vemos um grupo assim em parte alguma. Não vemos nada realmente progressivo, nenhuma militância, nenhuma real inteligência política em todas essas diversas oposições, individuais ou tendências. São todos críticos conjunturais e sectários. A real vanguarda do proletariado consiste naquelas dezenas de milhares de trabalhadores que têm sido despertadas pela revolução russa. Ainda são leais à Comintern e ao PC. Não têm seguido atentamente o processo gradual de degeneração. É impossível conseguir uma audiência entre essa gente, se não nos colocamos no terreno do partido, e fazemos o possível não por destruí-lo, e sim por reformá-lo exigindo a readmissão ao partido com direitos democráticos.

Resolvemos aquele problema corretamente, declarando-nos uma fração do partido e da Comintern. Chamamos a nossa organização de A Liga Comunista da América (Oposição), para indicar que não éramos outro partido senão simplesmente uma fração opositora do velho partido. A experiência demonstrou suficientemente a correção desta decisão. Por meio de seguir sendo partidários do PC e da Internacional Comunista, opondo-nos à direção burocrática, apreciando corretamente os quadros e a base como estávamos fazendo neste momento, e buscando contato com eles, continuamos ganhando novos adeptos nas fileiras dos trabalhadores comunistas.

Separado de nossa decisão de formar, nesse momento, uma fração e não um novo partido, circulava outra importante e problemática questão que foi debatida e disputada por um longo tempo de cinco anos em nosso movimento — desde 1928 até 1933. Essa questão era: Que tarefa concreta deveríamos fixar para um grupo de 100 pessoas esparramadas pela ampla extensão deste vasto país? Se nos constituíssemos como um partido

independente, devíamos apelar diretamente à classe operária, dar as costas ao degenerado PC, e embarcarmos em uma série de esforços e atividades no movimento de massas. Por outro lado, se não fossemos um partido independente e sim uma fração, deveríamos dirigir nossos maiores esforços, apelos e atividades, não à massa de 40 milhões de operários norte-americanos, e sim à vanguarda da classe organizada em torno do PC. Vocês vêm como estas duas questões empalmam. Em política — e não só em política — uma vez que se diz “A” não se deve dizer “B”. Devíamos ou bem girar nossa cara para o PC, ou para longe do PC, em direção as massas não desenvolvidas, desorganizadas e deseducadas. Não se pode comer a torta e também guardá-la.

O problema era entender a atual situação, o grau de desenvolvimento até o momento. Por certo, se deve encontrar um caminho até as massas para criar um partido que possa dirigir a revolução. Contudo, o caminho para as massas passa através de sua vanguarda e não sobre sua cabeça. Isto não era entendido por muita gente. Pensavam que podiam saltar aos operários comunistas, colocar-se dentro, no meio do movimento e encontrar ali aos melhores candidatos para o grupo mais avançado, mais desenvolvido teoricamente do mundo, quer dizer, a Oposição de Esquerda que era a vanguarda da vanguarda. Essa concepção era errônea, produto da impaciência e do fracasso para pensar as coisas. Em vez disto, nós fixamos como principal tarefa a propaganda e não a agitação.

Nós dissemos: nossa primeira tarefa é tornar conhecidos os princípios da Oposição de Esquerda na vanguarda. Não deixar-nos diluir pela ideia de que podemos ir agora até a grande massa analfabeta. Primeiro devemos ganhar o que há de ganhável, em um grupo de vanguarda consistente em algumas dezenas de milhares de membros e simpatizantes do PC, e cristalizar a partir deles os quadros, seja para reformar o partido, ou, se depois de um sério esforço ao fim fracassado — e só quando o fracasso é demonstrado conclusivamente — para construir um novo com as forças recrutadas neste empenho. Só desta maneira é possível para nós reconstruir o partido no real sentido da palavra.

Neste momento apareceria no horizonte uma figura que provavelmente também seja estranha para muitos de vocês, porém que naqueles dias fez um tremendo barulho. Albert Weisbord havia sido um membro do PC e havia sido expulso por volta de 1929 por críticas, ou por outra razão

qualquer — nunca ficou bastante claro. Depois de sua expulsão resolveu fazer alguns estudos. Frequentemente ocorre, vocês sabem, que quando alguém recebe um duro golpe começa a perguntar a causa do mesmo. Weisbord emergiu de imediato de seus estudos para anunciar-se como trotskista; não 50% trotskista como éramos nós, e sim um real, genuíno, 100% trotskista, cuja missão na vida era dirigir-nos corretamente.

Sua revelação foi: os trotskistas não devem ser um círculo de propaganda, senão que devem ir diretamente a “massa trabalhadora”. Esta concepção devia levá-lo logicamente à proposta de formar um partido novo, porém não podia fazer isso convenientemente porque não tinha nenhum membro. Devia aplicar a tática de ir primeiro à vanguarda — quer dizer sobre nós. Com uns poucos amigos pessoais e outros, começou uma enérgica campanha de “sondar” por dentro e “golpear por fora” ao pequeno grupo de 25 ou 30 pessoas que tínhamos organizado naquele momento na cidade de Nova Iorque. Enquanto nós proclamávamos a necessidade de propagandear aos membros e simpatizantes do PC como um caminho em direção ao movimento de massas, Weisbord proclamava um programa de atividades de massa não a estas, nem sequer ao PC, senão a nosso pequeno grupo trotskista. Ele estava em desacordo conosco em todas as questões e nos denunciava como falsos representantes do trotskismo. Quando dizíamos sim ele dizia positivamente sim. Quando dizíamos não ele elevava a oferta. Quando dizíamos “Liga Comunista da América”, ele chamava a seu grupo “Liga Comunista de Combate” para fazer mais forte. O coração e o centro da disputa com Weisbord era a questão da natureza de nossa atividade. Ele estava impaciente por saltar dentro da massa trabalhadora por cima da cabeça do PC. Nós rechaçamos este programa e ele nos denunciou com um denso boletim mimeografado, um atrás do outro.

Alguns de vocês possivelmente tenham a ambição de fazerem-se historiadores do movimento, ou ao menos estudiosos da história do movimento. Se é assim, estas minhas conferências informais podem servir como um guia para um futuro estudo das questões mais importantes e dos pontos de mudanças. Não há escassez de literatura. Se a escavam encontrarão literalmente fardos de boletins mimeografados dedicados à crítica e à denúncia a nosso movimento — e especialmente a mim, por algumas razões. Este tipo de coisas hão ocorrido tão frequentemente que ao longo do tempo aprendi a aceitá-la como uma questão corrente. Quando qualquer pessoa se tornava louca em nosso movimento começava a

denunciar-me com a maior força de sua voz, sem nenhum tipo de provocação de qualquer ordem de minha parte. Weisbord nos denunciou, particularmente a mim, porém nós o combatemos. Conservamos nosso rumo.

Havia gente impaciente entre nossos quadros que pensou que a prescrição de Weisbord podia ser um bom intento, um caminho para um pobre pequeno grupo para fazer-se rico rapidamente. É muito fácil isolar as pessoas reunidas juntas numa pequena casa, a menos que conservem o sentido da proporção, da saúde e do realismo. Alguns de nossos camaradas, inconformados com nosso lento crescimento, foram atraídos pela ideia de que necessitávamos só um programa para o trabalho entre as massas, para ir até ela e ganhá-las. Este sentimento cresceu e se estendeu ao ponto que Weisbord criou uma pequena fração dentro de nossa organização. Nos vimos obrigados a convocar um ato aberto para a discussão. Admitimos a Weisbord, que não era um membro formal, e lhe demos o direito a palavra. Debates a questão com muita força e tenacidade. Consequentemente isolamos a Weisbord. Ele nunca envolveu mais de 13 membros em seu grupo em Nova Iorque. Este pequeno grupo atravessou uma série de expulsões e fraturas e posteriormente desapareceu de cena.

Consumimos uma enorme quantidade de tempo e energia debatendo e combatendo por esta questão. E não só com Weisbord. Naqueles dias estávamos continuamente açoitados pela impaciência das pessoas em nossas próprias fileiras. As dificuldades do momento nos pressionavam fortemente. Semana após semana e mês após mês parecia haver ganho duramente uma polegada. Se instalou a desmoralização e com ela a demanda por algum esquema para crescer mais rápido, alguma fórmula mágica. Brigamos, discutimos e mantivemos nosso grupo na linha correta, conservamos a cara voltada a única fonte possível para um crescimento saudável: as fileiras dos operários comunistas que ainda permaneciam sob a influência do PC. O “giro à esquerda” do stalinismo amontoou novas dificuldades para nós. Este giro foi em parte desenhado por Stálin para tirar o chão de debaixo dos pés da Oposição de Esquerda, para parecer que os stalinistas eram mais radicais que a Oposição de Esquerda de Trotsky. Expulsaram aos lovestonistas do partido como “alas direitas”, e inverteram a direção do partido para Foster e companhia, e proclamaram uma política de esquerda. Através desta manobra nos acertaram um golpe devastador. Aqueles elementos descontentes no partido, que haviam se inclinado para

nós e que haviam se oposto ao oportunismo do grupo de Lovestone, se reconciliaram com o partido. Diziam-nos: “Vocês veem, estão equivocados. Stálin tem razão em todas as coisas. Está tomando uma posição de esquerda em toda a linha na Rússia, América do Norte e em todas as partes”. Na Rússia, a burocracia stalinista declarou a guerra aos kulaks. Ao redor do mundo se estava puxando o chão de debaixo dos pés da Oposição de Esquerda. Aconteceram na Rússia uma série de capitulações. Radek e outros abandonaram a luta com a justificativa de que Stálin havia adotado a política da Oposição. Houve, eu diria, centenas de membros do PC, que haviam se voltado para nós, que adquiriram a mesma impressão e retornaram ao stalinismo no período de giro à ultra-esquerda.

Aqueles foram os verdadeiros dias de cão da Oposição de Esquerda. Havíamos passado os primeiros seis meses com um progresso bastante firme e formamos nossa organização nacional na conferência com altas expectativas. Depois o recrutamento dos membros do partido se estancou imediatamente. Em seguida a expulsão dos lovestonistas, um sinal de ilusão brilhou no PC. A reconciliação com o stalinismo voltou a ordem do dia. Estávamos encurralados. E depois começou o grande ruído do Plano Quinquenal. Os membros do PC estavam acesos de entusiasmo pelo Plano Quinquenal pelo qual a Oposição de Esquerda se originou e reivindicou. O pânico nos Estados Unidos, a “depressão”, causou uma grande onda de desilusão com o capitalismo. O PC naquela situação apareceu como força mais radical e revolucionária no país. O partido começou a crescer, a engordar suas fileiras e a atrair simpatizantes para seu rebanho.

Nós, com nossas críticas e explicações teóricas, aparecíamos ante os olhos de todos como um grupo sem sentido, impertinentes e teimosos. Nós seguíamos cuidando de fazer-lhes entender que a teoria do socialismo em um só país é fatal para o movimento revolucionário; que devíamos esclarecer esta questão da teoria a qualquer custo. Enamorados pelos primeiros resultados do Plano Quinquenal, restava procurar-nos e dizer-nos, “Esta gente está louca, não vivem neste mundo”. Ao tempo em que dezenas e centenas de milhares de novos elementos começavam a olhar para a União Soviética, saindo adiante com o Plano Quinquenal, e o capitalismo parecia entrar pelo cano, aqui estão os trotskistas, com seus documentos debaixo do braço, exigindo que vocês leiam seus livros, estudem, discutam, etc. Ninguém queria escutar-nos.

Naqueles dias de cão para o movimento fomos isolados de todo o contato. Não tínhamos amigos, nem simpatizantes, nem periferia em torno do movimento. Não tínhamos nenhuma oportunidade para participar do movimento de massas. Toda vez que tentávamos entrar numa organização operária éramos expulsos como trotskistas contra-revolucionários. Tentamos enviar delegações aos encontros de desempregados. Nossas credenciais eram rechaçadas com o argumento de que éramos inimigos da classe operária. Estávamos completamente isolados, atirados sobre nós mesmos. Nosso recrutamento caiu a quase nada. O PC e sua vasta periferia pareciam hermeticamente fechados contra nós.

Depois, como sempre é o caso com um movimento político novo, começamos a recrutar de fontes não muito saudáveis. Se vocês se veem sempre reduzidos a um pequeno punhado, como podem ser os marxistas nas mutações da luta de classes, se as coisas vão mal uma vez mais e devem começar de novo, então lhes vou contar, como advertência, algumas dores de cabeça que vão ter. Todo o novo movimento atrai certos elementos que podiam ser chamados apropriadamente de lunáticos marginais. Sempre exóticos, buscam a mais extrema expressão do radicalismo, de distúrbios, de bate-bocas, opositoristas crônicos que foram expulsos de meia dezena de organizações — gente como essa começou a vir até nós em nosso isolamento, gritando, “Olá, camaradas”. Eu sempre estive contra admitir esta gente, porém a pressão era muito forte. Eu entrei em uma pequena disputa na zona de Nova Iorque da Liga Comunista contra a admissão de um homem como membro sobre a base exclusiva de sua aparência e vestimenta.

Me perguntaram: “Que tem você contra ele?”

Eu disse, “Ele veste um traje de esquisito de cima a baixo, estilo Greenwich Village, com um bigode engraçado e barba grande. Há algo mal neste rapaz”.

Eu não estava fazendo uma brincadeira. Disse: gente deste tipo não vai ser apropriada para chegar-se ao operário norte-americano comum. Vão marcar nossa organização como algo extravagante, anormal, exótico; algo que não tem nada que ver com a vida normal do operário norte-americano. Eu tinha razão em geral, e neste caso em particular. Nosso rapaz em trajes extravagantes, depois de criar todo o tipo de problemas na organização se tornou um oehlerista.

Muita gente que vinha a nós havia se voltado contra o PC não por seu lado mal, mas sim por seus aspectos bons: a subordinação dos indivíduos as decisões do partido no trabalho em curso. Uma grande quantidade de pequenos-burgueses diletantes que não podiam suportar qualquer forma de disciplina, que haviam abandonado o PC ou haviam sido expulsos dele, queriam, ou melhor pensavam que queriam, fazer-se trotskistas. Alguns deles se uniram a célula de Nova Iorque e trouxeram com eles aquele mesmo prejuízo contra a disciplina à nossa organização. Muitos dos novos faziam um fetiche da democracia. Foram tão repelidos pelo burocratismo do PC, que eles desejavam uma organização sem autoridade, disciplina, ou centralização alguma.

Todos deste tipo têm uma característica em comum: gostam de discutir coisas sem limite ou fim. A célula de Nova Iorque do movimento trotskista naqueles dias era um contínuo caldeirão de discussão. Nunca encontrei um só destes elementos que não se expressasse bem. No entanto, se precisasse de algum deles nunca se encontravam. Todos sabiam falar, e não somente porque podiam mas sobretudo porque queriam isso eternamente. Eram iconoclastas que não aceitavam nada como autoridade, como decidido na história do movimento. Tudo e todos tinham que ser provados novamente desde o engatinhar.

Separados, por um muro, da vanguarda representada pelo movimento comunista e sem contato com o movimento vivo das massas trabalhadoras, fomos empurrados por nós mesmos a essa invasão. Não havia outro caminho fora desse. Devíamos atravessar um longo período de ansiedade e discussão. Eu tive de engolir, e essa é a razão de tantos cabelos brancos. Nunca fui um sectário nem um irracional. Porém, nunca tive paciência com aqueles que se equivocavam com a eloquência como a qualidade de um dirigente político. Contudo, eu não podia deixar este grupo penosamente bloqueado. Este pequeno e frágil núcleo do futuro partido revolucionário devia manter-se junto. Tive que passar por esta experiência. Como acabou sendo, sobrevivi. Se deve ter paciência na busca do futuro; é por isso que nós escutamos aos faladores. Não era fácil. Pensei muitas vezes que, apesar de minha incredulidade, havia algo certo no que eles diziam sobre o mundo que viria, e eu seria bem recompensado — não pelo que fiz e sim pelo que tive que escutar.

Aquele foi o tempo mais duro. E depois, naturalmente, o movimento deslizou dentro de seu período inevitável de dificuldades internas, fricções e conflitos. Tínhamos disputas ferozes e pequenas, muito frequentemente sobre minúsculas coisas. Havia razão para isso. Nenhum movimento pequeno e isolado foi capaz de escapar disso. Um pequeno grupo se move sobre si mesmo, com o peso do mundo inteiro pressionando sobre ele, não tendo nenhum contato com o movimento das massas operárias e sem obter nenhuma correção dele, está condenado, no melhor dos casos a ter um tempo duro. Nossas dificuldades estavam incrementadas pelo fato de que muitos adeptos não eram material de primeira classe. Muitas das pessoas que se uniram a célula de Nova Iorque não estavam ali realmente por justiça. Não eram do tipo que, a longo prazo, pudessem construir um movimento revolucionário — elementos diletantes, pequenos-burgueses, indisciplinados.

E logo, a eterna pobreza do movimento. Estávamos tentando publicar um periódico, estávamos tentando publicar uma série completa de panfletos sem os recursos necessários. Cada centavo que ganhávamos era devorado imediatamente pelos gastos do jornal. Não tínhamos nem uma moeda de cinco centavos para trocar. Aqueles foram os dias de real pressão, os duros dias de isolamento, de pobreza, de desencorajadoras dificuldades internas. Isto durou não por semanas mas sim por anos. E sob estas condições adversas, que persistiram por anos, qualquer coisa débil de qualquer indivíduo era pressionado a sair à superfície; tudo coisa insignificante, egoísta e desleal. Eu me havia relacionado com alguns destes indivíduos antes, nos dias que o clima era favorável. Agora vinha a conhecê-los em seu sangue e seus ossos. Também nesses dias terríveis aprendi a conhecer Ben Weebster e aos homens de Minneapolis. Eles sempre me apoiaram, nunca me faltaram, sempre me estenderam a mão.

O movimento maior, com seu magnífico programa de libertação da humanidade, com as mais grandiosas perspectivas históricas, estava inundado nestes dias por um mar de problemas insignificantes, inquietações, formação de “panelinhas” e lutas internas. O pior de tudo é que estas lutas fracionais não eram totalmente compreensíveis para a militância porque as grandes questões políticas implícitas nelas ainda não haviam aparecido. No entanto, não eram meras disputas pessoais, como frequentemente pareciam ser, e sim, como é agora mais claro para todos, o

ensaio prematuro de uma grande luta definitiva em 1939-1940 entre as tendências proletárias e pequeno-burguesas dentro de nosso movimento.

Aqueles foram os dias mais duros de todos os 30 anos que tenho estado ativo no movimento — aqueles dias desde a Conferência de 1929 em Chicago até 1933. O ano do hermético, terrível, fechado isolamento com todas as dificuldades concomitantes. O isolamento é o habitat natural para um sectário, porém, para quem tem um instinto para o movimento de massa é o mais cruel dos castigos.

Aqueles foram os dias duros, mais apesar de tudo levamos em frente nossas tarefas de propaganda e de conjunto as fizemos bastante bem. Na Conferência de Chicago tínhamos decidido que a qualquer custo íamos publicar a mensagem completa da Oposição Russa, todos os documentos acumulados, que haviam sido suprimidos, e os escritos recentes de Trotsky, que eram muito úteis para nós. Decidimos que a coisa mais revolucionária que podíamos fazer não era sair por aí a fora a proclamar a revolução na Union Square, tampouco tratar de nos pôr à cabeça de dezenas de milhares de operários que não nos conheciam, nem saltar sobre nossas próprias cabeças.

Nossa tarefa, nossa obrigação revolucionária, era imprimir, fazer propaganda no sentido mais estrito e concentrado, ou seja, publicação e distribuição de literatura teórica. Para este fim empobrecemos nossos membros para juntar dinheiro para comprar uma impressora de linotipo de segunda-mão e organizar nosso próprio negócio de impressão. De todos os negócios de empresas que foram idealizados na história do capitalismo, penso que este é o melhor, considerando os meios disponíveis. Se não houvéssemos estado interessado na revolução penso que teríamos nos qualificado facilmente, só sobre a base desta empresa, como muito bons especialistas em negócios. Certamente fizemos todo o tipo de manobras para conservar este negócio andando. Contratamos um camarada jovem, que recentemente havia terminado a escola de linotipia, para operar a máquina. Não era um mecânico de primeira classe na época; agora ele não só é um bom mecânico mas também um dirigente partidário e um professor do staff da Escola de Ciências Sociais de Nova Iorque. Naqueles dias o peso completo da propaganda do partido apoiava-se sobre este solitário camarada que manejava a máquina de linotipia. Há uma história sobre ele — eu não sei se é verdade ou não — de que nunca soube muito sobre a

máquina. Era uma máquina arruinada, de segunda-mão, que nos havia sido empurrada. A qualquer momento parava de trabalhar, como uma mula cansada. Charlie a ajustava com umas poucas chaves e se isto não ajudava, tomava um martelo e dava no linotipo uma ou duas marteladas. Depois começava a trabalhar de maneira apropriada de novo e outra impressão do *The Militant* saía.

Mais tarde, tivemos impressores amadores. Em volta da célula de Nova Iorque, trabalhavam na imprensa, em um momento ou outro — pintores, pedreiros, trabalhadores texteis, contadores — todos eles serviram como amadores. Com um negócio muito ineficiente e sobrecarregado, estabelecemos certos resultados através de trabalho gratuito. Esse era o único segredo da planta de impressão trotskista. Não era eficiente desde outro ponto de vista, porém, seguia andando pelo segredo que todo o amo de escravos sabe desde o Faraó, que se tem-se escravos não necessita-se de muito dinheiro. Nós não tínhamos escravos mas tínhamos ardentes e devotos camaradas que trabalhavam dia e noite por nada, na máquina como no trabalho editorial. Estávamos curtos de dinheiro. Todas as contas estavam sempre vencidas e não pagas, com os credores pressionando para o pagamento imediato. Tão logo era saldada a conta de papel tínhamos de pagar o aluguel do edifício sob a ameaça de despejo. A conta do gás tinha que ser paga com apuro porque sem gás o linotipo não trabalharia. A conta de luz tinha que ser paga porque o negócio não podia operar sem energia e luz. Todas as contas deviam ser pagas, tivéssemos o dinheiro ou não. O que podíamos esperar era cobrir a renda, o custo do papel, gastos de instalação e reparação do linotipo e as contas de gás e luz. Algumas vezes houve algo submetido a “papagaios” — não só para os camaradas que trabalhavam na imprensa, mas também para os dirigentes de nosso movimento.

Foram feitos grandes sacrifícios pelos quadros e militantes todo o tempo, mas nunca tão grandes como os sacrifícios feitos pelos dirigentes. É por isso que os dirigentes do movimento tiveram sempre uma forte autoridade moral. Os dirigentes de nosso partido estavam sempre prontos aos sacrifícios porque eles davam o exemplo e todos sabiam disso.

Conferência VI

A Ruptura com a Comintern

Tivemos até agora cinco conferências neste curso. Com a quinta conferência na semana passada, como vocês recordarão, cobrimos os 4 primeiros anos da Oposição de esquerda, A Liga Comunista da América — 1928 a 1932. Essa foi a época, como afirmei na semana passada, do mais terrível isolamento e das maiores dificuldades para nosso movimento.

Na semana enfatizei, aliás super-enfatizei, os aspectos negativos do movimento naquele período: a paralisia, a pobreza de forças e de meios materiais, as inevitáveis dificuldades internas inerentes a esse tipo de circunstâncias, e os lunáticos extravagantes que nos pestiavam como pesteiam a todo o novo movimento de esquerda. Esse isolamento, junto com seus males, foi imposto a nós por fatores objetivos, fora de nosso controle. Não podíamos preveni-los, nem com os maiores esforços, a melhor vontade. Era a condição da época. O mais importante desses fatores que tornava quase que absoluto nosso isolamento era o ressurgimento do movimento stalinista como resultado da crise de todos os países burgueses, ao mesmo tempo em que a União Soviética avançava sob o primeiro Plano Quinquenal de Industrialização. O prestígio crescente da URSS, e do stalinismo que parecia ser seu legítimo representante aos olhos das pessoas acríicas — e as grandes massas são acríicas — faziam nosso movimento oposicionista aparecer como algo bizarro, irrealista. Junto com isso, havia uma grande imobilidade no movimento operário em geral. Não haviam greves. Os operários estavam quietos. Não estavam interessados em nenhuma ação naquele momento. Tudo isso atuava contra nosso pequeno grupo empurrando-o a um rincão.

Nossa tarefa nessa época difícil era manter-nos, clarificar as grandes questões, educar a nossos quadros preparando-nos para o futuro quando as condições objetivas abrissem as possibilidades para a expansão do movimento. Nossa tarefa era também provar até o fim as possibilidades de reformar aos Partidos Comunistas e a Internacional Comunista, que nesse momento havia englobado praticamente a todos os operários de vanguarda neste país e no mundo todo. Os acontecimentos que começaram a estalar em todo o mundo na primeira parte de 1933 mostraram que havíamos

triunfado magnificamente em nossa tarefa principal. Quando as coisas começaram a mover-se, quando as oportunidades vieram romper nosso isolamento, estávamos prontos. Não perdemos tempo para aproveitar as oportunidades que se nos apresentavam no começo de 1933, e especialmente em 1934.

Nosso movimento havia sido educado em uma grande escola sob a direção e a inspiração do camarada Trotsky, a escola do internacionalismo. Nossos quadros haviam sido forjados tanto no calor do estudo como nas disputas sobre as grandes questões mundiais.

A grande debilidade do movimento comunista norte-americano no passado, como já mencionei em conferências anteriores, era sua estreiteza nacionalista, não na teoria e sim na prática, sua ignorância dos fatos internacionais e sua apatia para com eles; sua carência de uma instrução real e de interesse sério na teoria. Esses erros foram corrigidos em nosso jovem movimento. Educamos a um grupo de pessoas que agia em todas estas questões a partir das considerações fundamentais da teoria, a partir da experiência internacional, e aprendia a analisar os acontecimentos mundiais. Os mistérios do problema russo foram resolvidos por nosso movimento. Em artigo após artigo, folheto após folheto, livro após livro, o camarada Trotsky abria para nós uma visão internacional de todas as questões. Nos deu uma clara explicação das complexidades de um estado operário durante um cerco capitalista, um estado operário degenerado e dirigido por uma burocracia retrógrada, mas que ainda mantinha suas bases fundamentais.

A Alemanha já estava se transformando no centro do problema mundial. Trotsky já em 1931 escreveu um folheto que se chamava “Alemanha, a chave da situação internacional”. Antes que ninguém percebesse a ameaça crescente do fascismo e a inevitabilidade de um enfrentamento fundamental entre fascismo e comunismo. Antes que ninguém, e mais claramente que nenhum outro, analisou o que se avizinhava na Alemanha. Nos educou para uma compreensão disto e tentou preparar o Partido Comunista Alemão e aos operários alemães para essa prova fatal.

A revolução espanhola, que explodiu em dezembro de 1930, também foi estudada e compreendida por nosso jovem movimento, com a assistência dos escritos teóricos e as interpretações do camarada Trotsky.

Usamos o tempo nesses dias de isolamento para estudar a questão chinesa. Eu mencionei na semana passada que durante esse difícil período nosso movimento, apesar de toda a sua pobreza e debilidade publicou um livro “Problemas da Revolução Chinesa”. Esse livro continha teses censuradas, artigos e exposições da Oposição Russa, escritos nos dias decisivos da Revolução Chinesa de 1925, 1926 e 1927. Essa grande batalha histórica mundial se havia desenvolvido, se poderia dizer, às costas dos cegos membros da Comintern, para quem não havia sido permitido conhecer os que os grandes mestres do marxismo na Oposição de Esquerda Russa tinham para dizer acerca dos acontecimentos. Publicamos os documentos censurados. Nossos camaradas foram educados nos problemas da revolução chinesa. Isso foi uma das razões importantes — de fato, é a razão importante do porque nosso partido tem uma clara e firme posição sobre a questão colonial hoje; porque não perdemos a cabeça com a defesa da China e a luta de independência da Índia. O significado que este grande levante dos povos asiáticos tem para a revolução proletária internacional é entendido claramente por nosso partido. Essa é parte de sua herança daqueles dias de isolamento e estudo.

Na primavera de 1933 começamos a intervir mais ativamente no movimento operário. Depois de uma longa preparação propagandística, começamos nosso giro para um trabalho de massas. Já lhes contei sobre a disputa que tivemos em nossa organização com alguns impacientes que queriam começar com um trabalho de massas, deixando para o futuro a educação de nossos quadros, a definição de nosso programa e nosso trabalho propagandístico. Isso era pôr as coisas de perna para cima. Em primeiro lugar elaboramos nosso programa, formamos nossos quadros, fizemos nosso trabalho propagandístico preliminar. Depois, quando se apresentaram as oportunidades para a atividade no movimento operário estávamos prontos para dar à nossa atividade um objetivo. Não embarcamos na atividade somente pela atividade em si, o que um dia foi descrito como um movimento para lugar nenhum. Estávamos preparados para ingressar no movimento de massas com um programa definido e com métodos calculados para chegar ao máximo resultado para o movimento revolucionário com a mínima quantidade de atividade requerida.

Lendo os volumes de *The Militant* que contém um registro cronológico de nossas atividades, planos e expectativas, se informa que em 22 de janeiro de 1933 haveria uma conferência de desempregados em Nova Iorque.

Havia sido chamada, logicamente, por iniciativa da organização stalinista, porém, havia uma pequena diferença com algumas de suas conferências anteriores das quais havíamos sido excluídos. Nesse momento, em suas indas e vindas da direita à esquerda, começaram a ameaçar com uma frente-única, tratando de interessar a algumas organizações não stalinistas no movimento geral dos desempregados. Para tal finalidade imprimiram uma convocatória, convidando a todas as organizações à conferência. Comentamos em nosso periódico que esse era um giro na direção correta para a frente única, ao menos um meio giro. Eu escrevi um artigo assinalando que ao convidar “todas as organizações” finalmente nos haviam aberto um pequena brecha pela qual a Oposição de Esquerda podia entrar nesse movimento, podíamos trilhar um caminho por esta brecha e torná-la mais ampla. Aparecemos nessa conferência — Shachtman e Cannon — preparados para dizer a todo o proletariado como devia levar-se adiante a luta contra o desemprego. Isto não era uma brincadeira. Nosso programa era o correto, e o explicamos extensamente. *The Militant* publica uma reportagem completa de nossos discursos chamando a frente única de partidos políticos e sindicatos para a ajuda aos desempregados.

Em 29 de janeiro de 1933 estava convocada para Gillespie, Illinois, uma conferência de “Progressiv Miners Union” (Sindicato Mineiro Progressivo) e outras organizações operárias independentes para considerar a questão de uma nova federação operária. Eu fui a conferência a convite de um grupo do “Progressiv Miners”, e falei. Essa foi a primeira vez em 5 anos que pude sair de Nova Iorque. Foi também a primeira vez que um representante da Oposição de Esquerda Norte-Americana tinha uma oportunidade para falar a trabalhadores, fora do pequeno círculo de intelectuais de esquerda. Aproveitamos a oportunidade. Fui enviado pela Liga, passei uns poucos dias com os mineiros e estabeleci alguns contatos importantes.

Era muito bom estar mais uma vez em contato com o movimento vivo dos trabalhadores, do movimento de massas.

De regresso, no ônibus de Gillespie a Chicago — me recordo claramente — li num diário de notícias que o presidente Hindenburgo havia nomeado Hitler Chanceler. Tive a sensação então, nesse momento, de que as coisas começavam a explodir. A paralisia, a imobilidade no movimento operário a nível mundial começava a abrir. As coisas se moviam para um enfrentamento. Nós estávamos completamente preparados para tomar parte

na nova situação. Enquanto revisava os informes noutra dia, preparando minhas anotações para esta conferência, me pareceu que esta ação de nossa Liga, conseguir participar pela primeira vez em um ato operário de massas em Gillespie, Illinois, era o símbolo de nossa política posta em sintonia com o novo período. Nossa ação foi inconscientemente sincronizada com a eclosão do impasse na Alemanha. Éramos como atletas treinados para a ação, porém limitados por dificuldades externas e impossibilitados de mover-se. Quando se abriu uma nova situação entramos nela prontamente.

Nossa primeira reação ante os acontecimentos alemães foi chamar a um ato de massas em Nova Iorque. Por um longo tempo havíamos abandonado a ideia de atos de massas porque as massas não viriam. O melhor que podíamos fazer era chamar a pequenos fóruns, conferências, reuniões de círculo, etc. Desta vez, provamos um ato de massas: Stuyvesant Casino, 5 de fevereiro de 1933, “O significado dos acontecimentos alemães” com Shachtman e Cannon como oradores. O informe de *The Militant* relata que 500 pessoas foram a esse ato.

Fizemos soar o alarme do eminente enfrentamento entre fascismo e comunismo na Alemanha. Depois, porquanto os acontecimentos fossem mais agudos, com fatos novos todos os dias na Alemanha, fizemos algo absolutamente sem precedentes para um pequeno grupo como o nosso. Transformamos nosso jornal. *The Militant* — que por aquela época era um semanário — passamos a tirá-lo três vezes por semana, cada edição agitava a mensagem do trotskismo sobre os eventos na Alemanha. Vocês poderiam perguntar como fizemos e eu não seria capaz de responder-lhes. Contudo fizemos. Não era possível, porém há um lema entre os trotskistas que em tempos de crises não se faz o que é possível e sim o que é necessário. E nós pensávamos que era necessário sair de nossa rotina de discussões e críticas aos stalinistas, para fazer algo que atingia a todo o movimento operário, que se dera conta do quanto fatais eram para o mundo inteiro o que se passava na Alemanha. Queríamos chamar a atenção de todos os operários e especialmente dos trabalhadores comunistas. Apressamos os ritmos. Começamos a gritar, a soar o alarme. Nossos camaradas corriam a cada manifestação que pudessem encontrar, até a mais insignificante reunião de operários, com fardos de *The Militant* debaixo dos braços, gritando com a voz mais forte possível: “Leiam *The Militant*”, “Leiam a verdade sobre a Alemanha”, “Leiam o que disse Trotsky”.

Nossa consigna durante os acontecimentos alemães era: Frente Única das Organizações Operárias e luta até a morte! Frente Única de luta de todas as organizações operárias contra o fascismo! Os stalinistas e os social-democratas rechaçaram a frente única na Alemanha. Ambos simulavam, pelo contrário, depois dos acontecimentos, acusar-se uns aos outros, contudo eram os dois uns mentirosos, culpados e traidores. Dividiram aos trabalhadores e nenhum dos dois tinha vontade de lutar. Através desta divisão a plaga monstruosa do fascismo chegou ao poder na Alemanha e estendeu sua sombra obscura a todo o mundo.

Fizemos tudo o que pudemos para despertar, levantar e educar aos operários comunistas norte-americanos naquelas semanas fatais. Tivemos uma série de atos de massas — não só o que mencionei. Tivemos uma série em Manhattan e pela primeira vez nos estendemos a Boroughs. Nos haviam cercado e isolado tanto que nunca havíamos podido sair de Fourteenth Street (A rua 14) nos primeiros tempos. Tínhamos só uma célula porque não tínhamos muita gente para dividir; tudo estava concentrado ao redor da pequena área de Fourteenth Street e da União Square onde se congregavam os operários de esquerda.

Porém, nessa crise da Alemanha nos estendemos e tivemos atos no Brooklyn e no Bronx. Por todo o país, informa The Militant, eram convocadas manifestações de massas por células locais da Liga Comunista da América do Norte. Hugo Oehler — nesse momento membro de nossa organização — foi enviado em um tour à falar sobre a Alemanha. Éramos extremamente ofensivos em nosso cerco aos stalinistas. Estávamos decididos a todo o custo a levar nossa mensagem àqueles que quisessem escutar-nos. Chegamos a invadir um ato massivo dos stalinistas dando voltas na mesa. Shachtman e eu, flanqueados por uns poucos camaradas, entramos na reunião stalinista e pedimos a palavra. A audácia do pedido deixou os burocratas abobalhados e houve clamores dos de baixo: “Deixe-os falar”. Falamos e demos nossa mensagem ao ato stalinista.

Com a nova vida que começava a sacudir o movimento operário em geral, não desperdiçamos nenhuma oportunidade para tomar parte nas novas atividades. Em março de 1933, os stalinistas promoveram uma conferência nacional de desempregados, em Albany, com cerca de 500 delegados. As mesmas regras que nos permitiram aparecer na conferência local de Nova Iorque, também nos permitiram mandar delegados à Albany.

Eu apareci na conferência, tomei a palavra e fiz um discurso para os 500 delegados sobre a concepção marxista da frente única no movimento de desempregados. Esse discurso está impresso em *The Militant* de 10 de março de 1933. Os acontecimentos nacionais e internacionais estavam coordenados. Ao mesmo tempo que gritávamos com o mais forte de nossas vozes pela Alemanha, tivemos tempo para participar em uma conferência de desempregados no estado de Nova Iorque.

Vocês sabem que os conselhos, as explicações, as advertências de Trotsky não foram ouvidas. O Partido Comunista Alemão, sob a direção e o controle de Stálin e seus gangsters de Moscou, capitulou na Alemanha sem uma batalha. O fascismo triunfou sem sequer um sinal de guerra civil, sem sequer um enfrentamento nas ruas. E essa, como Trotsky explicou muitas vezes, e Engels antes dele, é a pior e a mais desmoralizante das derrotas — a derrota sem batalha, porque aqueles que são derrotados assim, perdem a confiança neles mesmos por um bom tempo. Um partido que luta pode ser derrotado por forças superiores. No entanto, deixa atrás de si uma tradição, uma inspiração moral que pode ser um fator tremendo para galvanizar o proletariado para levantar-se de novo mais tarde em uma conjuntura mais favorável. Um papel assim cumpriu na história a Comuna de Paris. O movimento socialista internacional se ergueu em sua gloriosa memória.

A revolução de 1905 na Rússia foi inspirada pela heroica luta da Comuna de Paris de 1871. De maneira similar, a revolução russa de 1905, que foi derrotada depois de batalhar, se transformou em grande capital moral do proletariado russo e teve uma tremenda influência em desatar a revolução proletária que triunfou em 1917. Os bolcheviques falavam sempre de 1905 como o ensaio geral de 1917.

Porém, que lugar na história pôde jogar a capitulação miserável dos social-democratas e os stalinistas na Alemanha? Ali estava o proletariado mais poderoso da Europa Ocidental. Os social-democratas e os stalinistas juntos obtiveram mais de 12 milhões de votos nas últimas eleições. Se os operários alemães houvessem sido unificados na ação poderiam ter esparramado os canalhas fascistas aos quatro ventos de uma só vez. Esse poderoso proletariado, desunido e traído pela direção, foi derrotado sem luta. O regime mais horrível, mais bárbaro, foi imposto sobre eles pelos fascistas. Antes dos acontecimentos, Trotsky disse que a falta de luta seria

a pior traição da história. E assim foi. Dez insurreições sem êxito, disse Trotsky, não podiam desmoralizar ao proletariado em sequer 1% do que faria uma capitulação sem batalha que o privaria da confiança em si mesmo. Depois desta capitulação, este trágico final da situação alemã, muita gente começou a pensar sobre cada coisa que Trotsky havia dito e feito no esforço por ajudar aos trabalhadores a evitar esta catástrofe. O que finalmente ocorreu começou a aparecer para muita gente como uma completa verificação, embora em um sentido negativo, de tudo o que havia dito e explicado. O prestígio e a autoridade de Trotsky e do movimento trotskista começaram a crescer enormemente, inclusive nesses círculos que se haviam inclinado a desqualificar-nos como sectários e divisionistas.

No Partido Comunista, aqui como em outros países, na Comintern de conjunto, não houve uma reação profunda. Se fez claro então, que estes partidos se haviam tornado tão burocráticos, tão corruptos por dentro, tão desmoralizados, que nem sequer a traição mais cruel da história foi capaz de produzir um levante real em suas fileiras. Se fez claro que a Internacional Comunista estava morta para a revolução, havia sido destroçada pelo stalinismo.

Então, na dialéctica implacável da história, começou a manifestar-se um desenvolvimento contraditoriamente particular. Em 1914-18, a Internacional Social-Democrata traiu o proletariado em apoio a guerra imperialista. Os partidos social-democratas renunciaram ao internacionalismo e se puseram a serviço de suas próprias burguesias. Foi essa traição a que impulsionou os marxistas revolucionários a formarem a nova internacional, a Internacional Comunista, em 1919. A Internacional Comunista surgiu em luta contra os traidores, com o programa do marxismo regenerado como sua bandeira, e Lênin e Trotsky como seus dirigentes. Contudo, no decorrer dos acontecimentos desde 1919 até 1933 — breves 14 anos — esta mesma internacional se converteu no maior obstáculo e no maior fator retardatário no movimento operário internacional. A Internacional Comunista de Stálin traiu ao proletariado ainda mais vergonhosamente do que tinha feito a Segunda Internacional dos social-democratas em 1914.

Os operários revolucionários da nova geração eram repelidos pelo stalinismo. No curso futuro do desenvolvimento, sob a terrível pressão dos acontecimentos internacionais, e particularmente o surgimento do fascismo

na Alemanha, os partidos social-democratas começaram a desprender tendências esquerdistas e centristas de todo o tipo. Existiam muitas razões para este fenômeno. Os partidos comunistas estavam bloqueados pela burocracia para um pensamento independente ou uma vida revolucionária e isso repelia deles os operários radicais. Na busca de uma expressão revolucionária muitos deles encontraram seu caminho nos partidos da social-democracia construídos mais livremente. Também a geração mais jovem de social-democratas, que não tinham sobre seus ombros a carga das traições de 14 anos atrás, e que não eram parte dessa tradição ou mentalidade, estavam crescendo sustentada pela terrível pressão dos fatos e buscando uma solução de esquerda. Assim, começaram a desenvolver-se grupos da ala esquerda dentro da Social-Democracia, particularmente nas organizações juvenis. E esta tendência mundial também se refletia nos Estados Unidos com o ressurgir do Partido Socialista. A ruptura de 1919 e uma segunda ruptura em 1921 havia deixado o Partido Socialista em ruínas. Nada restava senão um esqueleto vazio. Os jovens rebeldes, todos vivos e vitais, eram atraídos à jovem organização comunista. O Partido Socialista languidesceu por anos com uns poucos milhares de membros, apoiados principalmente pelo diário judeu Forward e os burocratas dos sindicatos têxteis em Nova Iorque que necessitavam do Partido Socialista como uma cobertura pseudo-radical e uma proteção contra seus operários da ala esquerda. O Partido Socialista foi por anos uma horrível caricatura de um partido. Mas a medida que o Partido Comunista se tornava mais e mais burocratizado, expulsava cada vez mais os operários honestos e fechava as portas para outros, o Partido Socialista começou a experimentar um reavivamento. Sua estrutura frouxa e democrática atraía um novo estrato de trabalhadores que nunca haviam estado antes em nenhum movimento político. Milhares deles, radicalizados pela crise econômica, corriam ao Partido Socialista. Este experimentou um ressurgimento e um crescimento de sua militância; Em 1933, os membros envolvidos em suas fileiras não eram menos de 25.000. Também como resultado de seu sangue novo, o partido começou a mostrar um pouco de vigor; uma tendência esquerdista, centrista, começou a perfilar em suas fileiras.

De maneira idêntica, aqui como em outros países, havia também um desenvolvimento por fora do Partido Comunista, de grupos independentes de trabalhadores que até o momento não haviam sido conectados com os partidos de esquerda, porém, tinham se radicalizado como resultado de sua

própria experiência. A “Conference for Progressive Labor Action” era a expressão de tal movimento no país. Era dirigida por A. J. Muste. A CPLA começou como um movimento progressista nos sindicatos. Sob o impacto da crise se radicalizou mais e mais. Em fins de 1933 o movimento de Muste estava discutindo seriamente o problema de transformar-se de um grupo frouxo de ativistas nos sindicatos em um partido político.

Com a capitulação da Comintern na Alemanha, Trotsky deu o sinal aos marxistas revolucionários do mundo: “A Comintern faliu. Devemos ter novos partidos e uma nova Internacional”. A grande experiência, os longos anos de esforços como fração para influenciar ao Partido Comunista, embora expulsos dele, haviam terminado seu curso. Não foi um decreto nosso que tornou irreformável o Partido Comunista. Foi uma demonstração da própria história. Nós simplesmente reconhecemos a realidade. Sobre estas bases invertemos completamente nossa estratégia e táticas.

De uma fração da Internacional Comunista nos anunciamos como os arautos de um novo partido e uma nova internacional. Começamos a apelar diretamente a esses trabalhadores radicalizados, sem filiação partidária ou experiência. Durante os longos anos de esforço — mantendo nossa posição como fração da Comintern — havíamos recrutado das filas da vanguarda comunista os preciosos quadros do novo movimento. Agora, começávamos a girar nossa atenção para os Partidos Socialistas, grupos independentes e aos grupos centristas e de esquerda dentro deles. Naquele período *The Militant* publicava numerosas reportagens e análises do desenvolvimento da Ala Esquerda no Partido Socialista. Tinham artigos sobre a CPLA e seu plano de transformar-se num partido político. Havia aproximação com a *Young Peoples Socialist League*. E, o que fizemos aqui, seguindo a linha de Trotsky, foi feito em escala internacional. Os grupos trotskistas começaram em toda as partes a estabelecer contatos com a recentemente desenvolvida e aparentemente viável Ala Esquerda da Social-Democracia.

Tinha chegado o momento de transformar toda a nossa atividade, de dar um giro para o trabalho entre as massas. Assim como em nossos primeiros dias havíamos rechaçado a demanda prematura de que — com nosso punhado de gente — abandonássemos e passássemos ao movimento de massas, agora, em fins de 1933, havendo completado nosso trabalho preliminar e tendo-nos preparado, adotamos o slogan: “Passar de um círculo de propaganda a um trabalho de massas”.

Essa proposta precipitou uma nova crise interna. O “giro” fez saltar à luz os fundamentos de sectarismo. Tinha-se que combatê-lo. A política é a arte de fazer os movimentos corretos no momento correto. A impaciência de alguns por escapar do isolamento imposto por circunstâncias objetivas havia modificado radicalmente. Apresentou-se-nos a oportunidade de entrar no movimento de massas, de estabelecer contato com os operários, de penetrar profundamente no fermento da esquerda socialista e dos movimentos independentes. Era necessário valorizar a oportunidade sem demora. Nossa decisão de fazê-lo encontrou uma resistência decidida nos camaradas que se haviam adaptado ao isolamento e cresciam confortavelmente com ele. Nesta atmosfera algumas pessoas haviam desenvolvido uma mentalidade sectária. A tentativa de empurrar o movimento trotskista para fora de seu isolamento até as águas frias e turbulentas do movimento de massas causava calafrios em suas costas. Esses calafrios eram racionalizados como “princípios”. Isto marcava o começo da luta contra o sectarismo em nossa organização, uma disputa que foi levada até o fim de uma forma clássica.

Começamos a cooptar mais rapidamente. Atraímos grande atenção com nossa propaganda sobre os acontecimentos alemães. As pessoas começaram a vir até nós de uma maneira inesperada, gente desconhecida, para obter nossa literatura. “Que diz Trotsky?”, “O que escreveu sobre a Alemanha?”.

Demos um grande salto: era o fim de nosso quinto ano de luta para construir a célula de Nova Iorque com um total de 50 pessoas. Recordo isso porque havia uma regra nos estatutos de nossa organização que limitava o tamanho das células a 50 membros. Uma célula que alcançava esse tamanho devia dividir-se em duas. Escrevemos isso em nossa primeira conferência em 1929. Naqueles dias podíamos pôr toda a militância nacional em duas células, porém, estávamos olhando o dia em que chegaria nosso barco. Recordo a questão que surgiu em 1933 pela primeira vez contra este ponto dos estatutos, e tivemos uma disputa sobre como seriam divididas as células.

Em 1º e 2 de maio de 1933, foi organizado pelos stalinistas, em Chicago, o grande Congresso Nacional de Mooney, com a participação de alguns sindicatos. Enviamos uma delegação a este Congresso e eu tive a oportunidade de falar perante milhares de pessoas. Foi uma experiência

refrescante depois de um prolongado confinamento no limitado círculo de debate interno. Ali comecei uma colaboração política com Albert Goldman que estava ainda no Partido Comunista mas em processo de rompimento com sua linha. Seu discurso e o meu no Congresso de Mooney sobre a frente única foram ataques diretos a política stalinista. Isto preparou o terreno para a expulsão de Goldman e sua posterior filiação a nosso partido. Foi o começo de uma colaboração extremamente frutífera.

Desde Chicago, informa *The Militant*, parti em um tour, para falar de dois temas: “A tragédia do proletariado alemão” e “O caminho da América à revolução”. Um grupo de intelectuais stalinistas em Nova Iorque, que ou pertenciam ao partido ou eram periféricos, começaram a irritar-se ante a falsidade evidente da linha stalinista, como havia sido revelada pelos acontecimentos alemães. Fatalmente romperam com o PC e vieram até nós. Essa foi nossa primeira aquisição em bloco. Até então, as pessoas se haviam unido a nós um a um. Agora, um grupo se unia a nós, um grupo de intelectuais. Isso era significativo. Os movimentos de intelectuais devem ser estudados atentamente como sintomas. Eles se movem um pouco mais rápido no reino das ideias que os trabalhadores. Como as folhas no alto de uma árvore se sacodem primeiro. Quando vimos um grupo de intelectuais bastante sérios em Nova Iorque rompendo com o stalinismo tivemos que concluir que esse era o começo de um movimento que de imediato se manifestaria nos quadros, e mais operários stalinistas viriam até nós.

Um desenvolvimento importante nos últimos meses de 1933 foi a ação tomada pela CPLA. Sob o impulso da crescente radicalização nas fileiras operárias que haviam cooptado, e sabendo sem nenhuma dúvida que o Partido Comunista se havia tornado menos atrativo para os operários de esquerda, a CPLA convocou uma conferência em Pittsburgh e anunciou como tentativa a formação de um novo partido político. Como tentativa porque elegeu um comitê provisório encarregado da tarefa de organizar o “American Workers Party”.

A ruptura de Benjamin Gitlow e seu pequeno grupo com os lovestonistas ocorreu neste momento. Esse período viu também um grande ressurgimento da centrista ala esquerda do Partido Socialista, e uma posição mais e mais radical tomada pela Young Peoples Socialist League. Em todas as organizações operárias havia uma fermentação e transformações. Quem tinha um olho político podia ver que as coisas

estavam ocorrendo realmente agora, e que isso não era o momento de sentar-se em uma biblioteca a ruminar princípios. Esse era o momento para atuar sobre esses princípios: era o momento de estar à altura das coisas, de aproveitar-se de cada oportunidade apresentada pelos novos desenvolvimentos nas outras organizações e movimentos.

Devo dizer que nenhuma nos escapou. Não esperamos nenhum convite. Nos chegamos a elas. Imprimimos um manifesto na capa de *The Militant* chamando a formação de um novo partido e uma nova internacional. Convidamos a todos os grupos, não importa o que fossem, que estivessem interessados em formar um novo partido revolucionário e uma nova internacional para discutir conosco as bases do programa. Dissemos, nós temos um programa, porém não o apresentamos como um ultimatum. É nossa contribuição à discussão. Se vocês têm outras ideias para o programa, ponhamo-las sobre à mesa e discutamo-las de uma forma pacífica e como camaradas. Tentemos resolver as diferenças sobre o programa e unamos as forças para construir um novo partido unificado.

Fizemos campanha por um novo partido. Nossa grande vantagem sobre os outros grupos — a vantagem que nos assegurava a hegemonia — era a de que sabíamos o que queríamos. Tínhamos um programa claramente definido e isso nos dava uma certa ofensividade. Os outros elementos de esquerda não estavam suficientemente seguros de si mesmos para tomar a iniciativa. Isso nos sobrecarregou. Passávamos insistindo toda a semana, de fato todo o tempo, sobre o novo partido, escrevendo carta as pessoas, e informes críticos mas amigáveis de seus jornais e todas as suas resoluções. Nossos quadros e camaradas de base foram instruídos para estabelecer conexões com os membros desses outros grupos, para interessar-los na discussão por todos os lados de cima a baixo, e assim preparar o caminho para a fusão com os elementos revolucionários sérios e honestos em um mesmo partido. Assim também nossa própria organização estava crescendo, atraindo mais atenção e ganhando mais simpatia e respeito. Em todos estes círculos de esquerda havia respeito pelos trotskistas como comunistas honestos, e por Trotsky como o grande pensador marxista que havia compreendido os acontecimentos alemães quando ninguém o havia feito. Estávamos admirados pelo modo em que disparamos nossos rifles e defendemos nosso terreno apesar das perseguições e da adversidade. Nossa organização era respeitada em todo o movimento operário. Esse foi um

capital importante para nós quando o chegou o momento de promover a fusão dos vários grupos de esquerda no partido.

Depois de cinco anos de luta nossos quadros se haviam consolidado sobre firmes bases programáticas. Tinham sido educados nas grandes questões de princípios, haviam adquirido facilidade para explicá-las e para aplicá-las nos acontecimentos atuais. Estávamos prontos, preparados por nossa experiência passada. Em muitos aspectos aquela experiência havia sido funesta e negativa. Porém, foi precisamente aquele período de isolamento, dificuldades, discussão, estudo e assimilação das idéias teóricas o que preparou nosso jovem movimento para esta nova época de florescimento em que o movimento estava aberto em todas as direções. Então, estivemos prontos para um giro tático muito agudo. Nossos militantes naqueles dias estavam envolvidos com novas expectativas e com uma grande ambição. Era fins de 1933, sentíamos confiança de estarmos no caminho para a reconstituição do genuíno Partido Comunista neste país. Estávamos seguros de que o futuro nos pertencia. Esperávamos uma grande quantidade de disputas porém sentíamos que estávamos em cima da colina, que estávamos encaminhados. A história provou que estávamos certos nesta suposição. Depois as coisas se moviam rápido e continuamente a nosso favor. Nosso progresso de aí em diante foi praticamente ininterrupto.

Conferência VII

O Giro ao Trabalho de Massas

Remarquei que o que há de mais importante entre todas as questões para um grupo político ou um partido, uma vez que tenha elaborado seu programa, é dar a resposta correta a pergunta: Que fazer agora? A resposta a esta questão não pode ser determinada simplesmente pelo desejo ou a vontade do partido ou da direção do partido. Está determinada pelas circunstâncias objetivas e pelas possibilidades inerentes a essas circunstâncias.

Temos discutido os primeiros cinco anos de nossa existência como uma organização trotskistas nos Estados Unidos. Durante aquele tempo nosso pequeno número, o estancamento geral do movimento operário, e a completa dominação de todos os movimentos de esquerda pelo PC, nos impuseram a posição de fração do PC.

Assim, essas circunstâncias fizeram com que obrigatoriamente nosso trabalho primário fosse a propaganda antes que a agitação de massas. Como já havia assinalado, na terminologia marxista há uma aguda distinção entre propaganda e agitação, uma distinção que não é tal na linguagem popular. As pessoas comumente descrevem como propaganda algum tipo de publicidade, agitação, ensinamentos, propagação de princípios, etc. Na terminologia do movimento marxista, como foi definida mais precisamente por Plekhanov, agitação e propaganda são duas formas distintas de atividade. Ele define a propaganda como a difusão de muitas ideias fundamentais a umas poucas pessoas, o que nós possivelmente nos Estado Unidos estamos acostumados a chamar de educação. Define agitação como a difusão de umas poucas ideias, ou de uma só ideia a muita gente. A propaganda se dirige a vanguarda; a agitação para as massas.

Perto do fim da nossa última conferência chegamos a uma quebra da situação objetiva em que o partido vinha trabalhando. A Comintern havia sido golpeada pela derrota da Alemanha; e na periferia do movimento comunista estava perdendo sua autoridade. Muita gente anteriormente surda a tudo o que podíamos dizer, começaram a interessar-se em nossas ideias e críticas. Por outro lado, as massas que haviam permanecido adormecidas e estáticas durante os primeiros quatro anos da catastrófica

crise econômica, começaram a mover-se de novo. A administração Roosevelt estava no governo. Havia tido um leve reavivamento da indústria. Os trabalhadores afluíam novamente às fábricas, ganhando novamente a confiança que haviam perdido em si mesmos por um longo tempo durante o terrível desemprego em massa. Houve um grande movimento em direção a organização sindical, e começaram a desenvolver-se as greves. Este caminho oscilante na situação objetiva impulsionou tarefas totalmente novas ao movimento trotskista, a Liga Comunista dos Estados Unidos, a Oposição de Esquerda, como nos chamávamos até então. A derrota da Alemanha havia confirmado a bancarrota da Comintern e começado um movimento de afastamento dela por parte dos trabalhadores mais avançados e críticos. Por outro lado, a moribunda social-democracia estava começando a mostrar nova vida dentro de suas alas esquerdas devido a tendência revolucionária nos setores juvenis e proletários. Estavam crescendo movimentos independentes com uma inclinação radical, compostos de operários e alguns intelectuais que haviam sido repelidos do PC por sua vida burocrática e ainda não atraídos pela social-democracia. O movimento operário norte-americano estava despertando de seu longo sono, a paralisia abria caminho à uma nova vida e a um novo movimento. A organização trotskista neste país estava confrontada com uma oportunidade e a uma demanda inerente a situação objetiva, de fazer um caminho radical em orientação e táticas. Esta oportunidade, como disse, nos encontrou completamente preparados e prontos.

Não perdemos tempo em adaptarmos a nova situação.

Transformamos totalmente a natureza de nosso trabalho e nossos pontos de vista. Elevamos a militância com discussões sobre os propósitos da direção de caminhar nosso curso e romper com nossos cinco anos de isolamento. Com nossas limitadas forças e recursos aproveitamos toda oportunidade para trabalhar nessa tarefa. Toda nossa atividade de aí em diante estava governada por um conceito geral concretizado no slogan: "Girar de um círculo de propaganda a um trabalho de massas" — e fazer isto em ambos os campos, tanto no político como no econômico.

Esta foi uma das grande provas da viabilidade de nosso movimento e de seu firme princípio fundamental; levamos adiante uma transformação uniforme e simétrica de nosso trabalho em ambos os campos. Fomos ao

movimento de massas em cada oportunidade sem cair no fetichismo sindical. Nos preocupamos de cada sinal e toda tendência de um desenvolvimento a esquerda em outros movimentos políticos sem negar nosso trabalho sindical.

No campo político nosso slogan principal era o chamado a um novo partido e a uma nova internacional.

Aproximamo-nos de outros grupos com os quais tínhamos anteriormente nos enfrentado como rivais e com os quais não havíamos tido no passado um contato estreito.

Começamos a estudar mais atentamente esses e outros grupos, a ler sua imprensa, a orientar que nossos membros tivessem contatos estabelecidos de natureza pessoal com quadros e militantes para aprender o que estavam pensando. Tratamos de familiarizarmo-nos com todo matiz de pensamento e sentimentos nesses outros movimentos políticos.

Buscávamos um contato mais estreito e uma cooperação com eles em ações conjuntas de um tipo ou outro, e falávamos de amálgamas e fusões que levariam ainda a consolidação de um novo partido operário revolucionário.

No campo econômico, recolhemos os primeiros frutos de nossa política sindical correta, na qual havíamos insistido por cinco anos. Havíamos contraposto essa política a política sectária de sindicatos paralelos, exposta pelo PC durante sua doença infantil "Terceiro período", o período de seu giro à ultra-esquerda. Do mesmo modo, em contraposição a política oportunista da social democracia, a política de subordinar os princípios para buscar tratos e acordos fictícios, influência não real, havíamos dado uma clara linha a todos os elementos militantes no movimento sindical que seguiam nossa imprensa. Tínhamos uma considerável influência em dirigi-los para a principal corrente sindical que nesse momento estava representada pela American Federation of Labor (AFL).

Apesar do grande conservadorismo e da corrupção da direção da AFL, insistimos em todo momento que os militantes não deviam separar-se desta corrente importante do sindicalismo norte-americano e não deviam estabelecer sindicatos próprios, artificiais e ideais que estariam isolados das massas. A tarefa dos militantes revolucionários, como a definimos era penetrar no movimento operário tal qual era e tratar de influenciá-lo desde dentro. A AFL realizou uma convenção em outubro de 1933. Esta

convenção, pela primeira vez em muitos anos, registrou uma vaga de crescimento em número de membros como resultado do despertar dos operários, das greves, e da organização de campanhas, sendo que 9 de 10 vezes, eram iniciadas pela base. Os operários afluíam para os distintos sindicatos da AFL sem o estímulo da direção burocrática imobilizada.

Preparando as notas para esta conferência, dei uma olhada rápida em alguns artigos e editoriais que escrevemos nesse momento. Não éramos meramente críticos.

Nós não permanecemos meramente denunciando, explicando quão fraudulentos e traidores eram os dirigentes da AFL, mesmo que eles o fossem sem nenhuma dúvida. Em um editorial escrito em conexão com a convenção de outubro de 1933 da AFL decidimos que o grande movimento de massas dentro dos sindicatos pode ser seriamente influenciado somente a partir de dentro. "Disto se segue: entrem nos sindicatos, permaneçam ali, trabalhem dentro". Este pensamento chave marcou todos os nossos comentários. Expandindo nossas atividades sobre o campo político.

The Militant desse período, outubro-novembro de 1933, cita um tour do camarada Webster que estava nesse momento no Secretariado Nacional de nossa organização. Havia regressado da Europa onde havia visitado o camarada Trotsky e havia assistido a uma Conferência Internacional da Oposição de Esquerda depois do colapso alemão. Seu tour levou-o ao distante oeste, a Kansas City e a Minneapolis, contando sobre a Conferência Internacional, proclamando a mensagem de um novo partido e de uma nova internacional, falando à audiências maiores que as que havíamos conhecido, adquirindo novos contatos, dando conselhos mais amplos para o revivificado movimento trotskista.

Em novembro, segundo The Militant, chamamos a um banquete em Stuyvesant Casino para celebrar o quinto aniversário do trotskismo norte-americano. A esse banquete veio como orador convidado um dos antigos líderes do PC que havia sido o instrumento de nossa expulsão do partido cinco anos antes. Este era o bem conhecido Ben Gitlow, quem havia sido o instrumento de nossa expulsão do partido 5 anos antes e havia feito da prática da expulsão algo popular. Tinha se convertido ele mesmo em uma vítima desta. Havia sido expulso junto com os outros lovestonistas. Quatro anos e meio mais tarde rompeu com os lovestonistas e andou dando voltas

como um comunista independente. Como tal foi a nosso banquete no Stuyvesant Casino, em 4 de novembro de 1933.

Em outubro do mesmo ano, enquanto estes acontecimentos começavam a repercutir na frente política, os trabalhadores de seda da Paterson iniciaram uma greve geral. Nossa pequena organização penetrou nessa greve, tratou de influenciá-la, fizemos novos contatos nesse processo. Dedicamos uma edição inteira do *The Militant*, uma edição especial sobre a greve de Paterson. Menciono isto como uma ilustração sintomática de nossa orientação naquele período. Buscávamos e aproveitamos cada oportunidade para pôr a doutrina do trotskismo fora do estreito círculo de propaganda da vanguarda e levá-la em forma agitativa para a massa de operários norte-americanos.

Na frente política, em novembro, *The Militant* publicou um editorial dirigido para a CPLA (Conference for Progressive Labor Action). A organização de Muste estava por convocar uma convenção onde se projetava que a CPLA se transformaria de uma rede e comitês sindicais em uma organização política. Estávamos de acordo sobre esse novo desenvolvimento. Escrevemos um editorial em um tom muito amistoso, recomendando-lhes que em sua convenção tomassem em conta nosso convite a todos os grupos políticos independentes radicais para discutir a questão de formar um partido unificado, e sugerindo-lhes especialmente que se interessassem pela questão do internacionalismo. Nesse editorial remarcávamos que qualquer grupo que aspire a organizar um partido político independente deve interessar-se como um requerimento fundamental pelo internacionalismo e tomar posição sobre as questões internacionais decisivas.

Observo que em novembro tivemos um editorial intitulado "Frente Única Contra o Gangsterismo". Este foi escrito em conexão com ato que havia sido convocado em Chicago onde o camarada Webster falaria. O PC havia reiniciado suas táticas de arruaças dos primeiros anos; um bando de stalinistas tentaram interromper o ato. Afortunadamente nosso partido estava preparado e lhes deu duro. O maior êxito que lograram foi interromper a manifestação até que os camaradas da segurança os pegaram.

Em conexão com esse fato fizemos um editorial chamando a todas as organizações operárias a cooperarem conosco para, como dizíamos em um editorial "Defender a Livre Expressão no Movimento Operário e Dar-lhes

uma Lição Àqueles que Interferirem". Esporadicamente, nos 13 quase 14 anos de nossa existência, os stalinistas tentaram recorrer as suas intenções gangsteristas para nos silenciar. Não só os enfrentamos, mas também buscamos a colaboração de outros grupos para cooperar na defesa. Embora nunca tenhamos triunfado em formar alguma frente única permanente de defesa, tivemos triunfos parciais em cada ocasião. Foi suficiente para assegurarmos nossos direitos e mais adiante para nos manter. Isto é muito importante recordar, em conexão com um novo intento dos stalinistas em uma parte do país, para silenciar-nos em tempos presentes, fora da Califórnia, The Militant fala de um intento similar e vocês veem nosso partido atuando corretamente na situação, formando frentes únicas, buscando apoio e escandalizando-os por toda a cidade, forçando os stalinistas a retroceder. Nosso pessoal ainda está distribuindo a imprensa nos lugares proibidos da Califórnia.

Li na edição de 16 de dezembro de 1933 de The Militant uma declaração de um grupo de camaradas do Brooklyn, dirigida ao PC, anunciando sua ruptura com o PC, denunciando as táticas baderneira dos stalinistas e suas falsas políticas, e declarando sua adesão à Liga Comunista da América. Foi especialmente significativo, sobre este panfleto particular, o fato de que o líder do grupo havia sido o capitão de um bando do PC no Brooklyn. Havia sido enviado com outros para romper as manifestações de rua da Oposição de Esquerda. No curso da briga ele viu nossos camaradas não só defendendo seu terreno como devolvendo golpe por golpe, mas também fazendo-lhes propaganda política. O cotamos na linha de fogo. Isto ocorria continuamente.

Muitos dos que foram os mais ativos militantes nos primeiros dias tinham sido jovens ignorantes stalinistas no começo. Eles começaram brigando contra nós e depois, como Saul no caminho de Damasco, foram iluminados por uma luz brilhante e convertidos em bons comunistas, ou melhor dizendo, trotskistas. Essa é uma coisa importante para recordar agora que vocês são atacados por stalinistas.

Muitos desses jovens stalinistas ignorantes enviados para nos atacar não sabem o que estão fazendo. Mais cedo ou mais tarde cotamos alguns deles se combinarmos as duas formas de educação. Vocês sabem, em todo sindicato bem regulado tem comitês de educação e comitês de "educação", e ambos servem a seus propósitos.

Uns planejam as conferências para a educação dos membros e o outro provêm a educação dos "carneiros" que não querem escutar conferências.

Há uma lenda de um debate sobre a atividade educacional nos Barbers Union de Chicago faz uns anos atrás. Este sindicato tinha um comitê "educativo" e parte das obrigações de seus membros era encarregar-se das vitrines das lojas dos fura-greves. Eles o faziam de automóveis. Uma onda de economia e radicalismo combinado sacudia o sindicato, e um radical pouco prático fez uma moção de suprimir-se os automóveis dos comitês de "educação" para poupar dinheiro. Disse: "Devemos andar de bicicleta". Um velho respondeu indignado: "Onde merda vamos levar as pedras na bicicleta?". Então permitiram conservar seus automóveis, o comitê de educação planejou um bom programa de conferências nas atividades do sindicato, e tudo esteve bem.

Era fins de 1933, um ano cheio de eventos, começou um movimento de organização entre os duramente pressionados trabalhadores de hotéis de Nova York, que estiveram sem proteção sindical por anos. Depois de uma série de greves derrotadas e do trabalho desorganizado dos stalinistas, a organização sindical enfraqueceu. Se reduziu primariamente a um pequeno sindicato independente, uma relíquia dos velhos tempos, com uns poucos negócios sob seu controle, e um sindicato "vermelho" especial dos stalinistas. Este movimento de reavivamento da organização nos ofereceu a primeira grande oportunidade no movimento de massas desde 1928. Tivemos a oportunidade de penetrar nesse movimento desde o início, de formar seu desenvolvimento e eventualmente de ter a direção de uma grande greve geral dos trabalhadores de hotéis em Nova York. O assunto terminou em uma desagradável derrota pela incompetência e a falta de confiança de alguns membros do nosso movimento que estavam postos em lugares chaves. Mas a experiência das lições daquele primeiro intento, que terminou tão desastrosamente pagou um rico reembolso e assegurou triunfos posteriores para nós no campo sindical. Estamos usando o capital daquela primeira experiência nas questões sindicais, ainda hoje.

Começou a campanha de organização de hotéis e, como tão frequentemente sucede nos desenvolvimentos sindicais, a sorte jogou uma parte. Por casualidade, uns poucos membro de nosso partido pertenciam a esse sindicato independente que se dirigiu para o meio da organização da campanha. Como os trabalhadores de hotéis tinham uma grande

rotatividade sindicalismo, este punhado de trotskistas se encontrou no meio de um oscilante movimento de massas. Tínhamos um camarada, um velho militante sindical, que depois de anos de isolamento repentinamente se encontrou como uma figura influente. Depois tínhamos no partido, naquele momento, um homem chamado B. J. Field, um intelectual. Nunca tinha estado ligado a nenhum trabalho sindical. Mas era um homem com muitos atributos intelectuais, e em nosso empuxão geral em direção ao trabalho de massas, em nossa direção pelo contato com o movimento de massas, Field foi indicado para ir acompanhar a situação hoteleira e ajudar nossa fração, e para dar ao sindicato o benefício de seus conhecimentos como estatístico, economista e linguista.

Ocorre que o setor estrategicamente mais importante na situação hoteleira era um grupo de chefes franceses. Por sua posição estratégica no sindicato e seu prestígio como os mais habilidosos, como é o caso com os melhores mecânicos em todos os lugares, jogaram um papel predominante. Muitos desses chefes franceses não podiam falar ou discutir coisas em inglês. Nosso intelectual podia falar francês com eles. Isto lhe deu uma extraordinária importância ante seus olhos. O velho secretário deixava seu posto, e antes que qualquer pessoa soubesse do que havia ocorrido, os chefes franceses insistiram que Field deveria ser o secretário desta promissora união. E ele foi eleito, naturalmente isso significava não só uma oportunidade para nós, mas também uma responsabilidade. A campanha de organização continuou com mais força. Nossa Liga deu a ajuda mais enérgica no começo. Eu participei pessoalmente bastante ativamente e falei em vários atos de massa da organização. Depois de cinco anos de isolamento na esquina da rua 10 e 16, fazendo discursos inumeráveis para pequenos fóruns e reuniões internas, não só fazendo discursos mas também escutando a outros oradores interminavelmente — eu estava feliz de ter a oportunidade de falar à centenas e centenas de trabalhadores sobre sindicalismo elementar.

Hugo Oehler, que mais tarde transformou-se em um secretário bastante famoso, mas que era um excelente sindicalista, e mais que isso, um membro de seu ofício, foi enviado a essa célula para ajudar. Em suma, um número de outros camaradas foram designados para ajudar na campanha de organização. Publicamos a campanha no *The Militant* e demos toda a ajuda que podíamos, incluindo conselhos e orientação a nossos camaradas até que o movimento culminou em uma greve geral dos trabalhadores

hoteleiros de Nova York em 24 de janeiro de 1934. A convite do comitê da união fiz o principal discurso do ato de massas dos trabalhadores hoteleiros, na noite em que foi proclamada a greve geral. Mais tarde o Comitê Nacional de nossa Liga me designou a dedicar todo meu tempo a assistir e colaborar com Field e a Fração no sindicato dos trabalhadores de hotéis. Alguns outros — uma dúzia ou mais — foram designados para ajudar-me de todas as formas, desde piquetes a levar mensagens, desde escrever propaganda a distribuir panfletos, varrer os quartéis principais, e em todo o tipo de tarefa que lhes fosse solicitado nessa situação.

Nossa Liga saiu com tudo para greve, como havíamos feito na crise alemã na primeira parte de 1933. Quando a situação alemã chegou ao ponto de quebra, produzimos *The Militant* três vezes na semana para dramatizar os eventos e aumentar nosso poder para golpear. Fizemos o mesmo na greve hoteleira de Nova York. *The Militant* era levado por nossos camaradas a todas as manifestações e linhas de piquetes. Para que todo trabalhador da empresa em greve visse *The Militant*, popularizando a greve, dando o ponto de vista dos grevistas, expondo as mentiras dos patrões, e oferecendo algumas ideias no caminho de fazer triunfar a greve. Nossa organização inteira, em todo o país, foi mobilizada para ajudar a greve dos hoteleiros em Nova York como tarefa número um; ajudar o sindicato a ganhar a greve e permitir a nossos camaradas estabelecer a influencia e o prestígio do trotskismo na luta. Essa é uma das características do trotskismo. O trotskismo nunca faz algo pela metade. Atua de acordo com a velha máxima: O que merece ser feito, merece ser bem feito. Esse foi o modo com que atuamos na greve hoteleira. Colocamos tudo na tarefa de fazê-la triunfar. A organização inteira de Nova York foi mobilizada; procuravam em suas bolsas buscando o último centavo para pagar o tremendo gasto das três vezes na semana do *The Militant*. Os camaradas em todo o país faziam o mesmo. Levamos a organização quase a ponto de quebra para ajudar aquela greve.

Mas não nos fizemos fetichistas dos sindicatos. Simultaneamente com nossa concentração na greve hoteleira, fizemos movimentos decisivos na frente política. *The Militant* de 27 de janeiro, a edição da imprensa que levava a primeira reportagem da greve geral, publicou também uma carta aberta dirigida ao Provisional Organization Comites del American Workers Party, que havia estabelecido a CPLA em sua conferência de Pittsburg no mês precedente. Nessa carta aberta tomamos nota da decisão de sua

convenção de emancipar-se fazendo a construção de um partido político; propusemos abrir discussões com o objetivo de chegar a um acordo sobre o programa de modo que poderíamos formar um partido político unificado, pondo suas forças e as nossas juntas em uma organização. É sintomático, é significativo, que a iniciativa viera de nós. Em toda relação sempre estabelecida entre os trotskistas e algum outro grupo político, a iniciativa sempre vem dos trotskistas. Isto não foi por nossa superioridade pessoal ou porque fôssemos menos tímidos que outras pessoas — sempre temos sido o suficientemente modestos — somente porque todo o tempo sabíamos o que queríamos. Tínhamos um programa claramente definido e sempre estivemos seguros do que estávamos fazendo, ou ao menos pensávamos isso. Isso nos deu confiança, iniciativa.

A greve dos hoteleiros teve um começo muito promissor. Uma série de grandes atos de massas foram convocados, culminando em uma manifestação de massas no seio do Madison Square Garden com não menos de 10 mil participantes. Ali tive o privilégio de falar como um dos destacados oradores do comitê de greve, com Field e outros. Nossos camaradas no sindicato estavam desde o começo em uma posição de influenciar politicamente a greve mais decisivamente, embora nunca tivemos a política de monopolizar a direção da greve. Nossa política sempre foi de proceder em cooperação com os líderes, e compartilhar responsabilidade com eles para que a direção da greve pudesse ser realmente representativa da base e respondesse sensivelmente a ela.

Naturalmente a greve começou a encontrar muitas das dificuldades que quebraram muitas greves naquele período, particularmente as maquinações da Federal Labor Board. Requeria-se reflexões políticas para evitar a ostensiva "ajuda" dessas agências governamentais para não ser transformados nos verdugos da greve.

Nós tínhamos suficiente experiência política, sabíamos o suficiente sobre o papel dos mediadores governamentais, tínhamos algumas ideias sobre como tratar com eles — não dar-lhes as costas em uma atitude sectária, mas utilizar cada possibilidade que eles pudessem promover para atrair os patrões para as negociações; e fazer isto sem pôr a mínima confiança nessa gente ou dar a eles a iniciativa.

Tudo isto tentamos imprimir sobre nosso brilhante jovem intelectual prodígio, B. J. Field. Mas entretanto havia sofrido algumas transformações;

de nada, subitamente se converteu em tudo. Sua foto estava em toda a imprensa de Nova York. Era o líder de um grande movimento de massas. E tão estranho como parece, algumas vezes estas coisas que são puramente externas, que não tem nada que ver com o que é um homem por dentro, exercem um profundo efeito sobre sua auto-estima. Esse, desafortunadamente, foi o caso de Field. Por natureza era bastante conservador, e de nenhuma maneira livre de um sentimento pequeno-burguês, de ser impressionado por representantes do governo, políticos, etc., para cuja companhia foi repentinamente empurrado. Começou a levar adiante suas negociações com essa gente, e a conduzir-se geralmente como se acreditasse ser um Napoleão, mas que na realidade não era mais do que um escolar.

Ignorava a Fração de seu próprio partido no sindicato, — que é sempre o sinal de um homem que perdeu sua cabeça. Mas a mediocridade ocorre com membros partidários que são rapidamente projetados a importantes posições estratégicas em sindicatos. São capturados pela ideia irracional de que são mais que o partido, de que não necessitam mais do partido. Field começou a ignorar os militantes de sua própria Fração partidária que estiveram corretamente a seu lado e haviam sido a máquina através da qual levou-se adiante tudo. Não só isso. Começou a desconhecer o Comitê Nacional da Liga. Nós poderíamos o ter ajudado um montão uma vez que nosso comitê personificava não só a experiência de uma greve mas de muitas, para não falar da experiência política que havia sido muito útil em negociar com o fraudulento conselho do trabalho. Queríamos ajudá-lo porque estávamos tão metidos na situação como ele. Toda a cidade, todo o país, de fato toda as pessoas, estavam falando sobre a greve trotskista. Nosso movimento estava colocado à prova perante o movimento operário do país. Todos nossos inimigos estavam esperando os desastres, ninguém queria ajudar-nos. Sabíamos muito bem que se a greve tivesse um mal resultado a organização trotskista obteria um olho roxo. Não importava quanto podia afastar-se Field da política do partido, não seria Field o recordado e culpado pelo fracasso, mas o movimento trotskistas, a organização.

Cada dia que passava nosso imprudente intelectual se afastava mais de nós. Insistimos firmemente, com camaradagem, na forma mais humilde, de convencer esta figura agigantada, que estava dirigindo não só a greve mas a si mesmo à destruição, que estava ameaçando levar ao descrédito nosso

movimento. Rogamos-lhe que consultasse, que viesse e conversasse com o Comitê Nacional sobre a política da greve que estava começando a debilitar-se porque estava mal dirigida. Em vez de organizar a militância, e ir assim para as negociações com um poder atrás de si — a única coisa que realmente conta nas negociações é quando se conta as forças — estava moderando a militância das massas e passando todo o seu tempo correndo de uma reunião à outra com esses corruptos do governo, políticos e escrivãos trabalhistas que não tinham outro propósito exceto quebrar a greve.

Field se torna mais e mais orgulhoso. Como ele poderia, que não tinha tempo, descer do seu topo e encontrar-se conosco? De acordo, lhe dissemos, nós temos tempo; o encontraremos na hora do almoço no restaurante da sede do sindicato. Ele não tinha tempo sequer para isso. Começava a fazer observações disparatadas. Havia um pequeno grupo político na rua 16 e tudo o que tinham era um programa e um punhado de gente; e ele estava aqui com 10 mil grevistas sob sua influência. Por que molestar-se em nos ter em conta? Dizia, "Eu não podia fazer contato com vocês mesmo que quisesse, nem sequer têm um telefone em seu escritório". Isto era verdade, e realmente nos estremecemos sob essa acusação — não tínhamos telefone. Aquela deficiência era uma relíquia do nosso isolamento, uma sombra do passado quando não tínhamos necessidade de um telefone porque ninguém iria telefonar-nos, e não tínhamos a quem telefonar. Além disso, naquele momento não podíamos pagar um telefone. Naquele instante a greve hoteleira começava a aquietar-se por falta de uma política militante, devido a uma confiança perigosa no Conselho do Trabalho, que estava apontando para quebrar a greve. Os dias eram perdidos em negociações inúteis com o representante da Guarda, enquanto a greve estava morrendo por falta de uma direção apropriada. Enquanto os nossos inimigos estavam esperando para dizer: "nós lhes dissemos isto, os trotskistas não são mais que sectários divisionistas. Não podem fazer trabalho de massas. Não podem dirigir uma greve". Foi um golpe muito duro para nós. Tínhamos a direção da greve, mas não a influência para delinear sua política, graças a traição de Field.

Corríamos o perigo de comprometer nosso movimento. Se houvéssemos deixado pra lá as atitudes de Field e seu grupo, só teríamos levado desmoralização à nossas fileiras. Podíamos converter o nosso jovem grupo revolucionário em uma caricatura do Partido Socialista, que tinha gente em

todo o movimento sindical mas não tinha séria influência partidária porque os sindicalistas do PS nunca se sentiram obrigados frente ao partido.

Tínhamos diante de nós um problema fundamental que é decisivo para todo partido político revolucionário: deviam os dirigentes sindicais determinar a linha do partido e firmar a lei ao partido, ou deve o partido determinar a linha e assentar as leis para os dirigentes sindicais? Este problema se delineou ou branco ou preto no meio dessa greve. Não o evitamos. A ação decisiva que tomamos nesse momento coloriu todos os desenvolvimentos futuros de nosso partido no campo sindical e foi uma grande prova para formar o caráter de nosso partido.

Colocamos o Sr. Field em julgamento no meio da greve. Tão grande como era, contra ele descarregamos as responsabilidades por ter violado a política do partido e a disciplina partidária, diante da organização de Nova York. Tivemos uma forte discussão — creio que duas tardes de domingo para dar a todas as pessoas da Liga Comunista a oportunidade de falar. O grande homem Field não apareceu. Não tinha tempo. Por isso foi julgado em ausência. Por essa época ele havia organizado uma pequena fração de membros da Liga ao qual ele influenciava e os quais haviam deslumbrado-se pela magnitude do movimento de massas comparado com o tamanho do nosso pequeno grupo da rua 16. Apareciam nas reuniões da Liga como os oradores de Field, cheios de arrogância e imprudência e diziam: "Vocês não podem nos expulsar. Vocês somente estão expulsando o movimento sindical de massas".

Como muitos sindicalistas antes deles, se sentiam maiores que o partido. Pensavam que podiam violar a política do partido e quebrar a disciplina do partido com impunidade porque o partido não tinha coragem suficiente para discipliná-los. Isto é o que realmente acontecia no Partido Socialista, e esta é uma das razões importantes pela qual o Partido Socialista tem caído nesta patética ruína no campo sindical. Todos seus grandes líderes sindicais, levados ao poder com a ajuda do partido, estão ainda no partido, mas uma vez no poder nunca prestaram nenhuma atenção ao partido e a sua política. Os líderes operários estavam sobre a disciplina do Partido Socialista. O partido nunca teve a coragem suficiente para expulsar a nenhum deles, porque pensavam que assim perderiam seu "contato" com o movimento de massas. Nós não tínhamos esse tipo de pensamento. Procedemos resolutamente para expulsar a Field e a todos aqueles que se

solidarizaram com ele nessa situação. Os lançamos fora de nossa organização no meio da greve. Aqueles membros da fração de Field que não queriam romper com o partido, que concordaram em aceitar a disciplina do partido, deu-se a eles a oportunidade para fazê-lo, e ainda são membros do partido. Alguns daqueles a quem expulsamos permaneceram no isolamento político por anos. Outros, naquele mesmo momento aprenderam as lições da experiência e retornaram a nós.

Essa foi uma ação muito drástica, considerando as circunstâncias da greve em desenvolvimento; e com essa ação sacudimos o movimento operário de esquerda. Nenhuma pessoa fora da nossa organização nunca sonhou que um pequeno grupo político como nós, confrontados com um membro à cabeça de um movimento de 10 mil trabalhadores, se atreveria a expulsá-lo a essa altura de sua glória, quando sua foto estava em todos os jornais e parecia ser mil vezes maior que nosso partido. Houve duas reações a princípio: uma era sustentada por pessoas que diziam: "Isto significa o fim dos trotskistas: estão perdendo seus contatos e forças sindicais"; estavam equivocado. A outra reação, a importante, era sustentado por aqueles que diziam: "os trotskistas são uma coisa séria". Os que predicavam consequências fatais pela desgraça e pela derrota da greve dos hoteleiros de imediato foram refutados pelos acontecimentos posteriores. Muitos dos que viram este pequeno grupo político pôr um freio num líder sindical "intocável", começaram a respeitar os trotskistas.

Gente séria foi atraída para a Liga, e nossos militantes, de conjunto, reafirmaram um novo sentido de disciplina e responsabilidade dentro da organização. Depois, sobre os calcanhares do desastre dos hotéis, veio a greve da mina de carvão de Minneapolis. Antes que a greve hoteleira se esfriasse houve um florescimento em Minneapolis e uma greve dos operários do carvão. Foi dirigida por esse grupo de trotskistas de Minneapolis que já são conhecidos de todos vocês, e conduzidos como um modelo de organização e militância. A disciplina partidária de nossos camaradas nessa empresa — 100 por cento efetiva — não foi afetada nem em um pequeno grau, e sim reforçada pela desafortunada experiência que tivemos em Nova York. Enquanto que a tendência dos líderes sindicais em Nova York tinha sido trabalhar por fora do partido, em Minneapolis os líderes soldaram-se mais estreitamente ao partido e conduziram a greve no mais íntimo contato com o partido, local e nacionalmente.

A greve da mina de carvão foi uma ruidosa vitória. A política trotskista, levada adiante por homens capazes e leais, foi brilhantemente reivindicada, e fez muito para contrabalançar as más impressões da greve dos hoteleiros de Nova York.

Seguindo esses acontecimentos, enviamos outra carta ao American Workers Party propondo-lhes que nós enviássemos um comitê para discutir a fusão com eles. Havia elementos entre seus membros que não queriam falar conosco. Éramos os últimos com quem eles queriam unir-se, mas haviam outros no AWP que estavam seriamente interessados em unir-se conosco para formar um partido maior. E, como nós nunca guardamos nossas aproximações em segredo, mas sempre as imprimimos em nossa imprensa para que os membros do AWP pudessem ler, os dirigentes consideraram conveniente concordar em reunirmos. As negociações formais para a fusão do AWP e da Liga Comunista começaram na primavera de 1934.

Como vocês sabem, e como será relatado nas conferências posteriores, esta aproximação e estas negociações culminaram em uma fusão do AWP e da Liga Comunista, e o lançamento de um partido político único. Foi feito não sem esforços políticos nem dificuldades e obstruções. Quando alguns de vocês para para pensar que na direção do AWP naquele momento havia gente como Ludwig Lore, que é um dos principais representantes da frente democrática hoje, e que um outro era J. B. Salutsky Hardman, alguns podem rapidamente compreender que nossa tarefa não era fácil. Salutsky literalmente era lacai de Sidney Hillman e editor do órgão oficial do Amalgamated Clothing Workers (Sindicato têxtil). Eles sabiam bem quem eram os trotskistas e não queriam trato com eles. Seus papéis na AWP era o de assegurar seu desenvolvimento no sentido de ser somente um joguete; prevenir seu desenvolvimento em uma direção revolucionária; sobretudo, mantê-lo livre do contato com os trotskistas, que são sérios quando falam sobre um programa revolucionário. Apesar deles, as negociações começaram.

Fomos ativos em outros setores da frente política. A 5 de março de 1934 foi convocado o debate histórico entre Lovestone e eu no Irving Plaza. Depois de cinco anos os representantes das duas tendências inimigas no movimento Comunista se encontraram e cruzaram suas espadas outra vez. A balança estava parelha. Havia começado expulsando-nos do PC como

trotskistas, como "contra-revolucionários". Depois, após sua própria expulsão, eles nos depreciaram como uma pequena seita sem membros nem influência, entretanto eles comparativamente começaram com um movimento maior. Mas, nesses cinco anos, os cortamos ao nosso tamanho. Estávamos crescendo, tornando-nos fortes; eles estavam declinando. Havia um amplo interesse em nossa proposta para um novo partido, e a organização lovestonista não estava livre disto.

Como resultado os lovestonistas acharam necessário aceitar nosso convite para um debate sobre o tema. "Chamar por um novo partido e uma nova Internacional" — esse era o meu programa no debate. O programa de Lovestone era: "Reformar e unir a Internacional Comunista". Isto foi quase um ano depois da derrota da Alemanha. Lovestone ainda queria reformar a Internacional Comunista, e não somente reformá-la mas uni-la. Como? Primeiro os lovestonista se comprometeriam com ela. Depois nós, os trotskistas, que havíamos sido tão sem cerimônia postos para fora, seríamos readmitidos. O mesmo a escala internacional. Nesta hora nós já havíamos dado as costas para a Comintern falida. Muita água havia passado por baixo da ponte, muitos erros se haviam cometido, demasiados crimes e traições, demasiado sangue havia sido derramado pela Internacional Stalinista. Chamamos a uma nova Internacional com uma bandeira sem mácula. Eu debati por este ponto de vista. Este debate foi um tremendo triunfo para nós.

Havia um amplo interesse e tivemos uma grande audiência. The Militant reporta que havia 1.500 pessoas e eu penso que deve ter havido algo muito próximo disso. Era a maior audiência a que nós havíamos falado sobre um fato político desde nossa expulsão. Era algo como nos velhos tempos, estar brigando uma vez mais diante de uma audiência real com um velho antagonista, embora agora a luta tinha lugar sobre um plano muito diferente, superior. Na audiência, além dos membros e aderentes das duas organizações representadas pelos polemistas, havia muitos socialistas de esquerda e alguns stalinistas e uns tantos independentes radicais, e membros do AWP. Foi uma ocasião crítica. Muita gente, rompendo com o stalinismo oscilava entre os lovestonistas e os trotskistas ao mesmo tempo. Nosso slogan de um novo partido e uma nova internacional estava mais de acordo com a realidade e as necessidades, e ganhou a simpatia da grande maioria daqueles que estavam se afastando do stalinismo. Nosso programa tinha muito mais força, era muito mais realista tanto que atraímos

praticamente a todos os elementos oscilantes para nosso lado. Os lovestonistas não puderam fazer muitos progressos com seu programa fora de moda de "unificar" a Comintern falida, depois da traição na Alemanha.

O êxito deste debate assentou os passos para um série de conferências sobre o programa e a IVª Internacional. O fato de que tivemos que conseguir um local maior para nossas conferências do que o que usávamos antes é ilustrativo do despertar do nosso movimento. Tivemos que nos mudar do Irving Plaza. A audiência era três ou quatro vezes maior que o que estávamos acostumados nos cinco anos de nosso pior isolamento.

O trotskismo se pôs no mapa político naqueles dias e estava golpeando duro, cheio de confiança. The Militant de março e abril de 1934 reporta uma viagem nacional de Shachtman, estendendo pela primeira vez o caminho à costa oeste. Seu tema foi: "O novo partido e a nova Internacional". Em 31 de março de 1934 a capa inteira do The Militant foi dedicada a um manifesto da Liga Internacional Comunista (a organização trotskista mundial) dirigida aos partidos socialistas revolucionários e grupos de ambos os hemisférios, chamando-os a responderem a conclamação por uma nova Internacional contra a falência da Segunda e da Terceira Internacional.

O trotskismo em escala mundial estava em marcha. Nós nos Estados Unidos estávamos em movimento. Na verdade, estávamos à cabeça do processo de nossa organização internacional, aproveitando toda oportunidade e avançando confiantemente em todas as frentes. E quando veio nossa real grande oportunidade com o movimento sindical, na grande greve de Minneapolis de maio e julho de 1934, estávamos completamente prontos para mostrar o que podíamos fazer, e o fizemos.

Conferência VIII

As Grandes Greves de Minneapolis

O ano de 1933, o quarto ano da grande crise norte americana, marcou o começo do maior levante dos operários norte-americanos e seu movimento de organização sindical a uma escala nunca vista antes na história norte-americana. Isso foi o marco do desenvolvimento de vários partidos políticos, grupos e tendências. Este movimento dos operários norte americanos tomou a forma de um tremendo giro para a ruptura com sua atomização visando enfrentar os patrões com a força organizada do sindicalismo.

Este grande movimento se desenvolveu em ondas. No primeiro ano da administração Roosevelt veio a primeira onda de greves de uma considerável magnitude, mas os resultados foram insuficientes na via da organização, porque careciam de suficiente empuxe e direção adequada. Na maioria dos casos o esforço dos trabalhadores era frustado por uma "mediação" governamental por um lado, e uma brutal repressão por outro.

A segunda grande onda de greves e movimentos de organização teve lugar em 1934. Foi seguido por um movimento ainda mais poderoso em 1936-37, da qual o ponto mais alto foi a greve de braços cruzados nas fábricas de automóveis, uma greve impermeável que levou a um tremendo ressurgir da CIO.

Nossa conferência de hoje trata da onda de greves de 1934, representada pelas greves de Minneapolis. Onde, pela primeira vez, se demonstrou a participação efetiva de um grupo marxista revolucionário na organização real da greve e na direção. A base desta onda de greves e movimentos de organização foi o reavivamento parcial da indústria.

Isto já foi mencionado antes e deve ser repetido uma e outra vez. Nos abismos da depressão, quando o desemprego era muito grande, os operários haviam perdido a confiança em si mesmos e temiam fazer qualquer movimento sob detestável ameaça de desemprego. Mas com o reavivamento da indústria os trabalhadores ganharam nova confiança neles mesmos e começaram um movimento para recuperar algumas coisas que lhes haviam sido tiradas nos anos mais profundos da depressão. O terreno

para a atividade de massas do movimento trotskista na América do norte foi estabelecido, pela própria ação das massas. Na primavera de 1934 o país havia sido eletrificado pela greve de Auto-Lite em Toledo na qual haviam sido introduzidos alguns métodos e técnicas novas de luta militante. Um agrupamento político, ou ao menos semi-político, representado pela CPLA, que havia formado o Comité Provisório para a formação do American Workers Party, tinha dirigido essa greve tremendamente significativa de Toledo, através de sua "Unemployed League" (Liga de Desempregados). Tinha se mostrado pela primeira vez que grande papel pode jogar nas lutas dos operários industriais uma organização de desempregados dirigida por elementos militantes. A organização de desempregados em Toledo, que havia sido formada e estava sob a direção do grupo de Muste, praticamente tomou a direção da greve de Auto-Lite e a elevou a um nível de piquete de massas e militância para além dos limites até então contemplados pela velha linha de burocratas dos sindicatos da categoria.

A greve de Minneapolis elevou ainda mais o nível. Se nós medirmos ponto por ponto, inclusive o critério decisivo de direção política e a máxima exploração de cada possibilidade inerente a uma greve, devemos dizer que o ponto mais alto da onda de 1934 foi a greve dos motoristas de Minneapolis, auxiliares e trabalhadores internos, em maio, e sua repetição em uma proporção ainda maior em julho-agosto de 1934. Essas greves puseram o trotskismo norte-americano em um teste crucial.

Por cinco anos havíamos sido uma voz gritando na floresta, confinados a crítica do PC, à elucidação do que pareciam ser as mais abstratas questões teóricas. Mais de uma vez fomos acusados de não sermos nada, salvo de sectários e divisionistas. Agora, com esta oportunidade apresentada em Minneapolis de participar do movimento de massas, o trotskismo norte-americano era posto diretamente em um teste. Tínhamos que demonstrar na ação se era na verdade um movimento de sectários e divisionistas, ou uma força política dinâmica, capaz de participar efetivamente no movimento de massas dos trabalhadores.

Nossos camaradas de Minneapolis começaram seu trabalho primeiro nas minas de carvão, e mais tarde estenderam sua campanha de organização geral entre os motoristas e auxiliares. Aquele não foi um plano pré-concebido, trabalhado no staff geral do nosso movimento. Os motoristas de

Minneapolis eram a seção decisiva do proletariado norte-americano. Começamos nossa real atividade no movimento operário naqueles lugares onde a oportunidade estava aberta para nós. Não é possível selecionar ocasiões felizes arbitrariamente, de acordo com um capricho ou uma preferência. Devemos entrar no movimento de massas quando uma porta está aberta. Uma série de circunstâncias fizeram de Minneapolis o ponto nodal de nossa primeira grande empreitada, e de triunfos no campo sindical. Tínhamos em Minneapolis um grupo de velhos e provados comunistas que ao mesmo tempo eram experimentados sindicalistas. Eram homens bem conhecidos, enraizados na localidade. Durante a depressão trabalharam nas minas de carvão. Quando se abriu a oportunidade de organizar as minas eles a aproveitaram e demonstraram rapidamente sua capacidade na exitosa greve de três dias. Assim, a extensão da organização operária para a indústria caminhoneira seguiu como por um tubo.

Minneapolis não era o osso mais fácil de roer. De fato era o mais duro em todo o país. Minneapolis era uma notória cidade comercial. Durante 15 ou 20 anos da Citizens Alliance, uma organização de patrões duros, haviam dirigido Minneapolis com uma mão de ferro. Nem uma simples greve havia triunfado naqueles anos. Os sindicatos da construção, talvez um dos sindicatos por ofício mais estáveis e efetivos, estavam mantendo a raia em Minneapolis e afastados das Obras de construção mais importantes. Era uma cidade de greves perdidas, negócios abertos, salários miseráveis, horas roubadas e um débil e ineficiente movimento sindical por ofício.

A greve do carvão, mencionada na nossa discussão da semana passada, foi um conflito preliminar das grandes batalhas que viriam. A admirável vitória da greve, sua militância, sua boa organização e seu rápido triunfo, estimularam a organização geral dos motoristas de caminhões e seus ajudantes, que até aquele momento e ao largo dos anos da depressão, haviam sido cruelmente explorados e sem o benefício da organização. Na realidade, havia um sindicato na indústria, mas estava sustentado na beira do nada. Havia somente um pequeno punhado de membros com um pobre tipo de contrato com uma das duas companhias de transferências, não uma organização de massas de motoristas de caminhões e ajudantes na cidade.

O triunfo da greve do carvão levantou os trabalhadores da indústria do transporte. Estavam acesos, seus salários eram muito baixos e suas horas muito longas. Livres por muitos anos de qualquer sindicato que os

limitasse os patrões famintos de benefícios haviam ido muito longe — os patrões sempre vão demasiado longe — os trabalhadores escutaram a mensagem sindical abertamente.

Nosso trabalho sindical em Minneapolis, do começo ao fim, foi uma campanha dirigida politicamente. As táticas foram guiadas pela política mais geral, argamassadas persistentemente por The Militant, que chamava aos revolucionários para entrarem na principal corrente do movimento operário representada pela AFL.

Esse era nosso curso deliberado para acompanhar a linha organizativa em que iam as massas, não estabelecer sindicatos artificiais próprios em contradição com o impulso das massas, de ir ao movimento sindical estabelecido. Durante cinco anos nos salvamos através de uma batalha decidida contra o dogma ultra esquerdista dos "sindicatos vermelhos", estes sindicatos fundados artificialmente pelo Partido Comunista foram boicotados pelos trabalhadores, isolando assim os elementos da vanguarda. As massas de trabalhadores, buscando uma organização, tinham um instinto seguro. Sentiam a necessidade da ajuda. Queriam estar em contato com outros trabalhadores organizados, estar em contato com alguns radicais que gritam muito. Este é um fenômeno que não falha: as massas, sem ajuda, desorganizadas na indústria, têm um exagerado respeito pelos sindicatos estabelecidos, não importa quão conservadores, quão reacionários possam ser estes. Os trabalhadores temem o isolamento. Nesse aspecto eles são muito mais sábios que todos os sectários e dogmáticos que tem tentado proscrever a forma exata, detalhado de um sindicato perfeito. Em Minneapolis, como em todos os lados, tinham um forte impulso para confluir com o movimento oficial, esperando sua ajuda na briga contra os patrões que haviam feito a vida muito mais dura para eles. Seguindo a tendência geral dos trabalhadores, nós também fizemos isso; se estávamos por construir a melhor de nossas oportunidade, não poríamos dificuldades desnecessárias no nosso caminho. Não perderíamos tempo e energias tratando de vender aos trabalhadores um novo esquema de organização que eles não queriam. Era muito melhor adaptarmo-nos a sua tendência, e também explorar as possibilidades de obter a ajuda do movimento operário oficial existente.

Não foi muito fácil para nossa gente entrar na AFL em Minneapolis. Eles eram homens marcados, duplamente expulsos, duplamente injuriados.

No curso de suas lutas haviam sido expulsos não apenas do Partido Comunista, mas também da AFL. Durante a "purga vermelha", no ponto mais alto da reação no movimento operário norte americano, praticamente todos nossos camaradas que haviam sido ativistas nos sindicatos haviam sido expulsos. Um ano mais tarde para fazer mais completo seu isolamento, foram expulsos do PC.

Mas a pressão dos trabalhadores em direção a organização foi mais forte que os decretos dos burocratas sindicais. Foi demonstrado que nossos camaradas tinham a confiança dos trabalhadores e os planos de como poderiam ser organizados. A patética debilidade do movimento sindical em Minneapolis, e o sentimento dos membros do sindicato de que necessitava-se de nova vida — tudo isso trabalhava a favor de que nosso pessoal voltasse para a AFL através do Teamster Union. Ademais, havia umas circunstâncias fortuitas, um acidente afortunado, que à cabeça do Local 574 e do Teamster Joint Council em Minneapolis, estava um militante sindical chamado Bill Brown. Tinha um instinto de classe e estava fortemente atraído pela ideia de obter a cooperação de algumas pessoas que soubessem como organizar os operários e dar aos patrões uma briga real. Aquela foi uma circunstância afortunada para nós, mas tais coisas ocorrem a cada tanto. A fortuna favorece aos mais devotos. Se vocês vivem corretamente e se conduzem com propriedade, obtêm um golpe de sorte de tempos em tempos. E quando ocorre um acidente — um bom — há que aproveitá-lo e tirar o melhor partido possível.

Nós certamente fizemos o melhor com aquele acidente, a circunstância de que o Presidente do Local 574 de Teamsters fosse um personagem maravilhoso, Bill Brown, que manteve a porta do sindicato aberta aos "novos homens" que sabiam como organizar os operários e dirigi-los na batalha. Mas nossos camaradas eram membros novos nesse sindicato. Não tinham tempo o suficiente para serem sócios efetivos; eram somente membros quando a briga começou a fazer ruído. Assim, nem um só do nosso pessoal — ou melhor, membros do grupo trotskista — era um efetivo do sindicato durante as três greves. Mas eles organizaram e dirigiram as greves mesmo assim. Estavam constituídos como um "Comitê de Organização", uma espécie de corpo extra-legal estabelecido com o propósito de dirigir a campanha de organização e dirigir as greves.

A campanha de organização e das greves foram levadas a cabo virtualmente por cima da cabeça da direção oficial do sindicato. O único dos efetivos regulares que realmente participou de forma direta na atual direção das greves foi Bill Brown, junto com o Comitê de Organização. Esse Comitê de Organização teve um mérito que se demonstrou no começo — outros méritos foram revelados mais tarde — eles sabiam como organizar operários. Essa é uma das coisas que os ossificados burocratas em Minneapolis não sabiam e aparentemente não podiam aprender. Eles sabem como desorganizá-los. Esta característica é a mesma em todos os lados. Eles sabem, as vezes, levar os operários para dentro dos sindicatos quando abrem suas portas. Mas ir mais além e organizar realmente os trabalhadores, sacudi-los, inspirar-lhes confiança — a burocracia tradicional dos sindicatos por ofício não pode fazer isso. Isso não é seu campo, não é sua função. Nem sequer é sua ambição.

O Comitê de Organização trotskista organizou os trabalhadores na indústria do transporte e depois agiu para alinhar o resto do movimento operário em apoio a esses trabalhadores. Não os levaram a uma ação isolada. Começaram a trabalhar através da Central Labor Union, com conferências com os burocratas assim como com pressão de baixo, para pôr o movimento operário de Minneapolis em apoio a nova organização de motoristas de caminhões; trabalharam até a exaustão para insistir com os funcionários da Central Labor Union na campanha, para ter resoluções com suas assinaturas respaldando suas reivindicações, fazendo-lhes assumir responsabilidade oficial. Quando chegou o momento da ação, o movimento operário de Minneapolis, representado por sindicatos oficiais da AFL, encontraram-se na posição de apoiar as reivindicações e a estarem obrigados a apoiar a greve.

Em maio a greve geral explodiu. Os patrões, muito acostumados a uma longa dominação sem objeções, foram fortemente surpreendidos. A lição da greve de carvão não os havia convencido ainda de que "algo de novo" havia se somado ao movimento sindical em Minneapolis. Eles ainda pensavam que podiam deter isto nos passos iniciais. Pretendiam isso com tramoias, manobrando e obstaculizando nosso pessoal nas negociações com o Labor Board, onde muitos novos sindicatos haviam sido destroçados. Justo no meio da questão, quando pensaram que teriam o sindicato confundido nesta trama de negociações para uma demora indefinida, nosso pessoal atacou de um só golpe. Receberam uma greve

geral na cara. Os caminhões foram postos uns atrás dos outros e as "negociações" foram para as ruas.

Esta greve geral de maio sacudiu Minneapolis como nunca havia sido sacudida antes. Sacudiu o conjunto do país, porque não foi uma greve dócil. Foi uma greve que começou com tanto ruído que o país inteiro escutou falar sobre ela, e sobre o papel dos trotskistas em sua direção — os patrões advertiram isto amplamente, e também histericamente. Depois vimos outra vez a mesma resposta entre os trabalhadores de esquerda que haviam seguido nossa ação firme no caso de Field e da greve hoteleira de Nova York. Quando viram o desenvolvimento da greve de maio em Minneapolis, o mesmo sentimento se expressava de novo: "Os trotskistas são coisa séria. Quando se comprometem a uma coisa vão por ela até o final". As zombarias sobre o "sectarismo" trotskista começaram a tornar-se ranço.

Não haviam diferenças essenciais, de fato eu não pensava que havia alguma séria diferença entre os grevistas em Minneapolis e os trabalhadores envolvidos em centenas de outras greves através do território nesse período. Quase todas as greves foram levadas com a maior militância operária. A diferença estava na direção, e na política. Praticamente em todas as outras greves a militância de base operária era segura pela cúpula. Os dirigentes estavam impactados pelo governo, os periódicos, os clérigos, e uma coisa e outra. Insistiram em levar o conflito das ruas e dos piquetes às silenciosas reuniões. Em Minneapolis a militância de base não foi limitada mas sim organizada e dirigida de alto a baixo.

Todas as greves modernas requerem uma direção política. As greves daquele período levavam ao governo, suas agências e suas instituições ao mesmo centro de cada situação. Um dirigente de greve sem uma linha política já estava fora de lugar em 1934. O antigo movimento sindical, que costumava negociar com a patronal sem interferência governamental, pertence ao museu. O moderno movimento operário deve ser dirigido politicamente porque está sempre confrontado com o governo. Nossa gente estava preparada para isso já que eram pessoas políticas, inspiradas por concepções políticas. A política da luta de classes guiava nossos camaradas, não podiam ser desiludidos e manobrados, como o eram muitos outros dirigentes de greves daquele período, por esse mecanismo de sabotagem e destruição conhecido com National Labor Board (Ministério

do Trabalho) e todos seus escalões auxiliares. Não punham nenhuma confiança no ministério do trabalho de Roosevelt; não eram enganados por nenhuma ideia de que Roosevelt, o presidente liberal "amigo dos trabalhadores", iria ajudar os caminhoneiros em Minneapolis para que ganhassem uns poucos centavos a mais por hora. Não estavam seduzidos pelo fato de que havia nesse tempo em Minnesota um governador que era um trabalhador agrícola, que presumia estar do lado dos operários.

Nosso pessoal não acreditava em nada nem ninguém, apenas na política da luta de classes e na habilidade dos trabalhadores para preservar sua força de massa, e na solidariedade. Consequentemente, esperavam desde o princípio que o sindicato teria que brigar por seus direitos para existir; que os patrões não presenteariam nenhum reconhecimento para o sindicato, não presenteariam nenhum aumento de salários ou redução das horas escandalosas, sem pressão. Por tanto, prepararam tudo do ponto de vista da guerra de classes. Sabiam que esse poder, não a diplomacia, decidiria esse assunto. Os blefes não servem nas coisas fundamentais, mas sim em coisas incidentais. Em coisas como o conflito de interesses de classe deve-se estar preparado para brigar.

Providos destes conceitos gerais os trotskistas de Minneapolis, no decorrer da organização dos trabalhadores, planejaram uma estratégia de batalha. Era algo inédito em Minneapolis. Isto é, uma greve completamente organizada com antecipação, uma greve preparada com o detalhe meticuloso próximo ao do Exército Alemão, controlado até o último botão do uniforme do último soldado. Quando o momento limite chegou, e os patrões pensaram que podiam ainda manobrar e fanfarronar, nossa gente estabeleceu uma fortaleza para a ação. Isto foi notado e reportado pelo "Minneapolis Tribune", o porta voz dos patrões, só no último momento, um dia antes da greve. O jornal dizia: "Se os preparativos feitos por seu sindicato para sustentá-lo, são as indicadas, a greve dos motoristas de caminhões de Minneapolis vai ser um assunto longo. Ainda antes do começo oficial da greve às 11:30 da manhã de terça-feira, o "Quartel General" da organização, situado na Avenida Chicago, 1900, estava operando com toda a precisão de uma organização militar".

Nosso pessoal tinha um "Comissariado" preparado. Não esperavam até que os grevistas estivessem famintos. Os haviam organizado previamente na preparação da greve. Estabeleceram um hospital de emergência em uma

garagem — os quartéis da greve estavam em garagens — com seu próprio doutor e suas próprias enfermeiras ainda antes de que explodisse a greve. Por que? Porque eles sabiam que os patrões, seus capangas, assassinos e deputados tentariam neste caso, como em qualquer outro, quebrar a greve. Estavam preparados para cuidar de sua própria gente e não deixá-los postos sob detenção provisória e fora de circulação. Quando um trabalhador era ferido em um piquete o levavam ao seu local próprio e o curavam ali.

Eles tomaram o exemplo do Progressive Miners of America e organizaram um Auxílio de Mulheres para criar problemas aos patrões. E lhes conto, que as mulheres criaram um montão de problemas, correndo ao redor, protestando e escandalizando aos patrões e as autoridades da cidade, que é uma das mais importantes armas políticas. A direção da greve organizou piquetes sobre uma base de massas. Selecionar, contratar a umas poucas pessoas, uma ou duas, para observar, contar e reportar quantos “carneiros” tinham sido contratados, não funciona em uma luta real. Eles enviavam um piquete para evitar que os “carneiros” entrassem. Eu mencionei que tinham seus próprios quartéis em garagens. Isto era assim porque os piquetes foram postos sobre rodas. Não só organizavam os piquetes, mas também mobilizaram uma frota de veículos. Cada trabalhador em greve, simpatizante, e sindicalista da cidade, era chamado a doar seu automóvel ou caminhão. Assim, o comitê de greve tinha uma frota inteira a sua disposição. Esquadras volantes de piquetes sobre rodas estavam estacionados em pontos estratégicos em toda a cidade.

Cada vez que chegava uma notícia de que se movia um caminhão, ou de alguma intenção de mover caminhões, o "despachador" chamava por auto-falante na garagem a tantos carros, carregados de piqueteiros, quantos fossem necessários para ir ter uma conversa com os operadores "carneiros".

O "despachador" na greve de maio era um jovem chamado Farrell Dobbs. Saltou da mina de carvão em Minneapolis para o sindicato e para a greve, e depois ao partido. Primeiro se fez conhecido como um despachador que ordenava as saídas das esquadras de carros e dos piqueteiros. A princípio os piqueteiros saíam sem nada nas mãos, mas regressavam com as cabeças machucadas e feridas de vários tipos. Depois se equiparam com shillalahs para a próxima viagem. Um shillalah, como qualquer irlandês pode lhes contar, é um pau com pontas em que se pode apoiar no caso de se mancar. Contudo, pode-se carregar com outros

propósitos. A intenção dos patrões e da polícia de quebrar a greve pela força culminou na famosa "Batalha do Mercado". Vários milhares de comissários especiais junto a força policial inteira foram mobilizados para fazer um esforço supremo de abrir uma parte estratégica da cidade, o mercado atacadista, para a operação de caminhões.

Aqueles comissários, recrutados da pequena burguesia e das classes empregadoras da cidade, e os profissionais, chegaram ao mercado com espírito de festa. Iam se divertir batendo em grevistas. Um dos comissários especiais luzia seu chapéu de "polo". Ia ter seu grande momento, golpeando cabeças de grevistas com pelotas de "polo". O mal informado desportista estava errado, não haveria uma partida de "polo" desta vez. Ele e todos os comissários e policiais se viram envolvidos por uma massa de piquetes organizados do sindicato apoiados por sindicalistas simpatizantes de outras áreas e por membros das organizações de desempregados. O intento de mover os piquetes para a zona do mercado terminou em um fracasso. O contra ataque dos operários os fez fugir. A batalha passou para a história de Minneapolis como "A batalha da corrida dos Comissários". Fez duas vítimas fatais, e foram ambas do outro lado. Aquela foi uma das faces da greve que deixou Minneapolis em alta conta na estima dos trabalhadores de todas as partes. Dia após dia de greve naqueles dias a mesma história havia sido repetida monotonamente na imprensa: dois grevistas assassinados; quatro grevistas fuzilados; 20 grevistas presos, etc. Esta foi uma greve onde não esteve tudo de um só lado. Houve uma explosão universal de aplausos, de um extremo ao outro do movimento operário, pela militância e a resolução dos lutadores de Minneapolis. Haviam revertido a tendência das coisas, e os militantes operários em todos os lados exaltaram seu nome.

Com o desenvolvimento da campanha organizativa, nosso Comitê Nacional em Nova York era informado de cada acontecimento e colaborava como podia pelo correio. Mas quando estourou a greve fomos totalmente conscientes que havia chegado o momento para nós de fazer mais, de fazer tudo o que podíamos para ajudar. Eu fui enviado para Minneapolis por avião para colaborar com os camaradas, especialmente nas negociações para um acordo. Esse era o momento, deixo-lhes sublinhado, em que éramos extremamente pobres, que não podíamos ter um telefone no escritório. Não tínhamos em absoluto bases financeiras para gastos tão extravagantes como viagens de avião. Mas a consciência de nosso

movimento foi expressa muito emblematicamente pelo fato de que no momento da necessidade encontramos os meios para pagar uma viagem de avião para poupar-nos umas poucas horas. Esta ação, que custou além do que nossa arrecadação podia normalmente chegar, foi feita para dar aos camaradas locais envolvidos na briga o benefício de todo o conselho e toda a assistência que podíamos oferecer, e a qual, como membros da Liga, eles tinham direito de reclamar. Mas há outro aspecto, muito importante. Enviando um representante do Comitê Nacional para Minneapolis, nossa Liga queria mostrar que tomava as responsabilidades pelo que estava fazendo. Se as coisas fossem mal — e sempre há a possibilidade de que as coisas se saiam mal em uma greve — queríamos dizer que tomávamos a responsabilidade por eles e não deixávamos os camaradas locais com todo o fardo. Aquele sempre foi nosso procedimento. Quando uma seção de nosso movimento está envolvida em uma ação, os camaradas locais não são deixados aos seus próprios recursos. A direção nacional deve ajudá-los e em última análise tomar a responsabilidade.

A greve de maio durou somente 6 dias e se chegou a um rápido acordo. Os patrões foram tirados do eixo; todo o país reclamava que se solucionasse a questão. Havia pressão desde Washington e do governador Olson. A conciliação foi severamente atacada pela imprensa stalinista, que estava muito radical nesse momento, porque não foi uma vitória total, e sim um compromisso; uma vitória parcial que deu reconhecimento ao sindicato. Tomamos toda a responsabilidade pelo acordo que haviam feito nossos camaradas e respondemos ao stalinismo. Nossa imprensa simplesmente tirou os stalinistas do chão nesta controvérsia. Defendemos o acordo de Minneapolis e frustamos sua campanha para desacreditá-lo e assim desacreditar nosso trabalho nos sindicatos. Ao movimento operário de esquerda foi dado um quadro completo desta greve. Publicamos uma edição especial do *The Militant* que descrevia os detalhes de todos os diferentes aspectos da greve e da preparação que levou a ela. Essa edição foi escrita quase inteiramente pelos camaradas dirigentes da greve.

O ponto principal ao redor do qual armamos a explicação do compromisso firmado foi: quais são os objetivos de um novo sindicato neste período? Enfatizamos que a classe operária norte americana está ainda desorganizada, atomizada. Somente uma parte dos trabalhadores estão organizados em sindicatos por área, e estes não representam as grandes massas dos trabalhadores norte-americanos. Os trabalhadores

norte-americanos são uma massa desorganizada e seu primeiro impulso e necessidade é dar o primeiro passo elementar antes que possam fazer qualquer coisa mais, ou seja, formar um sindicato e obrigar aos patrões a que reconheçam esse sindicato. Assim formulamos o problema.

Sustentamos — e creio que com toda justiça — que um grupo de trabalhadores, que em sua primeira batalha ganharam o reconhecimento de seu sindicato, e sobre essas bases puderam construir e reforçar sua posição, haviam cumprido os objetivos da ocasião e não deviam super-valorizar sua força e correr o perigo da desmoralização e da derrota. A conciliação provou ser correto porque foi suficiente para construir. O sindicato ficou estável. Não foi uma faísca na escuridão. O sindicato começou a forjar uma direção, começou a recrutar novos membros e educar quadros novos de direção. A medida que as semanas passavam, se fez claro para os patrões que o esquema para privar aos motoristas de caminhão do fruto de sua luta não estava indo tão bem.

Os patrões chegaram a conclusão de que haviam cometido um erro; que deveriam ter brigado mais e quebrado o sindicato, para ensinar ao resto dos trabalhadores de Minneapolis a lição de que os sindicatos não podiam existir ali; que Minneapolis era uma cidade de negócios de escravos e que ficaria assim. Alguém os aconselhou mal. A Aliança de Cidadãos, a organização geral dos patrões e dos que odiavam os trabalhadores se manteve provocando e incitando os patrões da indústria do transporte a romper com o acordo, a cortar sujamente e postergar as concessões que concordaram em dar, e a tirar dos trabalhadores as conquistas que haviam conseguido.

A direção do sindicato compreendia a situação. Os patrões não haviam-se convencido o suficiente com o primeiro teste de força com o sindicato e necessitavam outra demonstração. Começaram a preparar outra greve. Outra vez os operários da indústria eram preparados para a ação. Outra vez todo o movimento operário de Minneapolis era mobilizado para apoiá-los, desta vez, em sua forma mais impressionante e mais dramática. A campanha pela adoção de resoluções na Central Labor Union e em seus sindicatos filiados em apoio ao Local 574 apontava haver uma grande mobilização dos trabalhadores organizados. Os membros de vários sindicatos vieram com suas forças e marcharam em sólidas filas a um impressionante ato de massas no Auditório da Cidade, para apoiar aos

motoristas de caminhões e comprometer-se a sustentá-los na eminente greve. Essa foi uma imponente demonstração de solidariedade operária e da nova militância que estava nascendo entre os operários.

Os patrões seguiam insensíveis. Puseram o "alerta vermelho" denunciando o "Comunismo trotskista" como manchetes nos jornais. Por parte do sindicato os preparativos seguiam adiante como na greve de maio, mas em um plano superior de organização. Quando se fez claro que não podiam evitar outra greve sem sacrificar o sindicato, nosso Comitê Nacional decidiu que de conjunto, a Communist League of America (Liga Comunista da América) teria que dar tudo em seu apoio. Sabíamos que o verdadeiro teste estava ali, que estávamos nos arriscando, não especulando. Entendíamos que era uma batalha que nos poderia construir ou romper nos anos vindouros; se dávamos uma ajuda ao meio, ou negávamos tal ou qual ajuda, isto poderia inclinar a balança entre a vitória ou a derrota. Nós sabíamos que teríamos muito para dar aos camaradas de Minneapolis.

Em nosso movimento nunca jogamos com a ideia absurda de que só aqueles ligados diretamente com um sindicato eram capazes de ajudar. As greves modernas necessitam uma direção política mais que outra coisa. Se nosso partido, nossa Liga como a chamamos depois, merecia existir teria que ir ajudar os camaradas locais. Como é sempre o caso com os dirigentes sindicais, especialmente em tempos de greve, eles estão sob o peso e o stress de milhares de detalhes que pressionam. Um partido político, pelo contrário, se eleva por sobre os detalhes e generaliza a partir dos objetivos principais. Um dirigente sindical que rechaça a ideia do conselho político na luta contra a patronal e seu governo, com seus astutos mecanismos, armadilhas e métodos de exercer pressão, é cego, surdo e mudo. Nossos camaradas de Minneapolis não eram desse tipo. Se voltavam para nós para obter ajuda.

Enviamos umas poucas forças ao lugar dos acontecimentos. Eu fui para lá em torno de duas semanas antes de que estourasse a segunda greve. Depois de haver estado ali uns poucos dias, acordamos em pedir mais ajuda, de fato um staff completo. Duas pessoas foram adicionadas, trazidas de Nova York para o trabalho jornalístico: Shachtman e Herbert Bolow, um experimentado e talentoso jornalista que era uma espécie de simpatizante do nosso movimento naquele tempo. Tomando emprestado uma idéia da greve da Auto Lite de Toledo, chamamos um outro camarada cuja tarefa

específica era organizar os desempregados para colaborar com a greve. Era Hugo Oehler, um sindicalista muito capaz e bom trabalhador entre as massas. Seu trabalho em Minneapolis foi o último bom que fez para nós. Pouco depois contraiu a doença do sectarismo. Mas na época Oehler estava bem, e contribuiu em para a greve. Trouxemos um advogado para o sindicato, Albert Goldman. Sabíamos pela experiência prévia, que um advogado é muito importante em uma greve, se pode-se conseguir um bom. É muito importante ter o próprio "porta voz" e uma face legal que dê conselhos honestos e proteja os interesses legais. Há todo o tipo de idas e vindas em uma greve tão longa e dura. As vezes as coisas se põem muito quentes para os líderes grevistas. Então se pode trazer um bom advogado que diga com calma: "Permita-nos raciocinar juntos e ver o que dizem as leis". É realmente um auxílio, especialmente quando se tem um advogado tão brilhante e um homem tão leal com Al Goldman.

Demos tudo o que podíamos para a greve desde nosso centro em Nova York, sobre o mesmo princípio que mencionei antes, o que serviria de linha de guia para todo tipo de atividade de um partido sério, ou de uma pessoa séria para essa questão. Este é o princípio: se vai fazer algo pelo amor ao céu, faça-o apropriadamente, faça-o bem. Nunca especules, nunca faça as coisas pela metade. Ai dos descuidados! "Porque se tu és descuidado, nem frio nem quente, te cuspirei de minha boca".

A greve começou em 16 de julho de 1934, e durou 5 semanas. Penso que posso dizer sem o menor exagero, sem temor a nenhuma contradição, que a greve de julho-agosto dos motoristas de caminhões e ajudantes de Minneapolis entrou nos anais da história do movimento operário norte-americano como uma de suas lutas maiores, mais heroicas e melhor organizadas. Mais ainda: a greve e o sindicato que se forjou sob o fogo são identificados para sempre no movimento operário, não só aqui mas em todo o mundo, com o trotskismo em ação no movimento das massas trabalhadoras. O trotskismo fez um considerável número de contribuições específicas a esta greve, o que constitui toda a diferença entre a greve de Minneapolis e centenas de outras desse período, algumas das quais envolveram mais trabalhadores, e em localidades e empresas socialmente mais importantes. O trotskismo fez sua contribuição para a organização e preparativos da greve até o último detalhe. Isso era algo novo, algo especificamente trotskista. Segundo, o trotskismo introduziu em todos os planos e preparativos do sindicato e da greve, do princípio ao fim, a

militância baseada no classismo; não como uma reação subjetiva — isto se vê em todas as greves — mas como uma política deliberada baseada na teoria da luta de classes, de que não se pode ganhar nada dos patrões a menos que se tenha a vontade de brigar por isso e a força para tomá-lo.

A terceira contribuição do trotskismo para a greve de Minneapolis — a mais interessante e quem sabe a mais decisiva — foi que enfrentamos os mediadores do governo em seu próprio terreno. Como lhes contei, uma das coisas mais patéticas naquele período era ver como em uma greve atrás da outra os trabalhadores eram manobrados e cortados em pedacinhos e suas greves quebradas pelos "amigos dos operários" no disfarce de mediadores federais.

Esses velhacos adutores vinham, tomavam vantagem da ignorância e da inexperiência e da falta de visão política dos dirigentes locais, e lhes asseguravam que eles estavam aqui como amigos. Sua missão era ajustar o problema arrancando concessões a partir das debilidades. A inexperiência e a ignorância política dos dirigentes das greves eram suas presas. Tinham uma rotina, uma fórmula para enganar os ingênuos. "Eu não lhes estou pedindo que deem alguma concessão ao patrão, mas que deem uma concessão a mim para que possa ajudá-los". Depois de haver obter alguma credulidade, dizem: "Eu tratei de conseguir uma concessão correspondente dos patrões mas eles se negaram. Penso que o melhor que podem fazer são mais concessões: o sentimento público está se voltando contra vocês". E depois pressiona e ameaça: "Roosevelt fará uma declaração" ou, "nos sentimos obrigados a publicar algo nos periódicos contra vocês se não são mais responsáveis e razoáveis". Depois levam os pobres novatos para as salas de reuniões, os mantêm ali horas e horas e os aterrorizam. Esta é a rotina comum que empregam esses cínicos canalhas.

Chegaram a Minneapolis preparados para outra atuação similar. Nós estávamos sentados ali esperando-os. Dissemos: "Vamos, vocês querem negociar, não é assim? Muito bem. Isso é magnífico". Certamente nossos camaradas punham esta linguagem mais diplomática dos "protocolos" de negociações, mas isso era um toque de nossa atitude. Bem, eles nunca conseguiram tirar nem dois centésimos dos líderes trotskistas do local 574. Lhes demos uma dose de negociações e diplomacia da qual ainda estão se recuperando. Esgotamos a três deles antes de que se decretasse a greve finalmente.

Uma das manobras favoritas destes homens de confiança, conhecidos como mediadores federais, era reunir os dirigentes de greve imaturos em uma sala, jogar com sua vaidade e induzi-los a fazer certos tipos de compromissos que não estavam autorizados a fazer. Os mediadores convenciam os líderes das greves que eles eram "grandes jogadores" que deviam tomar uma atitude "responsável". Os mediadores sabiam que as concessões feitas pelos líderes em uma negociação muito raramente podem anular-se. Não importa quanto se oponham a isto os operários, o fato é que os dirigentes já haviam fixado um compromisso público, a posição do sindicato, e criado desmoralização em suas fileiras.

Essa rotina cortou em pedacinhos a maioria das greves naquele período. Isto não prosperou em Minneapolis. Nossos militantes não eram "grande jogadores" nas negociações, em absoluto. Deixaram claro que sua autoridade era extremamente limitada, que eles eram de fato a ala mais moderada e razoável do sindicato, e que se davam um passo fora da linha seriam substituídos no comitê de negociações por outros. Isso era um problema para os carneiros de greves que haviam vindo para Minneapolis com suas facas para ovelhas desprevenidas. De tempos em tempos Grant Dune se somava ao comitê. Se sentava em uma esquina da mesa sem dizer nada, e fazendo gestos de desaprovação cada vez que se falava em concessões. A greve era uma longa e dura briga, nos divertíamos ao planejar as seções do comitê de negociações do sindicato com os mediadores. Os desprezamos, e a todos os seus artifícios e manobras, e sua simulação hipócrita de bom companheirismo e amizade para os grevistas. Eles não eram nada mais que os agentes do governo de Washington, que de conjunto é o agente da classe patronal como um todo. Isto era perfeitamente claro para um marxista, e tomamos quase como um insulto de sua parte assumir que podíamos ser apanhados pelos métodos que empregam com os novatos. Eles o tentaram. Aparentemente não conheciam outros métodos. Mas não avançaram uma polegada até que puseram mãos à obra, pressionaram os patrões e fizeram concessões ao sindicato. A experiência política coletiva do nosso movimento foi muito útil em tratar com os mediadores federais. Para diferença com os estúpidos sectários, nós não os ignoramos. Ao contrário, iniciamos a discussão. Mas não lhes permitimos que nos usassem, e não confiamos neles nem por um momento. Nossa estratégia geral na greve era brigar, não ceder nada a ninguém, manter-nos e brigar. Essa foi a quarta contribuição do trotskismo.

Poderá parecer como uma simples e óbvia receita, mas não é o caso. Não era óbvio para a grande maioria dos dirigentes de greves naquele momento.

A quinta contribuição, para concluir o que o trotskismo fez para a greve de Minneapolis, foi a publicação diária do jornal da greve, o Daily Organizer. Pela primeira vez na história do movimento operário norte-americano, os grevistas não eram deixados a mercê da imprensa capitalista, não eram embriagados e aterrorizados por ela, não viam o monopólio capitalista da imprensa desorientar o sentimento público. Os grevistas de Minneapolis publicaram sua própria imprensa diária. Isso não foi feito por meio milhão de mineiros do carvão, ou centenas de milhares de trabalhadores do automóvel ou do aço, mas por um simples sindicato local de 5 mil motoristas de caminhões, um novo sindicato em Minneapolis que tinha uma direção trotskista. Essa direção compreendia que a publicidade e a propaganda eram muito importantes, e que era algo muito pouco conhecido pelos dirigentes sindicais. É quase impossível medir o tremendo efeito deste jornal. Não era muito grande — só um tabloide de duas páginas. Mas combatia completamente a imprensa capitalista. Depois de um ou dois dias não nos preocupava o que dizia a imprensa cotidiana da patronal. Eles publicaram todo tipo de coisas, mas isto não fazia nenhuma diferença nas fileiras dos grevistas. Eles tinham seu próprio jornal e tomavam suas notícias como o evangelho. O Daily Organizer cobria toda a cidade como uma manta. Os grevistas nos “quartéis” acostumaram-se a obtê-lo diretamente da prensa. O “Auxílio das Mulheres” o vendiam em cada bar da cidade onde houvessem clientes da classe operária. Em muitos salões em bairros operários deixavam fardos de jornais no bar com uma caixa para ser colocado as contribuições. Muitos dólares foram recebidos assim e cuidadosamente vigiados pelos taberneiros amigos.

Pessoas dos sindicatos costumavam vir do trabalho e das suas localidades a cada noite para obter fardos de Organizer para distribuí-los entre os homens de seus turnos. O poder desse jornal, seu apoio nos trabalhadores, é indescritível. Eles acreditavam no Organizer e não em outro periódico. Ocasionalmente podia aparecer alguma história na imprensa capitalista sobre algum novo desenvolvimento da greve. Os trabalhadores não acreditavam. Esperavam o Organizer para ver qual era a verdade. Distorções da imprensa acerca de incidentes da greve — que haviam destruído a moral de muitas greves — não foram pra frente em Minneapolis. Mais de uma vez, entre uma multidão que sempre se reunia

ao redor dos “quartéis” da greve quando estava para sair a última edição do Organizer, podia-se escutar coisas como estas: "Você viu o que disse o Organizer! Eu já o disse que a história do Tribune era uma maldita mentira"... Esse era o sentimento geral dos trabalhadores: havia a voz operária na greve, o Daily Organizer.

Esse poderoso instrumento não custava ao sindicato nem um centavo. Pelo contrário, o Daily Organizer dava lucro desde o primeiro dia e levava adiante a greve quando não havia nem uma moeda no cofre. Os lucros do Organizer pagavam os gastos diários da organização. O periódico era distribuído gratuitamente a todo aquele que o quisesse, mas quase todo operário simpatizante nos dava desde um níquel (5 centavos) até um dólar por um exemplar. Por meio dele se mantinha alta a moral dos grevistas, mas sobretudo, seu papel era o de um educador. Todos os dias o jornal tinha as notícias da greve, algumas zombarias sobre os patrões, alguma informação sobre o que estava se passando no movimento operário. Havia também uma tira diária desenhada por um camarada local. Depois havia um editorial tirando as lições das últimas 24 horas, dia após dia, e marcando o caminho vindouro. "Isto é o que tem ocorrido. Isto é o que vem proximamente. Esta é nossa posição". Os trabalhadores em greve estavam armados e preparados com antecipação para qualquer movimento dos mediadores ou do governador Olson. Seríamos muito pobres marxistas se não pudéssemos ver com vinte e quatro horas de antecedência. Notamos várias vezes que os grevistas começavam a tomar nossos prognósticos como notícias e começavam a contar com ela. O Daily Organizer foi a arma maior do arsenal da greve de Minneapolis. Posso dizer sem nenhuma qualificação que de todas as contribuições que fizemos, a mais decisiva, a que empurrou para escalar a vitória, foi a publicação de um jornal diário. Sem o Organizer não se haveria ganho a greve.

Todas essas contribuições que foram mencionadas eram integradas e levadas adiante com a maior harmonia entre o staff enviado pelo Comitê Nacional e os camaradas locais na direção da greve. As lições da greve hoteleira, a experiência lamentável com gente orgulhosa e desleal, foi totalmente assimilada em Minneapolis. Houve uma colaboração estreita do princípio ao fim.

A greve significava para Floyd Olson, governador que havia sido um operário agrícola, um osso duro de roer. Entendíamos a contradição em que

estava. Por um lado, supostamente era um representante dos trabalhadores; por outro era um governador de um estado burguês, temeroso da opinião pública e dos empregadores. Tinha sido espremido entre sua obrigação de fazer algo, ou aparentar fazer algo, pelos trabalhadores, e seu medo de deixar que a greve saísse de seus limites. Nossa política foi explorar essas contradições, exigir-lhe coisas porque era um governador operário, tomar tudo o que nos podia dar e pedir-lhe cada dia mais. Por outro lado, o atacamos e criticamos por cada movimento em falso, e nunca fizemos a menor concessão a tese de que os grevistas confiavam em seus conselhos.

Floyd Olson era indubitavelmente o líder do movimento operário oficial em Minnesota, mas nós desconhecemos sua liderança. Os burocratas sindicais em Minneapolis estavam sob sua direção, tanto como os burocratas atuais da CIO e AFL estão sob a direção de Roosevelt. Roosevelt era o chefe e Floyd Olson era o chefe de todo o movimento operário em Minneapolis exceto no Local 574. Não era nosso chefe, não vacilamos em atacá-lo da maneira mais rude. Sob esses ataques ele retrocedia um pouco e fazia uma concessão ou duas que a direção da greve agarrava voando. Não tínhamos nenhum sentimento por ele. Os burocratas locais estavam chorando e lamentado-se por temer que a sua carreira política fosse arruinada. Isso era problema deles, não o nosso. O que queríamos era mais concessões e o pressionávamos para consegui-las dia após dia. Os burocratas sindicais estavam mortos de medo. "Não façam isso; não o empurrem a esta calamidade; recordem das dificuldades de sua posição". Não lhes prestamos atenção e seguimos nosso caminho. Empurrando e pressionado por ambos os lados, temeroso de ajudar os operários e temeroso de não fazê-lo, Floyd Olson declarou a lei marcial. Essa era realmente a coisa mais fantástica que jamais havia ocorrido na história do movimento operário norte americano. Um governador, trabalhador agrícola, proclamou a lei marcial e freiou a circulação de caminhões. Se supõem que isso era a favor do lado operário. Mas depois permitiu que andassem os caminhões sob permissão especial. Isso era para os patrões. Naturalmente, os piquetes se comprometeram a freiar os caminhões, com permissão ou sem ela. Então, uns poucos dias mais tarde, a milícia do governador camponês invadiu os locais da greve e prendeu os dirigentes.

Salto um pouco à frente na história. Depois da declaração da lei marcial, as primeiras vítimas, os primeiros prisioneiros da milícia de Olson foram

Max Shachtman e eu. Não sei como descobriram que nós estávamos ali, já que não éramos muito notórios em público. Mas Shachtman levava um grande chapéu de cowboy — onde o havia conseguido, ou porque o levava, em nome de Deus, eu nunca soube — e isso o fez notório. Suponho que foi assim como nos localizaram. Uma noite Shachtman e eu saímos do “quartel” central da greve, caminhamos pela cidade, necessitávamos de diversão, observando para ver que shows estavam acontecendo. Quase no final da avenida Hennepin nos confrontamos com uma alternativa: em um lugar um cabaré, ao lado um cinema. Onde vamos? Bem, naturalmente, disse: ao cinema. Um par de detetives que haviam estado sobre o nosso rastro nos seguiram e nos prenderam ali. Escapamos por pouco de sermos presos em um cabaré! Que escândalo teria sido! Nunca teria vivido para esquecer, estou seguro!

Nos mantiveram presos por 48 horas; depois nos levaram para a corte. Nunca vi tantas baionetas em um mesmo lugar em minha vida como as que havia dentro e ao redor da sala da corte. Todos esses jovens, com grandes cintos e fivelas brancas de miliciano, pareciam estar bastante ansiosos por ter uma pequena prática de baioneta. Alguns de nossos amigos estavam na corte observando os acontecimentos. Finalmente o juiz nos passou aos militares, e Shachtman e eu fomos levados por corredores e escadas abaixo entre duas fileiras de homens com as baionetas empunhadas. Enquanto estavam nos tirando da corte, escutamos um grito do alto. Bill Brown e Mick Dunne haviam se instalado confortavelmente na janela do terceiro andar olhando o processo, rindo e fazendo-nos trejeitos. "Cuidado com as baionetas", gritou Bill. Minneapolis não estava para zombarias. Quando uns dias mais tarde Bill e Mick foram presos pela Milícia, os prenderam alegremente.

Nos levaram à casa da guarda e deixaram dois ou três desses nervosos guardas vigiando-nos com suas mãos na baioneta todo o tempo. Albert Goldman veio e ameaçou com ações legais. Os chefes da milícia pareciam ansiosos de saírem de cima e evitar qualquer problema com esse advogado de Chicago. De nossa parte não queríamos fazer um cavalo de batalha de nossa detenção. Queríamos sobretudo sair porque podíamos ser úteis para o Comitê dirigente do sindicato. Decidimos aceitar a oferta que nos fizeram. Eles disseram: se estão de acordo em deixar a cidade podem sair. Ao que dissemos, esta bem: nós fomos pelo rio para St. Paul. Ali, todas as noites tínhamos reuniões do comitê dirigente na medida que nenhum camarada da

direção estivesse na prisão. O comitê da greve, as vezes com Bill Brown, as vezes sem ele, conseguia um automóvel, dirigia até ali, contava as experiências do dia e o plano para o próximo dia. Não houve nunca um movimento sério em toda a greve que não fora planejado e preparado com antecipação.

Logo veio a expedição pelos locais da greve. Uma manhã as tropas da milícia rodearam o local às 4 horas da manhã e prenderam centenas de piqueteiros, todos os dirigentes, e todos os que eles puderam pôr as mãos em cima. Prenderam Mick Dunne, Vincent Dunne, Bill Brown. Se "esqueceram" de alguns dirigentes em sua pressa, Farrell Dobbs, Grant Dunne e outros escorreram de seus dedos. Com isto simplesmente estabelecemos outro comitê e substituímos os locais por várias garagens de amigos; os piquetes, organizados clandestinamente, seguiram com grande força. A briga continuou e os mediadores continuaram sua pantomima.

Um homem chamado Dunnigan foi o primeiro que enviaram nessa situação. Tinha um aspecto amigável, usava óculos, suspensórios de uma cinta negra e fumava cigarros caros, mas não sabia muita coisa. Depois de tentar em vão por um tempo fazer retroceder os dirigentes, pôs em marcha uma proposta com um compromisso de um aumento substancial de salários, sem garantir todas as reivindicações. Também um dos azes dos negociadores de Washington, um prelado católico chamado Padre Haas, foi enviado para lá. Se associou com a proposta de Dunnigan que se fez conhecida como o "Plano Haas-Dunnigan". Os grevistas a aceitaram imediatamente. Os patrões gritaram e foram colocados na posição de ter que opor-se a proposta governamental, mas isso parecia não preocupá-los. Os grevistas exploraram a situação efetivamente mobilizando a opinião pública em seu favor. Depois, quando haviam passado algumas semanas, o padre Haas descobriu que não podia fazer nenhuma pressão com êxito sobre a patronal e então decidiu fazer pressão sobre os grevistas. Pôs as coisas pretas para o comitê negociador do sindicato: "a patronal não vai ceder, então cedam vocês. A greve deve terminar, Washington insiste".

Os dirigentes da greve responderam: "não, não pode fazer isso. Um acordo é um acordo. Aceitamos o plano Haas—Dunnigan. Estamos brigando pelo seu plano. Sua honra está em jogo aqui". Daí o padre Haas disse — esta é outra ameaça que sempre fazem aos dirigentes. "Apelaremos para a base do sindicato em nome do governo dos Estados

Unidos." Essa ameaça usualmente aterroriza os dirigentes operários mais inexperientes.

Mas os dirigentes de Minneapolis não se assustaram. Disseram: "Bem, vamos". Então concordaram com uma manifestação para isso. Oh, conseguiu um ato que nunca devia ter concordado. Aquele ato, como toda ação importante da greve, foi planejado e preparado com antecipação. Nem bem o padre Haas terminou seu discurso se desatou a tormenta. Um a um, os grevistas se levantaram e lhe mostraram bem que haviam memorizado os discursos que haviam sido preparados na comissão. Quase o arremessaram para fora do ato. O puseram doente fisicamente. Lavou as mãos e se foi da cidade. Os grevistas votaram por unanimidade condenar sua intenção traidora de fazer naufragar sua greve e também seu sindicato. Dunnigan estava terminado, o Padre Haas estava terminado. Então mandaram um terceiro mediador federal. Obviamente havia apreendido as tristes experiências dos outros para não tentar nenhuma travessura. Mr. Donaghue, creio que esse era o seu nome, se pôs a trabalhar bem e em poucos dias elaborou um acordo que era uma vitória substancial para o sindicato.

O nome de uma nova galáxia de líderes operários se acendia no céu do noroeste: William S. Brown; os irmãos Dunne-Vincent, Miles e Grant; Carl Skoglund; Farrell Dobbs; Kelly Postal; Harry DeBoer; Ray Rainbolt; George Frosig.

A grande greve chegou ao seu fim depois de cinco semanas de dura luta durante as quais não houve nem uma hora livre de tensão e de perigo. Dois trabalhadores foram assassinados naquela greve, injúrias, disparos, golpes nos piquetes na batalha para manter os caminhões quietos sem os motoristas do sindicato. Uma grande quantidade de dificuldades, de pressão de todo tipo foram suportadas, mas o sindicato finalmente saiu vitorioso, firmemente estabelecido, construído sobre bases sólidas como resultado dessas lutas. Pensamos e o escrevemos mais tarde, que essa foi uma gloriosa conquista do trotskismo no movimento de massas.

Minneapolis foi o ponto mais gelado da segunda onda de greves sob a NRA (Administração Roosevelt). A segunda onda surgiu mais forte que a primeira, assim como a terceira estava destinada a superá-la e alcançou seu ponto mais alto com as greves de braços cruzados da CIO. O gigante proletariado norte-americano estava começando a sentir seu poder naqueles

anos, começava a mostrar as tremendas potencialidades, as fontes de sua força, a ingenuidade e a coragem que residiam na classe operária norte-americana.

Em julho desse ano, 1934, escrevi um artigo sobre essas greves e as ondas de greves para a primeira edição de nossa revista, a *New International*. Dizia:

"A segunda onda de greves sob a NRA se levanta mais alto que a primeira e marca um grande salto adiante da classe operária norte-americana. As enormes potencialidades dos desenvolvimentos futuros estão claramente escritos neste avanço...

"Nessas grandes lutas os operários norte-americanos em todo o país estão despregando uma ilimitada militância de uma classe que recém começa a despertar. Esta é uma nova geração de uma classe que não foi derrotada. Pelo contrário, agora está começando a encontrar-se e a sentir sua força, nestas primeiras tentativas de conflitos o proletariado está prometendo um glorioso futuro. A atual geração se mantém fiel a tradição dos operários norte-americanos; é agressiva e violenta desde o início. O operário norte-americano não é qualquer um. O futuro desenvolvimento da luta de classes trará muitas lutas nos Estados Unidos."

A terceira onda, que culminou nas greve de braços cruzados, confirmou essa predição e nos deu as bases para buscar com grande otimismo as demonstrações ainda mais grandiosas do poder e militância dos operários norte-americanos. Em Minneapolis vimos a militância nativa dos trabalhadores fundidos com uma direção politicamente consciente. Minneapolis mostrou o quanto grande pode ser o papel de uma direção assim. Deu grandes esperanças para o partido fundado sobre princípios políticos corretos, fundido e unido com o movimento de massas dos operários norte-americanos. Nessa combinação se pode ver o poder que conquistará o mundo inteiro.

Durante aquela greve, amarrados como estávamos dia a dia com inumeráveis detalhes e sob a pressão constante dos acontecimentos diários, não nos esquecemos do aspecto político do movimento. Na ordem do dia do comitê não discutíamos somente os problemas imediatos da greve naquele dia; Mantivemo-nos despertos e alertas o quanto pudemos para o que estava se passando no mundo fora de Minneapolis. Nesse momento,

Trotsky estava elaborando um dos seus movimentos táticos mais audazes. Propunha que os trotskistas da França entrassem na renascente seção da ala esquerda da social-democracia francesa e trabalhassem dentro dela como um fração bolchevique. Era o famoso "giro francês". Discutimos esta proposta no calor da greve de Minneapolis. Transladamos isto para a América como um mandamento para acelerar a união com o AWP. Este era obviamente o grupo político mais próximo a nós e que se movia para a esquerda. Decidimos recomendar para a direção nacional de nossa Liga que desse passos decisivos para apressar a unificação e completá-la antes do fim do ano. Os muteístas haviam dirigido uma grande greve em Toledo. Os trotskistas haviam-se distinguido em Minneapolis. Toledo e Minneapolis haviam se ligado como símbolos gêmeos dos dois pontos mais altos da militância proletária e direção consciente. Essas duas greves tendiam a unir os militantes em cada batalha; a fazê-los mais próximos uns dos outros, mais desejosos de colaborar. Era óbvio, por todas as circunstâncias, que era tempo de dar o sinal para a unificação dessas duas forças. Voltamos de Minneapolis com esse objetivo em vista, e nos movemos decisivamente até a fusão dos trotskistas e o AWP, para fazer o lançamento de um novo partido — a seção norte americana da Quarta Internacional.

Conferência IX

A Fusão com os Musteístas

Ao final da última conferência deixávamos Minneapolis e estávamos de regresso para Nova York, buscando novos mundos para conquistar. A grande onda de greves de 1934, a segunda sob a administração Roosevelt, não havia esgotado todas as suas forças. O número de operários envolvidos alcançou sua crista em setembro, com a greve geral dos operários têxteis. 750 mil operários das fábricas de algodão foram para a greve em 1º de setembro de 1934. The Militant noticiou a greve com um editorial completo com seus conselhos sobre o que deveriam fazer os grevistas. Montada sobre a onda do movimento das massas trabalhadoras, nossa organização política avançava. Nosso progresso, contudo, foi interrompido um tempo por um pequeno obstáculo, chamado crise financeira. A mesma edição do The Militant que noticiava a greve dos 750 mil operários têxteis com uns poucos artigos sobre as conclusões da greve de Minneapolis, levava a seguinte notícia na página da frente (a cópia lhes dará hoje o sabor da situação tal qual se apresentava naquele momento):

"Estamos em uma crise ... Nossas atividades em Minneapolis esgotaram nossos recursos ... Eis aqui os fatos: é uma questão de dias para que apareça o chefe de polícia em nossa sede e nos atire na rua junto com nosso equipamento de impressão. Já chegou uma nota de despejo. E ainda assim o proprietário foi misericordioso por uns poucos dias, provavelmente estaríamos obrigados a deixar de funcionar de todas as formas. Se deve uma grande conta de eletricidade; a energia elétrica será cortada. A companhia de gás, a companhia de papel e um montão de outros cobradores estão sobre nosso pescoço exigindo pagamentos. Enviem colaborações. Atuem agora!"

Assim equipados nos dirigimos ao American Workers Party com outra proposta de unidade. Os chamamos a unirem-se para formarmos um novo partido que conquistasse o mundo. Reabrimos as negociações com uma carta de 7 de setembro, requerendo ao AWP que tomasse uma posição positiva em favor da unificação e que formasse uma comissão para discutir conosco o programa e os detalhes organizativos. Desta vez recebemos uma

resposta rápida do American Workers Party. Era uma carta de duas caras. Por um lado, sob a influência dos quadros e dos ativistas de base na Conferência de Pittsburg, que haviam falado bastante enfaticamente a favor da unidade, a carta do AWP, firmada por Muste, o Secretário Nacional, era conciliadora no tom e se dizia a favor da unidade se pudessemos chegar a algum acordo. Expressava os sentimentos dos elementos honestos, ativos, no campo operário do AWP. Creio que mesmo Muste tinha igual disposição naquele momento. A mesma carta, contudo, tinha outro lado que continha uma referência provocadora sobre a União Soviética. Representava a influência de Salutsky e Budenz, que eram hostis a união com os trotskistas.

O AWP não era uma organização homogênea. Seu caráter progressivo estava determinado por dois fatores: 1) através de suas atividades no movimento de massas, nos sindicatos e no campo dos desempregados, haviam atraído alguns militantes operários de base e quadros que estavam seriamente na luta contra o capitalismo; 2) a direção geral na qual se movia o AWP nesse momento era claramente para a esquerda, tinha uma posição revolucionária. Esses dois fatores determinavam o caráter progressivo do movimento de Muste de conjunto. Ao mesmo tempo, como já o disse, nos dávamos conta de que não era uma organização homogênea. De fato, poderia ser descrita propriamente como uma coleção que tinha dentro todo tipo de espécies políticas. Em outras palavras, os membros do AWP incluíam de tudo, desde proletários até canalhas reacionários e falsos.

A personalidade que sobressaía-se no American Workers Party era A. J. Muste, um homem notável que sempre foi extremamente interessante para mim e por quem sempre tive os sentimentos mais amigáveis. Era um homem capaz e enérgico, evidentemente sincero e entregue à causa, para seu trabalho. O ponto contra era seu passado. Muste havia começado sua vida como pregador. Quando quis recomeçar isto significou obstáculos para ele. Porque é muito difícil extrair algo de um pregador. Digo isto mais com tristeza que com nojo. O vi tentar várias vezes, mas nunca com êxito. Muste era, se pode dizer, a última e melhor oportunidade; e ainda é. A melhor perspectiva de todas não pode avançar até o fim por causa daquele terrível passado de igreja, que havia estropiado seus anos de formação. Tomar o ópio da religião é muito mal por si mesmo — Marx a definiu corretamente como um ópio. Mas vender o ópio da religião, como fazem os pregadores é muito pior. É uma ocupação que deforma a mente humana.

Nem um só pregador, dos muitos que têm vindo ao movimento de esquerda da América do Norte, através de sua história, nenhum deles avançou e transformou-se em um autêntico revolucionário. Mas, apesar do obstáculo de seu passado, Muste era promissor por suas qualidades pessoais excepcionais, e pela grande influência que tinha sobre as pessoas que o rodeavam, seu prestígio e boa reputação. Muste prometia transformar-se em uma força real como dirigente em um novo partido.

Muste não era o único dirigente do AWP. Era, podemos dizer, o mediador, o dirigente central que balanceava as coisas entre os lados em combate.

Havia outro homem extremamente capaz no Comitê Nacional do American Workers Party. O mencionei em uma conferência anterior: seu nome era Salutsky. Esse era o nome sob o qual o conhecemos no Partido Socialista e nos primeiros anos do comunismo norte-americano. Agora anda sob o nome de J. B. S. Hardman, o editor de *Advance*, órgão oficial do Amalgamated Clothing Workers, e está neste posto pelos últimos 20 anos. Salutsky era um homem para o meio intelectualmente socialista. Seu passado estava no movimento socialista russo, o Bund judeu. Foi um dirigente destacado da Federação Socialista Judia do Partido Socialista Norte-Americano. Por anos foi o editor do órgão da Federação Judia, e mais capaz que Olgin e outros destacados membros do movimento. Moralmente, Salutsky era um débil, um volúvel oportunista que nunca podia terminar de decidir-se de cheio em uma direção. Queria e não queria. Estava sempre dividido em sua lealdade, e cada movimento que fazia em uma direção era seguro pela contradição que levava dentro de si, aquela dupla personalidade, que o empurrava em outra direção. Vivia uma vida dupla. Aos domingos queria ser de um partido, dar conferências, discutir teorias, associar-se com gente de ideias. Mas nos dias de semana era J. B. S. Hardman, o editor laçao do *Advance*, franco-atirador intelectual que fazia todo o tipo de trabalho sujo para aquele rude ignorante e engana bobos que era o chefe do Amalgamated Clothing Workers, Sidney Hillman.

Conhecia a Salutsky bastante do ponto de vista pessoal. Quando o encontrei em 1934, no curso das negociações com o American Workers Party, estávamos pela segunda vez em uma situação similar. Treze anos antes, em 1921, ele e eu — em lados opostos — participamos do comitê de negociação conjunto dos "Conselhos Operários" e do Partido Comunista

clandestino. "Conselhos Operários" era o nome de um grupo de vida curta dos Socialistas de Esquerda que rompeu em 1921 com o Partido Socialista; ou melhor dois anos depois da grande ruptura decisiva de 1919, e veio à unidade conosco sobre a base de um Partido Comunista legal. Sua posição foi de acordo com sua característica. Em 1919, quando teve lugar a ruptura principal, quando todo o movimento estava dividido em comunistas por um lado e social-democratas por outro, Salutsky rechaçou os comunistas e permaneceu no Partido Socialista. Mas suas tendências esquerdistas e seu conhecimento do socialismo eram tais que não podia reconciliar-se completamente com a ala direita, e começou a jogar com a organização de um novo grupo de esquerda no Partido Socialista. Esse era um grupo de comunistas de segunda grandeza, de segunda linha. Perto de 1921, Salutsky, seus amigos e gente parecida, participaram de uma nova ruptura do Partido Socialista e formaram outra organização, os "Conselhos Operários".

Foi uma característica de Salutsky que nunca chegou a unir-se ao Partido Comunista diretamente e sem reservas, nem em 1919 nem em 1921. Não queria unir-se ao Partido Comunista clandestino, mas somente formar um novo partido com um programa moderado, estritamente "legal". Se uniu pela porta de trás em 1921, através dessa fusão que fizemos com o "Conselho Operário" para formar nosso partido legal, o Workers Party. Aquela fusão coincidiu justamente com nossos propósitos naquele momento. O Partido Comunista dos Estados Unidos era clandestino e estávamos tentando colocá-lo na legalidade por etapas, como já foi relatado. Naquele momento queríamos formar uma organização legal, não como partido, auto-suficiente, mas sim como um espantalho do movimento clandestino e como um passo de nossa briga pela legalidade. Servia muito bem aos nossos propósitos efetivar uma unificação com grupos com as medidas da organização de Salutsky, o "Conselho Operário", e lançar um partido legal no qual a maioria comunista estivesse assegurada firmemente. Este partido legal — conhecido Workers Party — estava completamente sob a domínio do Partido Comunista. Todo mundo sabia que era a expressão legal do Partido Comunista. O que fez Salutsky foi uma espécie de adesão mascarada ao movimento comunista. Mas não esteve muito tempo. Quando o Workers Party lançou uma campanha contra a burocracia sindical, começou a escapar-se. Salutsky não tinha estômago para esse tipo de coisas.

Uma coisa é fazer uma reunião num domingo sobre o socialismo e a luta de classes, explicar as contradições do capitalismo e a inevitabilidade da revolução. Outra coisa é comprometer-se com a ação prática revolucionária que pode levar a um conflito com os burocratas. Salutsky saiu do Workers Party ou foi expulso — não lembro como foi. Mas isso não importa.

Salutsky, contudo, não podia deixar de jogar com as ideias do socialismo e da revolução. Se uniu a CPLA, a predecessora do American Workers Party. Ajudou a dar-lhe uma certa direção política, e apoiou a ideia de transformá-lo em um partido, mas queria um partido pseudo-revolucionário, não um real. Não queria conflitos com a burocracia dos sindicatos e sobretudo temia uma união com os trotskistas. Nada do que Salutsky podia fazer para sabotar a unificação deixou de fazer. Ele conhecia, como muitos outros, aquela característica do nosso movimento que foi mencionado em conferências anteriores: trotskista significa seriedade. Salutsky sabia que uma vez que tivesse lugar uma fusão do AWP com os trotskistas, toda possibilidade futura de disfarçar-se como socialista com um partido pseudo-radical estaria perdida para ele.

Nas negociações nos encontramos com Salutsky como inimigos, bem educados certamente, como é costume entre os negociadores, passamos o dia fazendo umas poucas brincadeiras e ocultando o punhal — ao menos no princípio. Recordo o primeiro dia para nós — Shachtman e eu, e creio que Abern ou Oehler, não estou seguro de quem — entramos no escritório do American Workers Party para nos encontrarmos combinadamente com Muste, Salutsky e Hook, o professor da Universidade de Nova York que depois afastou-se do socialismo. Como estávamos trocando brincadeiras antes de começar a reunião, Salutsky me disse, com aquele sorriso triste que parecia levar sempre: "Sempre leio *The Militant*. Me agrada ver o que têm para dizer os trotskistas".

Tinha na ponta língua uma resposta para dar-lhe, a de que sempre lia o *Advance* para ver o que tinha Hillman para dizer. Mas deixei passar. Estávamos com a melhor atitude, para poder levar adiante a unidade com as menores fricções possíveis sobre miudezas. Salutsky tentou sabotar a unidade por todos os meios, mas ao final perdeu o jogo. Em vez de empurrar o American Workers Party para longe dos trotskistas, o empurrava para nós, para a conseqüente unificação, e foi colado de lado como um trapo velho. Isto pôs fim as atividades de Salutsky como

"socialista". Deixou o partido, e a política de esquerda também. Agora está no campo de Roosevelt — e é aí o lugar a que pertence.

Outro dirigente de destaque do American Workers Party naquele momento era um homem chamado Louis Budenz. Havia sido um trabalhador social. Seu interesse no movimento operário foi o de um estudante — observador e publicista de uma revista que dava conselhos aos trabalhadores mas não representava um movimento organizado. De repente, por meio da CPLA, se viu envolvido pela primeira vez no movimento de massas para o qual tinha inquestionavelmente um talento considerável. O trabalho de massas é um trabalho duro e devora muita gente. Em 1934 Budenz, que não tinha um passado ou educação socialista, era uns 100 por cento patriota, três quartos stalinista, cansado e meio enfermo, buscando uma oportunidade para vender-se. Era um oponente da unificação. Budenz já estava olhando para o partido stalinista, assim como uma considerável parte do AWP o havia feito. Só a vigorosa intervenção dos trotskistas e a pressão de nossas negociações pela unidade impediram que o partido stalinista tragasse uma grande parte do AWP naquele momento. Devo agregar que Budenz casualmente encontrou sua oportunidade de vender-se, hoje é editor do Daily Workers e por anos tem feito todos os trabalhos sujos pelos quais lhe pagam.

Depois vinha Ludwig Lore, bem conhecido por nós desde os velhos tempos do Partido Comunista. Lore, um dos primeiros comunistas nos Estados Unidos, um dos primeiros editores de Class Struggle, a primeira revista comunista neste país; um socialista de esquerda mais que um comunista de coração, estava passando pelo AWP em seu caminho para completar a reconciliação com a democracia burguesa. Finalmente conseguiu um trabalho no New York Evening Post como um colunista ultra patriótico. Lore estava contra a unificação.

Estas eram algumas das figuras líderes no AWP. Discutindo em nossas fileiras a questão de unificarmos com os muteístas, encontramos oposição, o começo de uma fração sectária em nosso movimento encabeçada por Oehler e Stamm. Escutamos os velhos argumentos familiares aos sectários, que veem só os dirigentes oficiais das organizações, não a militância, e que julgam de acordo com isto. Eles perguntavam: "Como podemos nos unir com Salutsky, com Lore, e os outros?" Se não houvesse havido nada mais

que Salutsky, Lore e companhia no American Workers Party, haveria havido alguma lógica em sua oposição.

Por trás destes falsos e renegados víamos alguma gente séria, alguns militantes proletários. Antes havia mencionado o camarada que dirigiu a greve de Toledo. Tinham numerosos elementos deste tipo na Pennsylvania e no Meio Oeste. Eles haviam construído uma organização de desempregados de um tamanho considerável. Esses ativistas proletários do AWP eram do tipo que nos interessava; o mesmo era com Muste, quem nós pensávamos que podia transformar-se em um bolchevique. Ao lado de Muste, que era uma figura por si mesmo, ao lado de Budenz, Salutsky, Lore, haviam outros nesta massa heterogênea chamada American Workers Party: as pessoas de Toledo; os quadros e militantes no movimento dos desempregados e alguns quadros e militantes dos sindicatos. Em suma, para arredondar a lista do American Workers Party, havia algumas garotas do YWCA, estudiosos da Bíblia, intelectuais vários, professores universitários e alguns não classificados que se extraviaram.

Nossa tarefa política era não permitir que os stalinista tragassem este movimento, e remover um obstáculo centrista de nosso caminho fazendo uma unificação com os ativistas proletários e a gente séria, isolando os impostores e descartando os elementos inassimiláveis. Essa era uma grande tarefa, mas ao cabo triunfamos não sem grandes esforços e dificuldades.

Eu mencionei que a carta do AWP, em resposta a nossa segunda proposta para negociar, continha uma provocação sobre a questão russa, inquestionavelmente inspirada por Salutsky e Budenz. Extraio umas poucas frases daquela carta para dar-lhes uma ideia sobre a provocação: "Devemos ter cuidado para que nossa crítica as políticas da Internacional Comunista e do Partido Comunista, não só não sejam, mas que estão livres de qualquer aparência de ser, um ataque sobre a União Soviética. Contudo, por justificadas que haviam sido algumas das críticas da CLA a certa política da União Soviética, tem ficado na opinião pública como uma expressão de uma atitude antagônica perante a União Soviética". Continuavam dizendo na carta que devia haver um claro entendimento, que unindo-se conosco, eles não iam se tornar anti-soviéticos. Quando lemos essa carta em nossa reunião do Comitê Nacional não a podíamos crer. Nós havíamos estado defendendo a União Soviética desde 1917. Esta gente em grande parte recém a havia descoberto e já nos dava aulas sobre nossas

obrigações para com a União Soviética. Muito bravos nos sentamos e cuspiamos uma queimante resposta para tirá-los do eixo. Tão logo a escrevemos, dizendo-lhes onde podiam metê-la, nos esfriamos. A reconhecemos como o que era: uma provocação. Teria sido muito tolo de nossa parte cair na armadilha e perder de vista nossas tarefas e objetivos políticos. Por conseguinte delineamos na reunião do Comitê outra resposta que : 1) apresentaríamos firmemente nossa posição sobre a União Soviética; 2) simularíamos não levar em conta a provocação; 3) enraizaríamos de novo a necessidade da unidade.

Este tipo de resposta foi feita para tornar mais difícil a tarefa dos provocadores de evitar a unidade com os militantes do AWP.

Enquanto estávamos sentados na reunião em nosso “quartel general” da Second Avenue, discutindo os pontos deste esboço e decidindo quem escreveria a declaração, recebemos uma visita do professor Hook e Burnham que eram membros deste fantástico comitê nacional do American Workers Party. Eles estavam pela fusão. Isso era muito vantajoso para nós — ter um par de professores no comitê do AWP a favor da fusão sem considerar quais podiam ser seus motivos reais. Hook queria a fusão para desfazer-se do AWP e terminar sua breve aventura na política partidária. Queria colocar-se de lado, o único lugar onde ele se sentia sempre em casa, e o qual nunca devia haver deixado. Burnham, como mais tarde mostraram os acontecimentos, queria a unidade com os trotskistas porque ia dar depois um passo mais longo, tornando-se um pouco mais radical; queria provar com a ponta do pé a água fria da política proletária, entretanto, estava firmemente apoiado com o outro pé na aragem da burguesia. Os dois valorosos professores nos advertiram da provocação. Temiam que lhes respondêssemos de um modo que tornasse impossível a unidade. Por isso haviam vindo nos visitar. Se sentiram muito satisfeitos e aliviados quando lhes demos a segunda versão de nossa resposta.

Entretanto, tudo isto passava em nosso campo, as coisas se sacudiam em todos os lados, em todas as organizações, sob o impacto do desenvolvimento do movimento de massas. Nós estávamos começando a atrair a pequenos grupos de pessoas dos lovestonistas e outros círculos naquele momento. Havia uma notícia no *The Militant* de 8 de setembro: "O grupo de Lovestone se divide em Detroit. Cinco se unem à Liga". A mesma edição do *The Militant* contava que Herbert Zam havia deixado a

organização de Lovestone, e que Zam e Gitlow iam unir-se ao Partido Socialista. The Militant de 29 de setembro noticiava: "Os Bolcheviques-Leninistas franceses estão se unindo ao Partido Socialista da França como uma fração". Essa foi a primeira grande ação tomada levando adiante a linha de Trotsky do "Giro Francês" que apontava para que nossos camaradas se unam, sempre que seja possível, naquelas organizações socialistas reformistas que pudessem estar abertas a eles para estabelecer contato com as alas esquerdas em desenvolvimento e, deste modo, sentar as bases para um novo partido.

Nossas propostas organizativas, que foram submetidas ao American Workers Party em nosso terceiro encontro, ajudaram a facilitar a unificação. Sempre cremos que o programa decide tudo. Um grupo que está seguro da adoção de um programa marxista não necessita brigar muito duro sobre cada detalhe organizativo. É um erro comum cometido por militantes inexperientes em política exagerar as questões organizativas e desprezar o papel decisivo do programa. Nos primeiros dias do movimento comunista norte-americano muitas das brigas e das rupturas foram causadas desnecessariamente por uma exagerada importância por parte das diferentes frações para posições organizativas que eram consideradas postos avançados para uma fração. Nós temos aprendido algo daquela experiência, que agora nos serve como boa ajuda.

Quando no curso das negociações encontramos os musteístas mais próximos de nós nas questões do programa, avançamos com um conjunto completo de propostas para o aspecto organizativo da fusão, um aspecto que importava demais a um número deles. Nós lhes oferecemos um acordo de 50% a 50% em tudo. Nesse momento éramos mais fortes que os musteístas numericamente. Quando se punham as cartas sobre a mesa da questão dos membros cotizantes da organização, nós tínhamos mais força. Eles tinham provavelmente um movimento maior de uma forma nebulosa, provavelmente mais simpatizantes em geral, mas nós tínhamos mais membros reais. Nossa organização era mais compacta. Mas nós não tomamos em consideração tudo isso e lhes oferecemos um trato em que as posições oficiais no partido se dividiriam equitativamente entre as duas partes. Ademais, em cada caso onde houvessem dois postos de relativa igualdade de importância, lhes ofereceríamos a eleição. Por exemplo, nas duas posições líderes, propusemos que Muste fosse o Secretario Nacional e que eu fosse o editor do periódico. Ou, se o desejassem, o inverso, eu seria

o Secretario Nacional e Muste, o editor. Lhes era muito difícil objetar isto. Sabíamos o que significava para eles, com sua ênfase nas questões organizativas, ter a secretaria, porque esta, ao menos em teoria, controla a máquina partidária. Nós estávamos mais interessados no cargo editorial porque esta forma mais diretamente a ideologia do movimento. Fizemos o mesmo com os postos de secretário-operário e diretor de formação. Propusemos ficar com o último e dar-lhes o primeiro, ou vice-versa, como eles quisessem.

O Comitê Nacional teria um número igual de cada parte e toda outra questão de organização que poderia surgir se trataria sobre bases paritárias. Essa era nossa proposta. A óbvia equidade, ainda generosa, impressionou fortemente Muste e seus amigos. Nossas "propostas de organização", em lugar de precipitar conflitos e paralisações, como tem ocorrido frequentemente, facilitaram enormemente a unidade. Como foi dito, éramos capazes de fazer isto, e de eliminar de um só golpe aquilo que tem sido regularmente um obstáculo insuperável, porque havíamos aprendido as lições das brigas organizativas do passado no Partido Comunista.

Tomamos uma atitude liberal e conciliadora sobre as questões de organização, reservando nossa intransigência para a questão do programa. Se elegeu um comitê conjunto para esboçá-lo. Depois que haviam sido desenhadas, discutidas e emendadas duas ou três minutas; depois de um pouco de pressão e conflito, finalmente se acordou um. Este se transformou depois da ratificação da convenção conjunta, na "Declaração de Princípios" do Workers Party dos Estados Unidos, que foi caracterizado pelo camarada Trotsky como um programa rigidamente principista.

Por isso, recebemos algumas advertências dos stalinistas que haviam dormido nas margens enquanto o desprezível e pequeno grupo "sectário" de trotskistas havia entrado para um campo que eles consideravam como seu. Haviam feito todos os intentos para absorver a organização de Muste e tinham mais direitos de esperar ganhá-los que nós. Mas nós havíamos pego o soco, havíamos atuado no momento justo — o tempo é essencial em política — e fomos mais profundos nas negociações para a unidade com o AWP antes que os stalinistas se dessem conta do que estava se passando. Quando despertaram saíram em sua imprensa com conselhos e advertências. O título do *The Militant* de 20 de outubro dizia: "A imprensa stalinista adverte o AWP contra a unidade conosco". A referência era um

artigo do Daily Worker do notório Bittleman, que, sob o título "Sabe o American Workers Party com quem está se unindo?" dava uma franca advertência para ambos. Aos musteístas os stalinistas lhes diziam: "Nós devemos advertir aos trabalhadores que seguem Muste e seu American Workers Party contra uma armadilha que lhes está sendo armada pelos seus dirigentes, a armadilha do trotskismo contra-revolucionário". E depois, para mostrar sua imparcialidade, no mesmo artigo giravam e diziam: "Para aqueles poucos operários desencaminhados que ainda seguem aos trotskistas: Cannon, Shachtman e companhia os estão levando para a unidade com Muste, o campeão do nacionalismo burguês".

Nós lhes respondemos: "Se os trotskistas são contra-revolucionários e os musteístas nacionalistas burgueses, poderiam muito bem deixá-los juntos no mesmo saco. Nada mal pode sair disto porque nenhum dos dois podem fazer algo pior que a fusão". As duas organizações começaram a colaborar nas atividades práticas. Tivemos encontros conjuntos antes da fusão. The Militant de 6 de outubro noticia que Muste e Cannon falaram perante numa manifestação comum de massas da CLA e o AWP em Paterson, Nova Jersey, para 300 operários da seda discutindo as lições da greve.

Nesta época, em outubro de 1934, fui enviado ao exterior pelo Comitê Nacional à reunião do plenum do Comitê Executivo da Liga Comunista Internacional em Paris. Dali fui visitar o camarada Trotsky em Grenoble, ao sul da França. Foi a primeira vez que vi o camarada Trotsky pessoalmente desde seu exílio da URSS anos atrás. Muitos camaradas norte-americanos haviam estado no estrangeiro, mas essa era minha primeira viagem. Shachtman havia estado ali duas vezes e muitos outros membros individuais da organização, quem podia financiar viagens pessoais para a Europa, o havia visto. Nesse momento o camarada Trotsky estava sendo perseguido pelos fascistas franceses.

Alguns de vocês recordam-se que naquele momento, 1934, a imprensa fascista francesa começou a fazer um grande escândalo pela presença de Trotsky na França. Fizeram tal agitação — na qual estiveram junto os stalinistas sob o slogan comum: "Fora com Trotsky da França" — que aterrorizaram o governante Daladier para que revogasse seu visto. Ele foi ordenado a deixar a França e privado de todos os seus direitos para permanecer ali. Mas eles não puderam encontrar nem um só país capitalista no mundo inteiro que o desse um visto de entrada, e tiveram que deixá-lo

na França. Mas ele estava ali sob as circunstâncias mais incertas e perigosas, sem nenhuma proteção real, nem direitos legais, enquanto a imprensa fascista e os stalinistas seguiam perseguindo-o o tempo todo. Nesse momento estava escondido na casa de um simpatizante em Grenoble. Não tinha assistentes, nem secretários, nem datilógrafos porque estava vivendo dias incertos. Estava obrigado a fazer todo seu trabalho à mão. Os cães de caça da reação o queriam fora dali. Perseguido de um lugar a outro, só conseguiu estabelecer-se na casa de um simpatizante, e começou a trabalhar, até que os fascistas locais descobriram sua presença no novo refúgio. A manhã seguinte aparece um título escandaloso no jornal: "O que está fazendo nesta cidade o assassino russo, Trotsky?". Isto provocou gritos e ais, e ele abandonou o lugar na escuridão da noite, tão logo foi possível, para salvar sua vida, e encontrar outro lugar para esconder-se. O mesmo se repetia uma vez ou outra. Durante esse tempo a saúde de Trotsky estava muito mal e quase morreu. Aqueles foram dias de grande ansiedade para todos nós.

Foi um momento muito feliz para mim, de manhã cedo — perto das sete — depois de viajar toda a noite desde Paris, pude entrar nessa casa, ver e saber que ele ainda estava vivo. Me reuni com ele para o desjejum mas preferiu sentar-se e começar diretamente a discussão política. Sua primeira pergunta foi: "O que passou-se no plenum? Votaram as resoluções?". Cortesmente, pulei as questões de pouco sustento. Então tomei o desjejum com Trotsky e Natália, e rompi uma das regras da casa, pela qual me desculpei mais tarde. O fiz por ignorância. Havia ouvido que ele não permitia que fumassem em sua presença. Glotzer e outros haviam regressado com relatos terríveis das reprimendas que haviam recebido por este motivo. Eu havia pensado que isto era como uma idiossincrasia por parte de Trotsky, não era para ser tomado muito seriamente. Eu estava acostumado a fumar depois do desjejum e, como o café estava servido — esse é o melhor momento para quem sabe fumar — tirei meu cigarro e depois de que o fato estava meio consumado, disse graciosamente: "Escutei de algumas pessoas que é proibido fumar. É assim mesmo?" Ele me disse, "Não, não, siga fumando". E agregou: "Para rapazes como Glotzer não está permitido, mas para um sólido camarada como você está bem". Por isso fumei todo o tempo em sua presença durante a minha visita. Só anos depois aprendi que fumar era repugnante fisicamente para ele, e até o adoecia e me arrependi profundamente de tê-lo feito. À tarde Trotsky nos levou para

uma viagem em seu automóvel no alto dos Alpes franceses. No cume da montanha tivemos uma longa discussão sobre o projeto de fusão com os musteístas. O velho aprovou tudo o que havíamos feito, inclusive nossa simulação com a provocação sobre a URSS. Nos pusemos de acordo em um ou dois pontos que havíamos deixado em suspenso esperando seu conselho; medidas para facilitar nossa unificação com os musteístas. Estava totalmente a favor desta, e também se interessou muito pela personalidade de Muste, me fez perguntas sobre ele e manejou algumas expectativas de que Muste se desenvolveria como um real bolchevique mais adiante.

O plenum da Liga Comunista Internacional aconteceu em Paris, em outubro de 1934. O propósito desse plenum era concluir o que já havia sido acordado pelo Comitê Executivo Internacional e afirmado por referendun nas secções nacionais: a decisão de levar adiante o "Giro Francês"; ou melhor o giro realizado por nossa organização francesa para unir-se ao Partido Socialista da França como um todo e trabalhar dentro desse partido reformista como uma fração, para entrar em contato com sua Ala Esquerda, buscando influenciá-la e fusionar-se com ela, e deste modo, preparar as bases para a eventual construção de um novo partido revolucionário na França. O plenum apoiou esta linha, o que significava uma reorientação de nossas táticas em todo o mundo. A ação se levava a cabo sob a consigna que mencionei antes: Girar de um círculo de propaganda, como havíamos sido por cinco anos, a um trabalho de massas, para tomar contato com o movimento vivo dos trabalhadores que iam em direção ao marxismo revolucionário.

Quando regresssei de Paris para informar sobre o pleno à nossa organização em Nova York, encontramos uma oposição encabeçada por Oehler e Stamm e reforçada por um volúvel imigrante ultra-esquerdista alemão chamado Eiffel. Eles objetavam, por princípio, nossa união a qualquer secção da Segunda Internacional. Seus argumentos, como todos os argumentos dos sectários, eram formais, estéreis, por fora da realidade de nossos dias. "A Segunda Internacional" — diziam e bastante corretamente — "traiu o proletariado na Guerra Mundial. Foi denunciada por Rosa Luxemburgo como um "cadáver fedorento". A Internacional Comunista se formou em 1919 em luta contra a Segunda Internacional. E agora, em 1934, vocês querem regressar para essa organização reformista e traidora. Isso é uma traição de princípios".

Em vão lhes explicamos que a Segunda Internacional de 1934 não era exatamente a mesma organização que que havia sido em 1914 ou em 1919. Que a burocratização da Comintern havia empurrado para dentro dos partidos socialistas com sua forma de organização mais livre, mais democrática, uma nova camada de operários que despertavam, de militantes. Que havia crescido ali uma nova geração de jovens socialistas que não participaram na traição de 1914-1918. Que desde que havíamos sido varridos de toda participação na Comintern, devíamos reconhecer a essa força. Que se queríamos construir um novo partido revolucionário deveríamos dirigir nossas forças para a Segunda Internacional e estabelecer contato com sua nova ala esquerda.

Depois a oposição sectária foi mais longe com um novo argumento. "Não é um dos princípios do marxismo, e uma das condições de admissão no movimento trotskista, que devemos estar pela independência incondicional do partido revolucionário em todo momento e sob qualquer circunstância? Não é isto um princípio?" "Sim", respondíamos, "é um princípio. Esta é a grande lição do Comitê Anglo-Russo. Esta é a lição fundamental da Revolução Chinesa. Temos publicado folhetos e livros para provar que o partido revolucionário nunca deve fundir-se com outra organização política, nunca deve mesclar suas bandeiras, mas permanecer independente ainda que no isolamento. A Revolução húngara foi destruída em parte pela fusão falsamente motivada dos comunistas e dos social-democratas".

"Tudo isto é correto", dissemos, "mas há um pequeno parafuso solto em seus argumentos. Nós não somos ainda um partido. Somos só um grupo de propaganda. Nosso problema, como o diz Trotsky, é pôr algo de carne sobre nossos ossos. Se nossos camaradas franceses podem penetrar no movimento político de massas do Partido Socialista, atrair a sua ala Esquerda e fusionar-se com ela, então eles vão poder construir um partido no real sentido da palavra, não uma caricatura. Então poderão aplicar o princípio da independência do partido sob qualquer condição, e o princípio terá algum sentido. Vocês usam o princípio de uma forma que o transforma em uma barreira contra os movimentos táticos necessários para fazer possível a criação de um partido real".

Não podemos nos mover. Pensamento formal, esse é o problema do sectarismo; carente dos sentidos das proporções das proporções; sem

consideração pela realidade; excentricidade estéril em um círculo fechado. Começamos a brigar sobre a questão do "Giro francês" em nossa Liga um ano antes que fosse aplicado aqui da mesma forma que na França. A fusão projetada com os muteístas era a mesma coisa de uma forma diferente. Nos perdoaram a fusão com os musteístas, mas com grande alarme, medo e profecias de coisas más que iriam nos ocorrer por mesclar-se com gente estranha. Como um dos nossos rapazes — Larry Turner — expressou em uma carta outro dia, os sectários sempre têm medo de seus reprimidos desejos de serem oportunistas. Têm sempre medo de entrar em contato com oportunistas, permitindo-lhes que os corrompam. Mas nós, seguros de nossa virtude, fomos confiantemente adiante. Na discussão de 1934 do "Giro francês" cresceu uma divisão em nossa organização. As tendências em disputa conseqüentemente se consolidaram em frações. A disputa de 1934 sobre a ação de nossos camaradas franceses foi o ensaio geral para derrubar, fazer saltar a briga definitiva contra o sectarismo oehlerista em nossas fileiras no ano seguinte. Nossa vitória naquela briga foi a pré-condição para todos os nossos avanços posteriores.

Nós estávamos nos movendo rapidamente para a fusão, negociando dia após dia. Estávamos cooperando com os musteístas em várias atividades práticas, e a tendência era para a unificação das duas organizações. Finalmente chegamos a um acordo sobre o esboço do programa; ou melhor, os dois comitês chegaram a um acordo. Chegamos a um acordo sobre as propostas organizativas. Não sobrava nada mais exceto submeter a questão às convenções das respectivas organizações para sua ratificação. Havia ainda algumas dúvidas de ambos lados, como o que fariam os quadros e militantes. Nós não sabíamos o quanto fortes poderiam chegar a ser os oehleristas fora de Nova York; e Abern, como sempre, estava manobrando furtivamente nas sombras, chave inglesa na mão. Muste, nesse momento havia se tornado um firme devoto da fusão, mas não estava seguro de ser maioria. Conseqüentemente, apesar de chamar para uma convenção conjunta, tivemos primeiro convenções separadas de 26 a 30 de novembro de 1934, e debullhamos todos os assuntos internos de cada lado. Cada convenção ratificou finalmente a Declaração de Princípios que havia sido esboçada pelos comitês conjuntos, e ratificaram as propostas organizativas. Depois, sobre a base destas decisões separadas, chamamos as duas convenções à uma sessão conjunta no sábado 1º, e domingo 2 de dezembro

de 1934. The Militant, informando sobre aquela convenção em sua edição seguinte dizia:

"O Workers Party dos Estados Unidos está formado ... A convenção única do American Workers Party e da Communist League of American completou sua tarefa histórica na tarde de domingo em Stuyvesant Casino ... Minneapolis e Toledo, exemplificando a nova militância da classe operária norte-americana, eram as estrelas que presidiram seu nascimento ... Um novo partido lançado em seu tremendo compromisso: A derrota da classe capitalista na América do Norte e a criação de um estado operário".

Conferência X

A Luta Contra o Sectarismo

A unificação formal da Communist League (Liga Comunista) e o American Workers Party, os mudeístas, foi a primeira unificação de forças que havia acontecido no movimento americano por mais de uma década.

O movimento operário revolucionário não se desenvolve em linha reta ou por um caminho plano. Cresce através de um processo contínuo de luta interna. Tanto a ruptura como a unificação são métodos de desenvolvimento do partido revolucionário. Cada uma, sob circunstâncias dadas, pode ser ou progressiva ou reacionária em suas consequências. O sentimento popular geral pela unificação todo o tempo não tem mais valor político que a preferência por um contínuo processo de rupturas que vocês podem ver interminavelmente nos grupos puristas sectário. Pontos de vista moralistas sobre a questão das rupturas, e outros aspectos, são simplesmente estúpidos. As rupturas são as vezes absolutamente necessárias para a clarificação das ideias programáticas e para a seleção das forças com o objetivo de assentar um novo começo sobre bases claras. Por outro lado, em circunstâncias dadas, a unificação de dois ou mais grupos que se aproximam para um acordo programático é absolutamente indispensável para o reagrupamento e a consolidação das forças da vanguarda operária.

A unidade entre a organização trotskista — Communist League of America — e a organização mudeísta foi inquestionavelmente uma ação progressista. União de dois grupos com diferentes origens e experiências que, nunca antes, se haviam aproximado, ao menos no sentido formal da palavra, para um acordo sobre o programa. A única forma de testar se este acordo era real e acabado ou somente formal; a única maneira de compreender quais dos elementos de cada grupo eram capazes de contribuir para o desenvolvimento progressivo do movimento, era a unificação, indo junto deles e testando estas questões no curso da experiência comum.

Como em todo o mundo desde 1928, havia uma série contínua e ininterrupta de rupturas no movimento norte-americano. A causa básica disto, era a degeneração da Internacional Comunista sob a pressão mundial

do cerco a revolução russa e a intenção da burocracia stalinista de adaptar-se a este cerco desertando do programa do internacionalismo. A degeneração da Internacional Comunista não podia deixar de produzir rupturas e fraturas. Em todos os partidos os defensores do legítimo marxismo dentro dessas organizações degeneradas eram uma fonte de irritação e conflito que a burocracia não encontrava outra forma de remover exceto pelas expulsões burocráticas. Nós fomos expulsos do Partido Comunista Americano em outubro de 1928. Seis meses mais tarde, na primavera de 1929, os lovestonistas foram expulsos e fundaram uma terceira organização comunista neste país. Pequenas seitas e camarilhas de indivíduos e seus amigos, representando caprichos de vários tipos, eram os traços distintivos comum daqueles tempos. O movimento estava atravessando um período de pulverização, de desmembramento, até que uma nova elevação da luta de classes e uma nova verificação dos programas sobre a base de experiências mundiais pudessem assentar o terreno para a integração outra vez.

Existia nossa fração e a de Lovestone. Existia o pequeno grupo de Weisbord que naquele momento alcançava um total de 12 a 13 membros, mas que faziam ruído suficiente para se crer que representavam uma grande tendência histórica. Ademais, os weisbordistas, não satisfeitos com formar uma organização independente, insistiram — sob o que parecia ser a compulsão de uma lei natural para estes grupos arbitrariamente criados — em ter um par de rupturas dentro de suas próprias fileiras. Os fieldistas — Field e uns poucos de seus associados e amigos pessoais e contatos familiares, que havíamos expulso de nosso movimento por traição, durante a greve hoteleira — naturalmente formaram uma organização própria, publicaram um jornal e falavam em nome de toda a classe operária.

Os lovestonistas sofreram a ruptura das forças de Gitlow, e uns poucos meses mais tarde de um pequeno grupo representado por Zam. Havia existido neste país desde 1919 ainda outro grupo comunista chamado Partido Proletário, que também havia mantido uma existência isolada e produzido rupturas periódicas.

A desmoralização do movimento durante esse período se refletia na tendência para a dispersão, os contínuos processos de fracionamento. Esta enfermidade tinha que seguir seu curso. Naquele período nós trotskistas nunca fomos as vozes da unidade, especialmente nos primeiros cinco anos

de nossa existência separada. Nos concentramos no trabalho de clarificar o programa e rechaçamos toda conversação sobre unificações improvisadas com grupos não suficientemente próximos de nós no que considerávamos e ainda consideramos, a questão de todas as questões — a do programa. A fusão na qual entramos em dezembro de 1934 foi a primeira unificação que teria lugar em todo aquele período. Como havia sido o grupo trotskista o primeiro a ser expulso do Partido Comunista quando os stalinistas estavam burocratizando completamente a Terceira Internacional e sufocando todo pensamento crítico e revolucionário, também foi o grupo trotskista o primeiro a tomar a iniciativa para começar um novo processo de reagrupamento e unificação quando os pré-requisitos políticos para tal passo estavam ao alcance da mão. Esse foi o primeiro signo positivo de um contra-processo para a tendência rumo a desintegração, dispersão e ruptura.

A unificação entre os trotskistas e os musteístas, a formação do Workers Party, indubitavelmente representou um passo adiante, mas só um passo. De imediato nos fez-se evidente — ao menos para os dirigentes mais influentes da antiga Liga Comunista — que o reagrupamento das forças revolucionárias só havia começado. Nos vimos obrigados a tomar esta atitude realista porque, como foi ressaltado em conferências anteriores, simultaneamente com o desenvolvimento de esquerdização dos musteístas, haviam ocorrido mudanças importantes no Partido Socialista dos Estados Unidos, como nos movimentos social-democratas em todo o mundo.

Uma nova geração de trabalhadores e elementos jovens, sem manchas pela responsabilidade das traições do passado, haviam sido sacudidos e despertados pelo tremendo impacto dos eventos mundiais, especialmente a derrota do movimento operário alemão com a vinda do fascismo ao poder. Um novo vento soprava nesta velha e decrépita organização da Social-Democracia. Estava se formando alí uma ala esquerda, manifestando o impulso de um grande número de pessoas para encontrar o programa revolucionário. Pensamos que isto não podia ser desconhecido porque era um fato, um elemento da realidade política norte-americana. Mesmo havendo formado um novo partido, e havendo proclamado isto como a unificação da vanguarda, reconhecemos que não podíamos ignorar ou arbitrariamente excluir da participação neste novo movimento esses novos elemento com força, saúde e vitalidade revolucionária. Pelo contrário, tínhamos a obrigação de ajudar este incipiente movimento no Partido Socialista a encontrar o caminho correto. Estávamos convencidos de que

sem nossa ajuda não poderiam fazê-lo, porque não tinham dirigentes marxistas, nem tradição, estavam acossados por todos os lados por influências, forças e pressões que bloqueavam seu caminho para uma clara visão do programa revolucionário. Seu destino final, a possibilidade de seu desenvolvimento por um caminho revolucionário, era responsabilidade dos quadros mais experimentados e provados do marxismo, representados no Workers Party. Os dirigentes da nebulosa Ala Esquerda do Partido Socialista chamavam a si mesmos de os "Militantes". Por que, nunca fomos capazes de adivinhá-lo. O Militante (The Militant) era o nome do órgão oficial dos trotskistas norte-americanos desde o começo, e todo o mundo reconheceu que esse era o nome ideal para o nosso periódico. The Militant significava o partido operário, o partido ativista, o partido lutador. Mas por que os dirigentes da Ala Esquerda do Partido Socialista naquele momento, que eram filisteus até a medula de seus ossos, sem tradição, sem conhecimentos sérios, sem nada de nada, podiam chamar-se os "Militantes" — isto ficou como um problema a ser resolvido por estudiosos de investigações históricas, que ainda estão por vir em nosso movimento. A razão contudo não foi descoberta. Ao menos eu nunca a soube.

Essa direção miserável, essas figuras acidentais, simuladores, palavrosos, incapazes de qualquer sacrifício real ou luta séria por uma idéia, sem devoção séria ao movimento — muitos deles estão trabalhando para o governo em muitos postos de guerra hoje — esses "cavaleiros por uma hora" não nos interessavam muito. O que nos interessava era o fato de que por debaixo da espuma havia um movimento da juventude bastante vivo no Partido Socialista e um considerável número de elementos operários ativos, sindicalistas e lutadores no campo dos desempregados que constituíam uma boa matéria-prima para o partido revolucionário. Há uma grande diferença. Não se podia fazer muito com os tipos de dirigentes que tinham na época ou mesmo agora o Partido Socialista em qualquer de suas alas. Mas com os quadros e militantes de base sérios, ativistas sindicais, e juventude radical, se podia fazer um partido que dirigisse uma revolução. Queríamos encontrar um caminho até eles. Nesse momento eles nada sabiam sobre por qual caminho levar seu movimento, e menos ainda sabiam os jovens socialistas. Estavam sufocados no Partido Socialista pela burocracia conservadora, e uma e outra vez seus piores dirigentes — os chamados "Militantes" — mostravam tendências a capitular para a Ala Direita da burocracia.

Por outro lado, estavam acossados pelos stalinistas que tinham uma poderosa imprensa e aparato e muito dinheiro para corromper, e não vacilavam em usar dinheiro para esse propósito. Naquele momento os stalinistas estavam exercendo uma pressão extraordinária sobre os socialistas com o objetivo de deter o progressivo movimento de sua ala esquerda e fazê-la regressar na direção do reformismo pela via do stalinismo. Havia triunfado em fazer isto na Espanha e muitos outros países europeus. O movimento da juventude socialista na Espanha, que havia anunciado por iniciativa própria, seu apoio a ideia de uma Quarta Internacional, foi desperdiçado pelos trotskistas da Espanha que, esterilizados no purismo sectário, evitavam qualquer tipo de manobras na direção dos jovens socialistas. Estavam satisfeitos com recitar o ritual da ruptura com a Social-Democracia e a Comintern em 1914-19, fazendo com que os stalinistas lhes ganhassem a dianteira, tomassem essa enormemente prometedora organização da Juventude Socialista e a transformasse em um apêndice do stalinismo. Isso foi um dos fatores decisivos na destruição da revolução espanhola. Nós não queríamos que isso ocorresse aqui. Para começar os stalinistas tinham vantagem sobre nós. Na Ala Esquerda Socialista havia ainda fortes sentimentos de conciliação com o stalinismo, e os stalinistas estavam usando a consigna demagógica da unidade. Nos demos conta do problema e concluímos que se não nos esforçássemos, o que havia ocorrido na Espanha ocorreria aqui.

Estávamos começando nosso trabalho sob a bandeira independente do Workers Party, mas este problema não esperaria. Começamos a insistir em que deveríamos prestar mais e mais atenção ao Partido Socialista e sua crescente Ala Esquerda. Nos pusemos de acordo sobre as seguintes linhas: Devíamos frustrar os stalinistas. Devíamos fazer um corte entre os stalinistas e este incipiente movimento Socialista de Esquerda e levá-lo em direção ao autêntico marxismo. E para completar isto, devíamos deixar de lado todo feiticismo organizativo. Não podíamos nos contentar em dizer: "Aqui está o Workers Party. Tem um programa correto. Venham e unam-se a ele"! Essa é a atitude dos sectários. Esta Ala Esquerda é um grupo frouxo de milhares de pessoas do Partido Socialista, algo vago em suas concepções, confuso e mal dirigido, mas muito valioso para o futuro se receberem uma fertilização apropriada das ideias marxistas.

Nossa posição foi formulada na resolução Cannon-Shachtman. Encontramos uma resistência determinada no partido por parte de Oehler, e

também de Muste. Os oehleistas se fincaram em terrenos dogmáticos e sectários. Não só não tinham nada que ver com qualquer orientação momentânea sobre o Partido Socialista, mas ainda insistiam, como uma questão de princípios, de que a excluam de qualquer consideração futura. Nós temos formado o partido, diziam os oehleristas. Aqui está. Permitindo aos socialistas de esquerda unirem-se a nós se aceitam o programa. Nós somos Maomé e eles a montanha, e a montanha deve vir a nós. Essa era toda sua prescrição para aqueles jovens socialistas de esquerda confusos, que nunca haviam mostrado a menor inclinação para unir-se ao nosso partido. Nós dizíamos: "Não, isso é muito simples. Os bolcheviques devem ter suficiente iniciativa política para ajudar aos socialistas de esquerda a encontrar seu caminho para o programa correto. Se nós fazemos isso, o problema de unir-se com eles em uma organização comum pode concluir-se facilmente".

Muste se opôs a isto — não no terreno dos princípios mas no do fetichismo organizativo, provavelmente por orgulho pessoal. Esses sentimentos são fatais em política. Orgulho, nojo, rancor — qualquer tipo de subjetivismo que influencie um curso político leva só à derrota e a destruição daqueles que lhe dão passagem. Vocês sabem, no boxe profissional — "a arte viril da auto-defesa"— uma das primeiras lições que aprendem os boxeadores jovens de seus moderados treinadores é manter-se frios quando enfrentam um adversário no ring. "Nunca se tornem loucos no ring. Não percam sua cabeça, porque se o fizerem despertarão na lona". Os boxeadores têm que brigar calculadamente, não subjetivamente. A mesma coisa é indubitavelmente verdade em política. Muste não podia aceitar a ideia de que depois de haver fundado um partido e fazê-lo proclamado como o único partido, nós prestássemos atenção para algum outro partido. Nós seguiríamos nosso caminho. Manteríamos a cabeça erguida e veríamos o que ia acontecer. Se eles fracassassem em unir-se a nós, bem, seria por suas próprias deficiências. A posição de Muste não estava suficientemente pensada, nem raciocinada com a objetividade necessária. Não servia à situação. Se tivéssemos permanecido à margem, os stalinistas teriam tragado a ala esquerda socialista e esta teria sido usada como outro porrete contra nós, como na Espanha.

Antes de que a questão do Partido Socialista pudesse ser resolvida, e com ela removido outro obstáculo do caminho no desenvolvimento do partido americano de vanguarda, tivemos que combater a questão nas

fileiras do workers Party. Tivemos que brigar na questão de princípios com os sectários; e quando eles se mantiveram inflexíveis e se tornaram indisciplinados tivemos que colocá-los para fora do partido. Eu disse isto com um pouco de ênfase porque essa era a forma pela qual tínhamos que tratar com os oehlerista — com ênfase. Se tivéssemos fracassado em fazer isso em 1935, se tivéssemos cedido a algum tipo de sentimentalismo para com as pessoas que estavam arruinando nossas perspectivas políticas com seu estúpido formalismo, nosso movimento teria se arruinado em 1935. Teríamos nos aliado de qualquer possibilidade de crescimento futuro. Teria ocorrido uma inevitável desintegração. O movimento teria terminado na resolução sem saída do sectarismo inútil.

O sectarismo não é uma idiosincrasia interessante. É uma enfermidade política que destrói qualquer organização na qual se instala firmemente se não é arrancada a tempo. Nosso partido vive ainda hoje e é bastante saudável graças ao tratamento de cirurgia que receberam os sectários em 1935. O tratamento medicinal é o mais importante e sempre deve vir primeiro nestes casos. O nosso consistia em uma sólida educação nos princípios marxistas e em suas caricaturas sectárias, através da discussão, explicação paciente. Por estes métodos aclaramos a confusão e, ainda estávamos em minoria no começo, depois ganhamos uma grande maioria e isolamos os oehleristas. Isto não foi feito em um dia. Levou muitos meses. O tratamento cirúrgico veio só quando os oehleristas derrotados começaram a violar a disciplina partidária sistematicamente e a preparar uma divisão. No curso da explicação e da discussão, educamos uma grande maioria do partido. O corpo do partido havia sido curado e estava com boa saúde. A ponta do dedo pequeno ficou infectada e começou a grangrenar, por isso o arrancamos. Esta é a razão de por que o partido vive hoje e é capaz de falar sobre aquela época.

Depois que terminamos com os oehleristas tivemos que seguir uma luta fracional bastante prolongada com os musteístas — duas lutas internas no primeiro ano de existência do Workers Party — antes de que estivesse clara a via para resolver o problema da Ala esquerda do Partido Socialista. Estas lutas internas, que consumiam as energias do novo partido quase desde seu início, eram certamente inconvenientes. Havíamos tido um ou dois anos de trabalho construtivo, não interrompido por diferenças, conflitos e brigas internas. Mas a história não segue este caminho. Fazia pouco tempo que tínhamos lançado o novo partido e fomos confrontados com o problema da

Ala Esquerda do Partido Socialista. Não podíamos chegar a um acordo sobre o que fazer, por isso tivemos que passar um ano disputando. Esses conflitos não começaram imediatamente. O novo partido, organizado nos primeiros dias de dezembro de 1934 começou seu trabalho bastante auspiciosamente. Uma das primeiras demonstrações de atividade política, que também tendia a simbolizar a unificação das duas correntes, foi um tour de conferências sobretudo de Muste e eu. Fomos recebidos com entusiasmo ao longo do caminho. Podia-se notar no movimento operário de esquerda um espírito geral de aprovação pelo fato de um processo de unificação ter começado depois de um longo período de desintegração e rupturas. Tivemos boas reuniões em vários lugares e o tour alcançou seu ponto mais alto em Minneapolis. Este foi mais ou menos a 6 meses da grande greve vitoriosa; fomos muito bem recebidos. Os camaradas em Minneapolis estavam altamente satisfeitos porque não nos havíamos permitido ser totalmente absorvidos em greves econômicas e negar oportunidades no campo puramente político. Nossa unificação com outro grupo, cujos militantes valorizavam muito pelo trabalho que haviam feito no movimento de desempregados, a greve de Toledo, etc., foi muito aplaudida pelos camaradas de Minneapolis. Nos deram uma boa recepção e celebraram nossa visita com uma série bem planejada de reuniões e conferências, culminando em um banquete em honra ao Secretário Nacional de seu partido e ao editor do periódico que era muito caro aos seus corações: *The Militant*. Eles sempre fazem as coisas bem em Minneapolis. Durante nossa estadia ali, decidiram vestir-nos conforme a dignidade de nossas posições. Os camaradas dirigentes saíram do hall do sindicato, recolheram a Muste e a mim — que, devo admitir, luzia um pouco esfarrapado nesse momento — e nos levaram a um passeio pelas lojas que vendem tecidos e comércio. Nos equiparam com roupas novas da cabeça aos pés. Foi um gesto muito fino. Me recordo bastante dessas roupas depois que elas se gastaram. No verão de 1936, Muste desorientado por todas as complicações e dificuldades, e abatido pelo sangue e violência da guerra civil espanhola e dos processos de Moscou, voltou, como vocês sabem, a sua posição original como um religioso e retornou para a igreja. Vincent Dunne obteve estas notícias através de uma carta privada e passou a informação para Bill Brown. "Bill", disse, "Que pensas? Muste regressou para a igreja". Bill estava atordoado. "Bem, que se vá ao demônio" disse.

Depois, um momento mais tarde: "Vincente, deveríamos recuperar aquele traje!" Mas ele deveria saber melhor. Os pastores nunca devolvem nada.

Partimos de Minneapolis. Muste foi mais ao sul para cobrir outras partes do país. Eu fui para a Califórnia para terminar o tour. Isto foi no momento do julgamento em Sacramento dos membros do PC por "sindicalismo criminoso". Um de nossos camaradas — Norman Mini — estava entre os acusados, e porque ele se havia tornado trotskista, não só os stalinistas se negaram a defendê-lo, mas também o denunciaram em sua imprensa como um farsante, no entanto, estava sendo julgado. Fomos em sua ajuda. A Defesa Operário Não-Partidária, um comitê de defesa não stalinista, fez um trabalho muito bom em defesa do camarada Mini. Exploramos ao máximo todos os aspectos políticos dessa situação.

Entretanto estava se desenvolvendo o tour, que durou um par de meses, começamos a ouvir os primeiros rumores dos problemas com os fraseologistas sectários em Nova York. Eles sempre começam em Nova York. Não deixavam o partido em paz, não lhe permitiam um bom começo em seu trabalho. Consideramos a situação. Havia uma nova organização formada, representando a unificação de pessoas com experiências e passados totalmente diferentes. Este partido necessitava de um pouco de tempo para trabalhar unido, e um pouco de paz nesse trabalho comum. Esse era o programa mais razoável, o mais realista para aquele primeiro período. Mas nunca se pode lograr razoabilidade ou realismo dos sectários. Começaram a metralhar a organização unificada em Nova York com um programa de "bochevização". Iam pegar os musteístas centristas e fazer deles bolcheviques, quisessem eles ou não. E rapidamente.

Discussões! Tiravam fora do juízo alguns desses musteístas com suas discussões, teses e clarificações até altas horas da noite. Estavam buscando os "fundamentos", caçando tudo o que poderia desviá-los do caminho direto e estreito da doutrina. Nenhuma paz, nenhum trabalho fraternal em comum, nenhuma educação em uma atmosfera de calma, nenhuma intenção de permitir que o jovem partido se desenvolve-se natural e organicamente. A contribuição dos sectários desde o começo foi uma irresponsável luta fratricida.

Esse alvoroço em Nova York estava preparando o caminho para a explosão na famosa Conferência de Ativistas Operários, chamada pelo partido a reunir-se em Pittsburgh em março de 1935. A Conferência de

Ativistas Operários era uma excelente instituição que havia surgido das experiências do AWP. A ideia era convidar todos os ativistas partidários de uma determinada região, ou de todo o país, para vir a um lugar centralizado para discutir o trabalho político prático, contar experiências, conhecer-se uns aos outros, etc. É uma instituição maravilhosa, como a descobrimos em nossas experiências em Chicago em 1940 e outra vez em 1941. Anda magnificamente bem quando há harmonia no partido, e é capaz de resolver assuntos e superá-los. Mas quando há sérias disputas no partido, que não podem ajustar-se exceto com uma conferência formal, especialmente se há uma fração irresponsável rondando, é melhor passar batido por Conferências De Atividades Operárias informais que não têm poderes estatutários para decidir as disputas. Em uma situação assim, as assembleias informais só incendeiam o fogo do fracionalismo. Encontramos isto em Pittsburgh.

A Conferência de Ativistas Operários que tentamos em Pittsburgh foi um horrível fiasco porque, desde sua abertura, os oehleristas a usaram como porta-voz de sua luta fracional contra o "oportunismo" da direção. Os camaradas musteístas, novos na experiência da vida política partidária, vieram do campo com a ideia ingênua que iam escutar outros informes sobre o trabalho de massas do partido e para discutir como eles poderiam avançar um pouco. Em lugar disto, se viram enfrentados com uma irrestrita luta fracional. Os oehleristas começaram a batalha sobre a eleição da presidência, e depois a continuaram — de uma maneira fanática, vida ou morte, para fazer ou morrer — sobre todas as questões. Foi um matadouro fracional como nunca havia visto antes em um lugar assim. Quarenta ou cinquenta inocentes trabalhadores estruturados, com pouca ou nula experiência em partidos políticos, que haviam vindo aqui buscar alguma inspiração por parte de seu novo partido e algum guia sensível para seu trabalho prático, foram convidados a discussões e argumentos de denúncias fracionais, que duraram todo o dia e a noite. Imagino que muitos deles disseram alarmados: "Onde entramos? Sempre escutamos que os trotskistas eram loucos, eruditos em teses e fracionalistas profissionais. Possivelmente a história tenha algo de verdade". Aqui viram o fracionalismo em sua pior versão.

O ativista de trabalho de massas, como regra, se inclina a querer só uma pequena discussão, assentar uns poucos detalhes muito necessários, e depois sair para a ação. Em Pittsburg eles — e nós também — queríamos

terminar com esses assuntos e ter um intercâmbio de experiências sobre o trabalho prático do partido: atividade sindical, ligas de desempregados, funcionamento do partido em células, finanças, etc. Os sectários não estavam interessados nesses temas monótonos. Insistiam em discutir Etiópia, China, o "Giro Francês", e outras "questões de princípio", que eram muito importantes, seguramente, mas não para a agenda da conferência.

Conferência XI

“Giro Francês” na América do Norte

A última conferência nos conduziu até a finalização da luta interna com os sectários oehleristas no plenum de outubro de 1935. A relação de forças desse plenum havia se invertido radicalmente após 4 meses de discussão e luta fracional. A minoria daquele plenum havia ganho a maioria nas fileiras do partido. Somado a isto o bloco tácito dos ultra-esquerdistas oeheleristas e as forças muteístas, que nos haviam enfrentado no plenum de junho, tinha se rompido no momento do plenum em outubro. Na ocasião Muste achou necessário apresentar a resolução que sua fração e a de Cannon-Shachtman haviam escrito conjuntamente, assentando as condições sob as quais os oehleristas podiam permanecer no partido. E assim ocorreu. Sua falta de cumprimento das regras disciplinares do plenum de outubro resultaram em sua expulsão.

Se pode tirar certas lições políticas da experiência de Muste em seu desafortunado bloco com Oehler. As combinações que não têm princípios inevitavelmente resultam um desastre para um grupo político. Esses blocos não podem ser mantidos. O erro de Muste de jogar com os oehleristas no plenum de junho e depois, havia debilitado muito sua posição no partido entre aqueles que tomavam seriamente os programas. Contudo há que se dizer que ele saiu de sua posição insustentável de uma maneira muito mais honrosa do que fez Shachtman mais tarde em seu bloco sem princípios com Burnham. Muste, tão logo fez-se claro que a fração de Oehler era desleal ao partido e estava rompendo conosco, rompeu relações com eles. Depois uniu suas mãos às nossas para sem cerimônias e fatalmente expulsá-los. Shachtman pendurou-se à costela de Burnham até o fim, até que Burnham se livrasse dele.

Depois da ida dos sectários prevalecia uma trégua nada fácil entre as duas frações: a de Muste, que tinha o apoio de Abern, e a de Cannon-Shachtman que por essa época havia se tornado maioria no Comitê Nacional e na base. Esta era uma trégua difícil baseada sobre um pseudo-acordo sobre o que deveriam ser as tarefas práticas do partido. Enquanto isso, o espectro da ala esquerda do PS pendia sobre o Workers Party. O problema estava exatamente ali, porém os meios para resolvê-lo não

tinham amadurecido ainda. Mesmo depois do plenum de outubro de 1935, não havia proposto entrar no PS. Isso não era — como fomos acusados muitas vezes, e provavelmente como alguns camaradas se inclinam a crer - porque estávamos dissimulando e tratando de manobrar o partido para entrar no PS sem o conhecimento e o consentimento da militância. Era porque a situação do PS naquele momento não nos permitia a possibilidade de nos unirmos com eles. Enquanto a direitista “velha guarda” tivesse o controle da organização de Nova Iorque, a entrada dos trotskistas estava mecanicamente excluída. A “velha guarda” nunca haveria permitido. Em consequência, não fizemos nenhuma proposta desse tipo. Justamente nesta época, de fato, teve uma reunião do Comitê Nacional do PS onde os debilmente articulados “militantes” desgraçadamente capitularam a ala direita. Os quadros e a base do bloco se levantaram contra esta atitude e sua pressão empurrou novamente sua direção para a esquerda. Não era possível dizer com segurança qual seria o resultado da disputa no PS. Só podíamos esperar e ver. O problema fundamental do PS se mantinha irresolvido de nossa parte porque a situação nele não havia ainda cristalizado.

Durante todo este tempo a atenção dos operários avançados, dos trabalhadores sem partido porém mais ou menos de esquerda e com consciência de classe, estava concentrada no PS porque era o maior partido. Eles diziam: “Vejam onde vai o PS ou o Workers Party será o herdeiro do movimento de esquerda nos Estados Unidos. Vejam se o PS gira realmente à esquerda. Nesse caso podemos entrar num partido revolucionário que é maior que o Workers Party”. Sob essas condições era extremamente difícil cooptar para o Workers Party.

Ocorriam atritos constantes dentro do Workers Party (WP) sobre a questão do PS, apesar do fato de naquele momento não existir proposta de uma fração contra a outra. Todos nós presumivelmente seguíamos construindo o WP, conduzindo sua agitação independente, etc. Dizíamos que não tínhamos proposta sobre entrar no PS. Eles não podiam opor-se a uma proposta deste tipo desde um ponto de vista principista, já que haviam respaldado o “giro francês”. Contudo, havia uma diferença na forma de ver o problema entre as duas frações. Eles consideravam a fermentação no PS como um fato a mais, algo a ser tomado como óbvio. Cada vez que algo de interesse requeria uma nova atenção à disputa fracional dentro do PS eles se ofendiam porque isto distraía a atenção sobre nossa própria organização

e não viam as correntes e tendências conflitivas, algumas das quais estavam destinadas a marchar conosco. Era uma aproximação organizativa. Essa era, creio, a maneira mais apropriada de caracterizar a atitude de Muste naquele momento: “não prestar atenção ao PS, é uma organização rival.” Formalmente era assim. Porém o PS não era um corpo homogêneo. Alguns de seus membros eram inimigos irreconciliáveis da revolução socialista; outros eram capazes de transformar-se em bolcheviques. A lealdade a organização e o orgulho são qualidades absolutamente indispensáveis num movimento revolucionário. Ao contrário, o fetichismo organizativo, especialmente de parte de uma pequena organização que deve ainda justificar seu direito a dirigir, pode transformar-se em uma tendência desorientadora. Assim era em nosso caso.

Nos aproximamos do problema por outro ponto de partida, não tanto a partir de seu aspecto organizativo e sim político. Víamos a fermentação do PS não como um problema que nos distrairia da tarefa de construir nosso partido. A víamos quase como uma oportunidade para avançar nosso movimento, para além da forma organizativa que poderia chegar a tomar. Nossa inclinação era voltar-nos para este, tentar influenciar de alguma forma. Como disse, as propostas práticas nesse momento não eram muito diferentes em ambas as frações, porém a diferença na atitude para com o problema do PS era fundamental e cedo ou tarde iria nos levar a um racha. A questão organizativa é importante, contudo a linha política é decisiva. Ninguém pode ter êxito em criar uma organização revolucionária se não compreende que as questões políticas são superiores as organizativas. As questões de organização só são importantes na medida em que sirvam a uma linha, a um objetivo político. Independente disto não tem nenhum mérito em absoluto. Durante este período particular, enquanto a questão do PS seguia sem decidir-se, a posição de Muste parecia ser mais positiva e contundente que a nossa. A receita simples de Muste atraía a alguns camaradas: “Permaneçamos longe do PS, construamos nosso próprio partido” — contundente e positiva. Porém, a superioridade da fórmula de Muste era só a aparência superficial das coisas. No momento em que algo novo ocorresse no PS — e essa era a eterna maldição para os muteístas, sempre ocorriam algumas coisas nessa caldeira em ebulição — teríamos de voltar nossa atenção e escrever sobre isso em nosso jornal.

E algo se passou. Um novo giro dos acontecimentos resolveu todas as nossas dúvidas e pôs o fato de entrar ou não entrar no PS em seu marco

real. A fração dirigente do PS começava a romper abertamente em dezembro de 1935. A ala direita, que controlava o aparato em Nova Iorque, enfrentou-se no CC local — um corpo de delegados de células —, com a crescente força da ala esquerda e sua maioria ali. A ala direita, ao invés de reconhecer esta maioria e de deixar que operasse o processo democrático, mostrou seus dentes como os socialistas “democráticos” profissionais fazem sempre em situações assim. Como fosse uma questão eminente, deram a volta, expulsaram e reorganizaram inúmeras células dos “militantes” e a ruptura precipitou-se. Neste caso, como em instâncias passadas, vimos revelada a essência real da tão afamada democracia do PS e de todos os grupos pequeno-burgueses que gritam aos céus contra os métodos ditatoriais e a severidade do bolchevismo. Todas as suas retóricas sobre a democracia se mostram como uma simulação e um pretexto na hora de pôr-se a prova. Falam contra o bolchevismo em nome da democracia, porém quando seus interesses e seu controle estão em jogo, nunca cedem à maioria democrática de seus quadros e base. Esta organização tem uma pseudo-democracia que permite grandes discursos e críticas na medida em que as mesmas não ameacem o controle de sua organização. Neste momento, suas regras mudam, atuam com a mais brutal repressão burocrática contra a maioria. Isto é verdade para todos eles, para todos os oponentes do bolchevismo, de qualquer tipo e cor, no campo da organização. Embora o santificado Norman Thomas não seja uma exceção, como demonstrarei mais tarde. Incidentalmente isto também é verdade para todos os grupos sectários, sem exceção, que romperam com a Quarta Internacional, e que fizeram um grande escândalo pela falta de democracia no movimento trotskista. No momento em que fundaram suas próprias organizações estabeleceram um autêntico despotismo. O grupo de Oehler, por exemplo, não fazia muito tempo que havia se constituído em um organização independente quando aqueles que haviam sido ganhos por seus apelos contra o terrível burocratismo da organização trotskista receberam um duro golpe. Se encontraram com a mais rígida e despótica caricatura de burocratismo.

A ruptura em Nova Iorque da ala direita do PS anunciava a ruptura a nível nacional — isso estava claro para nós. A ala direita estava decidida por razões próprias, a desconectar-se dos militantes de base e dos elementos jovens do PS que estavam falando de revolução. Consideravam que isso estava fora de moda. Estavam olhando as eleições nacionais de

1936 e já tinham certamente em mente chegar a uma posição de apoio a Roosevelt. Estavam buscando um bom pretexto para romper relações com os quadros militantes de base e a juventude que ainda estava falando seriamente de socialismo. Esta ruptura em Nova Iorque nos mostrou que havia chego o momento de atuar sem demoras. Acontece que eu estava em Minneapolis quando teve lugar a explosão da organização de Nova Iorque do PS. Havia aqui uma surpreendente repetição do processo de 1934. O impulso para acelerar a fusão com o AWP vinha desde a discussão que havíamos tido durante a greve. Agora, pela segunda vez, a iniciativa para um giro político agudo saiu de um debate informal que tive com os camaradas da direção em Minneapolis.

Chegamos a conclusão de que devíamos nos mover, sem demora, para entrar no PS embora permanecesse em estado de lassidão, antes que uma nova burocracia tivesse tempo de cristalizar-se e antes que a influência dos stalinistas pudesse consolidar-se. Toda a direção de nossa fração, a fração Cannon-Shachtman, estava de acordo com esta linha. Os quadros e a base da fração haviam sido bem preparados e educados na longa luta interna e haviam assimilado completamente a linha política da direção. Apoiavam este plano por unanimidade. Haviam superado todos os preconceitos sobre o “giro francês”, sobre o princípio da “independência” e todas as outras consignas da fraseologia sectária. Quando se apresentou a oportunidade de dar um giro que nos oferecia perspectivas de avanço político eles estavam prontos para mover-se. Havia chego o momento de atuar.

Depois de tudo se reduzia a atuar sem muita lassidão, sem dar voltas, sem indecisão ou vacilação. A propaganda de rotina, que é levada adiante todo o tempo, não é suficiente por si mesma para construir um partido e fazê-lo crescer rapidamente. Um partido político deve saber o que fazer a curto prazo, e fazê-lo antes que seja demasiado tarde. Neste caso particular o que devíamos fazer em seguida, se queríamos tirar proveito de uma situação muito fluída na vanguarda do movimento operário era entrar no PS, valorizar a oportunidade antes que ela escorresse, dar um passo adiante efetuando a fusão dos operários trotskistas com os quadros e a base, a gente jovem do PS, que tinham ao menos o desejo subjetivo de serem revolucionários e se estavam movendo em nossa direção. Há uma expressão, um lema norte-americano sobre bater enquanto o ferro está vermelho. Não sei quantos de vocês reconhecem o que pode ser esta expressão para aquele que compreende seu significado, no sentido

mecânico. Sempre foi para mim um lema favorito em política, e sempre me traz a recordação da imagem do ferreiro, quando éramos rapazes e regressávamos para casa parávamos olhando, fascinados pelo ferreiro, uma figura heroica aos nossos olhos. Ele tomava seu tempo, fumava seu charuto ociosamente, falava com a gente do clima e de política local. Quando traziam um cavalo para ferrar, lentamente bombeava o fole sob a ferraria, sem pressa, até que o fogo alcançava uma certa chama branca e a ferradura se punha vermelha. Então, no momento decisivo, o ferreiro se transformava. Toda a sua lassidão desaparecia, tomava a ferradura com suas pinças gigantes, pressionava-a sobre a bigorna e começava a bater-lhe com seu martelo enquanto estava ainda incandescente. Do contrário a ferradura perderia sua maleabilidade e ele não podia moldá-la na sua forma apropriada. Se houvéssemos permitido que esfriasse a oportunidade no PS teríamos perdido nossa vez. Tínhamos que bater enquanto o ferro estava vermelho. Existia o perigo de que os stalinistas, que pressionavam fortemente sobre o PS, nos ganhassem a dianteira e repetissem a tragédia espanhola. Existia o perigo de que os lovestonistas, que certamente estavam mais próximos em afinidade política com os socialistas norte-americanos que nós, porque eles mesmos não eram outra coisa além de centristas, se dessem conta de qual seria sua próxima colheita e avançassem sobre nós no PS.

Tínhamos que saltar duas valas antes de poder efetuar a entrada. Primeiro, tínhamos que ter uma convenção partidária para obter a sanção para esta ação. Segundo, tínhamos que obter a permissão dos “cabeças” do PS antes de entrarmos nele. Previamente a nossa convenção tivemos que atravessar uma luta fracional das mais selvagens com os musteístas que haviam colocado seus canhões na última trincheira para salvar a “independência” e a “integridade” do WP. Batalhavam com um fervor sagrado contra nossa proposta de dissolver a Igreja do Senhor e unirmos aos socialistas hereges. Defendiam a “independência” do WP como se fosse a arca da aliança e nós estávamos pondo mãos profanas sobre ela. Foi certamente uma disputa furiosa que tinham elementos de fanatismo semi-religioso. Porém, não tiraram proveito algum. A grande maioria dos membros do partido estavam claramente do nosso lado desde o começo.

Começamos a negociar com os dirigentes dos “Militantes” sobre os termos e condições de nosso ingresso no PS. As negociações com estes heróis de papel-maché foram um espetáculo para deuses e homens. Nunca

as esquecerei. Creio que em toda a minha longa e variada experiência, que há passado do sublime ao ridículo e vice-versa, nunca encontrei nada tão fabuloso e fantástico como as negociações com os chefes dos “Militantes” no PS. Eram todos figuras intranscendentes, importantes por um dia. Porém não sabiam. Se viam em um espelho distorcido, e por um breve período imaginavam ser dirigentes revolucionários. Fora de sua imaginação apenas havia alguma base sólida para sua suposição de que estavam qualificados para dirigir, mas não um partido revolucionário que requer qualidades e uma têmpera de caráter muito diferente das dos dirigentes de outros movimentos. Eram inexperientes. Ignorantes, sem talento, de mentes estreitas, débeis, covardes, traiçoeiros e vaidosos. E tinham também outros defeitos. Estavam perplexos por nosso pedido de admissão a seu partido. Queriam nos ter dentro dele, a maioria deles, para contrabalançar a ala direita e ajudá-los a afastar os stalinistas, de quem tinham um medo mortal por um lado e uma tendência a aproximar-se deles por outro. Nos queriam no partido e estavam assustados pelo que faríamos depois de entrar. Não sabiam com segurança, do princípio ao fim, o que queriam fazer realmente. Afora muitas coisas mais, teríamos que ajudá-los a decidirem-se.

Estava Zam , ex-lovestonista e comunista renegado que se inclinava para a Social-Democracia. Em seu caminho a direita cruzou com alguns jovens socialistas que iam à esquerda, e por um momento pareciam estar de acordo. Porém, isso não era realmente assim; meramente se haviam cruzado no caminho.

Estava Gus Tyler, um rapaz jovem e vivaldino cujo único problema é que não tinha caráter. Podia parar-se e discutir a questão da guerra a partir do ponto de vista de Lênin com qualquer dirigente stalinista — e sustentar corretamente a posição leninista e depois ir trabalhar para os traidores Needle Trades, fazendo “trabalho educativo” por seu programa de guerra, e ainda se perguntava porque as pessoas se surpreendiam ou se indignavam por isto. As pessoas sem caráter são como as sem inteligência. Não entendem porque os outros pensariam diferente deles.

Estava Murry Baron, um brilhante jovem universitário que tinha também um trabalho como dirigente sindical com a permissão de Dubinsky. Vivia bem e considerava importante seguir vivendo. Ao mesmo tempo estava se divertindo com a tarefa de dirigir um movimento revolucionário, como alguém que tem um hobby.

Estavam Biemiller e Porter de Wisconsin, jovens companheiros que aos 30 anos de idade haviam adquirido todas as qualidades senis dos social-democratas europeus. Havendo perdido a chama do idealismo, se é que alguma vez haviam sido tocados por ela, já estavam estabelecendo o negócio de enganar aos operários nos dias de semana e simular serem radicais aos domingos. Eram todos mais ou menos do mesmo tipo, e de um tipo muito pobre. No entanto, eram os dirigentes da ala esquerda do PS e tínhamos que negociar com todos eles, incluindo Norman Thomas que era o cabeça do partido nominalmente e que, como bem explicou Trotsky, se chamava socialista como resultado de um mal entendido.

Nosso problema era fazer um acordo com esta gentinha para que nos admitiessem no PS. E para conseguirmos isso tínhamos que negociar. Era um trabalho muito difícil e desmoralizante, muito desagradável. Porém isso não nos deteve. Um trotskista faz qualquer coisa por seu partido, mesmo que tenha que arrastar seu ventre no barro. Entramos nas negociações e casualmente ganhamos a admissão por todo o tipo de artifícios e a um alto custo. Não era simplesmente uma questão de chamá-los pelo telefone e dizer-lhes: “Encontremo-nos na terça-feira as duas em ponto e discutamos os assuntos”. Era um processo longo e tortuoso. Enquanto negociávamos formalmente e de maneira coletiva, tínhamos também muitos encontros separados, individuais. Um deles era Zam, o comunista renegado que parecia pensar, já que queríamos unirmos ao PS, que íamos ser uns pequenos renegados também. Tinha razões pessoais para querermos no PS e facilitou nossa admissão. Estava morto de medo dos stalinistas, e pensava que podíamos ser um contrapeso e um antídoto para eles. As discussões em particular com ele sempre precediam às discussões formais com os outros dirigentes. Sempre sabíamos de antemão o que estavam planejando fazer.

Somado a todas as outras coisas eles não tinham solidariedade interna ou respeito um pelo outro e nós naturalmente tiramos proveito disso. Outra operação independente, a margem, para entrar, foi com Thomas. O acerto para o encontro entre Thomas e os trotskistas foi o último ato progressista na vida e na carreira de Sidney Hook. Possivelmente sentia que nos devia mais de um favor. Provavelmente se movia por recordações sentimentais de sua juventude quando havia pensado que a revolução era uma coisa linda e boa. Seja pelo que fosse, ele acertou uma reunião com Thomas que aumentou a pressão sobre a junta dos “Militantes”. Finalmente concordaram em nos admitir, porém, nos fizeram pagar.

Puseram condições muito duras. Devíamos abandonar nossa imprensa apesar do fato de que era tradição no PS permitir a qualquer fração ter sua própria imprensa, e apesar do fato de o “Call” socialista haver começado como o órgão da fração dos “Militantes”. Qualquer seção ou organização local ou nacional no PS que quisesse ter seu próprio jornal era livre para tê-lo. Nos exigiam condições especiais, que não tivéssemos imprensa. Nos fizeram abandonar The Militant e nossa revista, New International. Não nos permitiram a honra e a dignidade de nos unirmos como um corpo e ser recebidos como um corpo. Não, tínhamos que nos unir como indivíduos, deixando a cada célula local a opção de negar-se a admitir-nos. Devíamos entrar individualmente porque eles queriam humilhar-nos, fazer parecer que simplesmente estávamos nos dissolvendo no partido, rompendo humildemente com nosso passado, e começando uma vida nova como discípulos da junta dos “Militantes” do PS. Era bastante irritante, contudo não nos afastamos de nosso curso por sentimentos pessoais. Tínhamos estado muito tempo na escola de Lênin para fazer isso. Estávamos por servir a fins políticos. Essa é a razão de porque, apesar de onerosas condições, nunca rompemos as negociações e nunca lhes demos uma desculpa para que a fechassem unilateralmente. Toda vez que mostravam sinais de indiferenças e evasivas nos colocávamos atrás deles e mantínhamos as negociações vivas.

Entretanto, nosso próprio partido avançava para a sua convenção. Se revelou rapidamente que a grande maioria deste apoiava as propostas de Cannon-Shachtman de entrar no PS. Nossa proposta tinha também o apoio de Trotsky. Esse era um fator considerável para assegurar aos quadros de nosso partido de que era um bom passo tático, que não constituía de nenhuma maneira um repúdio aos princípios, como haviam apresentado os oehelristas. A convenção de março de 1936 que tinha que pôr fim a decisão foi uma formalidade. A maioria a favor da proposta de entrar no PS era aplastrante. A oposição foi reduzida a um grupo tão pequeno que virtualmente não teve mais alternativa que aceitar a decisão, submeter-se a disciplina e ir conosco ao PS.

Nessa convenção houve um retorno de algumas políticas sem princípio que haviam tido lugar no verão, um cruel castigo para uma combinação sem princípios. Nesse caso foi a conclusão do incidente de Allentown que é bastante famoso na história de nosso partido, e vive ainda na memória dos que passaram por essa luta naqueles dias. Allentown havia sido um dos

principais centros do AWP. A organização inteira, que era bastante grande, e que estava na direção de um muito substancial movimento de operários desempregados organizado nas Ligas Nacionais de Desempregados, estava composta por antigos musteístas. A maioria dos membros de Allentown estavam no movimento a só pouco tempo. Haviam chegado ao AWP através de suas atividades com os desempregados e necessitavam de uma educação política marxista, para que os frutos de seu trabalho entre as massas pudesse ser transformado em ganhos políticos e em um núcleo partidário firme. Mandamos alguns camaradas para atendê-los nesse aspecto. Pela juventude foi enviado um camarada chamado Stiler. Pelo movimento de adultos foi enviado Sam Gordon. Sua função, além de participarem do trabalho entre as massas, era auxiliar na educação marxista desses camaradas de Allentown que mostravam uma forte vontade de fusionar-se completamente conosco tanto na ideologia como no organizativo. A luta fracional inverteu estes planos e Allentown foi um centro de infecção em todo esse período.

Uma das piores complicações surgiu da traição de Stiler. Foi enviado ali com a confiança do partido porém sucumbiu ao ambiente. Se tornou um instrumento e um defensor dos piores elementos do AWP que tinha um centro em Allentown. Um homem chamado Reich e outro chamado Hallet estavam estreitamente ligados a um dos dirigentes nacionais dos musteístas, chamado Arnold Johnson. Usavam Allentown como uma base para opor-se a toda tendência progressista no partido. Uma e outra vez, a organização de Allentown se desviaria da linha partidária em seu trabalho entre as massas, em direção ao stalinismo. Sam Gordon interveio e se deu uma grande disputa. Depois, os representantes do comitê nacional iriam a Allentown, ou uma delegação viria a Nova Iorque, para uma discussão dos fatos. Falaríamos e explicaríamos por horas no esforço de clarificar a questão e educar aos camaradas de Allentown. No princípio não suspeitamos nada, porém como um incidente seguia a outro, não podemos deixar de notar que toda a explosão tinha uma mesma característica distintiva.

Independentemente de como começava cada atrito ou qual podia ser a disputa, havia sempre um quê de ideologia stalinista na posição dos camaradas de Allentown. No começo, quando os desvios eram só tendências, pensávamos que eram expressões da pressão do movimento stalinista pesando sobre eles, e não o trabalho deliberado de agentes

stalinistas reais em nossas fileiras. Continuamos dando-lhes o privilégio da dúvida, mesmo quando começaram a manifestar deslealdade na organização, rompendo a disciplina e a unidade na ação do WP e trabalhando em uníssono com os stalinistas mesmo contra seus próprios camaradas nas Ligas de Desempregados. Seguimos batalhando com eles, contudo nosso objetivo era puramente educativo.

Sempre foi política de nosso movimento usar incidentes como estes, erros e desvios dos princípios partidários, não com o propósito de começar uma caça as bruxas senão, como nessa ocasião, para explicar concretamente e em detalhes as doutrinas do marxismo e ajudar assim a educação dos camaradas. Muitos companheiros do partido receberam sua educação real no sentido do bolchevismo nessas discussões educativas baseadas em algum incidente concreto. Tentamos usar este método nesse caso.

Tratamos de educar não só aos camaradas implicados em Allentown, e sim ao partido de conjunto, o que significa no sentido revolucionário a conciliação com o stalinismo. Porém, esta educação foi emaranhada pelo fato de que eles eram amigos pessoais de Muste e este os protegia. Por razões fracionais protegia a seus amigos contra aqueles, que ele mesmo admitia, estavam defendendo uma linha política correta. Em vez de tomar uma posição clara conosco e unir-se para pressionar os militantes de Allentown, oscilava entre nós e eles, turvando os fatos e prevenindo qualquer ação disciplinar mesmo na mais flagrante violação. Cego pela intensidade da luta fracional, Muste pôs as coisas sobre as bases fracionais, protegendo a seus amigos. Essa é uma das mais graves ofensas contra o partido revolucionário. O que deve ser protegido no partido, ante tudo, são os princípios do bolchevismo. Se alguém tem amigos, o melhor que pode fazer por eles é ensinar-lhes os princípios do bolchevismo, não protegê-los em seus erros. Se vocês fazem isso, não só seus amigos se vão ao demônio, mas também vocês se vão com eles. Os assuntos de amizade estão bem para Tammany Hall, que se baseia no intercâmbio de favores pessoais. Porém a amizade, que é uma coisa muito boa na vida pessoal, deve sempre subordinar-se aos princípios e aos interesses do movimento. Depois de uma daquelas exibições disse a Muste: “Vais ter um terrível choque alguma manhã dessas quando te levantes e descubras um núcleo stalinista em Allentown tratando de trair o partido”.

Não me escutou, e persistiu no curso falso. E ele foi auxiliado nesse crime por aqueles que sabiam mais. Muste não era um homem de grande experiência na tradição e doutrinas do bolchevismo. Isso poderia dizer-se como paliativo. Porém Muste estava apoiado e induzido em sua defesa das tendências e elementos stalinistas, por razões fracionais, por Abern e sua pequena camarilha. Não vou dizer mais coisas sobre este pessoal porque já disse tudo o que necessitava dizer sobre eles em meu livro “The Struggle for a Proletarian Party” (A luta por um partido proletário).

Essa aventura de Muste e Abern teve um terrível golpe na convenção de março de 1936. Então, em pagamento pela sua cobertura e proteção as tendências stalinistas em Allentown, Muste foi premiado pelo anúncio em Daily Worker, no mesmo dia que se abriu nossa convenção, que Reich, Hallet e Johnson se haviam juntado ao PC! Os “amigos” de Muste imprimiram uma declaração denunciando os trotskistas de “contra-revolucionários”, na mesma manhã que foi aberta nossa convenção. Esse foi o devastador golpe final à fração Muste–Abern, que já haviam sido suficientemente desacreditados. Tiveram que sofrer a desgraça de ver um grupo de pessoas, a quem haviam protegido por razões fracionais, transformados em agentes stalinistas tratando de desmoralizar e romper nossa convenção no dia em que se abria. Afortunadamente os traidores estavam completamente isolados; sua ação encerrou-se só em um episódio pessoal e não incomodaram de maneira alguma a convenção do partido. Só desacreditaram a fração que os havia encoberto tão zelosamente nos meses precedentes. Melhor ainda, este desenlace reforçou a autoridade da fração majoritária, que havia seguido uma linha clara e principista e não estava de nenhuma maneira envolvida em tal escândalo.

Tínhamos uma maioria esmagadora na convenção. A minoria, que era muito pequena nesta ocasião, aceitou a decisão. Não havia nada mais que eles pudessem fazer. Na convenção do PS em Cleveland, umas poucas semanas depois, a ruptura com a ala direita foi completada em escala nacional. Superamos a uma dupla oposição neste último período. Nosso conselho aos camaradas em todos os cantos foi “apressem-se, não duvidem; não regateiem os termos, e sim entrem no PS enquanto há tempo; não briguem por concessões formais que lhes darão um pretexto para reabrir a questão e mudar de ideia”.

Não recebemos nem boas-vindas, nem saudações amistosas, nem notas na imprensa do PS. Não se nos ofereceu nada. A nenhum dirigente de nosso partido ofereceram, esses trepadores baratos, mais que um posto de organizador em alguma célula. Os stalinistas gritavam com a mais forte de suas vozes: “Nunca poderão dirigir a estes trotskistas”. Estavam lhes advertindo do que ocorreria quando entrassem os trotskistas. E isto punha nos “Militantes” uma cara azul. Era muito vil o modo como nos receberam. Se tivéssemos sido pessoas subjetivas, provavelmente teríamos dito: “Ao inferno com isto” ; e iríamos embora. Porém não fizemos, porque servíamos a objetivos políticos.

Não explicamos todas essas concessões humilhantes que fizemos como uma conciliação com os centristas. Só nos dissemos: essa é a chantagem que estamos sofrendo pelo privilégio de levar adiante uma importante tarefa política histórica.

Entramos no PS confiantes porque sabíamos que tínhamos um grupo disciplinado e um programa delimitado até o fim para triunfar. Quando tempos depois, os dirigentes do PS começaram a arrepender-se de todo o negócio, desejando não haver ouvido nunca o nome do trotskismo, desejando reconsiderar sua decisão de admitir-nos, já era demasiado tarde. Nosso pessoal já dentro do PS começou seu trabalho de integrar-se nas organizações locais. Imprimimos uma declaração no último número de *The Militant*, publicado em junho de 1936, anunciando que entraríamos no PS e suspendíamos *The Militant*. Assentamos claramente nossa posição, de modo tal que ninguém pudesse nos mal-entender; ninguém podia ter alguma base para crer que estávamos entrando como capituladores, renegados do comunismo. Dissemos: “Entramos no PS como somos, com nossas ideias”. Essas ideias que conquistaram o mundo estavam mais uma vez em marcha. E havia um ano frutífero de trabalho diante nós no PS.

Conferência XII

Os Trotskistas no Partido Socialista

A última conferência desta série trata do período de aproximadamente um ano, que passamos dentro do PS e dos seis meses durante os quais nem estávamos nem dentro nem fora, e sim no caminho a outro destino. No curso destas conferências enfatizei repetidamente que as táticas de um partido são impostas pelos fatores políticos e econômicos fora de seu controle. A tarefa de uma direção política é entender o que é possível e necessário numa dada situação e o que em outra não é. Isto pode dizer-se, é a chave de uma direção política. As atividades de um partido revolucionário, quer dizer, um partido marxista, estão condicionadas pelas circunstâncias objetivas. Estas, as vezes impõem derrota e isolamento sobre o partido, independentemente do que possa ser feito pela direção e os militantes. Em outras situações as circunstâncias objetivas criam possibilidades de êxito e avanços, porém ao mesmo tempo as limitam. O partido sempre se move nos marcos de fatores sociais não determinados por ele. Eles são traços do processo de desenvolvimento da sociedade.

Há épocas em que a melhor direção não pode mover para frente o partido nem uma polegada. Por exemplo, Marx e Engels, os mestres e dirigentes maiores de nosso movimento, permaneceram isolados praticamente todas as suas vidas. Não puderam sequer criar um grupo substancial na Inglaterra onde viveram e trabalharam durante o período de sua maturidade. Isso não se devia a erros de sua parte nem certamente a incapacidade, senão a fatores externos fora de seu controle. Os operários ingleses não estavam ainda prontos para escutar as palavras revolucionárias.

Durante o longo período de reação e estancamento que sujeitou ao movimento operário mundial nos primeiros anos de nossa existência, de 1928 até 1934, não podíamos nos evadir do isolamento. Essa era a época em que parecia que todo o peso do mundo caía sobre um pequeno grupo, um punhado de irreconciliáveis. Era o momento em que as pessoas de coração abatido, especialmente aqueles que não tinham a compreensão teórica da natureza da sociedade moderna e de que leis a regem e trabalham a favor das crises que levam à revolução, se afastam. Essa era a

época em que só os trotskistas, os marxistas de boa fé, prognosticaram, no período de obscura reação e solidão, que se aproximava um novo levante e se prepararam conscientemente para este de duas formas: primeiro, elaborando o programa que armaria ao partido para uma nova etapa; e segundo, reunindo aos quadros preliminares do futuro partido revolucionário e inspirando-os a que resistissem com confiança no futuro. Esta fé estava justificada, como vimos nas conferências anteriores. Quando começou a estalar a “onda” no movimento operário mundial, especialmente no começo de 1934, se via um novo movimento de massas neste país e em todo o mundo. Quando essa nova situação começou a revelar-se fomos postos a prova e se deu a grande oportunidade. Já não era mais tempo de permanecer contentes no isolamento, clarificando princípios. Era o momento de esforçar-nos e aplicar aqueles princípios na ação sobre a luta de classes emergente. Nossa decisão de fazer isto, nosso reconhecimento de que a oportunidade estava diante de nós, e nossa determinação de aproveitá-la, nos levou a conflitos com os sectários, os ultra-esquerdistas. Tínhamos que combatê-los, que derrotá-los, para avançar. Fizemos isso. Na greve de Minneapolis demos um passo adiante no movimento sindical de massas. A fusão com o AWP foi outro passo importante no caminho do desenvolvimento de um partido marxista sério nos Estados Unidos. Porém, essas ações progressivas eram só passos, e tivemos que reconhecer as limitações para completá-los. Contudo, nos requeria iniciativa política e ações firmes em situações mais complicadas.

A entrada de nosso grupo no PS dos Estados Unidos foi o passo mais importante mesmo num caminho complicado, tortuoso e desalentador em direção à criação de um partido que conseqüentemente dirija ao proletariado da América do Norte à vitória da revolução socialista. Aquele passo, a entrada no PS, foi dado no momento justo. O tempo é sempre importante consideração em política. Não espera. Pobre dos dirigentes políticos que o esquecem. Há uma expressão jurídica: “O tempo é a essência do contrato”. Dez vezes, mil vezes mais se deve aplicar em política. O decisivo não é só o que fazer, e sim quando se faz; se se faz no momento correto. Não era possível para nós entrar no PS antes do que fizemos, e se houvéssemos tentado depois, teria sido demasiado tarde. O heterogêneo PS que atraía nossa atenção naqueles dias, esse partido sem ajuda, acéfalo, essa mescla de centristas, foi esbofeteado por acontecimentos externos e apertado por todo o tipo de pressões. O partido

mesmo era inviável. Em 1936, no momento que entramos, era a etapa da ebulição violenta e da desintegração. O PS estava destinado, de qualquer modo, a romper-se. A única questão era como e por que linhas teria lugar a desintegração e a eventual destruição desse partido histórico inviável.

Havia um movimento poderoso, embora não totalmente consciente, no PS em direção à reconciliação com a administração Roosevelt, e por esse meio, com a sociedade burguesa. A propaganda e os materiais do bem armado aparato do PC pressionavam fortemente sobre os dirigentes operários socialistas. A pergunta era: Podiam os elementos potencialmente revolucionários do partido centrista — os ativistas operários e a juventude rebelde — serem tragados por essa força? Ou se fusionariam com os quadros do trotskismo e chegariam ao caminho da revolução proletária? Isso só poderia saber-se através de nossa entrada no PS. Não era possível para os trotskistas entrar em contato com esses elementos potencialmente revolucionários de outra maneira que não fosse unindo-se ao PS, pela simples razão de que eles não mostravam nenhuma disposição de entrar em nosso partido. Se devia abandonar o fetichismo organizativo. Este devia dar lugar as demandas de necessidade política, que sempre estão por cima das considerações organizativas.

Nossa entrada no PS teve lugar sobre um fundo de grandes acontecimentos que estavam em processo de desenvolvimento, tanto aqui como em escala mundial. As greves dos braços cruzados na França, uma verdadeira revolução, ocorriam no mesmo momento em que estávamos planejando unirmos ao PS. O segundo ressurgimento do Congresso de Organizações Industriais, a CIO, destinado a levar este tremendo movimento a uma grande altura como nunca havia conhecido o movimento operário organizado da América do Norte — em força numérica, em militância de massas, e na composição da base do estrato mais baixo do proletariado — este segundo reerguimento estava em seu começo naquele momento, na primavera de 1936. A rebelião da CIO estava parcialmente influenciada, sem dúvida, pelas greves de braços cruzados na França. A guerra civil espanhola estava por começar com todas as suas forças; e levantava uma vez mais, de forma mais aguda, a perspectiva de uma segunda vitória da revolução proletária na Europa. A revolução espanhola continha a possibilidade de modificar a face de toda a Europa se triunfasse. Uns poucos meses depois os processos de Moscou sacudiram o mundo inteiro.

Este grande panorama de sacudidões mundiais — e o erguimento da CIO não era menos importante que os outros, em meu julgamento, desde um ponto de vista histórico mundial — criaram os auspícios mais favoráveis para o avanço da vanguarda marxista. Não havia falta de interesse político, nem falta de atividades de massas, nem falta de um campo adequado para a operação dos marxistas revolucionários no momento que estávamos levando nossa atividade dentro da estrutura do PS. Se agudizássemos nosso engenho sob estas circunstâncias objetivas, não teríamos limites. Teríamos sido a pior direção, quase teríamos que querer conscientemente derrotamos para não ganhar numa circunstância tão favorável como essa.

Nosso trabalho no PS, quando se olha retrospectivamente, não estava de nenhuma maneira livre de erros e oportunidades desaproveitadas. Não há dúvida em absoluto de que os dirigentes de nosso movimento se adaptaram, alguns demasiadamente, aos dirigentes centristas do PS. Um certo grau de adaptação formal era absolutamente necessário para obter as possibilidades de um trabalho normal em uma organização. Porém essa adaptação, indubitavelmente, chegou muito longe em alguns casos e levou a ilusões e desvios por parte de alguns membros de nosso movimento. Não há dúvida de que depois de entrar gastamos muito tempo em negociações e palavrórios com os dirigentes do grupo “Militantes” de Nova Iorque — Zam, Tyler e outros liliputinenses desse tipo, que não tinham absolutamente um poder real no partido, e cujas posições estratégicas eram transitórias mais que ter uma influência real sobre as fileiras do partido. Não há dúvidas de que ao levar a cabo a manobra política de entrar no PS e a concentração nos problemas políticos que se levantavam dentro do PS deixamos de fazer todo o trabalho nas massas que poderia se ter feito. Não há dúvidas que esses erros e oportunidades não aproveitadas podem ser creditadas contra nós. Contudo, de conjunto, com os conselhos e orientações de Trotsky — um fator decisivo em todo esse trabalho — completamos nossa principal tarefa.

Acumulamos uma experiência política invalorável, e aumentamos em mais que o dobro nossas forças como resultado da entrada e de um ano de trabalho no PS. Começamos nosso trabalho muito modestamente segundo um plano. Nossa primeira prescrição para nossa gente foi: entrem na organização, integrem-se ao partido, metam-se no trabalho militante e adquiram assim uma certa autoridade moral sobre os quadros e a base; estabeleçam relações de amizade pessoal, especialmente com aqueles

elementos que são ativistas, potencialmente de alguma utilidade mais adiante. Nosso plano era deixar que os fatos políticos se desenvolvessem normalmente, como estávamos seguros que o fariam. Não tínhamos que forçar a discussão ou começar artificialmente a luta fracional. Podíamos dar-nos o luxo de permitir que os fatos políticos se desenvolvessem sob o impacto dos acontecimentos mundiais. E não tivemos que esperar demais.

A situação era radicalmente diferente daquela de nossos primeiros anos quando a reação geral e a paralisia pesavam sobre nós. Agora os fatores objetivos trabalhavam a favor dos revolucionários e criavam as condições e oportunidades que eles precisavam para avançar. A guerra civil espanhola teve início em julho de 1936 com a insurreição dirigida por Franco e o grande contra-ataque dos operários. Os processos de Moscou deram a volta ao mundo em agosto, uns poucos meses depois que havíamos entrado no PS. Esses eram fatos de significação mundial, e conseqüentemente se fizeram conhecidos como acontecimentos “trotskistas”. Já em 1928 havia sido reconhecido por nossos inimigos, até pelos mais ignorantes, que o trotskismo não é um dogma provinciano. É um movimento com visão e perspectivas mundiais. O trotskismo atua desde o ponto de vista do internacionalismo e se compromete com os problemas do proletariado em todas as partes do mundo.

O reconhecimento geral desta qualidade fundamental do trotskismo foi ilustrado ironicamente no tempo em que estávamos sob julgamento ante o comitê político e a comissão central de controle do PC, em outubro de 1928. Até o fim do longo julgamento, quando fizemos nossa declaração e pusemos um limite a todas as ambigüidades, tentavam “provar” um caso de “trotskismo” contra nós por qualquer tipo de “evidência circunstancial” que pudessem obter (nós não havíamos admitido que éramos uma fração trotskista por razões táticas, como já expliquei). Apresentaram um montão de testemunhas, muitos a maneira dos acusadores de nosso recente julgamento de Minneapolis, para levar evidências corroboradas e circunstanciais de nossa culpabilidade. Um veio e disse que escutou isso, outro que escutou aquilo. Porém a estrela das testemunhas foi o administrador da livraria do PC. Disse que podia jurar que Shachtman era um trotskista. Por que? Como sabia? “Porque sempre vai a livraria tratando de conseguir livros sobre a China, e eu sei que a China é uma questão trotskista”. O pequeno comadrio não estava tão equivocado, a China era

verdadeiramente uma questão trotskista, como eram todas as questões de importância mundial.

A guerra civil espanhola, os processos de Moscou e o tumulto no movimento operário francês — estas questões dominavam completamente a vida interna do PS. Se desenvolvia a discussão mais animada sobre estes acontecimentos, totalmente contra a vontade da direção. Queriam dedicar-se aos assuntos práticos, ou melhor, a rotina. “sentemo-nos e façamos um trabalho prático aqui” Porém, estes fatos ocupavam o interesse de todos aqueles que tomavam a palavra socialismo a sério. Organizamos uma campanha deliberada para educar a suas fileiras em seu significado.

Quando os julgamentos de Moscou eram noticiados dia a dia, era óbvio que o objetivo real era uma vez mais implicar a Trotsky e se fosse possível conseguir sua extradição e sua execução na Rússia; em qualquer caso desacreditá-lo perante o movimento operário mundial. Devo dizer que os trotskistas norte-americanos não dormiram nesta situação. Aproveitamos essa brecha, fizemos o melhor trabalho político que jamais havíamos feito e rendemos nosso grande serviço a causa da IV Internacional denunciando os pré-fabricados processos de Moscou. O fato de que se pôde começar um trabalho que conseqüentemente golpeou e desacreditou os processos de Moscou em todo o mundo, se deve a existência da seção norte-americana da IV Internacional e que éramos membros do PS naquele momento.

Historicamente nos requeria, nesse momento crucial, ser membros do PS e por esse meio ter acesso mais estreito a certos elementos — liberais, intelectuais, gente politicamente meio de esquerda — que eram necessários para a grande tarefa do Comitê de Defesa de Trotsky. Não creio que Stálin pudesse haver planejado esses julgamentos tão bem outra vez, para assegurar-se um completo descrédito, como no verão de 1936. Então, estávamos em uma situação mais favorável como membros do PS — e por isso rodeados em certa medida pela colaboração protetora de um partido meio respeitável — e não pudemos ser isolados como um pequeno grupo trotskista, corrido e linchado, como planejavam fazer. Fizemos uma campanha terrível para denunciar os processos e defender Trotsky. Os stalinistas, apesar dos vastos recursos do aparato, jornal, organizadores e dinheiro, foram postos na defensiva desde o começo. Nossos camaradas em Nova Iorque, assistidos pelos camaradas de todo o país, puderam iniciar a organização de uma quase formidável aparição do Comitê, com John

Dewey como presidente e uma imponente lista de escritores, artistas, jornalistas e profissionais de vários tipos que aprovavam e apoiavam uma investigação aos processos de Moscou.

Esta investigação, como vocês sabem, seguiu-se na cidade do México na primavera de 1937. O caso foi totalmente esquadrihado; dela saíram os grandes livros que são e serão para sempre clássicos do movimento operário mundial, “The case of Leon Trotsky” (O caso de Leon Trotsky) e o segundo, o informe da comissão, “Not Guilty” (Inocente). Esta tarefa política tremenda que resultou inquestionavelmente no golpe mais duro que jamais tínhamos desferido contra o stalinismo, foi possibilitado por essa conjunção de acontecimentos favoráveis que mencionei. Uns poucos meses mais tarde, e alguns anos depois, a maioria daqueles elementos pequeno-burgueses que levaram adiante uma tarefa historicamente progressiva como essa no Comitê de Defesa de Trotsky, sucumbiram à sociedade burguesa e deram as costas a todos os seus oponentes irreconciliáveis. Pelo menos 90% dessa gente estaria hoje incapacitada física e moralmente para participar ativamente de um movimento como o “Comitê Norte-Americano pela Defesa de Leon Trotsky”. Porém, naquela conjuntura particular eram capazes de servir, e serviram, a uma grande finalidade progressista. A exposição e o descrédito dos Processos de Moscou foi um dos grandes feitos que deve ser atribuído a nosso movimento político de unirmos ao PS em 1936.

A segunda grande campanha que levamos adiante enquanto estivemos no PS, foi ao redor dos acontecimentos da guerra civil e revolução espanhola. Informes substanciais e até livros são o resultado deste trabalho. Chamo a atenção de vocês especialmente sobre o livro escrito por Félix Morrow, “Revolução and Counter-Revolution in Spain”(Revolução e Contra-Revolução na Espanha), e o folheto, “The Civil War in Spain”(Guerra Civil na Espanha). Este folheto e livro resumia e codificava a grande disputa política em curso. Dentro do PS e publicamente sempre que tivemos a oportunidade batalhamos para clarificar os fatos que ocorriam na Espanha e para educar os quadros do partido norte-americano sobre o sentido daqueles acontecimentos. Nossa entrada no PS facilitou estas campanhas, nos deu uma audiência dentro do que depois seria nosso próprio partido. Não era nosso, porém tínhamos nossas contas pagas e isso nos garantia uma grande audiência em cada reunião de célula do PS.

Na Califórnia, onde eu vivia nesse momento por razões de saúde, o trabalho foi feito no movimento de massas. Ali nos integramos rapidamente no partido e adquirimos uma influência dirigente em virtude de nossa atividade, nossos discursos e trabalho político durante a campanha eleitoral. Como resultado, seis meses após termos entrado no partido, saiu um jornal débil sob o auspício do PS da Califórnia e eu fui designado seu editor. As circunstâncias trabalhavam muito favoravelmente para nós. Meu papel de editor de jornal e a proeminência de nosso pessoal nos locais e na organização nacional nos deu uma entrada direta, pela primeira vez, no movimento de massas marítimas.

A grande greve naval de 1936-37 nos ofereceu um campo aberto. Enquanto nossos camaradas na Costa Oeste estavam desenvolvendo as campanhas em torno dos processos de Moscou e a guerra civil espanhola, nós, na Califórnia, estávamos complementando esse trabalho político com a atividade intensa no movimento de massas, que influenciou nos curso dos acontecimentos na grande greve naval de 1936-37. O trabalho que havia feito ali e os contatos que se estabeleceram nos permitiram organizar o primeiro núcleo de uma fração trotskista. Este trabalho deixou grandes dividendos para o partido e ainda segue deixando. Nos transformamos num fator progressivamente mais forte no movimento naval. Este é um dos sinais seguros de que nosso partido tem um bom futuro, por conta de ter estabelecido uma base firme em uma das mais importantes e decisivas indústrias do país.

Em Chicago, tínhamos outra base de apoio no Socialist Appeal. Este era originalmente um pequeno boletim mimeografado publicado por Albert Goldman e outros poucos indivíduos. Goldman havia entrado no PS um ano antes que nós, como um indivíduo. Tinha se negado a esperar a decisão do partido, e entrou por conta própria na véspera de nossa fusão com os musteístas. Se trocaram palavras agudas por essa ação. Porém logo se manifestou que essa secessão organizativa de Goldman não tinha como objetivo uma ruptura principista conosco. Desde o início trabalhou constantemente na direção de nosso programa. Rapidamente como nosso partido se orientou para a entrada no PS, restabelecemos a colaboração tão efetivamente que quando abandonamos nossa imprensa em resposta a exigência dos dirigentes do PS, já tínhamos um acordo com Goldman que o Socialist Appeal, que era um órgão autorizado e estabelecido no PS, se tornaria o órgão oficial da fração trotskista. Nossa colaboração foi

restabelecida tão rapidamente e efetivamente que alguns perguntavam se a coisa de conjunto — a ruptura de Goldman com a organização trotskista e sua entrada no PS como indivíduo, e as polêmicas entre nós e Goldman — não era um jogo montado. Isso não foi assim. Não éramos tão degenerados para isso. Sozinho tomou esse caminho e resultou muito bom. O Boletim mimeografado foi transformado em uma revista impressa. O nome, *Socialist Appeal* foi conservado. Apesar da supressão de nossa própria antiga imprensa pelos “Militantes” de imediato tivemos uma revista mensal legitimamente estabelecida no PS, expondo nosso programa. No final de outono tivemos um jornal semanal na Califórnia, chamado de *Labor Action* — um bom nome que não tem sido tratado muito bem nos últimos anos.

Assim, para todo intento e propósito tínhamos nossa imprensa restabelecida — um periódico de agitação semanal e uma revista mensal. *Labor Action* foi publicado sob o auspício do PS da Califórnia, porém se esse não era um jornal de agitação trotskista então nunca serei capaz de fazer um. Fizemos o melhor para utilizá-lo nesse sentido. O *Socialist Appeal* se colocou em torno do eixo pelo qual se reconstitui “legalmente” nossa fração no PS. Nos começos de 1937 organizamos uma conferência nacional do *Socialist Appeal*. Os membros do PS de todas as partes do país foram convidados a vir a Chicago discutir a forma e os meios para que avançassem os interesses do partido. Todos foram bem-vindos sem tomar em consideração seu passado ou seu alinhamento fracional. A única condição era ter acordo com o programa do *Socialist Appeal*, que casualmente coincidia com o programa da IV Internacional. Sobre esta base e desta forma constituímos em Chicago no começo do inverno de 1937 o que era de fato uma nova Ala Esquerda nacional no PS. Desta vez era uma Ala Esquerda real, não uma mistura de “Militantes”, e sim uma organização de membros do partido, reunidos sobre a base de um programa definido, com dirigentes que sabiam o que queriam e estavam preparados para lutar por isso.

Durante todo este tempo de nossa atividade no PS, como a batalha estava se desenvolvendo e estávamos ganhando, os stalinistas levaram a cabo uma tremenda ofensiva contra nós. Gastaram milhares, e me arrisco a adivinhar, dezenas de milhares de dólares, no esforço de impedirmos de avançar no PS. Estavam mortos de medo de que constituíssemos um grupo valoroso ao nosso redor. Sabiam todo o tempo que o perigo real que apontava no coração do stalinismo é o movimento trotskista, não importa

quão pequeno pudesse ser em um momento dado. Essa campanha dos stalinistas fez eco simpaticamente em uma seção da direção socialista. Eles viam a força e os recursos dos stalinistas como representantes de um grande poder estatal, a União Soviética. Estavam mais impressionados por essa força e esses recursos que pela correção principista do programa trotskista. Uma seção dos “Militantes”— não todos eles — se inclinou para a colaboração com os stalinistas, e se não houvésemos estado em seu caminho teriam entrado em relações mais estreitas com eles, como na Espanha. Porém estávamos no meio entre eles e os stalinistas com nossas críticas e nosso programa, e havíamos sacudido as fileiras do PS contra a ideia de unidade com os stalinistas. Isto bloqueou seu jogo e os levou a um ressentimento crescente contra nós. Outra seção da direção do PS, que já se estava orientada — possivelmente sem saber totalmente — para a reconciliação com Roosevelt organizou uma real ofensiva contra nós: “Expulsem os trotskistas do partido”. Essa campanha tinha muita pressão por trás — por um lado pelos stalinistas e por outro a pressão das influências burguesas.

Muitos dos que dirigiram a batalha contra nós se reconciliaram depois com a classe burguesa. Jack Altman foi um deles. Paul Porter se tornou um agente do ministério da guerra. Neste posto fez um trabalho sujo de reduzir os salários dos operários dos estaleiros a baixo do que exigia o contrato. Foi um dos dirigentes do PS que escreveu um panfleto exigindo nossa expulsão do partido. As pessoas deste tipo, que mais tarde foram nada menos que empregados de Roosevelt no movimento operário, eram melhores consideradas por Norman Thomas e outros dirigentes máximos que nós. Tramaram uma convenção especial, que não era obrigatória segundo os estatutos, com o propósito especial de expulsar aos trotskistas. Queriam tirar de cima de si as críticas dos stalinistas removendo a causa. Queriam distanciar-se da coloração revolucionária que estávamos imprimindo ao PS. Queriam restabelecer-lo perante a boa vontade da sociedade burguesa. O PS teve sempre, exceto pelo breve período da Primeira Guerra Mundial, uma “boa reputação”. Era considerado como um grupo de gente que era pelo socialismo mas que não significava nenhum perigo. Este tipo de partido sempre é tolerado, porém nunca ganha nenhuma influência real séria. No movimento operário os dirigentes e militantes do PS eram conhecidos como gente que estava pelo socialismo mas que nunca criava nenhum problema aos burocratas, aos traidores.

Tudo o que queriam era o privilégio de falar umas poucas palavras de socialismo. Nossa entrada no partido havia transformado isso. falando em nome do PS levamos em frente a luta contra o stalinismo, contra os burocratas e estávamos dando ao PS um caráter diferente na opinião pública como nunca tinha havido antes. Decidiram expulsar-nos.

Nossa estratégia para essa convenção que estava convocada para março de 1937 foi dilatar os acontecimentos.

Não havíamos sido nomeados delegados, e não podíamos fazer muito mais que uma luta por baixo. Sentíamos que não tínhamos tido um tempo suficiente para educar e ganhar o máximo número de operários e jovens socialistas que eram capazes de tornarem-se revolucionários. Necessitávamos em torno de seis meses mais. Portanto, nossa estratégia foi dilatar o desmascaramento nessa assembleia.

Em função desta estratégia eu voltei de São Francisco, onde estava nesse momento editando Labor Action, a Nova Iorque para assistir as negociações. Trouxemos Vicent Dunne de Minneapolis. Ele e eu fomos propostos como um comitê de dois para discutir as questões com os dirigentes dos “Militantes” e com o próprio Norman Thomas para ver se podíamos encontrar uma forma de estender os acontecimentos. Tivemos numerosos encontros, um deles na casa de Norman Thomas. O camarada Dunne e eu, representando os trotskistas, confrontados com Thomas, Tyler, Jack Altman, Murry Baron e outros da jovem burocracia incipiente em uma reunião para discutir o que iam fazer, qual era a acusação contra os trotskistas que necessitavam tomar uma atitude tão áspera conosco, etc. Recordo que uma das grande queixas que impressionava a Thomas particularmente era a informação de que os trotskistas, especialmente em Nova Iorque, estavam falando muito nas reuniões de célula; que insistiam em começar discussões teóricas e políticas as onze da noite e que duravam eternamente. Ele queria saber se não se podia fazer algo para restringira a ala trotskista, ou a fração, como fosse o caso, para limitar as discussões a uma hora razoável. Isso tocou uma fibra de meu coração. Tinha um ressentimento acumulado contra esses debates até as duas da manhã. Fizemos um acordo de que até onde chegava nossa influência estaríamos a favor de estabelecer uma regra de que as reuniões de células se suspendiam as onze da noite. Fizemos uma quantidade de outras concessões deste tipo. Queríamos paz, oferecemos umas poucas coisas aqui e acolá sobre a

questão de posições, e em geral fomos tão conciliadores e inofensivos que finalmente chegamos a um acordo. Norman Thomas solenemente acordou conosco de que não se faria nenhuma proposta na convenção para suprimir os órgãos internos — Socialist Appeal em particular — ou para expulsar a ninguém por suas opiniões. Aquele foi um acordo entre nós e Norman Thomas em presença dos jovens “Militantes” que mencionei. Norman Thomas fez o acordo, porém não o manteve. Quando chegou à convenção de Chicago, depois de ter discutido conosco, outras pressões se exerceram sobre ele, especialmente a de Milwaukee, o acento do conservadorismo social-democrata, que estava destinado a voltar-se social-chauvinista na Segunda Guerra Mundial. A pressão daqueles social-democratas auto-suficientes, com mentalidade burguesa de Milwaukee, e daqueles nobres burocratas operários de Nova Iorque como Murry Baron era mais forte que a palavra de honra de Norman Thomas. Rompeu sua palavra, nos traiu. Levantou-se na convenção e ele mesmo fez a moção de proibir todo o órgão interno no partido. Proibir todos eles significava meramente proibir o Socialist Appeal.

Depois da convenção estávamos contra a parede. Pela segunda vez fomos privados de nossa imprensa. Mesmo assim duvidamos de levar as coisas adiante porque somado à nossa lentidão geral o trabalho do Comitê de Defesa de Trotsky também estava incompleto e tínhamos medo de pô-lo em risco por uma ruptura prematura. Aqui outra vez Trotsky mostrou sua completa objetividade. Trotsky, que certamente estava preocupado tanto pessoal como politicamente pelos processos de Moscou, nos escreveu: “Seria um pouco torpe ter uma ruptura agora em vista do trabalho da comissão de investigação, porém esta não deveria ser uma consideração. O mais importante é o trabalho de clarificação política e não deveriam permitir que nada se ponha em seu caminho”.

Trotsky nos animou e inclusive incitou a avançar e enfrentar o desafio e não permitir que nos empurrassem por medo a desintegração de nossas próprias fileiras, desmoralização das pessoas que havíamos levado demasiado longe no caminho. Procedemos cautelosamente, “legalmente” no começo. Demonstramos que podíamos ter uma imprensa, muito efetiva, sem violar a proscrição de publicações. Pusemos em marcha um sistema de múltiplas cópias de cartas pessoais e resoluções de células. Uma ostensiva carta pessoal, avaliando a convenção, foi assinada por um camarada e enviada a outro. A carta, depois, foi mimeografada e distribuída

discretamente nas células. Cada vez que surgia um fato, um novo passo no desenvolvimento da guerra civil espanhola, seria introduzida uma resolução na célula de Nova Iorque por um camarada individualmente, depois mimeografada e enviada a nossos grupos da fração em todo o país como uma base para suas próprias resoluções sobre a questão. Não tínhamos imprensa. Eles tinham a totalidade da máquina do partido. Tinham o secretariado nacional, o editor, o secretário operário e os organizadores — possuíam todo o aparato — porém nós tínhamos um programa e um mimeógrafo e provamos que era suficiente.

Nossa fração em todos os cantos era a melhor informada, a mais disciplinada e a melhor organizada e estávamos fazendo rápidos progressos em cooptar novos membros para a fração. Então, nossos moralistas “democratas” socialistas deram ao partido uma real dose de democracia. Votaram a “Lei da Mordaça”. Essa foi uma decisão do Comitê Nacional para impedir que não pudessem ser introduzidas mais resoluções nas células sobre questões em disputa. Tinham em mente particularmente a guerra civil espanhola — um pequeno incidente para suas mentes. Então fizemos uma revolta e começamos uma campanha em todo o país contra a “Lei da Mordaça”. Isto tomou a forma de introduzir em todas as células resoluções protestando contra a decisão de proibir a apresentação de resoluções. Se os burocratas socialistas haviam tido muitas resoluções antes, estavam inundados nelas depois de haverem votado a “Lei da Mordaça”.

Decidimos brigar, levar as coisas adiante e não permitir mais abusos. De todo modo, nesse momento havíamos terminado nosso trabalho. Entre a convenção e os poucos meses que nos levaram ao choque de frente, completamos virtualmente nosso trabalho de educar e organizar aqueles elementos da ala esquerda, da juventude, que eram realmente sérios e podiam transformar-se em revolucionários proletários. A composição do PS era predominantemente pequeno-burguesa. Estava claro que não podíamos esperar ganhar uma maioria real no partido, com todas as restrições que haviam posto sobre nós. Tínhamos que ter as mãos livres para restabelecer nossa imprensa pública e virar nossa atenção uma vez mais para a luta de classes ampla.

Chamamos uma reunião do Comitê Nacional de nossa fração para junho em Nova Iorque, fizemos as resoluções para nossa luta e a organizamos em

escala nacional. Eles se vingaram com expulsões em massa, começando em Nova Iorque. Nunca vi violações mais burocráticas e brutais dos direitos democráticos e dos estatutos do partido do que as utilizadas por esses pios social-democratas quando descobriram que não podiam derrotamos através de um debate franco. Só nos limitaram e nos expulsaram. Uns poucos dias depois da expulsão do primeiro grupo em Nova Iorque, respondemos com o Socialist Appeal que reaparecia agora como um tabloide semanal impresso de 8 páginas. Estabelecemos um “Comitê Nacional das células expulsas”, e chamamos uma convenção das células expulsas para efetuar o balanço dessa experiência. Todo esse trabalho foi realizado, especialmente nos últimos meses, sob a estreita cooperação e supervisão do camarada Trotsky.

Nesse momento, vocês sabem, estava no México e nós tínhamos contato e comunicação pessoal com ele. Em meio a todos os seus problemas, e da preparação de seu material sobre o processo de Moscou, tinha tempo para escrever-nos frequentemente e para mostrar-nos que tinha uma compreensão sensitiva e profunda de nosso problema. Fez todo o possível para ajudar-nos.

Nossa campanha nos levou diretamente à uma convenção das células expulsas do PS em Chicago nos últimos dias de dezembro e no dia do ano novo de 1938. Aí registramos os resultados de um ano e meio de experiência no PS. Era claro que a organização do Comitê de defesa de Trotsky nos havia facilitado, havia sido um meio de divulgar a verdade sobre os processos de Moscou ao mundo inteiro, e nos permitiu dar o maior golpe no stalinismo, como nunca tinha recebido até o momento. Nossa entrada no PS havia facilitado nosso trabalho sindical. Nosso trabalho na greve naval da Califórnia, por exemplo, havia sido ajudada em grande medida pelo fato de que nesse momento, éramos membros do PS. Nossas camaradas tinham melhores conexões no sindicato de operários de automotores onde, até aquele momento, nunca havíamos tido nada mais que algum contato ocasional. estavam assentadas as bases para uma poderosa fração dos trotskistas no sindicato de operários do auto-motor.

A grande surpresa da convenção foi a revelação de que mesmo apesar de houvéssemos estado concentrado neste trabalho político interno dentro do PS, havíamos estado ao mesmo tempo realizando, praticamente sem nenhuma linha da direção central, nosso trabalho sindical em uma escala

que nunca nos havíamos nos aproximado antes, pelo menos começado a proletarização do partido. Tínhamos ganhado para o nosso lado a maioria da Juventude Socialista e a maioria daqueles operários socialistas realmente interessados nos princípios do socialismo e na revolução socialista.

A convenção adotou o programa da IV Internacional sem nenhuma oposição. Isto demonstrava que nosso trabalho educativo havia sido eficaz. Todos esses resultados podem ser assinalados como evidência da sabedoria política de nossa entrada no PS. E outra delas — e não a menos importante — era que quando o PS nos expulsou e quando nos vingamos formando um partido próprio e independente, acertamos um golpe mortal no PS. Desde então o PS tem se desintegrado progressivamente até haver perdido todo o tipo de influência como partido do movimento operário. Nosso trabalho no PS contribuiu para isso. O camarada Trotsky reforçou isso mais tarde, quando estávamos discutindo com ele o resultado total de nossa entrada no PS e o estado lamentável de sua organização depois. Disse que só isso já justificava a entrada na organização mesmo se não tivéssemos ganho um só membro.

Parcialmente como o resultado de nossa experiência no PS e nossa disputa ali, este foi marginalizado. Isso foi um grande resultado, porque era um obstáculo no caminho da construção de um partido revolucionário. O problema não é meramente o de construir um partido revolucionário e sim de limpar os obstáculos do seu caminho. Todo outro partido é seu rival. Todo outro partido é um obstáculo.

Agora, só contrastem esses triunfos — e não exagerei — contrastem esses resultados com os da política dos sectários. Haviam renunciado a ideia de entrar no PS por princípios. Diziam que sua política de abstenção construiria um partido revolucionário melhor e mais rápido. Havia transcorrido um ano e meio, dois anos, e o que havia ocorrido? Tínhamos o dobro de militantes. Os oehleristas não haviam ganho nenhum só jovem socialista ou operário. Nenhum. Pelo contrário, a única coisa que haviam produzido eram um par de rupturas em suas próprias fileiras. Penso que o contraste é uma verificação convincente das questões que se levantaram na disputa com eles. Tenham sempre na mente que há uma forma de verificar as discussões políticas, e esta é pela experiência subsequente. A política não é religião; as disputas políticas não se tornam indefinidas para sempre.

A vida decide: você nunca pode resolver uma disputa teológica porque seu lugar é fora da vida terrestre. Não é influenciada pela luta de classes, por cataclismos políticos, ou tornados e terremotos. Na idade média se costumava discutir quantos anjos podiam dançar na ponta de um alfinete. Depois que se demonstrou que havíamos feito todas essas aquisições e os sectários não haviam ganho nada o único argumento em seu favor era: “Sim, dobraram a militância, porém sacrificando o programa”. Contudo não era assim. Quando tivemos a convenção de Chicago ao fim de nossa experiência no PS, demonstrou-se que havíamos saído com o mesmo programa com que havíamos entrado — o programa da IV Internacional. Nosso “giro” pelo PS resultou em lucro em toda a linha. Formamos o Socialist Workers Party no dia do ano novo em Chicago e começamos uma vez mais uma luta independente com boas perspectivas e expectativas. A extensa discussão que teve lugar em nossas fileiras antes da convenção havia revelado diferenças e debilidades que mais tarde saltariam à luz. Tivemos uma grande discussão sobre a questão russa. Abatida pela traição do stalinismo, os processos de Moscou, o assassinato da revolução espanhola — todas essas terríveis experiências — uma seção do partido, já no final de 1937, queria abandonar a ideia de que a Rússia era um estado operário e renunciou a sua defesa. Sempre ocorreu, desde 1917, que qualquer pessoa que se equivoca sobre a questão russa se perde para o movimento revolucionário. Não podia ser de outra forma porque a questão russa é precisamente a questão de uma revolução que ocorreu.

À cabeça dos vacilante se céticos do final de 1937 estava Burnham. Todavia estava disposto a dar uma defesa incondicional a União Soviética, porém já estava começando a elaborar o que ele pensava que era uma nova teoria, que o estado operário nunca existiu. Simplesmente estava se adaptando as teorias a meio fogo dos anarquistas e mencheviques que haviam sido expostas desde 1917 e são renovadas a cada crise da evolução da União Soviética. Somado a isto, Burnham dirigiu uma oposição contra nós sobre questões organizativas. Não lhe agradava o método bolchevique de organização, a disciplina, a centralização e a moral bolchevique. Esses sintomas são bem conhecidos. Toda a pessoa que começa por objetar ao bolchevismo sobre questões de métodos, organização e moral, certamente tem o menchevismo no sangue. O programa político é a pedra de toque, porém as disputas sobre a questão de organização sempre revelam sintomas mais cedo que os debates políticos. Essa debilidade, essa tendência anti-

bolchevique expressa por Burnham naquele período teve mais tarde seu desenvolvimento lógico. Nesse momento escrevi ao camarada Trotsky uma extensa carta caracterizando francamente a posição de Burnham e pedindo seu conselho sobre como disputar com ele, ou melhor, como defender o bolchevismo mais efetivamente e ao mesmo tempo tratar de salvar Burnham para a revolução. Shachtman neste momento estava do lado do bolchevismo. Coincidiu na caracterização sobre Burnham e ajudou na luta. Porém depois, era natural sendo ele, que dois anos mais tarde, quando a mesma disputa apareceu novamente de uma forma muito mais violenta com a Guerra Mundial como pano de fundo, Shachtman se uniria com Burnham para lutar contra nós.

A discussão de 1937 antecipou os problemas futuros. Passaríamos outra grande luta interna no partido, a mais acabada e fundamental de todas as lutas internas no movimento desde seu começo. Tivemos que passar por isto, até o topo de todas as lutas precedentes, antes que as cartas estivessem claras e o partido preparado para a prova da guerra que viria. Tivemos esta batalha e o bolchevismo saiu vitorioso dela; o partido bolchevique está mais forte por isso. A história desta luta está registrada em documentos, as grandes contribuições políticas e teóricas do camarada Trotsky, e sobre o aspecto de organização, em alguns escritos meus. Aqueles que queiram seguir a história do partido desde o ponto em que vou deixá-la aqui, com a fundação do Socialist Workers Party no dia do ano novo de 1938, pode encontrá-la nestes documentos. Sobre o que ocorreu depois da disputa com a oposição pequeno-burguesa e a ruptura fatal, parece ser uma história recente, tão recente que não necessita ser revisada neste curso. É conhecida por todos vocês.

Agora queridos camaradas, com sua permissão, quero dizer uma palavra sobre a grande alegria e satisfação que tive em dar estas conferências. Se um jovem camarada, preparando-se para ser um orador público, perguntasse a mim, um velho “pastor”, do que mais necessita um orador público, eu diria: “Necessita uma boa audiência”. E se ele consegue o tipo de audiência que tive nesta série de 12 conferências — tão quente, sensível, apreciativa, tão interessada no tema e tão amigável com o orador — será em verdade afortunado.

Apêndice

Sobre o Pablismo

A direção é o problema por resolver da classe trabalhadora de todo o mundo. O único obstáculo entre a classe trabalhadora do mundo e o socialismo é o problema não resolvido da direção. É isso que significa “a questão do partido”. É isso que quer dizer o Programa de Transição quando declara que a crise do movimento proletário é a crise de direção. Isso significa que até que a classe trabalhadora resolva o problema de criar o partido revolucionário, a expressão consciente do processo histórico que possa dirigir as massas em luta, a questão seguirá sem ser resolvida. É a questão mais importante de todas: a questão do partido.

Se o nosso rompimento com o pablismo, como nós agora vemos claramente, for resumido a um ponto e puder ser concentrado em um ponto – esse ponto é a questão do partido. Isso nos parece claro agora conforme nós temos visto o desenvolvimento do pablismo na prática. A essência do revisionismo pablista é o abandono daquela parte do trotskismo que é hoje a sua parte mais vital – a concepção da crise da humanidade como a crise de liderança do movimento proletário resumida à questão do partido.

O pablismo busca não apenas destruir o trotskismo; ele busca destruir aquela parte do trotskismo que Trotsky aprendeu de Lênin. A maior contribuição de Lênin a toda sua época foi sua compreensão e sua luta determinada para construir um partido de vanguarda capaz de liderar os trabalhadores na revolução. E ele não confinou sua teoria à sua própria época de atividade. Ele voltou a 1871 e disse que o fator decisivo na derrota da primeira revolução proletária, a Comuna de Paris, foi a ausência de um partido de vanguarda marxista revolucionário capaz de dar ao movimento de massas um programa consciente e uma liderança resoluta. Foi a aceitação por Trotsky dessa contribuição de Lênin em 1917 que fez de Trotsky um leninista.

Isso está escrito no Programa de Transição, esse conceito leninista do papel decisivo do partido revolucionário. E é isso que os pablistas estão jogando pela janela a favor de uma concepção de que as ideias vão de

alguma forma se filtrar para dentro das cabeças da burocracia traidora, dos stalinistas ou dos reformistas, e de que de uma forma ou de outra, no “dia de São Nunca”, a revolução socialista vai ser realizada e levada adiante sem um partido marxista revolucionário, isto é, leninista-trotskista. Essa é a essência do pablismo. Pablismo é a substituição do partido e do programa por uma fé e uma crença mística.

Uma Carta Aberta aos Trotskistas do Mundo Inteiro

Caros Camaradas:

No 25º aniversário de fundação do movimento trotskista nos Estados Unidos, a Plenária do Comitê Nacional do Partido Socialista dos Trabalhadores (Socialist Workers Party—SWP) envia saudações socialistas revolucionárias aos trotskistas ortodoxos de todo o mundo.

Apesar de o SWP, devido às leis antidemocráticas promulgadas pelos democratas e republicanos, não mais ser filiado à IV Internacional — o Partido Mundial da Revolução Socialista fundado por Leon Trotsky para carregar e realizar o programa traído pela II Internacional dos social-democratas e pela III Internacional dos stalinistas — defendemos o desenvolvimento da organização mundial criada sob a direção de nosso líder assassinado.

Como todos sabemos, há 25 anos, os precursores trotskistas americanos atraíram a atenção da opinião pública mundial ao programa de Trotsky, censurado pelo Kremlin. Esse ato mostrou-se decisivo para quebrar o isolamento imposto a Trotsky pela burocracia stalinista e para lançar as bases para a fundação da IV Internacional. Em seu exílio pouco tempo depois, Trotsky iniciou uma colaboração estreita e de confiança com a direção do SWP que durou até o dia de sua morte.

A colaboração incluiu um esforço conjunto para organizar partidos socialistas revolucionários em vários países. Isso culminou, como se sabe, na fundação da IV Internacional em 1938. O Programa de Transição, que permanece como chave do programa do movimento trotskista internacional hoje, foi escrito por Trotsky em colaboração com os dirigentes do SWP e a seu pedido foi assumido por eles em seu Congresso de fundação.

A proximidade e plenitude da colaboração entre Trotsky e a direção do SWP pode ser avaliada pela trajetória de luta em defesa dos princípios trotskistas ortodoxos em 1939-40 contra a oposição pequeno-burguesa liderada por Burnham e Shachtman. Essa atuação teve profunda influência nos rumos da IV Internacional nos últimos 13 anos.

A partir do assassinato de Trotsky por um agente da polícia secreta de Stálin, o SWP assumiu a direção da defesa de seus ensinamentos.

Assumimos a direção não por escolha, mas por necessidade — a II Guerra Mundial obrigou os trotskistas ortodoxos a passar para a clandestinidade em muitos países, especialmente na Europa sob os Nazistas. Junto aos trotskistas da América Latina, Canadá, Inglaterra, Ceilão, Índia, Austrália e outras partes, nós fizemos o possível para levantar a bandeira do trotskismo ortodoxo ao longo dos difíceis anos de guerra.

Com o fim da guerra, estávamos contentes com a saída da clandestinidade, na Europa, dos trotskistas que empreenderam a reconstituição da organização da IV Internacional. Desde que fomos impedidos de fazer parte da IV Internacional devido a leis reacionárias, lançamos nossas maiores esperanças na emergência de uma liderança capaz de continuar a grande tradição legada por Trotsky ao nosso movimento mundial. Acreditamos que à jovem e nova direção da IV Internacional na Europa devemos dar toda confiança e apoio. Quando, por iniciativa dos próprios camaradas, sérios erros foram corrigidos, sentimos que nosso caminho se mostrava correto.

Todavia, nós temos que admitir que o fato de não termos, nós e mais alguns, lançado uma crítica severa a essas lideranças, isso facilitou a consolidação de uma fração fora de nosso controle, secreta e personalista na administração da IV Internacional, fração que abandonou o programa fundamental do trotskismo.

Essa fração, centrada em Pablo, está agora trabalhando consciente e deliberadamente para quebrar, romper e dilacerar os quadros do trotskismo historicamente formados em vários países e para liquidar a IV Internacional.

* * *

Para demonstrar precisamente o que está em jogo, retomemos os princípios fundamentais sob os quais o movimento trotskista internacional está construído:

1. A agonia mortal do sistema capitalista ameaça a civilização de destruição através do aprofundamento das crises, guerras mundiais e manifestações de barbárie como o fascismo. O desenvolvimento das armas atômicas, hoje, enfatiza o perigo na sua forma mais grave possível.

2. A queda ao abismo só pode ser evitada substituindo o capitalismo pela economia planejada do socialismo em escala mundial, retomando assim a espiral de progresso aberto pelo capitalismo no seu início.

3. Isso pode apenas ser realizado sob a direção da classe trabalhadora, a única e verdadeira classe revolucionária na sociedade. Mas a própria classe trabalhadora enfrenta uma crise da sua direção, apesar de as forças sociais não terem sido nunca tão favoráveis como hoje para os trabalhadores se lançarem no caminho para a tomada do poder.

4. A fim de organizar-se para cumprir essa tarefa histórica mundial, a classe trabalhadora em cada país deve construir um partido socialista revolucionário segundo o modelo desenvolvido por Lênin; ou seja, um partido combativo capaz de combinar dialeticamente democracia e centralismo — democracia na tomada de decisões e centralismo para leva-las a cabo; uma direção controlada pela militância, uma militância capaz de seguir adiante, debaixo de fogo, de maneira disciplinada.

5. O principal obstáculo a isso é o stalinismo, que atrai trabalhadores explorando o prestígio da Revolução de Outubro de 1917 na Rússia, para depois, traíndo sua confiança, arremessa-los nos braços da social-democracia, na apatia ou de volta às ilusões no capitalismo. Essa traição é paga pela classe trabalhadora sob a forma de consolidação das forças fascistas e monarquistas, e da deflagração de novas guerras criadas e preparadas pelo capitalismo. Desde seu início, a IV Internacional coloca como uma de suas principais tarefas a derrota revolucionária do stalinismo dentro e fora da URSS.

6. A necessidade de táticas flexíveis para as muitas seções da IV Internacional, e de partidos ou grupos simpáticos ao seu programa, torna imperativo que eles saibam lutar contra o imperialismo e todas as agências pequeno-burguesas (tais como os grupos nacionalistas ou a burocracia sindical) sem capitular para o stalinismo; e, por outro lado, saber lutar contra o stalinismo (que em última análise é uma agência pequeno-burguesa do imperialismo) sem capitular ao imperialismo.

Esses princípios fundamentais apresentados por Leon Trotsky mantêm toda a validade na política cada vez mais complexa e fluida do mundo atual. De fato, as situações revolucionárias que se abrem em todos os

lugares, como previu Trotsky, apenas agora trazem concretude para o que uma vez pode ter aparecido como abstrações remotas não diretamente ligadas à realidade viva do tempo. A verdade é que esses princípios hoje se sustentam com mais força tanto nas análises políticas como na determinação da direção da ação prática.

* * *

Esses princípios foram abandonados por Pablo. Ao invés de enfatizar o perigo de uma nova barbárie, ele vê o caminho ao socialismo como algo "irreversível"; todavia, não vê o socialismo para esta geração ou para as próximas. Ao contrário, ele desenvolve a ideia de uma onda "avassaladora" de revoluções que darão origem a Estados Operários "deformados", do tipo stalinista, que durarão por "séculos".

Isso revela um grande pessimismo em relação à capacidade da classe trabalhadora, pessimismo que está totalmente de acordo com a ridicularização que ele faz da luta em construir partidos socialistas revolucionários independentes. Em vez de manter como caminho principal, a construção de partidos socialistas revolucionários independentes a partir de meios táticos, Pablo considera a burocracia stalinista — ou, pelo menos, uma de suas seções principais — capaz de mudar sob pressão das massas, podendo chegar a aceitar as "ideias" e o "programa" do trotskismo. Sob o pretexto de uma "diplomacia" necessária — segundo ele — para aproximar trabalhadores no campo do stalinismo em alguns países como a França, ele agora encobre as traições do stalinismo.

Esse caminho já levou a inúmeras deserções das fileiras do trotskismo para o campo dos stalinistas. A ruptura pró-stalinista no partido do Ceilão é um aviso aos trotskistas de todo o mundo sobre as trágicas consequências das ilusões com o stalinismo que o pablismo promove.

Em outro documento, apresentamos uma detalhada análise do revisionismo de Pablo. Nessa carta, nos limitaremos a algumas provas recentes que mostram no campo fundamental da ação o quão longe foi Pablo em suas conciliações com o stalinismo e o quão grave é o perigo para a existência da IV Internacional.

Com a morte de Stálin, o Kremlin anunciou uma série de concessões na URSS, nenhuma delas de caráter político. Em vez de caracterizá-las como apenas parte de uma manobra destinada a um posterior entrincheiramento da burocracia usurpadora e parte da preparação de um burocrata dirigente

para assumir o capote de Stálin, a fração pablista tomou tais concessões como legítimas, apresentando-as como concessões políticas, e até projetou a possibilidade de que a burocracia stalinista "dividisse o poder" com os trabalhadores. (IV Internacional, jan-fev, 1953, p.13).

O conceito de "dividir o poder", expressado na sua forma mais direta por Clarke, um dos sumo sacerdotes do culto a Pablo, foi indiretamente proclamado como dogma pelo próprio Pablo em uma questão não respondida, mas obviamente fundamental: Pablo pergunta: A liquidação do regime stalinista tomará a forma "de lutas inter-burocráticas violentas entre os elementos que lutarão para manter o status quo — se não para voltar para trás — e os elementos cada vez mais numerosos lançados pela poderosa pressão das massas?" (IV Internacional mar-abr, 1953, p.39).

Essa linha dá novo conteúdo ao programa trotskista ortodoxo de revolução política contra a burocracia do Kremlin; ou seja, contra a posição revisionista de que as "ideias" e o "programa" do trotskismo irão purificar e penetrar a burocracia, ou uma de suas importantes seções, destruindo então o stalinismo de maneira imprevista.

Na Alemanha Oriental, em junho [de 1953], os trabalhadores se levantaram contra governo dominado pelo stalinismo em uma das maiores manifestações na história da Alemanha. Esse foi o primeiro levante proletário de massas contra o stalinismo, desde que este usurpou e consolidou o poder na União Soviética. Como Pablo respondeu a esse notável acontecimento?

Ao invés de expressar claramente as aspirações políticas revolucionárias dos trabalhadores insurgentes da Alemanha Oriental, Pablo encobriu os dirigentes stalinistas contra-revolucionários que mobilizaram tropas soviéticas para derrotar o levante ("os dirigentes soviéticos e aqueles das várias `democracias populares´ e Partidos Comunistas não poderiam continuar falsificando ou ignorando o profundo significado de tais acontecimentos por muito tempo. Eles foram obrigados a continuar no caminho de dar concessões ainda mais amplas e genuínas para evitar o risco de perder para sempre o apoio das massas e para evitar explosões ainda maiores. A partir de agora eles não mais poderão parar no meio do caminho. Serão obrigados a fazer concessões para evitar explosões mais sérias no futuro imediato e, se possível, efetuar uma transição `de maneira fria´ da situação presente para uma situação mais tolerável para as

massas.") (Declaração do Secretariado Internacional da IV Internacional publicado em *The Militant*, [6] de julho).

Ao invés de exigir a retirada das tropas soviéticas — a única força que sustenta o governo stalinista — Pablo criou a ilusão de que "concessões mais amplas e genuínas" estariam vindo dos gauleiters do Kremlin. Poderia Moscou ter tido melhor apoio enquanto procedia monstruosamente em falsificar o profundo significado daqueles acontecimentos, estigmatizando os trabalhadores em luta de "fascistas" e de "agentes do imperialismo americano", e abrindo uma onda de bárbara repressão contra eles?

* * *

Em agosto [de 1953], na França, aconteceu a maior greve geral na história do país. Deflagrada pelos próprios trabalhadores, contra a vontade das suas lideranças oficiais, ela apresentou uma das mais favoráveis aberturas na história da classe trabalhadora para o desenvolvimento de uma luta real em direção à tomada do poder. Além dos trabalhadores, os camponeses franceses somaram-se com manifestações, indicando sua grande insatisfação com o governo capitalista.

A liderança oficial, tanto a social-democrata quanto a stalinista, traiu o movimento, fazendo o máximo para conte-lo e evitar o perigo ao capitalismo francês. Seria difícil encontrar, na história das traições, outra mais abominável se a compararmos à oportunidade que ali se apresentava.

Como a fração de Pablo respondeu a esse acontecimento colossal?

Eles consideraram a ação da social-democracia uma traição — mas pelas razões erradas. A traição, diziam eles, consistia na negociação com o governo pelas costas dos stalinistas. Essa traição, no entanto, era secundária, derivava de seu maior crime: a recusa em lançar-se no caminho da tomada do poder.

Quanto aos stalinistas, os pablistas encobriram sua traição e com isso foram cúmplices a ela. A crítica mais severa que foram capazes de formular contra o caminho contra-revolucionário dos stalinistas, foi acusá-los de uma "falha" política.

Isso era mentira. Os stalinistas não fizeram uma "falha" política. Sua política consistia em manter o status quo dos interesses da política externa do Kremlin e assim, ajudar a sustentar o capitalismo francês em crise.

Mas isso não era tudo. Até para a educação interna do partido dos trotskistas franceses, Pablo recusou-se a caracterizar a ação stalinista como traidora. Ele afirmou "o papel de freio realizado, em maior ou menor medida, pela direção das organizações tradicionais" — uma traição é um mero "freio"! — "mas também sua capacidade — especialmente da direção stalinistas — em ceder à pressão das massas quando essa pressão se torna poderosa, como foi o caso dessas greves". (Political Note no. 1)

Poderíamos pensar que isso já é uma conciliação suficiente com o stalinismo por um líder que abandonou o trotskismo ortodoxo, mas ainda procura encobrir-se sob a IV Internacional. No entanto, Pablo foi ainda mais longe.

* * *

Um panfleto de seus seguidores, dirigido aos trabalhadores da fábrica Renault em Paris, declarava que na greve geral as lideranças stalinistas da CGT (maior central sindical na França) "estavam corretas em não apresentar demandas outras que as exigidas pelos trabalhadores". Isso, lembrando o fato de que os trabalhadores, através de suas ações, estavam reivindicando o governo operário e camponês!

Arbitrariamente separando os sindicatos stalinistas do Partido Comunista — evidência do pensamento mais mecânico ou evidência do projeto deliberado de encobrir os stalinistas? — os pablistas declararam em seu panfleto que, em relação ao significado da greve e de suas perspectivas,

"isso apenas se refere ao sindicato de maneira secundária. A crítica a isso não se aplica à CGT que é uma organização sindical, que deve primeira e principalmente agir como tal, mas sim aos partidos cujo papel era apontar o profundo significado desse movimento e de suas consequências" (Panfleto "Às organizações de trabalhadores e aos trabalhadores da Renault", 3 de setembro de 1953. Assinado por Frank, Mestre e Privas.)

Nessas afirmações, vemos o completo abandono de tudo o que Trotsky nos ensinou sobre o papel e as responsabilidades dos sindicatos na época da agonia mortal do capitalismo.

Portanto, o panfleto pablista "critica" o Partido Comunista Francês por seu "afastamento do caminho", por simplesmente colocar-se no nível do movimento sindical ao invés de explicar aos trabalhadores que essa greve

era uma importante etapa(!) na crise da sociedade Francesa, o prelúdio (!) para uma grande luta de classes, onde o problema do poder dos trabalhadores seria colocado na ordem do dia para salvar o país da armadilha capitalista e abrir o caminho ao socialismo".

Se os trabalhadores da Renault acreditassem nos pablistas, os burocratas stalinistas franceses traidores seriam culpados apenas de serem sindicalistas, e não de uma traição deliberada à maior greve geral na história da França.

A aprovação de Pablo à política da direção da CGT parece pouco verossímil, mas esse outro fato ainda salta aos olhos: na maior greve geral já vista na França, Pablo brandamente caracteriza como "correta" uma versão francesa da política burguesa de Gomper, a de manter os sindicatos fora da política. E isso em 1953!

Se é incorreto para as lideranças da CGT avançarem reivindicações políticas em consonância com necessidades objetivas, incluindo a formação de um governo operário e camponês, então por que o SWP exige dos atuais Gompers do movimento sindical americano que eles organizem um Partido dos Trabalhadores? Um Partido dos Trabalhadores que objetive colocar um governo operário e camponês no poder nos Estados Unidos?

A aprovação de Pablo parece ainda mais estranha se nos lembrarmos que a liderança da CGT é altamente política. Ao menor sinal do Kremlin, essa liderança não hesita em convocar os trabalhadores para a mais precipitada aventura política. Lembremos, por exemplo, seu papel nos acontecimentos iniciados com as manifestações anti-Ridgway no ano passado. Esses dirigentes sindicais stalinistas não hesitaram em chamar greves para protestar contra a prisão de Duclos, um líder do Partido Comunista.

O fato é que a direção da CGT revelou seu alto caráter político mais uma vez em greves gerais. Com toda a habilidade de anos de traição e jogo duplo, ela deliberadamente tentou eliminar os trabalhadores, sufocar suas iniciativas, impedir de avançarem suas reivindicações políticas. As lideranças sindicais stalinistas foram conscientemente traidoras. E esse caminho de traições é o que Pablo considera "correto"!

E isso não é tudo. Um dos principais objetivos do panfleto pablista é denunciar os trotskistas franceses que atuaram durante a greve na fábrica Renault como genuínos revolucionários. O panfleto nomeia especificamente 2 camaradas que "foram expulsos da IV Internacional e da

seção francesa há mais de um ano." Declara também que esse "grupo foi expulso por razões de indisciplina; e a orientação que seguiram, especialmente durante o último movimento grevista, era oposta àquela realmente defendida pelo PCI (Seção francesa da IV Internacional)." A referência ao "grupo" é, na verdade, à maioria da Seção Francesa da IV Internacional que foi arbitrária e injustamente expulsa por Pablo.

O movimento trotskista internacional alguma vez ouviu tamanho escândalo como a denúncia de militantes trotskistas a stalinistas e ainda a apresentação de tal fato aos trabalhadores justificando-o como uma traição stalinista abominável?

Deve-se observar que a denúncia pablista desses camaradas aos stalinistas, se dá depois de um veredito do tribunal dos trabalhadores, absolvendo os trotskistas da fábrica da Renault das calúnias que lhes fizeram os stalinistas.

* * *

O exame desses acontecimentos mundiais é suficiente, na nossa opinião, para indicar a profundidade da conciliação entre o pablismo e o stalinismo. Mas nós gostaríamos de submeter à análise de todo o movimento trotskista internacional alguns fatos adicionais.

Por mais de um ano e meio o SWP esteve comprometido em uma luta contra uma tendência revisionista liderada por Cochran e Clarke. A luta contra essa tendência foi uma das mais duras na história do nosso partido. Na verdade, se tratavam das mesmas questões fundamentais que nos dividiram do grupo de Burnham e Shachtman e do grupo de Morrow e Goldman no começo e final da II Guerra Mundial. Essa é uma nova tentativa de revisar e abandonar nosso programa fundamental. Suas posições comprometem a perspectiva da revolução americana, o caráter e o papel do partido revolucionário e seus métodos de organização, e as perspectivas para o movimento trotskista internacional.

Durante o período pós-guerra, uma poderosa burocracia consolidou-se no movimento operário americano. Essa burocracia apoia-se sobre uma ampla camada de trabalhadores privilegiados, conservadores, que foram "amolecidos" pelas condições da prosperidade da guerra. Essa nova camada privilegiada saiu em grande medida das fileiras dos setores militantes da classe trabalhadora, da mesma geração dos que fundaram a CIO.

A relativa segurança e estabilidade das suas condições de vida paralisaram temporariamente a iniciativa e o espírito de luta daqueles trabalhadores que anteriormente estavam na linha da frente em todas as ações militantes de classe.

O Cochranismo é a manifestação da pressão dessa nova aristocracia operária, com sua ideologia pequeno-burguesa exercida sobre a vanguarda proletária. Os ânimos e tendências das camadas de trabalhadores passivos e relativamente satisfeitos atuam como um mecanismo poderoso transmitindo pressões contrárias para o nosso movimento. O slogan dos Cochranites, "abaixo o velho Trotskismo", expressa esse sentimento.

A tendência cochranista vê um grande potencial revolucionário da classe trabalhadora americana como um projeto distante. Eles acusam de "sectária" a análise marxista que revela os processos moleculares de criação de novos setores de luta no proletariado norte-americano.

À medida que há tendências progressistas no interior da classe trabalhadora nos Estados Unidos, eles as veem apenas nas fileiras ou periferia do stalinismo e entre "sofisticados" políticos dos sindicatos — o restante da classe é considerada irremediavelmente adormecida, e somente o impacto de uma bomba atômica poderia acordá-la.

Sinteticamente, suas posições revelam: falta de confiança na perspectiva da revolução norte-americana; falta de confiança no papel do partido revolucionário em geral e no SWP em particular.

* * *

Como bem sabem todas as seções do movimento internacional a partir de suas duras e difíceis experiências, as pressões que existem são maiores que as que se criaram com a prolongada prosperidade da guerra e com a onda de reação como a que ocorreu nos Estados Unidos. Mas o fator que sustenta os quadros sob as mais difíceis circunstâncias é a total convicção da concretude teórica do nosso movimento, é saber que eles são os meios reais para seguir adiante na tarefa histórica da classe trabalhadora, é compreender que, de uma maneira ou de outra, o destino da humanidade depende do que eles fazem, é a firme convicção de que quaisquer que sejam as circunstâncias momentâneas, a linha principal do desenvolvimento histórico exige a criação de partidos leninistas combativos que resolverão a crise da humanidade a partir da revolução socialista vitoriosa.

Cochranismo é a substituição desta visão de mundo trotskista ortodoxa pelo cepticismo, improvisações teóricas e especulações jornalísticas. Foi isso que tornou irreconciliável a luta no SWP, no mesmo sentido em que a luta com a oposição pequeno-burguesa em 1939-40 era irreconciliável.

Os Cochranistas manifestaram as seguintes posições ao longo da luta:

1. Desrespeito à tradição do partido e à sua tarefa histórica. Os cochranistas dificilmente perdem uma oportunidade para denegrir, ridicularizar e desprezar os 25 anos de tradição do trotskismo norte-americano.

2. Uma tendência a substituir a política fundamentada em princípios marxistas por combinações sem princípios contra o "regime" do partido. Assim, a fração cochranista é composta por um bloco de elementos contraditórios. Um grupo, centrado principalmente em Nova Iorque, favorece uma espécie de tática "entrista" no movimento stalinista norte-americano.

Outro grupo, composto por elementos conservadores do sindicato, centrados originalmente em Detroit, considera que pouco será ganho na aliança com os stalinistas. O grupo baseia sua perspectiva revisionista em uma super-estimação da estabilidade e duração do poder da nova burocracia operária.

Também se veem atraídos pelos cochranistas indivíduos cansados que não mais podem suportar a pressão das condições adversas atuais e que estão buscando uma justificativa plausível para afastarem-se para a inatividade.

O cimento que une este bloco sem princípios é a comum hostilidade ao trotskismo ortodoxo.

3. Uma tendência a afastar do partido aquilo que deve ser nosso principal campo de luta na América, os trabalhadores politicamente adormecidos das grandes indústrias. Os cochranistas, de fato, eliminaram do programa as palavras de ordem e reivindicações transitórias as quais o SWP tem usado como ponte a esses trabalhadores e argumentam ainda que a maioria que permanece nesse caminho está se adaptando ao atraso dos trabalhadores.

4. Uma convicção de que se deveria descartar toda a possibilidade da classe trabalhadora norte-americana avançar em oposição radical ao

imperialismo norte-americano antes da III Guerra Mundial.

5. Uma absurda teorização experimental com o stalinismo de "esquerda" que se reduz à extravagante crença de que os stalinistas "já não podem mais trair", de que o stalinismo inclui um lado revolucionário que torna possível aos stalinistas liderarem uma revolução nos Estados Unidos, no processo no qual eles absorveriam "ideias" trotskistas, de tal maneira que a revolução eventualmente "entraria para o caminho correto".

6. Adaptação ao stalinismo diante dos novos acontecimentos. Eles apoiam e defendem a conciliação com o stalinismo baseados na interpretação de Pablo sobre a queda de Béria e as conseguintes desobstruções na URSS. Eles repetem todos os argumentos pablistas que encobrem o papel contra-revolucionário do stalinismo no grande levantamento dos trabalhadores da Alemanha Oriental e na Greve Geral na França. Eles chegam a interpretar a aproximação do stalinismo norte-americano com o Partido Democrata como uma mera "oscilação" à direita dentro de um "processo de esquerdização".

7. Desprezo pelas tradições do leninismo em relação à organização. Durante algum tempo eles tentaram implementar um "poder dual" no partido. Quando foram rechaçados pela esmagadora maioria do partido na Plenária de Maio de 1953, eles aceitaram por escrito submeter-se à decisão da maioria e à linha política tal como fora decidido na Plenária. Posteriormente romperam o acordo renovando sua sabotagem fracionista às ações do partido sobre bases mais febris e históricas.

O cochranismo, cujas principais características mencionamos acima, nunca foi mais que uma fraca minoria no partido. Não teria tido mais que uma insignificante e fraca expressão de pessimismo, se não tivesse a ajuda e apoio de Pablo por trás das lideranças do partido.

A ajuda e apoio secretos dados por Pablo foram desmascarados logo depois da nossa Plenária de Maio, e desde então, Pablo vem colaborando abertamente com a fração revisionista no nosso partido, sendo inspirador da sua campanha de sabotagem das finanças do partido, destruição do trabalho do partido e da preparação para uma ruptura.

A fração Pablo-Cochran, por fim, culminou sua conduta desleal em um boicote organizado à celebração do 25º Aniversário do Partido, que se

realizou em Nova Iorque, combinada com uma manifestação para a campanha às eleições municipais de Nova Iorque, que finalmente foram canceladas.

A ação traidora e de quebrar a greve constituiu, de fato, uma manifestação organizada contra a luta de 25 anos do trotskismo norte-americano e, ao mesmo tempo, um ato de apoio direto ao stalinismo, que havia expulsado os núcleos iniciadores do trotskismo norte-americano em 1928.

O boicote organizado a esse encontro foi, de fato, uma demonstração contra a campanha do SWP nas eleições municipais de Nova Iorque.

Todos os que participaram deste ato traidor anti-partido, obviamente consumaram a ruptura com o partido, a qual vinham planejando há muito tempo e perderam o direito de fazer parte do nosso partido.

Em um reconhecimento formal desse fato, a Plenária do 25o Aniversário do SWP expulsou os membros do Comitê Nacional que organizaram o boicote, e declarou que todos os membros da fração Pablo-Cochran que participaram dessa ação traidora e de quebra da greve ou que se negaram a repudiar esses atos, colocavam-se, por isso, fora das fileiras do SWP.

* * *

O jogo duplo de Pablo ao apresentar uma face à liderança do SWP enquanto secretamente colaborava com a tendência revisionista cochranista é um método que está fora da tradição do trotskismo. Mas existe uma tradição à qual ela pertence — ao stalinismo. Tais instrumentos, usados pelo Kremlin, são os mesmo usados para corromper a Internacional Comunista. Muitos de nós experimentamos isso no período de 1923-1928.

A evidência agora é clara de que aquela forma de atuação não é uma aberração isolada por parte de Pablo. Um padrão consistente aparece.

Por exemplo, em uma das principais seções europeias da IV Internacional, um destacado dirigente do partido recebeu uma ordem de Pablo, segundo a qual ele deveria conduzir-se como alguém que "defende até o 4o Congresso Internacional, a linha e a disciplina da IV Internacional". Junto a esse ultimato, Pablo anunciava represálias àqueles que não obedecessem às ordens.

A "maioria" a que Pablo se refere é simplesmente a modesta etiqueta que ele coloca sobre si mesmo e sobre a pequena minoria hipnotizada pelas

suas novidades revisionistas. A nova linha de Pablo está em violenta contradição com o programa fundamental do trotskismo e está apenas começando a ser discutida em muitas partes do movimento trotskista internacional. Não havendo sido sustentada por qualquer organização trotskista, ela não constitui a linha oficial aprovada da IV Internacional.

Os primeiros informes que temos recebido indicam a indignação que provoca sua vontade arbitrária de introduzir à força suas concepções revisionistas na organização em nível mundial, sem esperar por uma discussão ou votação. Já temos informações suficientes para afirmar que a IV Internacional está decidida a rechaçar a linha de Pablo por esmagadora maioria.

A exigência autocrática de Pablo a um dirigente da IV Internacional, de abster-se de criticar a linha política revisionista de Pablo, já é ruim o suficiente. Mas Pablo não para por aí. Enquanto tenta silenciar esse líder e impedi-lo de participar de uma discussão na qual a militância se beneficiaria de sua experiência, conhecimento e percepção, Pablo continuava a intervir organizativamente, tratando de consolidar uma fração minoritária revisionista que levasse adiante a luta pela liderança da seção.

Esse fato é típico da asquerosa tradição do Comintern, quando este caiu em degeneração sob a influência do stalinismo. Se não houvesse outro problema como este, seria necessário vencer o pablismo até o final para salvar a IV Internacional da corrupção interna.

Tais táticas têm um objetivo claro. Fazem parte da preparação de um golpe pela minoria pablista. Utilizando o controle administrativo de Pablo, eles pretendem impor sua linha revisionista na IV Internacional e onde encontrarem resistência, provocarem rupturas e expulsões.

O método organizativo stalinista começou, como podemos perceber agora, com o brutal abuso do controle administrativo por Pablo. Na sua campanha contra a maioria da seção francesa da IV Internacional, há mais de um ano e meio.

Por ordem do Secretariado Internacional, a maioria eleita da seção francesa foi proibida de exercer seus direitos de liderar o trabalho político e de propaganda do partido. Em vez disso, o Bureau Político e a imprensa foram colocados sob o controle de uma minoria, a partir do modelo cominternista de uma "comissão paritária".

Nesse momento, nós desaprovamos profundamente essa ação arbitrária na qual uma minoria foi usada para contrariar e derrubar arbitrariamente uma maioria. Assim que soubemos disso, nós comunicamos nosso protesto a Pablo. No entanto, nós devemos admitir que cometemos um erro em não tomar atitude mais vigorosa. Esse erro foi devido a uma insuficiente apreciação da nossa parte dos reais problemas que estavam envolvidos. Pensamos que as diferenças entre Pablo e a seção francesa eram táticas, o que nos levou para o lado de Pablo, apesar de nossa desconfiança quanto aos seus procedimentos organizativos, quando, depois de meses de uma luta destruidora de frações, a maioria foi expulsa.

No fundo, as diferenças eram de caráter programático. O fato é que os camaradas franceses da maioria viram o que estava acontecendo de maneira mais clara do que vimos. O 8º Congresso do seu partido declarou que "um grave perigo ameaça o futuro e inclusive a existência da IV Internacional... Concepções revisionistas, produto da covardia e do impressionismo pequeno-burguês apareceram no interior da sua direção. A fragilidade ainda grande da IV Internacional, separada da vida de suas seções, facilitaram momentaneamente a instalação de um sistema de domínio pessoal, que baseia a si mesmo e os seus métodos anti-democráticos no revisionismo do programa trotskista e no abandono dos métodos marxista." (La Verité, 18 de setembro de 1952)

Toda a situação francesa deve ser reexaminada à luz dos acontecimentos subsequentes. A atuação da maioria da seção francesa na greve geral demonstrou de maneira decisiva que eles, sim, sabem carregar os princípios fundamentais do trotskismo ortodoxo. A seção francesa da IV Internacional foi injustamente expulsa. A maioria francesa, agrupada em torno do periódico La Verité, são os verdadeiros trotskistas da França, e o SWP os reconhece abertamente como tais.

Particularmente repugnante é a declaração caluniosa de Pablo sobre as posições políticas da seção chinesa da IV Internacional. A fração pablista os apresentou como "sectários" e "desertores da revolução".

Contrariamente à impressão deliberadamente criada pela fração de Pablo, os trotskistas chineses atuaram como verdadeiros representantes do proletariado chinês. Eles foram escolhidos como vítimas do regime de Mao, da mesma maneira que Stálin condenou à morte toda a geração de bolcheviques leninistas na URSS, imitando os Noskes e Scheidemanns

alemães que decidiram executar os Luxemburgos e Liebknechts da revolução de 1918.(11) Mas a linha de Pablo, de conciliação com o stalinismo, a leva inevitavelmente a defender o regime de Mao, enquanto ataca a posição principista de nossos camaradas chineses.

* * *

Resumindo: o abismo que separa o revisionismo pablista do trotskismo ortodoxo é tão profundo que nenhum compromisso político ou organizativo é possível. A fração de Pablo demonstrou que não permitirá decisões democráticas que reflitam a opinião da maioria. Eles exigem a completa submissão à sua política criminoso. Eles estão decididos a eliminar da IV Internacional todos os trotskistas ortodoxos, a calá-los ou atar-lhes as mãos.

Seu plano tem sido introduzir a conciliação com o stalinismo de forma fragmentada e, ao mesmo tempo, livrar-se daqueles que veem o que se passa e levantam objeções. Esta é a explicação da estranha ambiguidade de muitas das formulações e evasões diplomáticas pablistas.

Até agora, Pablo tem tido um certo êxito em suas manobras maquiavélicas e sem princípios. Mas chega-se a um ponto em que há uma mudança qualitativa. As questões políticas se apresentam liquidando as manobras, e a luta é agora um enfrentamento aberto.

Se pudermos dar um conselho às seções da IV Internacional, da nossa posição forçada de estarmos fora das filas, pensamos que é o momento de atuar, e atuar de maneira definitiva. É chegada a hora da maioria da IV Internacional mostrar sua vontade contra a usurpação da autoridade feita por Pablo.

Eles deveriam, além disso, salvar a direção da IV Internacional retirando Pablo e seus agentes de seus cargos, e levando para lá, quadros que têm demonstrado na ação que sabem conduzir o trotskismo ortodoxo e manter o movimento no caminho correto tanto do ponto de vista político como organizativo.

Saudações fraternas trotskistas,
Comitê Nacional do SWP.

A Revolução Russa e o Movimento Negro Norte-Americano

Durante seus dez primeiros anos, o Partido Comunista dos EUA estava preocupado com a questão do negro, e gradualmente chegou a uma política que era diferente e superior à do radicalismo norte-americano tradicional. Não obstante, nas minhas memórias publicadas relacionadas a este período, a questão do negro não aparece em nenhuma parte como tema de controvérsia interna entre as frações principais. A explicação era que nenhum dos dirigentes norte-americanos colocou nenhuma nova ideia sobre esta questão explosiva por conta própria; e nenhuma das frações propôs nenhuma das mudanças de política, atitude e forma de abordar a questão que se haviam realizado gradualmente quando o partido chegou ao fim de sua primeira década.

As principais discussões sobre a questão do negro ocorreram em Moscou, e a nova forma de ver a questão foi elaborada lá. Já no Segundo Congresso da Comintern (Internacional Comunista), em 1920, "Os Negros na América" foi um ponto na ordem do dia e uma discussão preliminar sobre esta questão foi levada a cabo. As investigações históricas comprovarão decisivamente que a política do PC sobre a questão do negro recebeu seu primeiro impulso de Moscou, e também que todas as seguintes elaborações desta política, incluindo a adoção da palavra-de-ordem de "autodeterminação" em 1928, vieram de Moscou.

Sob a constante pressão e estímulo dos russos na Comintern, o partido começou com o trabalho entre os negros durante seus primeiros dez anos; mas não conseguiu incorporar muitos e sua influência dentro da comunidade negra não chegou a muito. Disto seria fácil tirar a conclusão pragmática de que toda a discussão e preocupação sobre a política com respeito à questão nessa década, desde Nova Iorque até Moscou, era muito barulho sobre nada, e que os resultados da intervenção russa foram completamente negativos.

Esta pode ser a avaliação convencional nestes dias da Guerra Fria, quando a animosidade contra todas as coisas russas é o substituto convencional pela opinião considerada. Porém, está longe de ser a verdade histórica. Os primeiros dez anos do comunismo norte-americano são um

período curto demais para permitir uma avaliação definitiva da nova forma de abordar a questão do negro que foi imposta ao partido norte-americano pela Comintern.

A discussão histórica sobre a política e ação do Partido Comunista sobre a questão do negro, e sobre a influência russa na formação das mesmas, durante os primeiros dez anos da existência do partido, por exaustiva que seja, não pode ser suficiente se a investigação não projeta-se até a seguinte década. O jovem partido tomou os primeiros dez anos para fazer um começo neste terreno até então não explorado. As façanhas espetaculares dos anos 30 não podem ser entendidas sem referência a esta década anterior de mudanças e reorientações. As posteriores ações e resultados vieram disto.

Uma análise séria de todo o processo complexo tem que começar com o reconhecimento de que os comunistas norte-americanos na primeira parte dos anos 20, tal como todas as outras organizações radicais deste período e períodos anteriores, não tinham nada com que podiam começar sobre a questão do negro senão uma teoria inadequada, uma atitude falsa ou indiferente e a aderência de alguns indivíduos com tendências radicais ou revolucionárias.

O movimento socialista anterior, do qual o Partido Comunista surgiu, jamais reconheceu a necessidade de um programa especial sobre a questão do negro. Esta era considerada pura e simplesmente um problema econômico, uma parte da luta entre os operários e os capitalistas; a ideia era que não se podia fazer nada sobre os problemas especiais da discriminação e a desigualdade antes da chegada ao socialismo.

Os melhores dos socialistas do período anterior foram representados por Debs, que se mostrava simpático a todas as raças e completamente livre de preconceitos. Porém, a limitação do ponto de vista deste grande agitador, sobre esta questão complexa, foi expressada na sua declaração:

"Nós não temos nada especial para oferecer ao negro, e não podemos fazer chamamentos separados a todas as raças. O Partido Socialista é o partido de toda a classe operária, seja qual for a cor – de toda a classe operária de todo o mundo" (Ray Ginger, *The Bending Cross*).

Esta foi considerada uma colocação muito avançada nesse período, mas não colocou o apoio ativo à exigência especial do negro por um pouco de

igualdade aqui e agora, ou no futuro previsível, no caminho rumo ao socialismo.

Inclusive Debs, com a sua fórmula geral que ignorou o ponto principal – a questão ardente da constante discriminação contra os negros em todos os aspectos – era muito superior nesta questão, tal como em todas as outras, a Victor Berger, que era um racista declarado. O seguinte é um pronunciamento de um editorial de Berger no seu jornal na cidade de Milwaukee, o Social Democratic Herald:

"Não há dúvida de que os negros e mulatos constituem uma raça inferior".

Esta foi a colocação do "socialismo de Milwaukee" sobre a questão negra, como foi expressada por seu ignorante e insolente líder e chefe. Um negro perseguido e atacado jamais conseguiria digerir tal posição com uma simples cerveja de Milwaukee, inclusive se tivesse cinco centavos e pudesse encontrar uma cantina dos brancos onde pudesse beber um copo de cerveja, na parte dos fundos do bar.

O chauvinismo declarado de Berger nunca foi a posição oficial do Partido Socialista. Havia outros socialistas, tais como William English Walling, que foi partidário da igualdade de direitos para os negros e um dos fundadores da National Association for the Advancement of Colored People (NAACP – Associação Nacional pelo Avanço das Pessoas de Cor) em 1909. Mas tais indivíduos foram uma pequena minoria entre os socialistas e radicais antes da Primeira Guerra Mundial e a Revolução Russa.

A insuficiência da política socialista tradicional sobre a questão do negro tem sido amplamente documentada pelos historiadores do movimento, Ira Kipnis e David Shannon. Shannon resume a atitude geral que prevalecia no Partido Socialista sobre os negros da seguinte forma:

"Não eram importantes no partido, o partido não fazia nenhum esforço especial para atrair militantes negros, e se o partido não era realmente hostil ao esforço dos negros para melhorar sua posição dentro da sociedade capitalista norte-americana, este esforço geralmente não lhe interessava."

E mais adiante:

"O partido mantinha que a única salvação do negro era a mesma que a única salvação do branco: 'o socialismo'."

Esta foi a posição tradicional que o Partido Comunista dos primeiros anos herdou do movimento socialista anterior, do qual havia surgido. A política e a prática do movimento sindical era ainda pior. A organização IWW (Industrial Workers of the World – Trabalhadores Industriais do Mundo) não excluía ninguém da militância pela sua "raça, cor nem credo". Mas os sindicatos predominantes da AFL (American Federation of Labor – Federação Norte-Americana do Trabalho), com só umas poucas exceções, eram compostos exclusivamente pelos brancos da aristocracia operária. Estes também não tinham nada especial que oferecer aos negros; na realidade, não tinham absolutamente nada que oferecer-lhes.

A diferença – e foi uma diferença profunda – entre o Partido Comunista dos anos 20 e os seus antecessores socialistas e radicais, foi mostrada pela sua ruptura com esta tradição. Os comunistas norte-americanos dos primeiros anos, sob a influência e pressão dos russos na Comintern, estavam aprendendo lenta e dolorosamente a mudar sua atitude; a assimilar a nova teoria da questão negra como uma questão especial de gente duplamente explorada e posta na situação de cidadãos de segunda classe, o que requeria um programa de reivindicações especiais como parte do programa geral – e a começar a fazer algo sobre esta questão.

A verdadeira importância desta mudança profunda, em todas suas dimensões, não pode ser medida adequadamente pelos resultados que ocorreram nos anos 20. É necessário considerar os primeiros dez anos principalmente como o período preliminar de reconsideração e discussão, e de mudança na atitude e política sobre a questão dos negros – como preparação para a atividade futura neste terreno.

Os efeitos desta mudança e esta preparação nos anos 20, produzidos pela intervenção russa, manifestaram-se explosivamente na década posterior. As condições muito favoráveis para a agitação e organização entre os negros, produzidas pela Grande Depressão, encontraram o Partido Comunista preparado para atuar neste terreno como nenhuma outra organização radical havia feito neste país.

Tudo de novo e progressista sobre a questão do negro veio de Moscou depois da revolução de 1917, e como resultado da revolução – não só para

os comunistas norte-americanos, que responderam diretamente, mas também para todos os que se interessavam na questão.

Sozinhos, os comunistas norte-americanos nunca inventaram nada novo ou diferente da posição tradicional do radicalismo norte-americano sobre a questão negra. Essa posição, como mostram as citações anteriores das histórias de Kipnis e Shannon, foi bastante fraca na teoria e ainda mais fraca na prática. A fórmula simplista de que a questão dos negros era meramente econômica, uma parte da questão do capital contra o trabalho, jamais inspirou os negros, que sabiam que não era assim, mesmo se não o dissessem abertamente; eles tinham que viver com a discriminação brutal, cada hora de cada dia.

Esta discriminação não era sutil nem dissimulada. Todo mundo sabia que ao negro se dava o pior em todo momento, mas quase ninguém estava interessado ou queria fazer algo para procurar moderar ou mudar esta situação. A maioria branca da sociedade norte-americana, que constituía [nesse período] 90% da população, incluindo seu setor operário, no Norte como no Sul, estava saturada com preconceitos contra o negro; e o movimento socialista refletia bastante este preconceito – embora, para não contradizer o ideal da irmandade humana, esta atitude dos socialistas era oculta e tomava a forma de evasiva. A velha teoria do radicalismo norte-americano mostrou na prática ser uma fórmula para a falta de ação sobre a questão dos negros e, incidentalmente, uma cobertura conveniente para os latentes preconceitos raciais dos radicais brancos.

A intervenção russa transformou tudo isto, drasticamente e num sentido benéfico. Ainda antes da Primeira Guerra Mundial e da Revolução Russa, Lênin e os bolcheviques se distinguiam de todas as outras tendências no movimento socialista e operário internacional por sua preocupação com os problemas das nações e minorias nacionais oprimidas, e seu apoio positivo às lutas destas pela liberdade, a independência e o direito da autodeterminação. Os bolcheviques davam este apoio a toda a "gente sem igualdade de direitos", de uma forma sincera e honesta, mas não havia nada "filantrópico" nesta posição. Reconheciam também o grande potencial revolucionário na situação dos povos e nações oprimidos, e os viam como aliados importantes da classe operária internacional na luta revolucionária contra o capitalismo.

Depois de novembro de 1917, esta nova doutrina, com ênfase especial nos negros, começou a ser transmitida ao movimento comunista norte-americano com a autoridade da Revolução Russa. Os russos na Comintern começaram a enfrentar os comunistas norte-americanos com a exigência brusca e insistente de que abandonassem seus próprios preconceitos não declarados, que dessem atenção aos problemas e queixas especiais dos negros norte-americanos, que trabalhassem entre eles e que se convertessem em campeões de sua causa dentro da população branca.

Para os norte-americanos, que tinham sido educados numa tradição diferente, levou tempo para assimilar a nova doutrina leninista. Mas os russos seguiam, ano após ano, montando os argumentos e aumentando a pressão sobre os comunistas norte-americanos até que estes finalmente aprenderam, mudaram e começaram a trabalhar a sério. E a mudança na atitude dos comunistas norte-americanos, que se efetuou gradualmente nos anos 20, exerceria uma influência profunda em círculos muito mais amplos durante os anos posteriores.

A ruptura do Partido Comunista com a posição tradicional do radicalismo norte-americano sobre a questão negra coincidiu com mudanças profundas que estavam ocorrendo entre a população negra. A migração em grande escala das regiões agrícolas do Sul dos Estados Unidos para os centros industriais do Norte se acelerou muito durante a Primeira Guerra Mundial, e continuou nos anos posteriores. Isto produziu algumas melhorias em suas condições de vida em comparação com o que haviam conhecido no Sul ("Deep South"), mas não foram suficientes para compensar o desencanto de encontrar-se relegados aos guetos e submetidos ainda à discriminação por todos os lados.

O movimento negro, tal como era então, apoiou patrioticamente a Primeira Guerra Mundial "para tornar o mundo seguro para a democracia"; e 400.000 negros serviram nas forças armadas. Quando regressaram aos Estados Unidos, buscaram um pouquinho de democracia para eles mesmos, mas não puderam encontrar muito em nenhum lado. O seu novo espírito de reclamar algo para si mesmos foi contestado com cada vez mais linchamentos e uma série de distúrbios raciais em todo o país, tanto no Norte como no Sul.

Tudo isto – as esperanças e as decepções, o novo espírito de decisão e as represálias bestiais – contribuiu para o surgimento de um novo movimento

negro. Rompendo decididamente com a tradição de Booker T. Washington de acomodação a uma posição de inferioridade no mundo do homem branco, uma nova geração de negros começou a impulsar suas exigências de igualdade.

O que o novo movimento emergente dos negros norte-americanos – uma minoria de 10% da população dos Estados Unidos – mais necessitava, e que carecia quase por completo, era de apoio efetivo dentro da comunidade branca em geral e, em particular, dentro do movimento operário, seu aliado necessário. O Partido Comunista, defendendo vigorosamente a causa dos negros e propondo uma aliança do povo negro e o movimento operário combativo, entrou na nova situação como um agente catalizador no momento preciso.

Foi o Partido Comunista, e nenhum outro, que converteu os casos de Herndon e Scottsboro em questões conhecidas nacional e internacionalmente, e que pôs os grupos de linchamento legal dos "Dixiecratas" (políticos racistas sulistas do Partido Democrata) na defensiva pela primeira vez desde a derrubada da Reconstrução. Os militantes do partido dirigiram as lutas e as manifestações para conseguir consideração justa para os negros desempregados nos postos de ajuda, e para colocar novamente nos seus apartamentos os móveis dos negros jogados na rua pelos donos das casas. Foi o Partido Comunista que de forma demonstrativa apresentou um negro como candidato a vice-presidente em 1932 – algo que nenhum outro partido radical ou socialista jamais havia contemplado.

Por meio deste tipo de ação e agitação nos anos 30, o partido sacudiu todos os círculos mais ou menos liberais e progressistas da maioria branca, e começou a produzir uma mudança radical na atitude sobre a questão negra. Ao mesmo tempo, o partido se converteu num verdadeiro fator entre os negros, que avançaram em seu status e sua confiança em si mesmos – em parte como resultado da vigorosa agitação do Partido Comunista sobre a questão.

Não se pode descartar esta realidade dizendo que "os comunistas atuaram assim porque tinham um interesse por trás disto". Toda agitação a favor dos direitos dos negros favorece o movimento negro; e a agitação dos comunistas foi muito mais enérgica e eficaz que qualquer outra naquele período.

Estes novos acontecimentos parecem conter um aspecto contraditório, e este, que conheço, jamais tem sido confrontado ou explicado. A expansão da influência comunista dentro do movimento negro durante os anos 30 ocorreu apesar do fato de que uma das novas palavras-de-ordem impostas ao partido pela Comintern nunca pareceu adequar-se à situação real. Esta foi a palavra-de-ordem da "autodeterminação", sobre a qual se fez o maior alvoroço e se escreveu o maior número de teses e resoluções, sendo inclusive apregoada como a palavra-de-ordem principal. A palavra-de-ordem da "autodeterminação" teve pouca ou nenhuma aceitação na comunidade negra. Depois do colapso do movimento separatista dirigido por Garvey, a tendência dos negros foi principalmente em direção à integração racial, com igualdade de direitos.

Na prática o PC passou por cima desta contradição. Quando o partido adotou a palavra-de-ordem da "autodeterminação", não abandonou sua vigorosa agitação a favor da igualdade e os direitos dos negros em todas as frentes. Ao contrário, intensificou e estendeu esta agitação. Isto era o que os negros desejavam ouvir, e isso é o que fez a diferença. A agitação e ação do PC sobre esta última palavra-de-ordem foi o que produziu resultados, sem a ajuda e provavelmente apesar da impopular palavra-de-ordem da "autodeterminação" e todas as teses escritas para justificá-la.

Durante o "Terceiro Período" de ultra-radicalismo [da Comintern], os comunistas convertidos em stalinistas realizaram sua atividade entre os negros com toda a desonesta demagogia, os exageros e distorções que lhes são próprias e das quais eles são inseparáveis. Apesar disto, a reivindicação principal em torno da igualdade de direitos foi ouvida e encontrou eco na comunidade negra. Pela primeira vez desde a época dos abolicionistas, os negros viram um grupo enérgico, dinâmico e combativo de gente branca que defendia sua causa. Desta vez não foram uns quantos filantropos e liberais tímidos, mas sim os pertinazes stalinistas dos anos 30, que estavam à frente de um movimento radical de grande alcance que, gerado pela depressão, estava em ascensão. Havia uma energia em seus esforços naqueles anos e esta foi sentida em muitas esferas da vida norte-americana.

A resposta inicial de muitos negros foi favorável, e a reputação do partido como uma organização revolucionária identificada com a União Soviética provavelmente era mais ajuda que obstáculo. A camada superior dos negros, buscando respeitabilidade, tendia a distanciar-se de todo o

radical; porém as bases, os mais pobres entre os pobres que não tinham nada que perder, não tinham medo. O partido incorporou milhares de militantes negros nos anos 30 e se converteu, por um tempo, em uma força real dentro da comunidade negra. A causa principal disto era sua política sobre a questão da igualdade de direitos, sua atitude geral – a qual havia aprendido dos russos – e sua atividade em torno da nova linha.

Nos anos 30, a influência e a ação do Partido Comunista não se restringia à questão dos "direitos civis" em geral. Também atuava poderosamente para dar nova forma ao movimento operário e auxiliar os operários negros a conseguir neste movimento o lugar que anteriormente lhes havia sido negado. Os mesmos operários negros, que haviam contribuído nas grandes lutas para criar os novos sindicatos, pressionavam a favor de suas próprias reivindicações mais vigorosamente que em nenhum período anterior. Mas necessitavam de ajuda, necessitavam de aliados.

Os militantes do Partido Comunista começaram a desempenhar este papel no momento crítico dos dias formativos dos novos sindicatos. A política e a agitação do Partido Comunista neste período fizeram mais, dez vezes mais, que qualquer outra força para ajudar os operários negros a assumir um novo status de, pelo menos, semi-cidadania dentro do novo movimento sindical criado nos anos 30 sob a bandeira do CIO.

É frequente atribuir o progresso do movimento negro, e a mudança da opinião pública a favor de suas reivindicações, às mudanças produzidas pela Primeira Guerra Mundial. Mas o resultado mais importante da Primeira Guerra Mundial, o acontecimento que mudou tudo, incluindo as perspectivas para os negros norte-americanos, foi a Revolução Russa. A influência de Lênin e da Revolução Russa – apesar de ser degradada e distorcida como foi posteriormente por Stálin, e depois filtrada através das atividades do Partido Comunista dos Estados Unidos – contribuiu, mais que qualquer outra influência, de qualquer fonte, para o reconhecimento, e a aceitação mais ou menos geral, da questão negra como um problema especial da sociedade norte-americana; um problema que não pode ser colocado simplesmente sob o cabeçalho do conflito entre capital e trabalho, como fazia o movimento radical pré-comunista.

Se acrescenta algo, mas não muito, ao dizer que o Partido Socialista, os liberais e os dirigentes sindicais mais ou menos progressistas aceitaram a

nova definição e outorgaram algum apoio às reivindicações dos negros. Isso é exatamente o que fizeram: aceitaram. Não tinham nenhuma teoria nem política independente desenvolvidas por eles mesmos. De onde iam tirá-las? De suas próprias cabeças? De nenhuma maneira. Todos iam atrás o PC sobre esta questão nos anos 30.

Os trotskistas e outros grupos radicais dissidentes – que também tinham aprendido dos russos – contribuíram com o que puderam para a luta pelos direitos dos negros; mas os stalinistas, dominando o movimento radical, dominavam também os novos acontecimentos no terreno da questão negra.

Tudo o que havia de novo sobre a questão negra veio de Moscou, depois que começava a ressoar em todo o mundo a exigência da Revolução Russa pela liberdade e a igualdade para todos os povos subjugados e todas as raças, para todos os desprezados e rechaçados do mundo. O estrondo continua ressoando, mais forte que nunca, como atestam as manchetes diárias dos jornais.

Os comunistas norte-americanos responderam primeiro, e mais enfaticamente, à nova doutrina que veio da Rússia. Mas o povo negro, e setores significativos da sociedade branca norte-americana, responderam indiretamente, e seguem respondendo, mesmo não reconhecendo isto.

Os atuais líderes oficiais do movimento pelos "direitos civis" dos negros norte-americanos, mais que um pouco surpreendidos frente à crescente combatividade do movimento e o apoio que está conseguindo na população branca do país, pouco suspeitam o quanto o ascendente movimento deve à Revolução Russa que todos eles patrioticamente rechaçam.

O Reverendo Martin Luther King afirmou, ao tempo da batalha do boicote em Montgomery, que o seu movimento fazia parte da luta mundial dos povos de cor pela independência e a igualdade. Deveria haver acrescentado que as revoluções coloniais, que efetivamente são um poderoso aliado do movimento negro nos Estados Unidos, conseguiram seu impulso inicial da Revolução Russa – e são estimuladas e fortalecidas dia a dia pela contínua existência desta revolução na forma da União Soviética e da nova China, que o imperialismo branco subitamente "perdeu".

Indiretamente, mas de uma forma ainda mais convincente, os mais raivosos anti-soviéticos, entre eles os políticos liberais e os dirigentes sindicais oficiais, testemunham isto quando dizem: O escândalo de Little Rock e coisas do mesmo tipo não devem acontecer porque favorecem a

propaganda comunista entre os povos coloniais não-brancos. Seu temor à "propaganda comunista", tal como o temor de outras pessoas a Deus, lhes faz virtuosas.

Agora tornou-se convencional, para os líderes sindicais e os liberais do Norte, simpatizar com a luta dos negros por alguns poucos direitos elementares como seres humanos. É "O Que Se Deve Fazer", um símbolo da inteligência civilizada. Até os ex-radicais convertidos em uma espécie de "liberais" anti-comunistas – uma espécie muito fraca – são agora orgulhosamente "corretos" em seu apoio formal aos "direitos civis" e em sua oposição à segregação dos negros e outras formas de discriminação. Mas como chegaram a isso?

Os liberais de hoje jamais perguntam-se por quê – salvo algumas notáveis exceções – nunca ocorreu a seus similares de uma geração anterior esta nova e mais esclarecida atitude sobre os negros antes que Lênin e a Revolução Russa puseram de pernas pro ar à velha, bem estabelecida e complacentemente aceita doutrina de que as raças deviam ser "separadas e desiguais". Os liberais e líderes sindicais anti-comunistas norte-americanos não sabem, mas algo da influência russa que odeiam e temem tanto lhes contagiou.

Como todo mundo sabe, finalmente os stalinistas atrapalharam a questão negra, assim como atrapalharam todas as demais questões. Traíram a luta pelos direitos dos negros durante a Segunda Guerra Mundial, em serviço à política exterior de Stálin – do mesmo modo, e pelo mesmo motivo fundamental, que traíram os operários grevistas norte-americanos e aplaudiram os representantes do governo quando pela primeira vez se utilizou a Lei Smith, no julgamento contra os trotskistas em Minneapolis em 1941.

Agora todo mundo o sabe. Ao final se colheu o que se semeou, e os stalinistas mesmos têm-se visto obrigados a confessar publicamente algumas de suas traições e ações vergonhosas. Mas nem o suposto arrependimento por crimes que não podem ser ocultados nem os alardes sobre virtudes passadas que outros estão pouco dispostos a recordar, parecem servir-lhes de nada. O Partido Comunista, ou melhor, o que fica disso, é tão desprestigiado e desprezado que hoje se reconhece pouco ou nada de seu trabalho na questão dos negros durante aqueles anos anteriores,

quando teve consequências extensas que em sua maior parte foram progressistas.

Não é meu dever nem meu propósito prestar ajuda aos stalinistas. O único objetivo desta descrição resumida é esclarecer alguns fatos acerca da primeira época do movimento comunista norte-americano para o benefício dos estudiosos de uma nova geração, que desejam conhecer toda a verdade, sem temor nem favor, e aprender algo dela.

A nova política sobre a questão negra, aprendida dos russos durante os primeiros dez anos do comunismo norte-americano, deu ao Partido Comunista a capacidade de avançar a causa do povo negro nos anos 30; e de estender sua própria influência entre os negros em uma escala da qual nenhum movimento radical tinha-se aproximado até então. Estes são os fatos históricos, não somente da história do comunismo norte-americano, mas também da história da luta pela emancipação dos negros.

Para aqueles que olham para o futuro estes fatos são importantes, uma antecipação das coisas por vir. Através de sua atividade combativa durante os anos anteriores, os stalinistas deram um grande ímpeto ao novo movimento negro. Posteriormente, sua traição à causa dos negros durante a Segunda Guerra Mundial preparou o caminho para os gradualistas que têm sido os dirigentes incontestados do movimento desde esse período.

A política do gradualismo, de prometer liberdade ao negro dentro do marco do sistema social que o subordina e degrada, não está dando resultado. Não vai à raiz do problema. Grandes são as aspirações do povo negro e grandes também as energias e emoções em sua luta. Porém as conquistas concretas de sua luta até agora são lastimosamente escassas. Têm avançado alguns milímetros, mas a meta da verdadeira igualdade se encontra a muitos, muitos quilômetros de distância.

O direito de ocupar um banco vazio em um ônibus; a integração de um punhado de meninos negros em algumas escolas públicas; algumas vagas abertas para indivíduos negros na administração pública e algumas profissões; direitos de emprego iguais no papel, mas não na prática; o direito à igualdade, formal e legalmente reconhecido mas negado na prática a cada momento: este é o estado de coisas na atualidade, 96 anos depois da Proclamação da Emancipação.

Tem havido uma grande mudança na perspectiva e nas reivindicações dos negros desde a época de Booker T. Washington, mas nenhuma

mudança fundamental em sua situação real. O crescimento desta contradição está levando a uma nova explosão e uma nova mudança de política e liderança. Na próxima etapa do seu desenvolvimento, o movimento negro norte-americano se verá obrigado a orientar-se a uma política mais combativa que a do gradualismo e buscar aliados mais confiáveis que os políticos capitalistas do Norte, que estão vinculados com os "dixiecratas" do Sul. Os negros, mais que ninguém neste país, têm motivo – e direito – para ser revolucionários.

Um partido operário honesto da nova geração reconhecerá este potencial revolucionário da luta dos negros e proporá uma aliança combativa do povo negro e o movimento operário em uma luta revolucionária comum contra o sistema social existente.

As reformas e as concessões, muito mais importantes e significativas que as obtidas até agora, serão subprodutos desta aliança revolucionária. Em cada fase da luta se lutará a seu favor e elas serão conseguidas. Porém o novo movimento não se deterá com reformas, não será satisfeito com concessões. O movimento do povo negro e o movimento operário combativo, unificados e coordenados por um partido revolucionário, resolverão a questão dos negros da única maneira em que pode ser resolvida: mediante uma revolução social.

Os primeiros esforços do Partido Comunista nesta questão, durante a geração passada, serão reconhecidas e assimiladas. Nem sequer a experiência da traição stalinista será desperdiçada. A lembrança desta traição será uma das razões porque os stalinistas não serão os dirigentes na próxima vez.

Los Angeles
8 de maio de 1959

Notas

1 - O presente artigo foi escrito e lançado anteriormente à nova onda de manifestações antirracistas, a fúria negra que levanta a consigna de *Black Lives Matter* (Vidas Negras Importam), que teve início nos EUA há cerca de 2 semanas e vem tomando o mundo, após o brutal assassinato de George Floyd asfixiado pela polícia em plena luz do dia.

2 - Godoy, Raúl. Zanon, fábrica militante sin patrones, Buenos Aires, Ediciones IPS, 2018, p. 45.

3 - Primeira Guerra Mundial

4 - Aqui trata-se da Primeira Guerra Mundial.

Table of Contents

[Apresentação](#)

[Conferência I: Os Primeiros Dias do Comunismo Norte-Americano](#)

[Conferência II: As Lutas Fracionais no Velho Partido Comunista](#)

[Conferência III: O Começo da Oposição de Esquerda](#)

[Conferência IV: A Oposição de Esquerda sob Fogo](#)

[Conferência V: Os Dias de Cão da Oposição de Esquerda](#)

[Conferência VI: A Ruptura com a Comintern](#)

[Conferência VII: O Giro ao Trabalho de Massas](#)

[Conferência VIII: As Grandes Greves de Minneapolis](#)

[Conferência IX: A Fusão com os Musteístas](#)

[Conferência X: A Luta Contra o Sectarismo](#)

[Conferência XI: “Giro Francês” na América do Norte](#)

[Conferência XII: Os Trotskistas no Partido Socialista](#)

[Apêndice](#)

[Sobre o Pablismo](#)

[Uma Carta Aberta aos Trotskistas do Mundo Inteiro](#)

[A Revolução Russa e o Movimento Negro Norte-Americano](#)

[Notas](#)